



Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





**MEDEIROS E ALBUQUERQUE**

(DA ACADEMIA BRAZILEIRA)

# PAGINAS

DE

# CRITICA

Afonso ARINOS, Machado de ASSIS, Amadeu AMARAL, Raul AZEVEDO, Guilherme de ALMEIDA, Paulo BARRETO, Collatino BARROSO, Mario BRANT, Viceate de CARVALHO, Humberto de CAMPOS, Per ira de CARVALHO, Hermes FONTES, Martins FONTES, Julia LOPES, Carneiro LEÃO, Solidonio LEITE, Luiz MURAT, Gilka MACHADO, Tobias MONTEIRO, Fernando de MAGALHÃES, Alfredo PUJOL, Felix PACHECO, Alberto RANGEL, Cassiano RICARDO, Da Costa e SILVA, Lindolpho XAVIER, etc.



**EDITORES:**  
**LEITE RIBEIRO & MAURILLO**  
**3, RUA SANTO ANTONIO, 3**  
**RIO DE JANEIRO**  
1920

## Obras do mesmo autor

---

- Canções da Decadência — Poezias (1883-1887)  
Pecados — Poezias (1887-1888)  
O Remorso — Poemeto (1889)  
Poezias (1893-1901)  
Um homem pratico — *Contos*.  
Mãe tapuia — *Contos*.  
Contos escolhidos.  
O Escandalo — *Drama*.  
Em voz alta — *Conferencias literarias*.  
O silencio é de ouro — *Conferencias literarias*.  
Pontos de vista — *Ensaio*.  
Literatura alheia.  
O Hipnotismo e suas applicações (com um prefacio do  
Dr. Miguel Couto)  
Marta — Romance.

### **NO PRELO:**

Teatro meu... e dos outros.

---





# Na porta da entrada

Este livro é a reunião de artigos de critica literaria publicados em diversos jornais e revistas durante um ano. De proposito eu só me ocupei com os livros que tinha algum motivo para prezar. Não procurei fazer obra de demolição e dezanimo contra ninguem.

Quando, mesmo nesses trabalhos, achei alguma couza que me pareceu menos louvavel, dei sempre aos leitores os motivos da minha opinião, transcrevendo os textos, para que fosse possivel corrigir a possivel injustiça de minhas apreciações.

Os orijinais deste livro foram organizados quando eu estava lonje do Brazil e, por isso, a respetiva ortografia não corre por minha conta.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

---



# **Paginas de Critica**



## A critica litteraria

-- Que é, com precisão, o que procuram os leitores de um jornal ou de uma revista, quando, leem artigos do que se chama a critica litteraria?

— Em geral, uma opinião que lhes indique si devem ou não devem lêr certos livros. A indicação do artigo pôde ser seguida ou repellida. Ha, por exemplo, na França uma excellente revista bibliographica, uma das mais antigas e mais celebres, o *Polybiblion*, que é redigida por Jesuitas. Suas opiniões em materia philosophica e religiosa são, portanto, as da rigorosa orthodoxia catholica. Desse modo, o leitor advertido, quando nella acha um elogio ás boas doutrinas de qualquer obra, pode logo saber — si é catholico, que lhe convém lêr o livro; — si não é, que com elle estará em desaccôrdo. O *Polybiblion* serve por isso muito bem de indicador positivo ou negativo. Como elle tem um ponto de vista fixo, quem o lê já sabe o que significam as suas opiniões.

Com as revistas de certos cenaculos litterarios, ha tambem a mesma vantagem. Conhece-se o que valem os seus elogios e censuras. Ninguem, por exemplo, tinha hesitação alguma, quando, na famosa revista *Poesia*, de Marinetti, lia um rasgado encomio a qualquer volume de versos. Eram versos futuristas.

Essa fixidez de ponto de vista falta na maioria dos criticos litterarios. As apreciações variam e contradizem-se. Variam com as influencias de amizade e de inimizade, variam mesmo com certas tendencias pes-

soaes. Só se pôde ter idéa da significação da critica, conhecendo o critico.

Tomem, por exemplo, Sylvio Romero e José Verissimo.

Sylvio Roméro tinha uma illustração philosophica e scientifica infinitamente superior á de José Verissimo. Era, porém, um deploravel julgador de méritos individuaes. Decidia-se pela amizade, pela affeição.

Conta-se que, algum tempo, elle considerou Cruz e Souza o que de facto esse poeta era: um metrificador sonóro e ôco, quasi absolutamente destituido de ideias. Sylvio dizia-o francamente. Mas, um dia, alguém lhe contou a vida de Cruz e Souza, pobre e excellente rapaz, tuberculoso, pai de familia numerosa, lutando com difficuldades, simples, modesto, soffrendo com o preconceito de côr, que pesava sobre elle.

Ora, em tudo isto havia motivos para se estimar pessoalmente o poeta; mas não para declarar que os seus versos mereciam louvôres. Sylvio, apiedado, foi tão longe na transformação de suas ideias que acabou por datar de Cruz e Souza uma época na historia de nossa litteratura!

Por outro lado, na exuberancia de sua vida generosa, batalhadora, o critico sergipano só comprehendia os sentimentos fortes. O que constituia o ideal para Verlaine: «pas la couleur, rien que la nuance», escapava absolutamente á comprehensão de Sylvio Roméro. D'ahi a sua incapacidade de apreciar o *humour* fino de Machado de Assis. Parecia-lhe insipido. Em materia de alegria, dir-se-ia que elle só queria a gargalhada — no genero das boas, altas e sonóras gargalhadas, que gostava de soltar.

Critico excellente para as largas ideias, as amplas generalisações. Critico instavel, parcialissimo para as apreciações individuaes.

José Verissimo estava quasi no pólo opposto. Carecia de um vasto cabedal scientifico e philosophico para o julgamento das grandes questões de doutrina. Guardava, entretanto, nos julgamentos individuaes uma certa linha de que, em geral, não se afastava. Falta-lhe, porém, absolutamente a noção da harmonia poetica.

Tendo sido um dos raros homens de lettras brasileiros, que não começaram pelo inevitavel volume de poesias, tinha o que se pode chamar um «ouvido» detestavel. Na conversa, citando versos, citava-os frequentemente errados, sem dar pela falta ou pelo excesso de syllabas.

Suas apreciações sobre bellas poeticas espantam e desorientam.

Em todo caso, sem ser imparcial, era menos parcial que Sylvio Roméro. Da sua parcialidade, ha, porém, um documento incontestavel e exactamente a proposito de Sylvio. Basta dizer que na sua *Historia da litteratura Brasileira* deu apenas a esse formidavel trabalhador oito linhas, enquanto com personalidades mediocres, que não tiveram influencia alguma na nossa litteratura, foi extenso e minucioso.

Alludindo ao exemplo de dois dos nossos maiores criticos, chamando a attenção para esses lados intimos das suas personalidades, o que se quer é mostrar a difficuldade de achar um guia litterario.

Esses guias, incertos, fluctuantes ao sabor das suas sympathias e antipathias, um, como Sylvio, sem ideia das meias-tintas, outro, como Verissimo, sem a menor noção de harmonia poetica, eram para os leitores como metros feitos de uma extranha substancia, que ora diminuíssem, ora augmentassem de comprimento, obedecendo ás mais diversas variações do meio. Como medir qualquer cousa com justeza, tomando por estalão esses metros, que nunca eram iguaes a si mesmos?

Essa é a contingencia mais habitual dos leitores de criticas litterarias.

Mas ha outro modo de entendel-as: é o de fazer, a proposito dos livros analysados, artigos sobre os mesmos assumptos de que elles se occupam.

E' o systema mais agradavel á leitura. Não applaude, nem condemna. O livro serve apenas de pretexto. E o critico — a que em verdade não cabe esse nome — na critica, pode mesmo fazer os melhores artigos exactamente a proposito das obras de menos mérito. Isto succede tanto mais naturalmente quanto os maus autores, tendo esquecido o que havia de melhor a dizer sobre o assumpto, o critico aproveita para expor tudo o que elles deixaram de lado.

São numerosos os artigos de Faguet e Lemaître, que entram nesta categoria de trabalhos.

Resta o que se chama a critica scientifica.

Essa, porém, não satisfaz o leitor, que quer informações estheticas sobre as obras. Tal critica pretende determinar as influencias que pezaram sobre os autores, desmontar-lhes, por assim dizer, a psychologia, explicar como elles foram resultantes do meio e do momento. Hennequin pensava em dar balanço á adjectivação de cada volume e determinar si o autor era do typo vizual, do typo auditivo ou do typo motor.

Tudo isso é muito interessante; mas só quando se refere a obras e autores já consagrados. Que importaria a leitores de hoje, si, acerca de qualquer volume, alguém mostrasse que elle era feito por um escriptor do typo «vizual» ou do typo «olfactivo»?

Do ponto de vista scientifico, seria notavel revelar essa perspicacia, deduzindo-a do estudo dos textos.

Si, porém, se examina bem a questão, o que ha de scientifico nesses casos, é de ordem psychologica, de ordem sociologica; mas não de ordem esthetica.

Não se determina o gráu, a qualidade e a quantidade da Belleza, que ha nas obras. E só existe, deveras, sciencia quando ha medida. «Passar da noção da qualidade á de quantidade, é o limiar primordial de toda evolução scientifica». (1)

Ora, disso não ha a menor ideia na critica que toma aquelle nome: ella não diz, nem o que, nem quanto ha de bello em obra alguma.

Uma determinação scientifica tem de ser a mesma para todos os que a conferem. Assim, o peso, a dimensão, o gráu de calor dos objectos são identicos, seja quem fôr que os meça.

Quando se achar o meio de determinar com segurança a qualidade e quantidade de belleza das obras de arte e que essa qualidade e quantidade sejam fatalmente encontradas por todos os que as examina-rem, então — e só então — se poderá realmente falar em *critica scientifica*. E isso, por ora ao menos, nem se comprehende que seja possivel.

Assim, de todas as fórmãs de critica — principalmente em artigos de revista, que ainda os mais pensados são sempre um pouco apressados — a unica que convém é realmente a impressionista. Que o apreciador dos trabalhos diga a impressão que elles lhe produziram!

Parecerá uma tarefa vã, porque elles podem não causar o mesmo effeito em outras pessôas.

Mas, em primeiro logar, o critico deve justificar a sua apreciação, pondo assim as peças do processo á vista do leitor. Depois, si as apreciações obedecem mais ou menos aos mesmos criterios constantes, os leitores, após algumas verificações, acabarão por conhecer as preferencias habituaes do critico — e isso lhes servirá, ou para segui-lo, ou para fazer justa-

---

(1)—Alfred Martinet: *Principes de biometrie*.

mente o contrario do que elle disser... E, si esta segunda hypothese é pouco lisongeira para o autor das apreciações, não deixa de ter uma grande utilidade para o leitor, que fica, de todo modo, com um ponto de referencia nas suas escolhas. Ponto de referencia para delle se approximar ou delle se afastar...

---

## LUIZ MURAT — Poesias escolhidas

O livro de Luiz Murat era anciosamente esperado. Tendo sido um dos poetas mais discutidos da geração em que também surgiram Alberto de Oliveira, Bilac, Raymundo Correia, e outros, Murat, depois de haver publicado tres volumes de poesias, deixára-se ficar em um profundo silencio. Seus volumes se esgotaram. Sabia-se vagamente que se interessava por questões religiosas, tendo-se filiado a uma seita especial; mas havia muito quem perguntasse si abandonára de todo a poesia.

D'ahi o alvoroço que acolheu a noticia da proxima publicação de suas producções.

O volume, que elle agora dá, é typographicamente feio. Feio para um livro de versos. Tem o aspecto de um relatorio, de uma obra juridica — de tudo, enfim, que possa ser grave e solemne. São 350 paginas macissas, em cada uma das quaes ha espaço para 9 quadras.

Livros de versos com tantas paginas só se admittem, quando são feitos em papel finissimo, como certas edições italianas de Stechetti, Carducci, Fogazzaro e outros.

Por que essa regra? Talvez porque o Verso, devendo ser leve e alado, concilia-se mal com o aspecto pesado de um volume espêsso.

Esta critica vae apenas ao editor.

O volume de Murat começa por um longo prefacio.

Devem lêr-se os prefacios? Ha só um caso em que se pode sempre responder pela affirmativa: é quando se trata de traducção. Nessa hypothese, o traductor diz, em geral, no prefacio qual o motivo por

que foi buscar em uma lingua estrangeira a obra que passou para o idioma nacional. Indica-nos, portanto, o que ella parece ter de original. O prefacio fornece então uma informação preciosa.

Fóra disso, os prefacios são muitas vezes inconvenientes. Tendem a suggerir-nos idéas preconcebidas para a leitura que se vae seguir. E' o que frequentemente acontece com os elogios postos por autores celebres á frente de obras de principiantes.

Quanto aos prefacios dos proprios autores, ora convém lêl-os; ora evita-os. O peor é que só se chega a esta ultima conclusão quando já é tarde...

Foi, talvez, por isso, que a maioria dos que deram noticia do livro de Luiz Murat, percorreu docilmente as paginas do prefacio por elle escripto. — E, no entanto, convinha bem evita-lo.

Nessas paginas preliminares, o poeta tratou de tantas cousas estranhas, que desde logo foi perturbando os seus leitores. Falou-lhes de parnasianismo e romantismo; falou-lhes de politica; falou-lhes de Swedenborgianismo... E isso positivamente os desorientou.

Não querendo confessar que não haviam entendido, — confissão que lhes parecia humilhante para a sua capacidade intellectual — tiraram da leitura das poesias do volume as conclusões mais singulares.

Max Nordau graceja, em certo lugar, com alguns criticos. Para isso conta a historia de uma senhora que acabava de receber o amante, quando ouviu passos do marido. Combinou rapidamente o que havia de fazer, e, assim que o esposo entrou, apresentou-lhe o amante como si fosse um medico. Disse que se sentira incommodada, mandára chamar o primeiro facultativo que se encontrasse, e aquelle fóra o achado. Felizmente estava restabelecida.

O marido, amantissimo e crédulo, assustou-se e insistiu para que o falso medico sempre receitasse alguma cousa. Em vão, este disse que era inutil. Mas a insistencia do marido foi tanta, que o pobre homem absolutamente ignorante de tudo quanto concernia á sciencia de Hipocrates, teve de rabiscar qualquer cousa.

O que elle fez foram, de facto, rabiscos, sem nenhuma significação. Não empregou mesmo o menor esforço para escrever nem uma palavra.

Entregando a sua receita, o falso medico quiz partir, porque previa que o pharmaceutico ia devovel-a como inintelligivel. Mas o marido o constrangeu a demorar-se, garantindo-lhe que, sem a sua presença, a mulher não tomaria, de certo, o remedio salvador.

O pobre amante suava frio no temor do escandalo que ia afinal rebentar.

Nisso, entretanto, a criada entrou, com a mais perfeita naturalidade, trazendo o medicamento receitado. O pharmaceutico entendêra, onde nada havia para entender !

Esse pharmaceutico é o chefe espiritual de uma vasta cathegoria de cidadãos, que não se decidem nunca a confessar que não comprehendem mesmo as cousas mais radicalmente incomprehensíveis.

Menos intelligente que esses criticos, eu confesso não haver decifrado a significação de muitos trechos do prefacio de Luiz Murat.

Os que se vão lêr figuram nesse numero:

«A plenitude do ideal suppõe um campo vastissimo de operações etymologicas.»

«Si o substantivo é a alma do estylo, a fórma é o adjectivo, a que aquelle se apoia, para o fim de desenvolver todas as energias avigoradas pelo contacto ou reforçadas pela acção do elemento material, que se intensificará no acto da conjuncção.»

Vagamente, julga-se distinguir que ha ahí dentro uma theoria do estylo. Qual? E' difficil dizel-o.

Mais adiante se encontra uma theoria da evolução:

«A fôrma evolutiva é espiroide. E é em virtude dessa correlação de elementos a agirem por esse modo, que a ideia da divindade parece adquirir mais força. De facto, a conclusão a tirar-se do conceito acima é que as emanações, nascendo do fluxo luminoso, precisam assentar sobre as proporções mais vigorosas, e estas só a espiroide possui. Ao demais — levemos mais longe a generalisação — o que é a espiral sinão a vorticalidade menos precipitada, a vorticalidade que constitue o caracter ou a condição insita do poder absoluto?»

Através das densas nuvens de uma phraseologia caliginosa, sente-se uma allusão á theoria de Vico, que considerava a marcha do progresso como uma espiral: as sociedades progridem, repetindo sempre os mesmos cyclos. Murat complica e obscurece o velho autor italiano.

Em outros casos, fica-se a perguntar que intelligencia deu o poeta a certos principios. Assim, por exemplo, falando de politica, elle diz:

«Reagir como, si elles se sentem peiados nos movimentos pela immensa molle de circumstancias eventuaes que, abatendo sobre o nosso paiz, interceptará a penetração do que Myers chamou — SUBLIMAL — nos negocios da Republica.»

Myers escreveu um estudo admiravel sobre o inconsciente — o que está abaixo do limite da consciencia normal e que por isso elle chama *consciencia subliminal*. Murat deve ter sido enganado pelo termo, achando que elle derivava de *sublime*. E traduziu-o por *sublimal*, quando a expressão de Myers provém de *sub* e *limine* — *subliminal*.

Que tem isso com os negocios da Republica ha de seguramente escapar a muita gente. E, quando não escape a mais ninguem, continuará a ser para mim um mysterio profundo.

Os mysterios não fazem, aliás, mêdo a Luiz Murat, que proclama ser adepto de Swedenborg, o mystico sueco, que, depois de ter publicado excellentes livros de sciencia, atirou-se ás mais abstrusas cogitações theológicas, e fundou uma nova seita. Swedenborg gabava-se de ter ido ao céu e de escrever várias cousas, dictadas directamente por Deus.

Ha, no livro de Murat, muitas poesias em que se sinta a philosophia de Swedenborg?

Algumas estão evidentemente inspiradas por ella. Não são muitas e o que nellas se lê não são ensinamentos que estejam sómente nas obras daquelle autor. A principal affirmação, é que a vida continua em outros planetas.

Murat escreveu no seu prefacio:

«Quer-se a noção alevantada da lei, agindo de uma maneira conforme em todos os planos da Creação; e, pelo amor de Deus, não me venham dizer que ella começa e termina na estreita zona de um planeta, que é sem duvida um dos mais insignificantes que existem.»

Mais adeante ha isto:

E o amor? Sim, que ha de ser o amor piedoso e casto, cysne que adormeceu sobre um lago sereno?  
Senhor, o ideal humano é muito vasto  
para circumscrever-se a um mundo tão pequeno!»

E ainda em outro ponto:

Illude-se quem crê que é um descanso a Morte!»

No *Passeio da Terra*, ha esta estrophe caracteristica:

A assombrosa attracção nega o repouzo e o somno  
aos pélagos profundos.  
Alguem que tudo vê do rutilante throno,  
dando alma ás solidões e aza aos vermes immundos,  
agazalha e protege o homem como um colono,  
que vai depois de morto explorar novos mundos.»

Na *Filha de Cassiopeia* lêem-se estes versos, mais obscuros, mas que ainda assim deixam entrever o pensamento principal:

« E's uma atra, tortuosa e humilde albergaria,  
Terra, esquecida e baixa !  
Desces como um galé á masmorra sombria,  
que o tempo e o vendaval bramante esvurma e racha...  
Porque, tolhida e só, vás sem cajado ou guia,  
sobreexaltando o algoz, que tem sachola e sacha ?»

Na *Ascensão do Mago*, que é, como as duas anteriores poesias, toda de inspiração swedenborgiana, acha-se esta quadra:

De toda a varia forma inexpressiva e abjecta,  
que reveste e disfarça a vida subalterna,  
somos a alma immortal, a relação secreta  
entre a immobilidade e a agitação eterna.»

Na poesia *Do Thabor* ha um verdadeiro sermão, que começa assim:

» Os castigos estão na proporção da falta ;  
não tragas, homem cégo, a cabeça tão alta.  
Si queres ser perdoado, ah ! começa perdoando  
o ministro insolente, o despota vitando.»

Mas, afinal de contas, Murat não podia pôr em verso, todas as subtilezas theologicas de Swedenborg. O que, portanto, mais avulta nas *Poesias Escolhidas*, das lições do mystico sueco, é que os outros planetas são tambem habitados e que a morte não constitue o descanso final. Ha uma vida após esta. Swe-

denborg a descreve de um modo completo, achando que nesse novo plano espiritual, existe uma especie de duplicata incorporea da Terra.

Póde-se dizer que o germen dessas ideias se acha até nas credices de alguns povos selvagens. Em Swedenborg ellas tomam um aspecto mystico. No fundo, porém, a identidade de principio é evidente.

O homem, no seu immenso orgulho, classificou as cousas do mundo tomando-se como o estalão da perfeição. Reconhecendo que se podiam dividir todos os seres em mineraes, vegetaes e animaes e que elle estava nesta ultima cathegoria, proclamou que ella era a mais elevada. Verificando que nesta elle era o sêr mais intelligente, immediatamente affirmou que a intelligencia era a virtude suprema. Sentindo, porém, a desproporção não só entre o conjuncto grandioso do Universo e a mesquinha insignificancia dos sêres vivos, como ainda entre estes e o Homem, elle procura sahir do absurdo em que está, declarando impossivel que toda esta machina gigantesca exista para que n'ella só floream sêres intelligentes em um pequeno planeta. E não falta quem dote de habitantes todos os outros astros.

Realmente, si as premissas subentendidas de que partem taes raciocinios estivessem demonstradas, o facto de só haver sêres vivos e intelligentes na Terra seria extranho.

Mas o que ninguem ainda provou foi que o Universo tenha sido creado; ninguem provou que, si houve essa criação, ella tenha sido feita por um sêr intelligente; ninguem provou que a vida seja na Terra um estado superior; ninguem provou que a intelligencia seja a faculdade superior dos sêres vivos.

A intelligencia é uma faculdade, graças á qual os sêres vivos se adaptam ás condições do meio. Por isso mesmo, é licito sustentar que os sêres já adapta-

dos a esse meio, estão em condições mais perfectas. A bôa classification talvez seja a que ponha os mine-  
raes acima dos vegetaes, os vegetaes acima dos ani-  
maes e entre os animaes dê a primazia aos que já  
dispensam as incertezas da intelligencia e se acom-  
modam com as crystalisações do instincto. Os mine-  
raes já estão adaptados á sua condição; os vegetaes  
já o estão mais que os animaes; os animaes, que vi-  
vem uma vida em que o instincto predomina, já se  
acham mais adaptados que aquelles que ainda precisam  
da intelligencia para guial-os.

Não ha n'isso um paradoxo litterario. Toda uma  
grande e veneravel philosophia — a da India antiga —  
chegava a conclusões identicas a esta.

A vida não existe, não pode existir sinão na Terra.  
Quanto mais os astronomicos conhecem os outros pla-  
netas do nosso systema, mais verificam que nelles  
nada se admite que tenha os caracteristicos intimos,  
profundos, substanciaes, que dão á Vida o seu feito  
especial. Não se trata das fórmulas, das simples fór-  
mulas exteriores dos seres vivos; o incompatível com  
as condições dos outros planetas são as propriedades  
fundamentaes da materia viva.

Ha, é certo, quem nos diga que a Vida, n'esses ou-  
tros planetas, deve ter propriedades differentes das  
que se verificam na Terra. Mas, si n'elles existem cou-  
sas que têm propriedades diversas do que nós cha-  
mamos *Vida* e não têm, em compensação, as que nós  
consideramos como essenciaes a ella, impossivel é  
dar-se o mesmo nome ao que não tem as mesmas pro-  
priedades. Nomes identicos não se applicam a cousas  
fundamentalmente differentes.

A Vida é um pequeno accidente da Terra. Anatole  
France comparou-a a um bolôr. Um gigante capaz  
de tomar a Terra em uma das mãos, podia della ras-  
par a Vida como nós raspamos o bolôr de um queijo...

Si fosse possível reunir em um só ponto do nosso planeta tudo o que é substancia viva, e supprimil-a, o peso retirado seria proporcionalmente menor que o de uma pulga que se eliminasse de um elephante. O grotesco é que essa pulga supponha que o elephante sobre o qual ella está e o sólo sobre o qual o elephante repousa—tudo foi creado para ella!

Assim, si alguém tivesse provado que a vida era o dom mais perfeito do Universo e a intelligencia a qualidade mais alta dos sêres vivos, seria, de factò, um pouco extranho que ella só existisse na Terra, pequeno planeta que nada distingue: não é nem o maior, nem o menor, nem o do meio termo. Mas o que falta demonstrar são precisamente aquellas premissas essenciaes...

— Em todo caso, Murat está em muito bôa companhia, acreditando no que acredita.

O mal é que elle exprima todas essas idéias de um modo obscuro e torturado, com uma evidente pesquisa de palavras extravagantes.

O uso de palavras extravagantes é sempre um erro em poesia.

A poesia se presume escripta para ser lida em voz alta, afim de fazer sentir sua harmonia. Quando, porém, na leitura, se tropeça em uma palavra insolita ou desconhecida, tem-se de parar ou, no minimo, de retardar a emissão da voz, surprehendida. E a harmonia do verso é quebrada com essa pausa.

Mesmo sem isso, nenhuma preocupação menos artistica que a de espantar o leitor com a exhibição de palavras pouco usadas. E' fazer na poesia o que fazem na vida os individuos de mau gosto que procuram chamar a attenção, enfeitando-se com ornatos singulares, que attrahem sobre elles os olhos dos que passam. Os versos ouriçados de vocabulos campanudos são, si assim se pode dizer, versos *rasta-*

*gouéres*. Nada ha de tão bello como o estylo — em prosa ou em verso — que exprime as ideias mais altas com as palavras mais simples.

Murat abusa dos termos raros. Ha mesmo alguns que todos os dictionarios ignoram. Dictionarios e encyclopedias.

Outro exaggero frequente nos seus versos, é o de allusões mythologicas e litterarias. Não são só os grandes deuses que figuram nas *Poesias Escolhidas*. São tambem os heroes, mesmo muito secundarios de todas as fabulas que Ovidio, Virgilio e outros referiram. São ainda personagens de Alfredo de Vigny, de Georges Sand, de Byron, de mil e um autores diversos.

Isso torna difficil a leitura de muitas das composições. Aliás, de um modo geral, Murat é um auctor difficil.

Andaram a discutir si o classificariam como parnasiano ou romantico. De facto, a unica classificação que lhe cabe é a de apocalyptico.

Dadas as suas crenças religiosas, o qualificativo não lhe deve desagradar.

Mesmo quando elle diz cousas em si mesmo simples, acha meio de complical-as de tal modo que se póde perguntar si elle conhece realmente o assumpto de que está falando.

Um bom exemplo disso, é o que lhe succede quando fala das pérolas:

« Nós em coréa vamos sobre as vagas,  
levadas pelas virações marinhas...

Si de uma praia nos aproximamos  
na aza errante de prófuga andorinha,  
colhem-nos logo...

Para outras praias, rapidas, vogamos  
por deleitozos ventos induzidas... »

Em outro ponto, querendo demonstrar que tudo estava perturbado e contrario á ordem natural das cousas, elle diz:

« O sabiá não cantava, a perola não vtinha  
à tona ; não se via a prófuga andorinha  
na festiva estação demandar outro pouzo... »

De modo que Murat parece convencido de que o natural é que as perolas andem tão á flôr das vagas que as andorinhas, roçando as azas no mar, as possam até levar nas suas pennas. No emtanto, é impossivel que elle ignore que as perolas se apanham no fundo do mar.

Mergulhadores peritos vão lá buscar as ostras que as contêem, deixam-n'as ao sol apodrecendo, e é só depois desse apodrecimento que se colhem os formosos adornos de tantos collos femininos.

Mas Murat não é positivamente um « visual ». Sente-se que elle não evoca o que canta.

Elle fala, por exemplo, em *uma sombra rompendo as trevas*, em *Pythons* (pythons — são cobras) voando como corvos e o modo pelo qual emprega as palavras *Nada*, *Injinito*, *Chaos* e outras, prova bem que, quando elle escreve, não tem as imagens correspondentes ás palavras deante dos olhos. D'ahi o não notar a incompatibilidade de certos elementos das comparações que emprega.

D'entre as poesias que podem provar quanto elle gosta de expressões abstrusas, talvez a melhor seja a *Tristeza do Chaos*. Desde o titulo, ella é singularissima. Por definição, um chaos triste já não seria chaos, porque a tristeza importaria em uma coordenação de ideias e sensações, em uma disposição de espirito orientado de um certo modo, — de um modo que não póde ser chaotico..

Ha na litteratura portuguesa uma famosa descripção do chaos feita pelo Padre Francisco Leitão Ferreira, que viveu entre o fim do seculo 17 e o principio de 18. Dizia elle:

« Antes que houvesse céu, terra, agua e fogo,  
já havia fogo, terra, céu e agua,  
mas fazia a agua, o céu, a terra e o fogo  
feios, o fogo, o céu, a terra, e a agua :

pois o lugar da terra, agua, céu, fogo,  
era lugar do céu, terra, fogo, agua ;  
estava a terra, o fogo e agua no céu ;  
e na agua, fogo e terra, estava o céu.»

Como se vê, ha ahi o vestigio da concepção philosophica que dava o mundo como constituido de quatro elementos: terra, fogo, agua e ar. O padre Leitão Ferreira chamou *céu*, ao *ar* e fez com quatro ingredientes a sua salada poetica.

Murat tambem define em certa occasião, na poesia *Visão Tragica*, o que é o chaos. Decididamente essa é uma idéa que a fascina:

« Sabes o que é o cháos ? Longo silencio horrivel !  
A proliferação dos germens no invisivel.  
Tragedia negra, sem personagens, sem luas  
Por gambiarras, sem róseas Clodones nús.  
Cadaverico, informe, o Universo jazia  
Numa vasta nudez de membros. Escorria-  
Um humor viscoso e escuro. A força á força oppunha  
Força maior ainda — a Inercia ! Que compunha  
Os cometas, o céu, o ar, a terra gelada,  
Sem lume, por tão franco influxo arrebatada ?  
Tremenda confusão ! Hecatombe tremenda !  
Noite fria, ermo esconso, inextricavel senda,  
Que partindo do abysmo, ia acabar no abysmo,  
Ora, na estagnação, ora, no cataclysmo.  
Impossivel transpor aquelle passo extremo !  
Não se ouvia uma voz, não se ouvia um suspiro.  
Singular attitude a do immovel ! O oceano  
Recalcava no peito o tenebroso arcano . . .  
Tudo era visgo, lodo e abafeira no mundo.»

Na poesia sobre a Tristeza do Chaos se acham cousas espantosas. Basta dizer que o *Nada* tem pesadelos, que o *Nada* é abalado...

« Era para elle — Nada — um pesadello horrivel  
haver passos na treva e um ruido no intangivel... »  
« E um rumor, semelhante a um estrangulamento  
de trovões, todo o Nada abalou num momento... »

Fala-se de uma massa, que entulhava o Infinito. Ora, a maior das massas, no Infinito, valerá sempre por um simples ponto, uma ridicula insignificancia incapaz de entulhal-o. Um infinito entulhado devia ser muito pequeno...

Lê-se, por exemplo:

« ... a entanha que sai d'agua, o astro que sai da esphera,  
é o Oceano — a velha arteria illaqueada do Mundo. »

Mais adiante esbarra a gente nesta quadra:

« Cyro, o sabre que tem por bainha Cambizes,  
serve, ás vezes, de penna a Homero e a Heziodo ;  
e acaso não terão identicas raizes  
o Gandjúr e o Coran, o Zend-Avesta e o Exodo ? »

Já sem levar em conta que o poeta altera a pronuncia exdruxula de *Heziodo* e *Exodo* para os obrigar á rima, tornando as palavras graves, ha o espanto de vêr Cyro, que é pae de Cambizes, estar para elle na relação de uma espada para a bainha, servindo, apezar disso, de penna a Homero e Heziodo, que tinham morrido dois a tres seculos antes que elle nascesse !

De passagem, pode notar-se que Murat recorre mais de uma vez ao expediente de alterar o accento tonico das palavras. Elle diz *Epíro*, por *Épiro*, *cógula* por *cogúla*, *prácebo* por *pracébo*. Em certo ponto, parece mesmo que elle quer que se diga *citháras* em vez

de *citharas*, porque só assim o verso fica com a acentuação certa:

«Tinha na voz *citharas* e guitarras.

E A Tristeza do Cháos nos diz ainda que:

«... o dogma, esse intestino,  
tem servido de esterco á moral e ao direito...»

Comparar o dogma a um intestino já era bastante singular; por cumulo, o que serve de esterco não costuma ser o intestino, mas o seu conteúdo...

A proposito de comparações singulares, esta não é das menos bizarras:

«... Deus é uma velha placenta,  
que deu todo o seu sangue á arteria do Universo...»

Ahi, porém, a idéa é comprehensivel. Podia, entretanto, ser enunciada de outro modo, com a supressão desse termo tecnico, de muito bôa obstetricia, mas de muito duvidosa poesia..

De repente, porém, no meio desta poesia solemnisima, estalam estes versos chatissimos em que o poeta se dirige a uma aguia:

«Apparelha a razão...  
e em pratos limpos põe toda esta barafunda.»

Ha, de vez em quando, nos versos de Murat essas mudanças bruscas de tom. Do alto de uma tirada philosophica, sempre complicadissima, ou de uma expressão lyrica, elle deixa-se cahir em uma vulgaridade que espanta:

«Numa concha embarcadas, percorremos  
todo esse espaço, sem *estardalhaços*...»

Uma voz, dirigindo-se a um sátyro, ameaça-o:

«Si tocares nesse fructo,  
quebro-te os còrnos, canalha!»

E na poesia *Sotainas*:

«Eis a imagem de todo o clero: bôa  
mesa, beatas, vinho a rôdo, em summa.  
Entre as gentes na rua o ar abotôa  
e qual a sua religião? — Nenhuma!»

Ha um evidente plebeismo nessas expressões.

Murat é um poeta prolixo. Creio que só se lhe conhece um soneto, que aliás não está no volume — o que faz crêr que o poeta não o aprecia. E realmente elle não é muito apreciavel.

Com que saudade para o céu não olhas,  
vendo de nuvens todo o céu coberto,  
e engastadas de perolas as folhas  
e o coração das arvores deserto.

Como uma grande rosa, a alma desfolhas  
dentro do seio, inteiramente aberto,  
e esses restos de flôr passando molhas  
n'agua do arroio que colleia perto.

Molha-as, sim, nesta lymphá algente e casta!  
que 'uma só gotta crystallina basta  
para o calor em chuva ir transformando.

Has de ficar com os olhos rasços d'agua,  
a dôr ha de acalmar, que a própria magua  
tem dô de vêr uma mulher chorando.

Ha talvez ahi uma reminiscencia extremamente vaga do soneto de Lope de Vega, em que este conta a historia de um passaro fugido de uma gaiola e que a ella voltou porque a sua dona ficou chorando. Raymundo Correia, que traduziu o velho poeta hespanhol, terminava:

«E a ave á gaiola volta, commovida,  
commovida, por vêl-a chorar tanto,  
que tanto póde uma mulher que chora!»

Murat, segundo se podia esperar do feíto especial do seu espirito, chega a um resultado mais laborioso, porque descobre que a magua, que é o que as faz chorar, tem, entretanto, pena das mulherees que choram. Ninguem dirá que a idéa seja de uma clareza deslumbrante...

Ha um grande exemplo litterario inteiramente identico ao de Murat: o de Victor Hugo.

Tambem, o extraordinario poeta francez só deixou um soneto: o celebre soneto a Judith Gauthier:

«La mort et la beauté sont deux choses profondes  
Qui contiennent tant d'ombre et d'azur, qu'on dirait  
Deux soeurs, également terribles et fécondes,  
Ayant la même énigme et le même secret.

O femmes, voix, regards, cheveux noirs, tresses blondes,  
Vivez, je meurs! Ayez l'éclat, l'amour, l'attrait,  
O perles que la mer mêle a ses grandes ondes,  
O lumineux oiseaux de la sombre forêt!

Judith, nos deux destins sont plus près l'un de l'autre  
Qu'on le croirait, à voir mon visage et le vôtre:  
Tout le divin abyme apparaît dans vos yeux,

Et moi, je sens le gouffre étoilé dans mon âme;  
Nous sommés tous les deux voisins du ciel, madame,  
Puisque, vous êtes belle et puisque je suis vieux.

O soneto devé ser uma tortura para os poetas, que sentem dentro em si um grande turbilhão de imagens. Mas é tambem por isso mesmo uma disciplina. Habitua-os a ser concisos. Lembra-lhes o preceito de Voltaire:

« Le secret d'ennuyer est celui de tout dire. »

E' preciso saber limitar-se. E isso é uma sciencia que Murat não tem. Não deixa de ser interessante tomar um dos themas usuaes da poesia e vêr como Murat

o trata nas numerosas vezes em que o elege para assumpto dos seus versos.

Para elle uma das bellezas femininas mais dignas de serem cantadas são os seios. Que lhe falte razão ninguém de bom gosto o dirá.. O curioso está porém, em vêr como elle vai no seu entusiasmo desde as notas mais simples e humanas, até certas singularidades, que surpreendem :

«Ella sorria... e enquanto ella sorria,  
mais versos me brotavam de improviso,  
e perfumava toda essa poesia  
seu seio aberto como um paraizo.»

«Quem te a poma osculou, tumida e quente,  
e a espádua núa te cobriu de beijos?»

«Beija-lhe a pompa tumida do seio...»

«Fulgia, em cima, o céo; a agua, em baixo, can-  
tava...»

E a moça descobrindo  
inteiramente o seio, e mirando-o, exclamava  
como o meu seio é lindo!»

«O arredondado seio éboreo, onde se enflora  
lactea manhã, fatal ao infeliz cantor...»

Tudo isto é natural, gracioso, singelo. Mas já em outros pontos Murat descobre cousas extranhas:

«Teus seios, nús, frenéticos, estrugem  
como clarins num campo de batalha...»

«Não eram mais sonoros, nem mais finos  
do que teus duros e redondos seios  
atravessados de hilariantes hymnos...»

Não parece que seja muito facil comprehender o que signifiquem seios que estrugem como clarins e seios atravessados por hymnos hilariantes.

Na poesia *Tocando e dansandó* elle diz:

«A aragem matinal surpresa fica  
horas e horas volteando-lhe em redor  
e as suas rijas pomas lubrifica  
ao mesmo tempo que lhe enxuga o suor.»

Ainda aqui não é possível deixar de perguntar que brisa é essa que lubrifica uns seios, enquanto enxuga o suor da dona delles. Lubrifica com que? Lubrifica como?

Assim, si se recapitulam os defeitos de Murat, vê-se que elle é, nas suas poesias philosophicas, sobretudo obscuro. Em todas, prolixo.

Quando, porém, deixa em paz Swedenborg e decide-se a ser simplesmente um lyrico, que canta cousas de amor, o poeta caliginoso e apocalypticó passa a ser um romantico suavissimo. Muitas das suas poesias lembram o mais meigo dos nossos poetas romanticos; Casimiro de Abreu.

E' de Murat *A Arvore do Coração*, que começa assim:

«Dentro do meu coração  
cresce uma arvore frondente,  
onde uma triste canção  
gorgeia constantemente  
um sabiá da floresta.  
Cada illusão que apparece  
pergunta: «que voz é esta,  
que as illusões adormece?!»

Cada folha e cada flôr  
que cahe dessa arvore immensa,  
são restos do teu amor,  
são restos da minha crença.  
Envolta em turbidas sombras,  
de seus longos e hirtos braços,  
lança ao docel das alfombras  
o coração aos pedaços.»

A *Flôr de Jurema* que começa pelas estrophes seguintes afina no mesmo tom:

«Tú és a flôr da Jurema,  
flôr que embebeda e allucina.  
Alma não ha que não trema,  
quando a tua voz divina  
enche o coração e o mar  
de uma infinita doçura,  
que até na propria amargura  
parece rir e cantar.

Tens na corola um licôr  
que os deuses nunca provaram.  
E' que dentro dessa flôr  
as tres fadas encerraram  
todo o bem que desejamos.  
Mal nos humedece os labios,  
com surpresa nos tornamos  
mais creanças e mais sabios.

Quem olha para o teu rosto,  
por mais que soffra e padeça,  
perde de todo o desgosto,  
perde de todo a cabeça.  
E na propria escuridão  
o sol fulgura e scintilla:  
é que o sol de uma pupilla  
é sol que não tem irmão.»

Falando da apparição de uma mulher amada, elle diz:

«Quando eu a vi apparecer na sala,  
pisando o sólo, como pisaria  
o rutilante throno de ouro e opala  
Minerva, a deusa da sabedoria,  
minh'alma aos pés lhe foi cahir de joelhos  
tremula, como um raio do sol posto...»

Mesmo quando as imagens não são muito justas,  
—e nem sempre o são—o verso é bom, doce, cantante:

«Quando caminho pelo meu passado,  
tão cheio agora de recordações,  
e vou por esse mundo constellado  
alvorotando as minhas affeições,

apenas uma contra o seio aperto,  
e essa afeição, ó minha Mãe, é a tua,  
que na minha alma como num deserto,  
cada vez mais augmenta e se accentúa!»

Na poesia *Tocando e dansando*, ha estas quadras:

«Quando ella dança, a bamboar-se toda  
e a violeta nos seus dedos fere,  
não ha cabeça que não fique douda,  
nem coração que não se dilacere.

Tudo na sala extactico respira  
um delicioso ambiente musical;  
e é tão forte o perfume que ella expira  
que, por força, lhe deve fazer mal.

Um cysne, que ha no seu jardim, levanta  
para ouvil-a o pescoço, brando e esguio,  
e adormece ao sabor dessa garganta,  
fresca e sonora, como o alveo de um rio.»

A poesia *Ama!* termina por estas quadras nitidamente «casimirianas»:

«Ouve; quando a palmeira a alegre espatha,  
airosa, entrega ás virações do sul,  
quando a acauã na solidão da matta  
contempla absorta, o firmamento azul,

um fremito as agita docemente...  
Canta baixinho o passaro taful...  
Que harmonia na vaga e na corrente,  
que anciedade na estrella e no paúl.

Amar é a segurança no que é vario,  
é a inconstancia de tudo o que é constante,  
a lua que prateia o campanario,  
a onda que geme no alcantil distante...

E's tú — a força reunida ao medo,  
a belleza ligada ao soffrimento,  
o gemido da rôla no arvoredado,  
a hesitação da luz no firmamento...»

E' absolutamente na mesma nota a poesia *Prece*, que começa por esta quadra:

« Já me não sobram lyricos momentos,  
para seguir dos sonhos o rumor,  
rumor que abranda a colera dos ventos,  
— échos do nosso amor! »

E termina:

« Tem piedade uma vez, cruel! Concede  
que, livre, o meu soluço aos teus pés vá;  
ou então ao Senhor, de joelhos, pede  
que me leve de cá. »

De vez em quando, mesmo nas poesias mais obscuras de Murat, passam versos magnificos:

« Em qualquer parte onde haja um velho e uma criança,  
sua musa reflecte a mesma claridade:  
para os que pedem luz, Victor Hugo é a esperança,  
para os que pedem pão, Victor Hugo é a piedade. »

Na poesia *Veneza*:

« Quem me déra ao queimor astral de accesas fráguas,  
numa gondola vêr a amplidão infinita,  
pesada de astros como um coração de maguas! »

No *Passeio ao Bambual*, ha este pensamento tão bem expresso:

« De que nos serve a luz, de que nos serve a vida  
quando o corpo é o caixão de uma alma que está  
[morta? »

Murat, o vate obscuro e abstruso das complicações swedenborgianas, sabe fazer versos que tem o delicioso sabor das quadras populares:

« Sorte, como a minha sorte,  
ainda não se viu igual:  
receio que a própria morte  
aggrave e não cure o mal.

Destas chammias infernaes  
nasceram as minhas dôres:  
ai! ferem mais que os das flôres  
os espinhos dos meus ais!...

De um crime, que desconheço,  
a pena estou a soffrer.  
Ha muitos annos padeço,  
não posso mais padecer.»

E é ainda nessa nota de meiguice e singeleza a  
poesia *Penas Perdidas*:

«Perguntas porque meus versos  
choram, em vez de sorrir...  
E' que elles são universos  
que estão quasi a se extinguir.

Tristes delles, minha filha,  
tristes delles, minha irmã,  
raro é aquelle que brilha,  
quando desponta a manhã.

São pequeninos fragmentos,  
pedaços da minha cruz,  
errando ao sabor dos ventos,  
como planetas sem luz.

As lagrimas que vieram  
humedecer este chão,  
nuni coração estiveram  
que já foi meu coração.

Pobre estrella desgarrada  
foi essa estrella de amor,  
hoje de todo apagada  
no seu fumeiro de dôr.

Irrompa, embora no Oriente,  
qualquer aurora, qualquer,  
quem tem o Ocaso, sómente,  
não vê a aurora nascer.

Houve uma dama formosa  
que meu coração colheu,  
como se colhe uma rosa,  
mal o dia amanheceu.

Que quadra feliz foi essa!  
Que meninice ideal!  
O sonho que assim começa,  
quasi sempre acaba mal!...

Um dia, a dama querida  
para outro paiz partiu...  
não cicatriza a ferida  
que uma ingratidão abriu.

Ella sumiu-se entre os astros,  
sem que a pudesse alcançar...  
Quém é que, andando de rastros,  
póde um passaro apanhar?»

.....

O que hoje faço, portanto,  
é fazer o que não fiz;  
enxugar, a furto, o pranto,  
e fingir que sou feliz.»

Tambem estas quadras dos *Versos a C.* são de  
uma simplicidade encantadora:

« Amas-me, sim, que esses olhos  
nunca mentiram, bem sei.  
Percorri ondas e escolhos  
e só hoje o rumo achei.

Dize-me, leve andorinha,  
onde teu ninho vaes pôr?  
Em que risonha casinha,  
em que dourado pendor?

Eu não sei já o que faça,  
neste mundo avaro e vão,  
para exalçar tua graça  
e possuir teu coração.

Por ora, quanta esperança!  
Tens medo? Medo de que?  
No mar, o sol se balança,  
no lago, o luar se revê.

Está mais linda hoje a terra;  
de aves o páramo encheu.  
Mas o perfume que encerra  
é menos casto que o teu.

Juro-te! é toda a existencia  
que te lanço, humilde, aos pés.  
Como são na tua ausencia  
meus pensamentos cruéis!...

Não ouço, e só sei que vivo,  
quando me falam de ti.  
Ando algemado e captivo  
desde o dia em que te vi.

Não era possível falar de uma obra tão vasta como a de Luiz Murat em meia duzia de paginas.

Prolixo sempre, obscuro muitas vezes, não parece que as suas poesias philosophicas possam jamais ser apreciadas. Mas ha felizmente junto dellas poesias de um lyrismo suavissimo.

Quando o menino celebre do celebre conto de fadas calçou as botas do gigante, botas com as quaes dava passadas de sete leguas, esse pequeno não sabia de certo onde punha os pés. Atirava-os um pouco ao acaso e ora devia pisar vertiginosos cumes de altissimas montanhas, ora afundal-os em tenebrosos vales, em lodosos marnéis. E' o que fazem alguns grandes poetas, a quem parece que falta todo o sentimento da justa medida. Põem uma producção sublime junto de uma producção abominavel — o piso no alto do cume e o piso no marnel — com a mais absoluta inconsciencia.

A verdade, porém, é que nem todos podem calçar as botas de sete leguas, do conto de fadas... A maioria — á qual não pertence Murat — marca passo, sempre no mesmo logar.

# Poesias escolhidas

LUIZ MURAT

## O Chaletzinho

Longe, á beira de um correjo, descia  
Por um outeiro, pendurado á gramma  
Um chaletzinho, que me parecia  
Um ninho feito de algodão em rama.  
Das janellas que abriam para o Oriente,  
O firmamento se descortinava,  
Impressionando deliciosamente  
O viajor que por alli passava...

A agua de ao pé tinha um arrulho brando,  
Que é o preludio da orchestra dos canarios,  
E, descendo a colina e serpenteando,  
Se bifurcava por caminhos vários...  
Approximei-me e perguntei quem era  
Do chaletzinho a dona mysteriosa,  
E se sahia della a primavera  
Que orvalha o campo e faz abrir a roça.

Mora alli, responderam-me, a mais linda  
De quantas deusas já o céu sonhara.  
Seu ninho agreste é fúm canto que não finda...  
Sua existencia uma corrente clara.  
E que, quando apontava a madrugada  
Na janellinha fulva do Levante,  
Ella, d'outra janella debruçada,  
Punha perplexo e pasmo o viajante.

Eu esperei que o dia amanhecesse,  
Num sitio, perto, mas um pouco ao lado.  
Bem podia chover, e se chovesse,  
Ella decerto não viria ao prado.  
Nunca o aspecto risonho da paysagem  
Do alvorecer me pareceu mais bello.  
Via-a já a sorrir pela folhagem  
Avelludada como o seu cabelo.

Como o bambual, que a viração sacóde,  
Sacudia-me a febre o corpo todo:  
Feliz d'quelle que, esperando, póde  
Conter-se para não passar por doudo.  
Rompeu o dia... Uma revoada de ouro  
Zuniu chilrando pelo espaço fóra...  
A terra ouviu um religioso côro...  
Vinha passando o sequito da aurora...

Eil-a, emfim! que formosa creatura!  
Simples, modesta e ingenuamente calma!  
E' tão rara a pureza e ella tão pura  
Na sua meiga virgindade d'alma!

.....

Nada te vem marear o brilho, estrella,  
Porque teus raios são para a floresta:  
Na aldeia, quando uma mulher é bella,  
Raro deixa tambem de ser honesta.

## II

Sete annos se passaram de uma doce  
Felicidade sem igual na terra;  
Todo o meu sér, surpreso, illuminou-se,  
Como, ao romper do dia, o alto da serra.  
Vivemos nesse mysticismo vago  
Dos que não tem nem dôres, nem peccados,  
Seu coração me parecia um lago  
Onde boiavam cysnes encantados...

Disse-lhe, então, quem era e de onde vinha;  
Falei-lhe do retiro em que morava,  
E do seu ar modesto que não tinha  
O que nas outras moças encontrava.  
Que era, de certo, alguma divindade,  
Que os astros ouvem nos pragaes maninhos,  
E que era eterna a sua mocidade  
Como a dos anjos ou como a dos ninhos...

Ella comprehendeu que eu não mentia,  
Pois não se mente aos olhos de uma santa,  
Que o esplendor da belleza reunia  
A' virgindade agreste de uma planta.

Então contou-me a historia perfumada  
Do seu gracioso e branco chaletzin'ho.  
A sua voz subia immacuiada  
Por este claro e sideral caminho...

Com que fervor o espirito, colhido  
Nos seus mais puros e intimos amores,  
Absorto, ouvia aquelle ser querido,  
Que tinha a voz, e a hesitação das flôres.  
Feliz tempo de amor e de esquivanças!...  
Sete annos de uma alegre convivencia,  
Correram como um grupo de crianças  
Pelo jardim da nossa adolescencia.

Sete annos, desfolhando, dia a dia,  
Na ebriedade de um sonhar, sem termo.  
As flôres dessa ephemera alegria  
Do amor, nascido e cultivado no ermo.  
Sete annos em que ouviamos no prado  
Um rufar d'azas timido e medroso,  
E dentro d'alma o rythmo prolongado  
De um sentimento vago e mysterioso....

Sete annos de um romance interminavel  
Ao pé dos rios e dos castanheiros,  
Que nos lembrava a musica ineffavel  
Dos camponezes e dos pegureiros...  
Sete annos de uma adolescencia, toda  
Repassada da sua virgindade,  
Passaros mil vinham cantar em roda  
Dessa encantada e pequenina herdade.

No céu, nos astros, no cahir da folha,  
A' hora em que o sol descamba no Occidente,  
No colibri que a ponta da aza molha  
Da undosa lympha na brumal corrente,  
Na alva bonina entrecerrada e fresca,  
Attenta do Euro á musical fragancia,  
Em tudo eu lia a historia romanesca  
Que as auras trazem de remota estancia.

De esconsa gruta a carinhosa sombra  
Cahindo sobre touças de amarantos,  
E humedecendo a avelludada alfombra  
Nos mais ermos e placidos recantos,

D'aquella embalsamada natureza,  
A alma de aroma e sonhos nos enchia,  
E o chaletinho pela correnteza  
Vagarosa do correjo descia...

### III

Tudo partiu... Como um solar em ruínas  
Só me ficou esta saudade infinda,  
E o vago olor das suas mãos divinas  
Que em toda parte julgo achar ainda,  
Que noite horrível foi aquella noite!  
Eu acerquei-me de seu casto leito;  
E, como a ave que encontra onde se acoite,  
Ella acoitou-se, tremula, em meu peito.

«Tenho medo da morte! disse. Extranha  
Aza de crepe no horisonte vejo!  
Como é íngreme e abrupta esta montanha  
Por cujos antros horridos rastejo!».  
Pobresinha! no olhar que me não via  
O paraíso se delineava...  
Tomei-lhe a mão, de lagrimas cobri-a;  
Beijei-lhe as faces que um luar banhava.

Nunca se soffreu tanto, nem mais forte  
A dôr num coração cravou as garras!  
E, assim mesmo, velada pela morte.  
Tinha na voz citharas e guitarras.  
Jasmim cheiroso que cahiu do galho,  
Quem no meio das flôres te pudera  
Dar á corolla secca o fresco orvalho,  
Fresco dos beijos d'outra primavera?

Quem conservar pudera o teu perfume  
Dentro do coração, como num lenço?  
E as illusões soltar como um cardume  
De pyrilampos nesse bosque immenso?  
E sonhar como sonha o peregrino  
Que leva a cruz aconchegada ao seio;  
Como um murmúrio de uma folha, o trino  
De um pintasilgo e o deslizar de um veio?..

E contemplar o teu retrato santo,  
E à memoria sómente abrir áquelle  
Sorriso, áquelle graça, áquelle encanto,  
A'quelle olôr que te acendrava a pelle.  
Respirar só a tua ondeante coma  
E 'vêr-te, extraordinariamente bella,  
Através do crystal de uma redoma  
Ou do regaço branco de uma estrella?

Ah! quem pudera ter na mente occulta,  
Como num, tabernaculo silente,  
A tua **imagem** candida sepulta.  
E 'adornada de um nimbo refulgente!

.....

Não accordemos essa creatura  
Do meu passado o mystico amuleto;  
Ella pertence agora á sepultura  
Purificada pelo nosso affecto.

Para o teu tumulo estas flôres trago...  
Gemem lá fóra as auras nas escarpas!  
As aves hão de vir ao pé do lago,  
E as nossas almas vibrarão como harpas...  
Pelas portas abertas da lembrança  
A tua imagem rutila penetra,  
E o amor, sorrindo, como uma criança,  
De teu nome ainda as syllabas soletra.

Vela-te o somno a derradeira nota  
De teu garrulo e terno gaturamo,  
Que anda agora a cantar uma aria ignota  
De pomar em pomar, de ramo em ramo.  
O coração se me constringe todo  
Quando elle passa no ar, trépido e brando,  
Fazendo tudo o que fizera um doido  
Se pelos ares perpassasse voando.

Julga, talvez, o pobre que te déram  
Por sepultura a flôr do jasmineiro,  
E 'que das tuas lagrimas fizeram  
A orvalhada de Março e de Janeiro.

Tristes de nós o gaturamo e o poeta!  
Ambos ligados pela mesma sorte,  
Vamos gemendo a nossa dôr secreta,  
-- Fecho da vida, prologo da morte!...

.....

Longe, á beira de um corrego, ainda desce  
Por um outeiro, pendurado á gramma,  
O chaletzinho, mas já não parece  
Um ninho feito de algodão em rama.

# Poesias escolhidas

LUIZ MURAT

## A filha de Cassiopéa

«Albumazar!» Alguem de cima clama. «Temos,  
Por ventura, o meu disco?!  
Faz-te mal meu olhar, meu nimbo? Porque tremes,  
Albumazar! A mim chegou-se o cervo arisco:  
Vieram beijar-me o manto as velas das triremes,  
A pedra do altar-mór, a agulha do obelisco.

Sou da Cassiopéa a filha bem amada,  
A diva mensageira.  
Quantos astros não vão na rutilante estrada  
Rojar-me aos pés o escudo e a lança aventureira?  
Sou no espaço infinito e na orbita estrellada  
Uma serva, também, mas sem picote ou ceira.

Arreiam-lhe o porte as vestes mais brilhantes;  
Guirlandam-lhes a testa  
Rosas, ainda em botão, em laços roçagantes,  
Como um epithalamio ou dadiva celeste,  
Feitos para enleiar dois corações amantes  
Ao começar do sonho e ao terminar a festa.

Como vês, tudo aqui tem mais pompa e nobreza:  
A aza do escaravelho  
E' maior, bem maior do que tú que andas presa  
Ao arbítrio de um deus folião e esfervelho!  
Cuidas que o firmamento, achas que a natureza,  
Que 'o verdadeiro Deus só estão no Evangelho?!

Cuidas vir, entre nós de Gomorrha — a impudica  
Glorificar o enxurro;  
Ou a ode alçar a Baccho, ou o véu erguer á rica  
Tibur? Torna ao teu fundo e rebalsado esturro  
Que o Apostolo condemna e o Satyro deifica,  
Anjo — com olhos de stryge, aguia — com pés de  
[burro!

E's uma atra, tortuosa e humida albergaria  
Terra esquecida e baixa!  
Desces como um galé á masmorra sombria,  
Que o tempo e o vendaval bramante esvurma e racha..  
Porque, tolhida e só, vás sem cajado ou guia,  
Sobreexaltando o algoz que te sachola e sacha?

Sóbe a enfeita abrazada, abraça o escudo torvo,  
Manda accender o archote,  
Goulo gordo e lambaz, cujas azas de corvo  
Te envolvem como um longo e sórdido capote.  
Aborda o azul, é só amiudar o trote,  
E, em lá chegando, zás! é tragal-o de um sorvo!»

## AFFONSO ARINOS — Lendas e tradições do Brazil

Não é possível, para quem tenha conhecido Affonso Arinos, escrever sobre qualquer dos seus livros sem evocar-lhe a figura. Elle era, aliás, uma dessas figuras radiantes de vida, um bello exemplar de homem, que poderia figurar entre os typos apolíneos, no genero de Joaquim Nabuco e poucos outros.

Era um gigante meigo. Pela sua alta estatura, dominava sempre as multidões no meio das quaes estivesse. Juntava a isso ser airoso e simples. De uma grande elegancia natural de gestos, sabendo trajar com a mais apurada correcção, simples e sobrio, elle attrahia naturalmente a attenção. Attrahia, encantando. Tinha uma voz cheia, grave, um pouco velada. Si fazia gosto vê-lo, não menor era o agrado em ouvi-lo.

Affonso Arinos tinha a paixão do patriotismo. Tendo vivido muito tempo nos sertões do Brasil, que conhecia palmo a palmo, guardava dessa época uma inesquecivel recordação. De mais, preocupava-se muito com as cousas do seu paiz.

Habitando ultimamente na Europa, elle parecia ter requintado essa preocupação.

Affonso Arinos soffreu muito a influencia do peregrino e anarchico espirito de Eduardo Prado. Foi o proprio Arinos que o confessou, revelando, aliás, que em Eduardo Prado se inspirára Eça de Queiroz, ao traçar o typo do Jacintho, da *Cidade e as Serras*.

Nem Eduardo Prado, nem Arinos, acabaram, porém, como o Jacintho. Este foi ao começo ávido das ultimas descobertas da civilização, só podendo viver no centro de uma grande capital européa, com os requintes do luxo e do conforto. Acabou, entretanto,

preferindo a simplicidade da vida aldeã. Arinos e Prado inverteram essa ordem. Começaram na simplicidade dos campos, no interior dos nossos sertões e terminaram no luxo, no conforto, no bem-estar de Paris.

E deante disso fica-se com o desejo de saber bem de que era feito o patriotismo dos dois... Era realmente «patriotismo» ou apenas uma attitude artistica?

Eça de Queiroz, Afranio Peixoto e varios outros já têm feito allusões a esse extranho estado de espirito de alguns esthetas, que acham muito bonita a conservação das velhas ruas tortuosas de antigas cidades mal calçadas, mal alinhadas, mal illuminadas,— finos artistas que têm ironias mordazes para todos os requintes do progresso e, no emtanto, só se ageitam bem, só sabem viver nos fócios mais intensos da civilização moderna.

Arinos era assim. O sertão do Brasil lhe parecia uma maravilha. Ninguém contasse com o seu apoio á menor transformação do aspecto das nossas velhas igrejas, de tudo quanto fosse tradicional em nossa terra. Mas, pessoalmente, podendo viver aqui ou em Paris, preferia Paris... E', aliás, uma preferencia facil de comprehender.

O que parece é que as pessoas nessas condições não se analysam bem a si mesmas. Isso as impede de sentir a contradição entre as suas vidas e suas opiniões. Para qualquer paiz mais valem os que nelle vivem, labutam, e se esforçam para fazel-o progredir, embora declarando-o sempre a mais insupportavel das nações do mundo, do que os patriotas ferventes que a declaram uma nação admiravel, não permitem que se lhe irrogue a menor accusação, mas vivem longe, sem contribuir para o seu adiantamento.

Affonso Arinos era um temperamento fundamentalmente, integralmente artistico, desses para quem tudo

o que ha no mundo se divide apenas em cousas bellas e cousas destituidas de belleza. O Verdadeiro e o Falso são cathogorias que não os interessam. Si podessem, deixariam o povo mergulhado na ignorancia, só para que este conservasse taes e quaes tradições antigas, que se lhes afiguram muito bonitas.

O livro de Arinos sobre *Lendas e tradições do Brazil* é uma prova desse estado de espirito.

O autor dessa obra nunca figurou entre os cinzeladoresmeticulosos da forma. Si deixou numerosos trabalhos, que são bellissimos, foi porque tinha realmente o temperamento de um grande escriptor. Via com olhos de artista. Via bem. Delle se pôde dizer como de si mesmo disse Théophilo Gautier, que era um homem para quem o mundo existia. Porque não faltam aquelles que passam por entre as scenas mais bellas sem quasi lhes prestar attenção. Arinos sabia descrever com uma intensidade prodigiosa de colorido. O que a sua penna evoca, apparece nitidamente deante dos nossos olhos. Mas tudo isso é nelle um dom natural; não é o meticuloso trabalho de polimento e cinzeladura artistica. Elle sempre foi um improvisador.

As *Lendas e Tradições do Brasil* não desmentem esse modo de vêr. Valem menos como um livro definitivo do que como a indicação de uma obra que deve ser tentada. Já depois da publicação desse volume Olavo Bilac fez uma conferencia sobre o mesmo assumpto. Mas a tarefa está ainda pedindo novos trabalhadores.

Quando alguém se decide a colleccionar lendas, tradições, poesias populares, o que se chama o *folk-lore*, precisa vêr bem que programma quer executar.

A reunião, por assim dizer, grosseira, de todo o material que fôr encontrando é apenas a primeira parte do trabalho. Não é a melhor. O colleccionador tem

só a difficuldade de ir de lugar em lugar colher nas boas fontes, bem fielmente, o que se póde apurar.

Mas o essencial está em fazer a selecção dessa colheita, buscando-lhe as origens e explicando-lhe a formação e a evolução.

Pensem, por exemplo, nas collecções de quadras populares. Em regra, os colleccionadores procuram sobretudo as que lhes parecem mais bonitas, as que exprimem pensamentos elevados, embora sob uma forma singela.

Ora, não é isso o que se deve buscar no *folk-lore*. Si um homem do povo ignorante exprimiu um pensamento muito elevado, muito acima da mentalidade dos que o cercam, elle deixou de ser *representativo*. E' uma excepção individualmente curiosa e interessante; mas que não traduz o espirito do povo de que faz parte.

O estudo do *folk-lore* deve servir para a descoberta da psychologia collectiva. O interessante, em uma collecção de quadras populares não é a estrophe rara, que revela um grande poeta, a quem falta apenas cultivo, no homem simples do povo que a compoz. O essencial é a quadra que se parece com muitas outras e que, por isso mesmo, na sua banalidade, revela um sentimento generalisado.

Os sentimentos que talvez mais se encontrem expressos nas quadras populares brasileiras são a saudade e o receio da traição amorosa, pelo esquecimento dos ausentes.

Trata-se, é certo, de velhos themas lyricos, muito explorados em todas as litteraturas, mesmo as mais cultas. Mas na nossa litteratura popular isso talvez resalte mais do que em qualquer outra, porque é, sobretudo, á passagem dos grupos de sertanejos em viagem que se fazem narrações, em que se entoam des-cantes. E como aquelles são os sentimentos naturaes

nos que se separam — saudade e medo do esquecimento — elles voltam com uma frequencia extraordinaria.

Não ha meio mais efficaz de chegar ao conhecimento da psychologia natural de qualquer povo do que o balanço ao seu *folk-lore*.

Classificando o material do nosso, varios pesquisadores, á frente dos quaes o mais laborioso foi talvez Sylvio Romero, procuraram indagar o que provinha da origem portugueza, africana e aborigene.

Affonso Arinos allude a isso e mostra como é, ás vezes, difficil remontar até á primeira appareção de uma lenda em qualquer povo, seguindo-lhe as transformações. Mas ahi exactamente é que está o grande mérito da tarefa. Mérito scientifico e mérito patriótico. Quando alguém toma uma lenda, oriunda da nação que povoou um territorio, e vai acompanhando as suas metamorphoses atravez do tempo, o estudo das causas dessas transformações permite conhecer em que direcção está evoluindo o povo, quaes os sentimentos que tinha e não tem mais e em compensação quaes os que não tinha e tem agora.

O livro de Affonso Arinos é uma bôa collecção de lendas e tradições brazileiras. Bôa — não porque seja muito abundante; mas porque a escolha foi muito feliz. Não ha, porém, nenhum estudo sobre essas lendas e tradições.

E' certo que, ao principio, Arinos indica as classificações possiveis pela origem ou pelo assumpto. Mas não se demora nisso.

Cita, ao começar, algumas lendas de origem portugueza, como, entre outras, a *Náu Catharineta*. E' a historia de uma náu que, estando em viagem ha vinte annos e um dia, acabára por esgotar todos os mantimentos. Os marujos pensaram primeiro em satisfazer-se com pedaços de sola; mas como isso fosse im-

possível, decidiram tirar á sorte quem teria de ser assassinado e comido. A sorte designou o commandante. Felizmente, porém, um marinheiro avistou terra e pôde assim salvar a vida do seu «capitão-general». Este, como recompensa, lhe deu a propria *Náu Catharineta*.

Arinos assevera que esta lenda é ainda cantada, dansada e até representada pelo povo, em varios pontos do Brasil.

O que, porém, elle não nos diz é si a lettra que reproduz se conservou, tal qual. E isso seria da mais alta inverosimilhança.

Faz vinte annos e um dia  
Que andamos n'ondas do mar,  
Botando solas de molho,

O' tolina!

Para de noite jantar  
A sola era tão dura  
Que a não pudemos rilhar.  
Deitam sortes á ventura,

O' tolina!

A vêr quem se ha de matar!  
Os dados rolam todos  
Sobre as ondas do mar  
Logo foi cahir a sorte

O' tolina!

No capitão general!  
*Capitão*:— Sôbe, sôbe, meu gageiro  
Meu gageirinho real,  
Vê se vês terras de Hespanha

O' tolina!

Areias de Portugal...  
*Gageiro*:— Não vejo terras de Hespanha,  
Areias de Portugal...  
Vejo sete espadas núas

O' tolina!

Todas para te matar!...

Basta lêr esses versos para notar que a linguagem é genuinamente portugueza. Portugueza de Por-

tugal. Ninguem pôde crêr que, tratando-se de uma composição que já tem alguns seculos, transplantada para um paiz distante, nella não se hajam feito diversas alterações.

Sylvio Romero dá uma variante ouvida em Ser-gipe e outra no Rio Grande do Sul. Todas duas já são mais abrazilizadas, sendo que a ultima tem um final ta terra e que se chama Chiquito, cai ao mar:

— Alviças, meu capitão,  
Alviças vos quero dar:  
já vejo terras de Hespanha,  
areias de Portugal;  
tambem vejo tres meninas  
debaixo de um laranjal.  
— Todas tres vos déra a ti:  
uma para vos lavar,  
outra para vos engomar,  
a mais bonita de todas  
para comtigo casar.

Palavras não eram ditas,  
Chiquito cahiu no mar.

O texto rio-grandense' é mais humano que o primitivo portuguez. Lá se diz que o resultado da sorte, recahindo no capitão, penalizou os marinheiros:

A maruja era tão bôa  
que o não queria matar.

De qualquer modo, porém, essa historia é das que não têm nenhum fundo brasileiro. Pôde ter durado pelo que ha nella de dramatico, mas não corresponde a nenhum sentimento nacional.

Evidentemente essa e outras lendas são do tempo em que o mar era um mysterio tenebroso, do tempo em que os navegantes não sabendo orientar-se — o calculo das longitudes foi durante innumer

seculos um problema, que parecia insolúvel — era frequente que os navios se perdessem, errassem á tóa pelos mares. A *Náu Catharineta* é parenta do Navio Phantasma.

Tudo isso não tem, portanto, raizes no Brazil, Fundo e fôrma — nenhuma das lendas analogas a essa é nossa. D'ahi, talvez, o facto de não se terem alterado muito, exactamente porque poucos as cantavam. Mas o curioso é notar em que direcção se fizeram as raras alterações que ainda apparecem.

Por um lado, é a compaixão, a que os marujos da lenda original pareciam inacessiveis. Por outro, é a repugnancia á ideia de ter como premio voltar para as aventuras no mar.

O gageiro da historia primitiva era bem um portuguez do tempo dos descobrimentos. Como premio, pedia a *Náu Catharineta* para partir de novo, ir de novo enfrentar os perigos do mar. O sentimento do sertanejo brasileiro teria isso mais como um castigo do que como um premio. E como ha muito na nossa poesia popular a nota de tristeza fatalista, o transformador anonymo da lenda preferiu esse sentimento, optando por um desfecho brusco:

«Palavras não eram ditas,  
Chiquito cahiu no mar.»

Talvez fosse possivel mostrar uma evolução nessas lendas, que rolam todas sobre o mesmo fundo: náus perdidas em interminas viagens.

O navio phantasma é a historia de um hollandez que, quando o seu navio ia contornar o Cabo da Boa-Esperança, que era então o cabo das Tormentas, achou-se frente á frente com uma horrivel tempestade. Era a advertencia do genio, que Camões encarnou depois no gigante Adamastor, e que não permittia a passagem por aquelle porto. O capitão, fu-

rioso, começou a praguejar, ameaçando céus e terra. Em vão, a marinagem lhe explicava que voltasse. Em vão, ella appellava para Deus, para a Virgem-Maria, para os santos. Cada vez, o capitão se obstinava mais, blasphemando contra todas as potencias celestes. Foi então que Deus lhe appareceu. E o capitão, num movimento de revolta louca, sacou da pistola e quiz atirar contra o Senhor. O que succedeu foi que a bala retrocedeu miraculosamente e feriu a mão do impio. Deus o condemnou então a ficar errando indefinidamente na superficie do mar. E uma nuvem tomou a marinagem e levou-a para a terra.

Mais tarde, esse navio phantasma passou a ser, para uns o Purgatorio, para outros o Inferno.

Lendas do Norte da Europa, nebulosas, mysteriosas, complicadas com o elemento religioso...

Chegadas a Portugal, já ellas se simplificam e clareiam. A Náu Catharineta andou no mar vinte annos e um dia perdida, não por effeito de nenhuma maldição especial; mas porque era no tempo em que a perda de náus nada tinha de espantoso. Anna de Clèves, uma das esposas de Henrique VIII da Inglaterra, levou quinze dias para atravessar o Passo-de-Calais, que hoje se atravessa em menos de uma hora.

E' certo que a lenda da Náu Catharineta exaggera, falando em vinte annos: de uma náu perdida por tanto tempo não restaria de certo ninguem ao cabo desse periodo.

Mas, como quer que seja, o que se vê é que a lenda dissipa, ao luminoso sol de Portugal, as brumas do Mar do Norte. Deixa de ser um episodio mystico. E' uma das numerosas tragedias das navegações dessa época: um navio perde-se, as provisões exgotam-se, precisa-se matar alguns dos tripulantes para comel-o; a sorte designa o capitão, que felizmente

escapa, graças á agudez de vista de um gageiro que avista terra.

Mas a lenda portugueza sempre guarda um pouco de mysterio ou, pelo menos, de indefinido: o gageiro pede como premio a *Náu Catharineta* e vai de novo partir. A historia acaba como acabam os folhetins... que não acabam.

Chegada, porém, ao Brazil, nós, por um lado, pomos ahi uma nota nova: a da compaixão dos marinheiros pela sorte do capitão e, por outro lado, damos-lhe um fim. E' verdade que se trata de um desfecho triste: «Chiquito cahiu ao mar». Mas ao menos tem o merito de ser uma cousa que termina. E' posta de parte a ideia de uma nova partida. A historia acaba, acabando. Em vez de réticencias, ponto final. Não resta mais nem uma névoa. O sol dos tropicos dissipou-as todas.

E' possivel que haja um pouco de phantasia nesta interpretação. Seja como fôr, o essencial, sempre que se tome uma lenda antiga, de origem conhecida, é buscar e interpretar as suas alterações.

As lendas mais antigas do volume são as das Amazonas e da Yára ou Mãe da Agua. São lendas que vêm de uma antiguidade, varias vezes millenar! Ou, si não procedem directamente das que achamos em outros povos; si, como as delles nasceram espontaneamente e independentemente em varios logares, provam pelo menos que obedecem a uma necessidade psychologica, identica em varias raças e varios tempos.

Foi Orellana que declarou ter visto as nossas Amazonas — tribu guerreira, que bania do seu meio os homens.

Arinos manifesta uma clara tendencia para achar que o facto deve ter sido real. Citando, porém, varios auctores, alguns dos quaes não se prendem muito

ao assumpto, esquece um, cujo testemunho tem valor. Pero de Magalhães, que escreveu o *Tratado da Terra do Brasil* e o publicou em 1576, é um escriptor simples e veridico.

Escrevendo, aliás, da Bahia, ha no seu *Tratado*, estes trechos:

«Algumas indias se acham nestas partes, que juram e promettem castidade e assim não casam nem conhecem homem algum de nenhuma qualidade e nem o consentirão ainda que por isso as matem. Estas deixam todo o exercicio de mulheres e imitam os homens e seguem seus officios como si não fossem mulheres e cortam seus cabellos da mesma maneira que os machos trazem; vão á guerra com seu arco e flexas e á caça; emfim, que andam sempre na companhia dos homens e cada uma tem mulher que a serve e que lhe fazem de comer como si fossem casados.»

Como se vê por essa citação de um auctor digno de crédito, a instituição de guerreiras era, talvez, entre nós mais geral do que se suppõe. No caso, porém, citado por Pero de Magalhães, antes se trata de corpos militares de mulheres, do que de uma tribo especial. Nesta ultima não se pôde pensar sem que se evoquem as varias tribus de Amazonas, mais ou menos lendarias, de que ha vestigio nas tradições de diversos povos.

As mais antigas são as Amazonas africanas, cuja rainha Myrina subjogou as Atlantidas, os Numidas e os Epiopes. Foi necessaria a intervenção de Hercules para exterminal-as.

Por ordem de antiguidade, vêm depois as Amazonas da Asia, que foram vencidas no cerco de Troya, quando Achilles matou Penthesiléa.

E, como parece que cada parte do mundo deve ter as suas Amazonas, as americanas, que Orellana diz ter visto, vieram preencher uma lacuna.

Ter-se-á realmente constituído alguma tribu exclusivamente feminina entre os nossos indios? E' difficil saber a verdade.

Das Amazonas asiaticas a tradição conta a origem e essa origem é acceitavel. Os povos visinhos dos territorios habitados pela raça sarmata atacaram-ná e exterminaram-lhe todos os homens. Vendo-se sós, as mulheres juraram vingança e constituíram-se em uma sociedade exclusivamente feminina. Assim, o facto não foi uma aberração inexplicavel; proveio de uma fatalidade historica.

Qualquer que seja, no emtanto, a veridicidade de todas essas tradições, o que se vê, quando se estabelece a comparação entre ellas e a nossa, é que nós pomos logo na nossa uma notá de carinho, de amor, de sensualidade.

De facto, o que havia de mais interessante na vida das Amazonas brasileiras era o cazamento annual que ellas effectuavam. Arinos narra esse costume.

Em certa época, os homens de uma tribu visinha vinham ver as Amazonas. Em uma embarcação traziam as rêdes de todos. Ao chegarem, as Amazonas precipitavam-se, cada uma tirava uma das rêdes e ia armal-a. Cada indio ia então ver onde estava a sua rêde e a Amazona que a tivesse armado era a sua esposa de um dia, designada pela sorte.

Só um dia. No immediato, todos partiam de novo.

Nas tradições das Amazonas asiaticas ha alguns episodios amorosos. São raros e excepçionaes. Em regra, os guerreiros que as combatiam é que se apaixonavam. Quando Achilles viu *Penthesiléa* morta, não consentiu que *Thersito* zombasse della; matou-o, irri-

tado. Uma phantasia de poeta foi que levou Catulle Mendès a dizer, falando da rainha das Amazonas:

« Elle ne savait pas qu'avant la fin du jour,  
mourant, elle mordrait la sanglante poussière,  
en jetant au vainqueur, beau comme une guerrière,  
un regard moins chargé de haine que d'amour! »

O que predomina nas narrações sobre as Amazonas dos outros continentes, são os feitos de bravura e ferocidade, de odio e de vingança. As nossas não deixaram uma historia muito longa. Não se sabe como se constituiram; não legaram a lembrança de proezas muito ferozes; mas sabe-se seu rito essencial do amor...

Não seria talvez impossivel, fazendo essa mesma analyse para todas as lendas europeas importadas para o nosso paiz e nelle trasformadas, mostrar sempre o adoçamento dos traços de ferocidade, a substituição dos sentimentos violentos por outros mais brandos, mais meigos.

E quem sabe si essa não é uma regra geral, mesmo em outros dominios?

Já se notou que, vindo dos climas mais frios para os mais quentes, mesmo dentro de qualquer paiz, as linguas se abrandam, a pronuncia se torna mais lenta. Os sentimentos seguirão talvez a mesma marcha.

Seria curioso fazer esse exame sobre a evolução psychologica das lendas e tradições que importamos. Curioso e patriotico, porque isso forneceria um dos recursos para se penetrar a psychologia do nosso povo.

Arinos não teve essa ambição, Elle quiz, em meia duzia de conferencias, dar apenas uma amostra da variedade do nosso *folk-lore*. O essencial para o seu fim era despertar a curiosidade sobre um assumpto pouco explorado. Ainda assim, elle se referiu a muitas lendas interessantissimas: as Amazonas e o seu Rio, as

Yaras, o S. Francisco e suas lendas, a Serra das Esmeraldas, as Minas de Prata, o Caboclo d'Agua e varias outras.

Deixou um livro leve e encantador. Alguem o devia tomar como base afim de fazer o estudo para que elle fornece apenas uma parte do material.

# Lendas e tradições brasileiras

POR AFFONSO ARINOS

Pag. 39

## A lenda das Amasonas

Descendo rio abaixo no novo bergantim, o aventureiro entrou numa região onde foi terrivelmente hostilizado pelo gentio. Ahi Frei Gaspar de Carvajal conta ter visto dez ou doze amazonas combatendo á frente de um povo de indios sujeito á nação dellas.

E nenhum desses indios podia fugir, porque quem fugisse seria morto por esses tyranos femininos, ajunta frei Gaspar. Eram altas, brancas de pelle, de cabellos compridos, lisos e passados em volta da cabeça. O seu unico artigo de vestuario era um cinto e como armas tinham arcs e flechas.

Continuando a navegar e proseguindo a guerra com os povos ribeirinhos, Orellana soube de um prisioneiro que o paiz era sujeito a mulheres, as quaes tinham nos seus dominios cinco templos do sol, todos cobertos de chapas de ouro; de pedra eram suas casas e muradas suas cidades.

Foi á foz do Jamundá ou Nhamundá, affluente da margem esquerda do Amazonas, no limite do Estado deste nome com o do Pará, que Orellana pretende ter se batido com as mulheres guerreiras chamadas de «icamiabas», pelos indios, isto é, mulheres sem marido.

O seu territorio era guardado por varias tribus ferozes entre as quaes os Pariquis, os Tagaris e os Guacaris.

Junto ás cabeceiras do Jamundá collocavam os indios o lago sagrado de Yacuaruá, ou Espelho da Lua, aonde as amazonas iam todos os annos em romaria, na occasião das festas ao astro da noite, a quem o lago era consagrado.

A principal residencia dessa communidade feminina, segundo nos conta o padre Cristobal de Acuña, em seu «*Nuevo Descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas*», publicado em 1641, era entre grandes montes e eminentes cerros. Destes o que mais se destacava dos outros e, por ser mais altaneiro, era varrido dos ventos com mais rigor, ficando por isso escalvado e limpo, tinha o nome de «Itacamiaba».

Estas valorosas mulheres formavam uma nação guerreira independente e dominadora, tendo como vassallos varios povos indigenas.

O seu cunho caracteristico consistia em que da sua sociedade os homens eram implacavelmente excluidos. Para impedir, porém, a extincção da propria nação, dignavam-se receber como hospedes, em grandes festas annuaes, varões de uma tribu vizinha e vassalla, geralmente os guacaris, com os quaes tinham um como tratado.

Os guerreiros da tribu honrada com essa altissima distincção tinham licença de penetrar, em época prefixada, no territorio das amazonas, que iam ao seu encontro em som de guerra para darem aos visitantes, até mesmo nesse momento, mostras da sua força e superioridade de suzeranos.

Nessa região amazonense que possui a mais vasta rede de estradas naturaes ou rios navegaveis existentes no globo, calculada em oitenta mil kilometros, o caminho do indigena é o rio e o seu cavallo a canôa, talvez por isso mesmo chamada ainda agora «montaria».

Assim, os esposos de um dia chegavam para as festas nupciaes em alegre flotilha de igaras, cuja approximação era annunciada ás noivas soberbas pelo som do boré e da inubia. Accorriam estas armadas e aguerridas como se foram repellir uma invasão de estrangeiros.

Mas, descoberta a flotilha numa curva do rio, os braços e cabeças agitavam-se em saudações alegres e dos peitos rudes dos guerreiros rompia o epithalamio. Descargas festivas de emplumadas settas, apontadas para o céu, fen-

diam os ares emquanto as canôas abicavam mansamente ao porto appetecido. Estendidas até então em linhas de batalha, as amazonas depunham as armas por terra, em signal de paz, batiam palmas e corriam ás canôas, de onde, num salto, sem que ninguem as pudesse tocar, arrancavam as rêdes dos guerreiros e fugiam velozes, abraçadas com estas, em demanda da morada de cada uma, na taba commum.

Emquanto os homens punham pé em terra e amarravam as canôas, já ellas, pressurosas e sollicitas, armavam em logar bastante evidente da residencia de cada qual a rêde do guerreiro, que a sorte por esse meio lhes designava para esposo. E dahi a pouco, lentamente se approximavam os homens, abanando de leve as altas corôas de pennas multicores que lhes cingiam as cabeças e chocalhando os cascaveis dos tornozellos. Uma por uma percorriam as casas, a cuja porta, erectas e calmas, numa serenidade de deusas victoriosas, as icamiabas aguardavam o Esposo. A noiva de cada guerreiro era aquella em cuja casa este reconhecesse a propria rêde armada.

E esta scena de anciedade, em que de uma parte e de outra, homens e mulheres, suspensos, esperavam a sentença da sorte para formarem os pares, tem algo de certas figuras do nosso moderno cotilhão.

Unidos assim, começa a «puracé» ou baile selvatico, em que o «cauim» é libado em abundancia como a bebida dos guerreiros e servido em canufas o pó subtil do «paricá», que produz os sonhos paradisiacos.

Acabadas as festas, separam-se os casaes e os tristes guerreiros regressam, cheios de saudades, ás terras longinquas, de onde haviam partido cheios de esperanças. Do pescoço de cada um, porém, pende, pesando-lhes nos collares de leves plumas e de finos dentes, uma joia preciosa, talisman poderoso, penhor e testemunho dos amores das amazonas: «a pedra verde» do lago sagrado.

Pela lei natural, os fructos desses epheme-  
ros hymeneus reclamam seu logar no mundo.  
As filhas são cuidadosamente criadas pelas  
mães, para continuarem as tradições e a glo-  
ria da raça; mas os pobres dos filhos, ou  
são cruelmente sacrificados ao nascerem, ou en-  
tregues, por occasião das festas annuaes de  
conjuncção, aos paes, com quem devem tomar  
para sempre o caminho do exilio.

---

## Lendas e tradições brasileiras

POR AFFONSO ARINOS

Pag. 86

### A Mãe do Ouro

Quando os tupinambás occupavam a região, em torno da Bahia, um chefe caçador, visinho dos brancos e conhecedor de sua linguagem, sedusido pelas festas, a musica e as pompas da cidade, resolveu abandonar sua tribo e a cabana de seus paes para ir viver entre os emboabas, ou homens de pernas calçadas.

Debalde os paes, já velhos e alquebrados, tentaram dissuadir do ingrato intento Guaripurú—tal o nome do moço indigena. Mas elle, que, como o passaro de que tirou o nome, gostava de viver sempre rodeado de outros, fez ouvidos moucos aos conselhos do velho e ás supplicas enternecidas de sua mãe.

Um dia, quebrando o arco e as flechas, arrojou-os num rio que corria ao pé da taba, e partiu.

Seu pae e sua mãe, da porta baixa da «oca» selvagem, olharam demoradamente, com os olhos rasos de lagrimas, o filho que se distanciava; vendo-o desaparecer, entraram para o escurço da cabana e ahi acorados, silentes, beberam suas lágrimas sem um queixume.

O rapaz seguiu pela margem do rio, levando ao hombro apenas a sua rêde de tucum e um saquinho de matalotagem. Cansado de andar, já noite, armou a rêde nos galhos de um jatobá e dormiu profundamente. Ao amanhecer, ouviu um canto singular, de voz humana.

Dar-se-ia que houvesse gente por ahi? Não era possivel. Approximou-se de mansinho da beira do rio, afastando cuidadosamente os ramos para examinar de onde partia o canto.

Qual não foi o seu espanto quando se lhe deparou de pé, num rochedo, ao meio da agua, esbatido dos primeiros raios do sol, um homem extranho, cujos cabellos muito negros lhe rolavam pelos hombros, a cantar, a cantar a mais dolente das canções?

Guaripurú viu, com os olhos esgazeados, na margem fronteira do rio uma lapa cujo interior faiscava, como se lá dentro houvesse um outro sol.

E a agua do rio era tão transparente que elle via os cardumes de peixes a darem de cauda e a areia amarella e brilhante como se por baixo della houvesse tambem um sol.

Guaripurú tomou todo o cuidado para não ser visto daquelle ente extranho, que devia ser «Uauyára», o pae dos peixes, aquelle cujas seducções as mais lindas moças da tribu temem quando vão banhar-se ao rio.

— Ah! pensou — é ahi a casa delle; é feita daquella pedra amarella que os brancos procuram com tanta fome; de grãosinhos amarellos é a areia do rio. Vou guardar bem o caminho e serei um chefe entre os brancos quando lhes apresentar lascas daquella pedra e grãos daquella areia.

Com tal idéa na mente, chegou Guaripurú á cidade. Não tardou muito a que, elle, que tanto gostava de roda, tivesse em torno de si uma roda de indios conversos e de filhos de indias com brancos, os quaes falavam a sua linguagem, como tambem elle a dos brancos.

E a sua fama cresceu.

Dahi a pouco, Guaripurú, gentil e intrepido, querido e admirado, recebeu o baptismo, tendo como padrinho o capitão-mór da cidade. Já então elle se vestia e armava-se como os filhos dos chefes brancos e era casquilho e tafal em suas vestes como em suas armas.

Amigo de pelejas, conhecedor de manhas de guerra, mostrou seu valor em batalhas dos brancos contra outros brancos que vinham em alterosas náus do outro lado do mar.

Depois da victoria, galões de ouro lhe cingiram os punhos e plumas de cores lhe enfeitaram o chapéu.

Guaripurú transformara-se num official dos exercitos d'El-Rei, cujo nome christão, tomado do seu padrinho, o capitão-general, era Manuel Telles.

Realisára-se o seu sonho e era agora um chefe de brancos, a quem se ia confiar o commando de uma entrada para o sertão, em busca de ouro.

A expedição partiu; mas uma velha india que mostrava pelo moço chefe, desde os primeiros tempos de sua chegada entre os brancos, maternal affeição, prendeu-o nos braços no dia da partida, conjurando-o a não revelar aos caraibas de além-mar os segredos da Mãe de Ouro, pois seria implacavelmente punido com a morte.

Elle, que já tinha desprezado os conselhos dos paes, repelliu a velha e seguiu seu destino.

Com o seu faro de indio ia em busca da gruta luminosa, a cuja bocca vira o caboclo dagua, em dias antes.

Ainda muito longe, uma tarde em que a tropa, acampada á beira de um rio, repousava, e a gente, recostada nos fardos, entoava cantilenas, o commandante desapareceu.

Por toda a parte o procuraram em vão. Alguem se lembrou de pôr uma vela accesa num cabaz e deixal-a fluctuar sobre o rio para, caso tivesse elle perecido n'agua, a luz denunciar o ponto onde jazia o corpo.

Tal é a crença ainda agora no sertão e assim se fez.

Num perau escuro, junto ás raizes de uma gameffeira, o cabaz girou em torno de si mesmo e ficou como fixo no mesmo ponto.

Mergulhadores indios atiraram-se no poço e, no meio do pranto e do clamor da tropa orphanada, o corpo do chefe veiu á tona.

Um dos mergulhadores observou-o: faltavam os olhos, o nariz e a bocca naquelle rosto, antes tão varonil, ora mutilado e irreconhecível.

— Ah! — disse o indio em tom profundo. Elle farejou, viu e contou.

O Uauyára matou-o.

E assim acabou o filho das florestas, que quiz revelar o segredo da mãe do ouro!

---

## GILKA DA COSTA MACHADO — Estados de Alma

A abundancia de livros de poesias que se publicam no Brasil é tamanha que uma bibliographia exacta das nossas producções é sempre, mais do que tudo, uma lista de volumes de versos.

Um dos mais recentes é o de D. Gilka Machado: *Estados de Alma*. Sem que seja uma obra notavel, tem caracteristicos interessantes. Tem mesmo um cunho de originalidade, que falta a quasi todos os versos femininos.

A situação das mulheres, quando se dispõem a cantar o amor, é muito mais embaraçosa do que poderia parecer á primeira vista. Os homens tem o direito, não só de alludir ao sentimento amoroso no que nelle ha de abstracto, como de descer ás minucias descriptivas que nos parecem deliciosas. Mesmo sem chegar, como alguns auctores, a percorrer as bellezas femininas e compôr um poema especial para louvar cada uma, qualquer autor masculino pôde alludir a um pormenor da formosura da mulher, sem que isso cause estranheza. Que alguém pense num corpo feminino, da cabeça aos pés, e, por pouco que tenha manuseado poetas, verá que não ha nada nelle que não tenha excitado o entusiasmo deste ou daquelle escriptor.

Permittir-se-ia ás mulheres fazer o mesmo? Parece que não. Até hoje pelo menos não se tem permittido

No emtanto, si se acredita no que dizem todos os anthropologistas, o homem é mais bonito que a mulher. Em regra, as proporções no homem entre o tronco, corpo e os membros são muito mais justas e har-

momosas. E nada mais natural que seja assim, porque a regra em todo o reino animal é que o sexo feminino seja o mais feio. Citam-se sempre os exemplos familiares, conhecidos de todos, do gallo e da gallinha, do pavão e da pavôa, do leão e da leôa...

Mas, quando os naturalistas fizessem essa prova para todos os seres vivos e sexuados, nada teriam adiantado. Faltar-lhes-ia dizer-nos o que pensa o pavão da pavôa, o gallo da gallinha, o leão da leôa — e assim por diante. Talvez a esses animaes succeda o mesmo que a nós.

Um poeta disse:

« La beauté de la femme est dans les nerfs de  
[l'homme.] »

A belleza de todas as femeas ha de assim estar no modo de julgar de todos os machos.

Mas a inversa não é menos verdadeira.

Não ha poetisas entre as gallinhas. Si houvesse, talvez algumas cantassem a belleza de Chantecler. Por que então as poetisas da nossa especie não hão de ousar cantar os homens, que lhes pareçam bellos?

Isso, entretanto, não tem sido feito. Ha talvez no facto uma prova do ciume masculino. Parece que um homem não lê nunca com muito prazer um elogio á belleza de outro homem. E, assim, todas as tentativas a esse respeito chegaram sempre a ser um pouco ridiculas.

O interessante é que as mulheres acabaram por acceitar esse ponto de vista, que só se justificava emquanto a litteratura era exclusivamente feita pelos homens. A maior parte das poetisas deixou inteiramente de lado os seus amores. Algumas falaram disso, do modo mais abstracto que lhes era possivel, cantando o Amor, — uma especie de amor theorico e impessoal — sem referencia alguma aos homens que ellas amavam.

Ou, si referencia havia, era tambem a typos psychologicos: o Ingrato, o Inconstante, o Infiel..

Uma poetisa franceza, de origem norte-americana, Renée Vivien, tomou uma decisão extranha: a de cantar o amor com outras mulheres. Si o houvesse realisado em versos mediocres ou grosseiros, sua tentativa não teria importancia; mas, bem ao contrario, deixou seis volumes de versos, que são de uma doçura, de uma suavidade, de uma meiguice encantadora. Renée Vivien sabia bem o grego antigo e ha nas suas poesias uma mistura deliciosa de inspiração classica e de technica moderna do verso. No emtanto, sem a menor cerimonia, proclama o direito de amar outras mulheres e faz-lhes versos, que Sapho não desdenharia:

« Sous ta robe, qui glisse en un frôlement d'aile,  
je devine ton corps, — les lys ardents de seins,  
l'or blême de l'aisselle,  
les flancs doux et fleuris, les jambes d'Immortelle,  
le velouté du ventre et la rondeur des reins. »

Em outro ponto diz:

« On m'avait condamnée aux laideurs masculines. »

Mas, libertando-se dessa condemnação, ella conta a outras mulheres qual o seu desejo:

« Etre tout à la fois des amants et des soeurs. »

A obra extranha de Renée Vivien é uma delicia e uma aberração. Uma delicia pela pureza encantadora dos versos, uma aberração pela impureza mórbida dos sentimentos. Apenas Baudelaire, o cantor de *Femmes Damnées* a tinha deixado de antemão justificada naquella imprecação celebre:

« Maudit soit à jamais le rêveur inutile,  
qui voulut le premier, dans sa stupidité,  
s'éprenant d'un problème insoluble et stérile,  
aux choses de l'amour mêler l'honnêteté. »

Mas ainda banindo «l'honnêteté» das cousas do amor, pôde-se não chegar ao ponto de vista de Renée Vivien.

Madame Burnat-Provins não se importou com o «sonhador inutil» que Baudelaire amaldiçoou, mas foi para ousar cantar os amores simples e normaes:

Em toda a litteratura franceza, a sua obra tem um caracter á parte. Nenhuma outra se lhe assemelha. Quando o *Livre pour toi* appareceu, foi um escandalo. Elle revelou esta cousa incrível: que a belleza do homem é susceptivel de ser cantada!

Tantos outros animaes haviam accendido a inspiração de varios poetas—os passaros, os gatos, os cães...— faltava apenas o macho da especie do *homo sapiens* de Linneu...

Madame Burnat-Provins, preencheu essa lacuna. Ella escreveu:

« Je dirai l'emprise de tes mains longues  
qui font á ma taille une ceinture frémissante;  
je dirai ton regard volontaire qui anéantit ma  
pensée, ta poitrine battante soudée à ma poi-  
trine et tes jambes aussi fermes que le tronc  
de l'éérable, où les miennes s'enroulent com-  
me les jets onduleux des houblons. »

E em outro logar:

« J'ai regardé ton corps debout, simple et  
altier comme um pilier d'ivoire, ambré comme  
um rayon de miel. »

E todo o livro é neste tom: um hymno pagão, fremente de amor: do amor, em todas as suas manifestações.

O curioso é que muitas vezes as mesmas expressões que nós empregamos falando da belleza feminina nos chocam applicadas á masculina. Um homem pôde descrever aquella attitude a que allude Madame

Burnat-Provins de estar enroscado a um corpo de mulher. Quantos o têm feito! Mas, si é a mulher que diz exactamente isso, parece a cousa brutal, luxuriosa, cynica. Trata-se da evocação da mesma scena: feita por um dos actores, é aceitavel; feita pelo outro, é pelo menos incorrecta...

Ha nisso uma certa contradicção. Por um lado, nós achamos que uma Renée Vivien, exaggera, quando se queixa de ter estado «condemnada ás fealdades masculinas»; mas si uma mulher se decide a cantar as bellezas masculinas,—isso, que nos devia lisongear, se nos affigura improprio.

E' talvez interessante notar que, por uma singularidade um pouco paradoxal, só na litteratura religiosa se encontram textos femininos de uma sensualidade exaltada e que, entretanto, sejam permittidos e honrados.

Para começar de bem longe, ha os trechos do *Cantico dos Canticos* em que a Sulamita diz o seu amor e os desejos que elle lhe faz nascer, de um modo claro, explicito, destituído de circumloquios. Pouco importa discutir a authenticidade e a real significação dessa obra. O certo é que nella se admite que uma mulher fale de amor com uma liberdade, que em geral se considera imperdoavel.

Essa liberdade foi, em parte, imitada por algumas grandes mysticas, como Maria Alacoque, Santa Thereza, Catharina de Sena e outras, que descrevem os seus amôres ideaes com Christo, com um verdadeiro e exaltado erotismo, como não se permittiria que nenhuma esposa ou amante narrasse os seus com maridos e amantes reaes.

Os theologos mencionam, explicam e applaudem esses factos. Ribot, o autor celebre da *Mystica*, acha natural que as suavidades do amor divino se manifestem «até nos sentidos e atinjam á propria carne.»

Bossuet, o austero prégador sacro, devia ser da mesma opinião porque nas suas *Poésies Sacrées* figuram como uma prece feminina estas estrophes incandescentes:

« Qu'il vienne et qu'un baiser de sa divine bouche  
Apaise mes désirs;  
Que ses chastes amours dans sa royale couche,  
Me comblent de plaisir.

J'expire sous les traits de l'amour qui me blesse.  
Qu'on apporte des fleurs:  
D'oranges, de citrons soutenez ma faiblesse  
Accourez, je me meurs.

D'une main il reçoit ma tête languissante,  
Seul il est mon soutien:  
Il m'embrasse de l'autre et sa flamme innocente  
Ne se refuse rien.»

Isto tudo se refere ao amor divino. Si se tratasse do amor humano, ai da mulher que escrevesse taes cousas!

A poetisa dos *Estados de Alma* está longe das audacias da autora do *Livre pour toi*; mas, em todo caso, tem a originalidade de confessar certas inclinações que, em geral, as poetisas escondem. Um critico que seguisse as instrucções de Hennequim e quizesse indicar quaes os sentidos predominantes na obra dessa poetisa, não teria muito trabalho; são exactamente os mais elementares: o tacto, o olfacto, e o paladar. E ha pelos seus versos afóra, exactamente por essa predominancia das sensações do tacto, uma nota de sensualidade exaltada, que não põe falsos pudores em confessar-se, em proclamar-se abertamente.

Num gesto de revolta, ella diz:

« Eu quizera viver dentro da Natureza!  
Suffoca-me a estreiteza  
desta vida social, a que me sinto presa.»

E quando em torno della tudo se cala, é o seu organismo que ella sente vibrar:

«Silencio cheio de alaridos,  
silencio de revolta  
dos nossos miseros sentidos  
contra o dever que nos escolta.»

E isso não deve ser apenas uma attitude simulada, porque é impossivel achar na nossa litteratura um caso tão nitido de uma poesia em que predominem aquellés tres sentidos elementares.

Ella só entende o amor como uma fusão de corpos. Mesmo tratando de outras cousas, a imagem que mais lhe occorre é a de absorpção de um ser por outro ser:

«Parece até que Deus se fluidifica  
em luz e *entra-me o sêr* e enche-o de crença.»

«Amo-te (e neste amor o meu goso se apura)  
*porque me perco em ti* qual numa vastidão,  
porque ao teu lado sinto a vertigem da altura.»

«Ser a atmospherá que respíras,  
*conter-te em mim* como numa redoma,  
*entrar-te* pelo olfato assim como as espiras,  
invisiveis do aroma.»

«Oh! meu prazer!  
— sentir-te e *penetrar-te*;  
— em toda hora, em toda parte,  
gosar teu sêr,  
*ser por ti absorvida*,  
encher com minha vida a tua vida!»

«E, de ti perto, toda a estancia se resume  
em ter a persuasão de que te evaporizas,  
*em ficar a absorver-te*, a gosar-te em perfume.»

E, como estes, não faltam exemplos que mostram como a poetisa só comprehende que um prazer seja

realmente forte, quando elle envolve uma approximação, uma absorpção. E' difficil abusar mais do que ella do verbo *absorver* e seus derivados: a treva a absorve, suas mãos são absorventes... E tudo para ella tem perfumes.

Em tudo ella põe essa nota de sensualidade aguda. Descrevendo, por exemplo, um rio, ella teve esta imagem que de certo não acudiria a toda a gente:

«E julgo-o, quando o vejo espreguiçado á sésta,  
um sátyro, com o corpo encurvado, a lamber  
o ventre virginal e verde da floresta.»

Isso não é um fingimento litterario. O fundo do seu espirito, os alicerces psychologicos do seu pensamento são os tres sentidos elementares.

Um poeta, em que predominam as sensações vizuaes, dirá, sentindo um perfume violento, que elle é brilhante, que elle suscita uma impressão forte de vermelho ou de branco. A poetisa dos *Cristaes Partidos* e dos *Estados de Alma* inverte essa operação. Si vê uma côr, ella lhe evoca um perfume; si sente um perfume, elle lhe dá uma ideia material de qualquer cousa que a penetra, que a afaga, que lhe corre á flôr da pelle.

Si se considera que na hierarchia dos sentidos o mais baixo é o tacto, o segundo a olfação e os superiores são o ouvido e a vista, ella rebaixa sempre cada sensação á sensação immediatamente inferior. Ouvindo por exemplo um sino, o que lhe parece é que o ar está impregnado de um perfume especial.

Esta psychologia, tão nitida, tão caracteristica, dá um tom de sinceridade á sensualidade dos seus versos — porque, mesmo que a sensualidade amorosa seja o producto de um sentido á parte, como querem certos physiologistas, os outros sentidos de que ella não dispensa o concurso são o tacto e a olfação.

E ao longo dos *Estados de alma* de D. Gilka Machado, o que ha é o constante appello, áquelles sentidos elementares.

Estes dois sonetos parece que bastariam a fazer a prova dessa affirmação:

«Muitas vezes, a sós, eu me analyso e estudo,  
os meus gostos crimino e busco, em vão, torcel-os;  
é incrível a paixão que me absorve por tudo  
quanto é setoso, suave ao tacto: a coma... os pêllos...

Amo as noites de luar porque são de velludo,  
delicio-me quando, acaso, sinto, pelos  
meus frageis membros, sobre o meu corpo desnudo,  
em caricias subttis, roçarem-me os cabellos.

Pela fria estação, que aos mais sêres erriça,  
andam-me pelo corpo, espasmos repetidos,  
ás luvas de camurça, ás boas, á pelliça...

O meu tacto se estende a todos os sentidos;  
sou toda languidez,, somnolencia, preguiça,  
si me quedo a fitar tapetes estendidos.

Tudo quanto é macio os meus impetos doma,  
e flexuosa me torna e me torna felina.  
Amo do pecegueiro a pubescente poma,  
porque afagos de vello offerece e propina.

O intrinseco sabôr lhe ignoro; si ella assoma,  
no rubôr da sazão, sonho-a doce, divina!  
gozo-a pela maciez cariciante, de cõma,  
e o meu senso em mantel-a incolume se obstina

Toco-a, palpo-a, acarinho o seu carnal contornó,  
saboreio-a num beijo evitando um resábio,  
como num lento olhar te oscúlo o labio môrno.

E que prazer o meu! que prazer insensato!  
—pela vista comer-te o pecego do labio,  
e o pecego comer apenas pelo tacto.»

Em alguns pontos se acha essa declaração de que todos os sentidos parecem visar na autora apenas uma aspiração de gozo sensual, chegando ao extremo. Ella escreve claramente.

« Pelos do luar silenciosos, longos, lentos  
os nossos pensamentos  
são forças genitae que igualmente se dão. »

E quando não vae tão longe, os seus versos se espreguiçam mollemente, felinamente, como um corpo beijado, que tem arrepios de prazer:

« Teu veneno letal torna-me o corpo langue,  
numa circulação longa, lenta, macia,  
a subir e a descer no curso do meu sangue. »

Não ha, aliás, para a poetisa dos *Estados de Alma* comparação melhor para os olhares que a de mãos que se estendem, que tomam o corpo amado, ou brutalmente, como si o quizessem absorver (o seu verbo preferido), ou ameigando-o, acarinhando-o:

« por me fitares,  
eu sinto a todos os instantes  
que os teus olhares  
são como dedos: acariciantes. »

« As minhas mãos... não sei si as gozas,  
não sei si as sentes,  
porém, supponho as tuas vaporosas  
e as minhas absorventes. »

E mesmo o silencio, si de alguma cousa lhe parece povoado, é de suggestões de revolta contra as convenções sociaes e de appellos voluptuosos:

« ... o silencio febril dos olhos,  
em espasmos de amor, — e o silencio das mansas,  
lentas caricias de amorosos dedos. »

Ao vento que passa ella diz:

«Com caricias brutaes e com caricias mansas,  
cuido que tú me vens, julgo-me toda tua...  
—sou arvore a oscillar, meus cabellos são franças...

E não pôdes saber do meu gozo violento,  
quando me fico assim neste ermo, toda núa,  
completamente exposta á Volupia do Vento!

Com toda a audacia de escrever serenamente tudo isto, a autora não duvidou cantar a belleza masculina dos cabellos. Teve, porém, o cuidado de escrever uma dedicatoria conjugal, que está alli como uma advertencia, gritando aos maliciosos: «*Honni soit qui mal y pense!*» *Mal haja quem mal cuida!*

No emtanto, essa cautela é talvez um inconveniente. No caminho do mal e do peccado, perdoam-se mais as exhibições de amores extra-conjugaes. Quando alguem encontra um casal munido de todas as formalidades matrimoniaes que lhe legitimam as caricias, beijando-se em publico, o facto parece irritante. Tem-se vontade de perguntar: «Pois não lhes basta a alcôva conjugal?» Com os amantes, sobretudo com os que são obrigados aos amores defesos, ha maior tolerancia...

Mas o mal dos versos da autora dos *Estados de Alma* não é só que os seus versos não se insurjam nem contra o nono mandamento do Decalogo, nem contra o Codigo Civil. E' que elles não são sinceros.

A ter de cantar uma belleza masculina, devia chegar a alguma das audacias da autora do *Livre pour toi* e escolher uma que fosse característica.

Os cabellos não estão nesse caso. Amor e calvicie accommodam-se muito bem nos homens—repellem-se formalmente nas mulheres... De mais, é notorio que a autora esticou, alongou excessivamente os cabellos

que cantava. Applicou, enfim, aos masculinos o que só dos femininos se tem dito.

Não faltam em versos, tanto de poetas como de poetisas, allusões a cabellos masculinos; trata-se, porém, sempre da caricia das mãos femininas pelas cabeças dos homens amados. Mas o que faz a autora dos *Estados de Alma* é muito mais do que isso:

«Si do torso retroz da tua côma escura  
meu beijo, como um passarinho,  
gorgeando, celere, procura  
o morno e fôfo ninho,  
que cheiro verde meu olfato sente:  
— cheiro de rezedá que em flôres regorgita...»

E o exaggero vem logo após:

«Quando pela fadiga molentada,  
sobre o leito me estiro em completo descuido  
(talvez loucura minha, uma obsessão talvez);  
passo' a sentir, querido, o teu cabello em tudo:  
na paina da almofada,  
nas mãos, nos labios, no proprio ar que é fluído,  
sobre a minha nudez  
cobrindo-a qual um manto de velludo...»

E por ahi adeante vai até o ponto de se sentir enrolada nesses estranhos cabellos masculinos.

Decididamente os homens não são felizes em poesia — pelos menos em poesia amorosa, que é, no fim de contas, a melhor de todas: ou não os cantam ou os cantam mal!

Mas, si em D. Gilka Machado, que é uma poetisa digna de applausos, o que predomina é essa nota de sensualidade clamada e proclamada de verso em verso, ha tambem outras, que merecem menção.

Falando ao Mar, ella parece inspirar-se em Baudelaire:

«Mas te amo, ó'Mar, porque minh'alma e a tua  
são bem iguaes; ambas profundamente  
sensíveis e amplas e espelhantes...»

E os versos do autor das *Flores do Mal* cantam na nossa memoria:

« Homme libre, toujours tu chériras la Mer.  
La Mer est ton miroir: tu y contemples l'âme  
dans le déroulement infini de la lame  
et ton âme n'est pas un gouffre moins amer. »

Um soneto melancolico e delicioso diz a tristesa das venturas que chegam, quando já a alma, que tanto as desejou, não as pôde acolher com satisfação. Tarde de mais!

« Sonhei-te tantos annos! tantos annos!  
eras o meu ideal de amor e de arte,  
buscava-te a toda hora e em toda parte,  
nessa ancia inexplicável dos insanos.

Emfim, vencida pelos desenganos,  
como quem nada espera que lhe farte  
a alma faminta, exausta de sonhar-te,  
abandonei-me do destino aos damnos.

Surges-me, agora, em meio da jornada  
da vida; vens do inferno ou vens da altura?  
— não sei: mas de ti fujo, apavorada!...

E, em lágrimas, minha alma conjectura:  
uma felicidade retardada  
quasi sempre se torna desventura.»

Não falta tambem belleza a este admiravel soneto:

« Dias em que fremindo os meus nervos estão,  
em que estranho meu sêr passivo e scismarento;  
dias em que meu corpo é uma palpação  
de azas, da natureza ante o deslumbramento!

Num dia, assim, como este, os meus tedios se vão,  
e ao céu de escampo azul e ao Sol, de ardôr violento,  
eu só quero sentir a forte vibração  
da vida, num prazer ou mesmo num tormento.

Sahem dos labios meus as expressões em trovas;  
quero viver, gosar emoções muito novas,  
amo quanto me cerca, amo o bem, amo o mal.

E, numa agitação de anseios incontidos,  
nestes dias de Sol, os meus cinco sentidos  
são aves ensaiando o vôo para o Ideal.»

E afim de citar uma poesia em nota diversa, vale  
a pena transcrever a que se intitula *Numa rêde*:

« Bem sei porque me sinto creança,  
quando uma rêde me embalança!  
— é que ha na rêde um rythmo egual  
ao da canção lenta e macia,  
com que eu, em creança, adormecia  
no fôfo seio maternal.

A minha rêde é mansa, mansa,  
de me agradar nunca se cança,  
é a minha amiga mais perfeita;  
como ao meu gosto se conforma,  
e do meu corpo toma a forma,,  
e toda a mim se torna affeita!

A minha rêde no ar se lança,  
como num mar todo bonança:  
nella navego em ondas de ar,  
para um paiz que é o da Chimera,  
de onde me acena alguem e espera  
alguem que eu vivo a desejar.

A rêde tem o gesto e a nuança  
da hesitação: recúa... avança...  
e ao seu balanço leve e lento,  
por mais que nella o corpo encolha,  
sinto-me fragil como a folha,  
julgo-me toda entregue ao Vento.

Qual uma larga e basta frança,  
a rêde vae e vem, balança...  
e adormecendo ao seu vai-vem,  
sobre o seu corpo quasi fluido,  
sonho-me posta com descuido  
nos braços langues desse alguem...

Na rêde o corpo, a rir, descança,  
como num sonho uma esperança.  
Dos meus pezares esquecida,  
muito ao meu gosto posta, vêde:  
ao molle embalo de uma rêde, - ê  
-fico oscillando para a Vida...»

D. Gilka Machado é uma bôa, uma excellente poetisa. Pôde-se mesmo dizer, sem favor nem exaggero, que é actualmente um dos nossos grandes poetas e a nossa melhor poetisa. Seus versos têm a sciencia do rithmo, um cunho pessoal inconfundivel.



## Estados de Alma

CILKA DA COSTA MACHADO

Pag. 37

A' minha irmã Magdalena

Na calma circumdante uma voz se desata...  
cantas e, por te ouvir, a sonhar principio:  
acho-me com certeza ante alguma cascata;  
o ambiente é mysterioso, é segredante e frio.

Borrifa-me a epiderme um halito de prata...  
Em deslizes fluviaes, de suave murmurio,  
tua voz me conduz á espessura da matta,  
onde da agreste flôr vaga o cheiro macio.

O som cresce, se alarga e como que descança...  
já não é mais um rio a tua voz, é mansa,  
lisa lagôa, ao luar dormindo um somno brando.

E, quando na garganta a ultima nota estancas,  
os échos pairam, como azas longas e brancas  
de cysnes, por todo o ar, lentos, se espreguiçando...

---



# Estados de Alma

GILKA DA COSTA MACHADO

Pag. 60

## Impressões do luar

A Antonio Austregesilo

Azas longas, subtis, azas fôfas, de bruma,  
pelo ermo do infinito, erram, se espreguiçando...  
Esta noite alva e fria o meu sonho avoluma,  
creio, ao pallôr do luar, de anjos revõe um bando.

No deslize da brisa ha um carinho de pluma  
pela minha epiderme a roçar, quando em quando.  
Com leves mãos de sêda, o Silencio, uma a uma,  
das horas vai desfiando as contas, vai desfiando...

Enluaram-se os jardins de chrysanthemos brancos,  
e o luar, gélido, cãe, numa etherea esfolhada,  
de flôres a juncar planicies e barrancos.

A Terra, muda, assim, nestas noites serenas,  
lembra uma creança morta, em neve amortalhada,  
sob magnolias, jasmíns, camelias, açucenas...

Lua-cheia. Ante a noite eu me quedo e extasio:  
uma espessa garôa anda o espaço a embaciar,  
e lembra o céu — tão alvo e de estrellas vasio —  
larga e poenta peneira emborcada em pleno ar.

Nestas noites, assim, de silencio macio,  
em que é pellucia o campo, a fronderia, o mar,  
que delicia sentir, em coegas, o Frio  
os seus dedos de neve em meu corpo passar!

Os perfumes me vêm, de momento a momento,  
lentos, niveos, e penso: anda, por certo, o Vento,  
em derredor de mim, flôres a desfolhar...

Como empoadas estão as arvores, na rua!  
como tudo está branco! — é o arminho da Lua,  
que, lá do alto, sacode o pó de arroz do luar.



## TOBIAS MONTEIRO — Funcionarios e doutores

O pequeno livro do Sr. Tobias Monteiro pretende provar que a maior parte dos males no Brazil vem da superabundancia de funcionarios e de doutores.

Tem, como sempre succede em todos os livros que pretendem demonstrar theses sociaes, o natural exaggero dos propagandistas. A logica desses trabalhos exige que elles forcem a nota para se fazerem attender.

Logo ao principio, para nos envergonhar da mania bacharellicia, o autor lembra que na França só aos medicos se chamam «doutores», ao passo que entre nós, a vaidade geral deu a toda gente esse titulo. Basta que tenham passado por uma escola superior ou especial e ficam com direito ao doutorado.

O Sr. Tobias Monteiro sabe melhor do que eu a origem desse costume, que é, no fim de contas, uma «sobrevivencia» honrosa.

Elle data, segundo se diz, do tempo de D. João VI. Como a nossa instrucção publica se fez ás avessas, da cumieira para os alicerces, o que primeiro instituiu aquelle rei foram faculdades de direito. Para ellas iam, portanto, todos os que podiam estudar. Era um escol, uma aristocracia intellectual.

Ficou então no povo o habito de presumir, nos que se manifestavam com alguma superioridade, que deviam ser dos taes doutores. O titulo de «doutor» passou assim a ser um cumprimento.

Sempre é melhor isso do que o usado nas republicas espanholas, onde, por força das numerosas guerras intestinas, todos os que mostram qualquer preeminencia são chamados *coroneis* ou *generaes*.

De mais, si é verdade que entre nós se abusa dessa designação e si, como citou o autor, na França ella é reservada unicamente aos medicos, na Allemanha os «herr doktor» são abundantissimos: ha-os de todas as especies.

No fim de contas, exaggera-se um pouco o mal do excesso de diplomados, que não occorre apenas no Brazil. Na França e nos outros paizes já se tem tambem falado da questão dos «proletarios intellectuaes».

O inconveniente que ha em que muita gente se diplome é que o diploma lhes parece um titulo aristocratico, que não lhes permite exercer certos misteres humildes. Para isso ha dois remedios: ou diminuir o numero dos diplomados ou augmental-os de modo a fazer com que todos, ou quasi todos, cheguem á instrucção superior.

O primeiro é um recurso simplista. O Sr. Tobias Monteiro o applaude de tal modo que chega a desejar o fechamento, por algum tempo, das matriculas nas escolas superiores. Si a medida fosse possível, seria iniqua, porque impediria que os rapazes de um certo numero de gerações podessem seguir carreiras para as quaes, alguns ao menos, teriam talvez uma vocação brilhante. Mas, deante da sua impossibilidade, não se precisa discutir o que tem apenas no livro do Sr. Tobias Monteiro o valor de um parádoxo, uma *boutade*.

A ascensão de grandes massas aos gráus superiores do ensino teria um effeito mais salutar: é que a supposta aristocracia dos pergaminhos desapareceria.

Na França, como na Inglaterra, como nos Estados-Unidos, se tem feito o que se chamou a «extensão universitaria» ou as «universidades populares.» São cursos dados ás classes trabalhadoras sobre as mais altas acquisições da sciencia.

No dia em que todos fossem doutores, os doutores teriam de occupar todas as profissões. Haveria, porém,

um grande levantamento do nível moral e intellectual do povo.

Os que se collocam no ponto de vista do Sr. Tobias Monteiro, parecendo combater, o que de facto fazem é proclamar o aristocratismo dos diplomas universitarios.

Não sei mesmo si ha razão para censura quando se allega que nas assembléas legislativas acha-se sempre superabundancia de advogados.

Em primeiro lugar, muitos desses advogados são tambem agricultores. Vivem da lavoura e não da advocacia. E' este, por exemplo, o que ocorre com a maioria dos representantes de Minas.

Mas, mesmo sem pensar nesses casos, parece natural que em uma assembléa legislativa os legistas predominem. O facto de não serem agricultores, não prova que não possam conhecer e, sobretudo, formular perfeitamente bem e até melhor que os agricultores as necessidades destes. Não é o doente, apesar de ser quem soffre, o mais habilitado a explicar a séde da sua molestia e a propôr os meios de cural-a...

Isso não quer, entretanto, dizer que não seja lastimavel a falta de alguns doutores... em agricultura. Os governos deviam fazer grandes esforços para encher as escolas agricolas. E pois que nós gostamos de titulos e honrarias, não custaria muito dar os mais sonóros titulos e as mais brilhantes honrarias aos que as frequentassem.

No livro do Sr. Tobias Monteiro ha uma critica cerrada á elaboração dos nossos orçamentos. Realmente, ella se faz de um modo muito defeituoso. O que ha de máu é, sobretudo, a falta de methodo.

Quando, por exemplo, o Sr. Tobias Monteiro mostra como é difficil, percorrendo as tabellas orçamentarias, distinguir o *peçoal* do *material*, tem toda razão. Nesta ultima rubrica costumam incluir-se todos os que

são pagos por *diarias* e que, portanto, não têm regalias de funcionarios. Mas isso mesmo, que já é uma extravagancia, soffre diversas excepções.

Poder-se-ia talvez discutir com o Sr. Tobias Monteiro, si, de facto, o functionalismo exaggerado, cheio de regalias excepçionaes é um vicio de democracias. Haveria que lembrar-lhe o que acontecia nas duas nações menos democraticas da Europa: a Russia e a Austria. Nellas precisamente o functionalismo constituia uma casta privilegiada, á qual tudo se subordinava.

Deixando, porém, de lado pequenos pontos de divergencia, tanto mais possiveis, quanto mais a obra é rica de observações pessoaes — como occorre na do Sr. Tobias Monteiro — convém proclamar que o seu livrinho é de leitura indispensavel a quantos se occupam com as questões sociaes e politicas brazileiras.

Não ha nelle rhetorica e declamação: ha argumentos, cifras, dados positivos.

---

## Funcionarios e doutores

TOBIAS MONTEIRO

Pag. 40

E' sabido que a morosidade da administração publica não é um monopólio brasileiro, é um vicio geral, sobretudo das democracias; mas esse vicio é entretido, em todos os paizes onde viceja, pela maioria do functionalismo, interessado em conservar a largueza da sua vasta organização. Num paiz de clima quente como o Brazil, onde a resignação, a imprevidencia, a ausencia de ambição entibiam o character dos homens e são faceis os meios de viver, essa classe, que associada ao Estado póde ter a segurança da vida, encontra vocações por toda a parte.

E' por isso que ella é hoje talvez a classe mais unida e tenaz na defesa dos seus interesses. Emquanto a agricultura, o commercio e a industria se isolam no seu egoismo dispersivo e parecem esquecer os beneficios do espirito de associação, os funcionarios congregam-se, infiltram-se nas organizações onde é mais efficaz a sua acção, no Congresso e na imprensa, chegam a cercar-se de garantias, que lhes cream uma situação de privilegio.

Os empregos publicos são criados no interesse da nação; se, portanto, a redução do serviço publico ou outras conveniencias nacionaes, como as de natureza financeira, aconselham um dia que elles sejam diminuidos, não é justo que a funcção seja supprimida e conservado o orgão desnecessario. Entretanto, o functionalismo conseguiu firmar o principio de que a nomeação para qualquer cargo investe os individuos na posse do direito a uma remuneração, que nunca mais poderá cessar, ainda que o trabalho desapareça. Nenhuma organização particular admittiria tal principio. No começo elle dependia de dez annos de exercicio, de-

pois de tres, para certos casos não depende de prazo algum.

Como era de prever, toda a gente olha para o emprego publico como a profissão mais facil de escolher. Ha algarismos cuja eloquencia mostrará aos brazileiros para onde se encaminha uma nação que quer persistir nesse caminho. Segundo informações apuradas pela Directoria Geral de Estatistica em 1913, existiam então no paiz 9.475 estabelecimentos industriaes, dos quaes 1.812 dirigidos por sociedades, anonymas ou não, onde é impossivel apurar a nacionalidade dos dirigentes. Dos 7.663 restantes 3.870 eram dirigidos por brazileiros e 3.793 por estrangeiros, o que quer dizer que a nossa maioria seria representada por 77, se as cifras guardassem para nós essa vantagem nas 1.812, cuja direcção não é possivel apurar.

Emquanto porém os brazileiros desertam assim um dos ramos mais importantes da actividade humana, por outro lado enchem as academias de direito, de medicina e de engenharia. De 1907 a 1914, num periodo de oito annos, as faculdades e escolas polytechnicas, officiaes e particulares, formaram 3.496 bachareis, 6.164 medicos e 1.315 engenheiros, o que corresponderia a uma producção annual de 437 bachareis, 770 medicos e 188 engenheiros, se o numero de formaturas fosse sempre o mesmo em cada anno.

Ahi está constituido o viveiro principal do funcionalismo, a sua fonte aristocratica e mais exigente, da qual uma parte importante é hoje canalizada para a diplomacia e as outras funcções no estrangeiro.

Nem é preciso citar algarismos para mostrar que tambem o commercio é quasi todo dirigido por estrangeiros. Um povo que não é senhor do seu commercio não pôde pretender a independencia economica. Por maiores que sejam a sua agricultura e a sua industria, ellas dependerão do commercio estrangeiro, a quem incumbirá a collocação dos seus productos nos mercados e por cujas mãos se hão de fazer

todas as operações de que têm de resultar a maior ou menor expansão das suas trocas. O commercio deu á Inglaterra a predominancia economica, que a Allemanha estava disputando com exito feliz, quando foi desvairada pela loucura da conquista mllitar.

Em todos os grandes centros brasileiros são sobretudo os inglezes, os allemães, os norte-americanos, os italianos e os portuguezes, que dominam a importação, a exportação, bem como o commercio a retalho. Ha cidades em que quasi todo este gyra nas mãos de determinadas colonias, entre as quaes os turcos de varias origens começam a tomar posição saliente.

Quando brasileiros se incorporam a familias cujos chefes se entregam a essas profissões, ou quando brasileiros descendem dessas familias, em geral é para levarem como reforço ao ordenado ganho do Estado as vantagens do trabalho accumulado que os vêm favorecer. Raros querem continuar a obra iniciada na profissão que assegurou a independencia ou a fortuna das familias onde elles entraram ou de onde descendem.

Tem sido essa a regra com os portuguezes no Pará, em Pernambuco, na Bahia, no Rio, como está sendo com os italianos em S. Paulo, onde as fortunas accumuladas lentamente pelos antigos immigrants começam a despertar a cobiça dos que esbanjaram os bens herdados e não sentem coragem para reconstruir por suas mãos a obra dos seus maiores.

E' dever de todos quantos possamos falar á mocidade, aos paes de familia e aos governantes apontar-lhes o perigo que corremos, persistindo nesse caminho, de onde devemos sair a todo custo, afim de predominar nas profissões normaes. Para isso será preciso entre outras cousas simplificar os nossos methodos administrativos, reduzindo «os tramites legais» e «os canaes competentes», afim de reagir eficazmente contra a proliferação damninha dos empregos publicos.



JULIA LOPES DE ALMEIDA —  
“Era uma vez ”

O livro de D. Julia Lopes de Almeida é uma pequena brochura, um simples conto,—conto que, si não é de fadas, é ao menos daquelle fabuloso tempo, em que aos reis e ás princezas, sempre formosissimas, tudo se permittia.

Trata-se de uma princeza nessas condições, que era da mais requintada ferocidade. Certa vez, para punir trez cegos, que della haviam falado mal, incumbiu-os de lhe relatarem o que havia de mais bello no fundo dos oceanos, na espessura das florestas e na vastidão dos espaços. Si o não fizessem, seriam condemnados á morte.

Todos, com espanto da pequena e perversa princeza, se desempenharam das extranhas commissões e puderam fazer-lhe descripções maravilhosas do que havia no céu, na terra e no mar.

Quando a princeza quíz saber como haviam chegado áquelle resultado, explicaram-lhe que fôra a Imaginação que lhes permittira tal milagre.

A belleza desse pequeno trabalho está, como se póde prevêr, nas descripções que cada um dos cégos vem fazer e na apologia final da Imaginação.

E' curioso notar a seducção do titulo: «*Era uma vez...*» Já havia, com essa mesma designação, um livro de contos de Viriato Correia. Em francez, ha pelo menos trez volumes assim chamados: um de Octave Justice, outro de Philibert Audebrand e o terceiro de um sapateiro que se fez poeta (a menos que não tenha sido um poeta, que se fez sapateiro) e que gozou de alguma celebridade, Savinien Lapointe.

No trabalho de D. Julia Lopes encontra-se uma pequena questão do eterno e irritante problema da orthographia, que é por demais característico, para não merecer reparo.

D. Julia Lopes escreve *preguntar* e *preguntou*.

*Preguntar*, é talvez etimologico e pronunciado á portugueza, com o *e* absolutamente mudo, pode estar certo em Portugal. No Brazil, onde quasi não ha a noção do *e* mudo, *preguntar* é lingua de negro Mina. Não ha ninguem, tendo pelo menos mediocre instrução, que entre nós pronuncie desse modo.

Quem, no Brasil, escreve *preguntar*, porque assim se pronuncia em Portugal, deve tambem querer que os nossos poetas rimem *mãi* com *bem* e *tenha* com *banha*. A primeira dessas rimas está até no hymno nacional republicano português e a segunda em Antero do Quental.

Estão lá muito acertadamente, porque é assim que se pronuncia em Portugal.

Um excellente poeta português, Antonio Patricio, rima *pão* com *bom*:

«... por um bocado mísero de pão,  
dou-te a illusão suprema de que és bom.»

Não será de admirar que algum partidario da lusitanisação da nossa lingua, que a faz retrogradar em vez de adiantar-se, venha amanhã pedir-nos que escrevamos — *bã*, *tanha*, *pom* ou *bão* (eu mesmo não sei como se faz a rima de Antonio Patricio, si é pronunciado *bão* ou *pom*).

Essas outras alterações estão na logica de quem adoptar a formula *preguntar*.

E ahí fica o unico reparo ao pequeno e gracioso conto da illustre escriptora, conto que, por todas as outras razões, só merece elogios.

# Era uma vez

JULIA LOPES DE ALMEIDA

Pag. 39

O mais velho e mais pallido dos cegos levantou-se e respondeu:

— Senhora! quando o primeiro homem abriu para a Luz o primeiro olhar interrogativo, sentiu-se arrastar por uma fada invisível e de tão forte prestigio, que ora o alçava ás regiões sidéreas, ora o mergulhava na onda pavorosa, ou o embrenhava nas mattas virgens a descortinar segredos nunca antes violados. Desde esse instante, eterno companheiro da Humanidade, esse Ser acode ás suas invocações ou o leva sem cansaço a viajar pelo Infinito. Lingua não a tem, e fala todos os idiomas! Os seus dedos invisíveis dirigem as mãos dos poetas e logo tumultuam no papel scenas do proprio Inferno ou do próprio Paraiso. A sua bocca, que ninguem viu, aflora no mais divino beijo a frente de um triste miseravel, — e logo elle descreve riquezas e thesouros inauditos; a sua voz não tem som, mas segreda ao ouvido dos musicos e logo resoam as harmonias de cantos admiraveis; os seus olhos não têm pupilas, mas contemplam as côres do iris e induzem os pintores a crearem nas té-las figuras de belleza eterna! Cria as estátuas dos museus e cria as almas dos livros. E' o supremo Bemfeitor do Universo porque, repara, até faz vêr os cegos!...

Um calafrio percorreu a assembléa. As damas puzeram-se de pé, cheias de medo. Os cavalheiros sacudiram no ar os seus chapéus emplumados e os quatro guardas de cerimónia cruzaram as lanças no chão, em signal de supplica. Era a primeira vez que tal acontecia na côrte. A Princeza, apoiada aos braçoes do throno, com gesto commovido e afflictio indagou anciosamente:

—O nome! eu quero o nome dessa Fada invisível e assim poderosa!

Então, o mais novo dos cegos, erguendo o rosto illuminado, como se tivesse na fronte uma corôa de estrellas, respondeu:

—Senhora, o seu nome é—Imaginação!

## DA COSTA E SILVA-“Zodiaco”-Poemas

*Zodiaco*, o livro de poesias do Sr. Da Costa e Silva, tem varias originalidades.

Em geral, os volumes de poesias são collecções de poemas diversos, compostos em varias occasiões, sem idéa nenhuma de seguimento. Aparecem reunidos em volumes como poderiam estar jogados para uma gaveta. E' uma reunião inteiramente accidental e fortuita.

*Zodiaco* faz excepção. Sente-se que as varias peças que o constituem foram feitas para se integrarem em uma obra, com certa affinidade e cohesão entre as suas diversas partes. Não é que se trate de um poema. Vê-se, porém, que o autor ordenou o seu livro com symetria. Si elle faz um livro ao Sol, faz outro á Lua, outro ao Mar, outro á Terra. Si elle canta uma das estações, canta tambem as outras tres. Si nota a belleza da manhã, nota tambem a do meio-dia, a da tarde e a da noite. E, assim, em tudo se vê um cuidado de composição meticulosa e methodica.

Esse cuidado se nota ainda na factura de cada poesia de per si. Não ha nenhuma em que se desrespeitem as regras de alternção de rimas exdruxulas, graves e agudas. Ou as rimas são todas graves, ou a sua alternção é systematica. E isso não se desmente da primeira á ultima pagina.

Ha, portanto, em todo o livro um labor paciente de cinzeladura, de ourivesaria fina.

Vê-se que o poeta gosta de vencer difficuldades de rimas:

«A vida é um sonho. Encanta-nos:  
ha passaros no azul,  
insectos sobre os pantanos  
e flôres no paul.»

Ou ainda, em outro ponto:

«Erram no ar, vibrando em rithmos  
de luz, de aroma e de som,  
quem sabe? os genios legitimos  
de Ariel e de Oberon.»

A segunda quadra vale menos que a primeira, porque «genio legitimo» é uma expressão extravagante e o ultimo verso não póde deixar de ser tido como frouxo. Mas, emfim, ha uma certa graça em achar rimas para pantano e rithmo. Rithmo tinha logarithmo; mas é uma palavra que difficilmente se fará entrar na poesia.

E' verdade que Eduardo Garrido ainda fez proeza maior, fazendo rimar a palavra Ciriaco:

«O meu amigo Ciriaco,  
si não fosse brasileiro,  
ha muito tempo seria co-  
nhecido no mundo inteiro...»

Mas esse modelo, que Theodoro de Banville poz em moda, só serve para a poesia humoristica...

E é um genero que não se acha no livro do Sr. Da Costa e Silva.

Elle gosta de vencer difficuldades metricas com serenidade. Ha no seu volume sonetos com as mesmas consoantes nos quartetos e nos tercetos. Na poesia *A Chuva* o autor procurou dar a impressão de monotonia, pondo em todas as estrophes rimas em ente. A volta continua desse mesmo som obedece, de certo, a essa idéa interessante.

Assim a primeira originalidade do *Zodiaco* é que constitue um livro methodicamente elaborado. Não se trata nelle de um ajuntamento occasional de poesias sôltas. Vê-se que umas foram feitas por causa das outras, para completar certas partes, préviamente deli-

neadas. Por outro lado, se nota o paciente trabalho de um burilador de verso, um burilador consciencioso.

Mas ha originalidade maior no livro do Sr. Da Costa e Silva: 136 paginas, 52 poesias—e nem uma sobre o amor!

Isso, sim, é estupendo. Não se cantam nas suas folhas olhos e boccas e mãos e cabellos de mulher alguma.

De toda a Natureza o que menos parece interessar ao autor é exactamente a unica cousa bôa que ella tem: o amor,

« le seul bien que la vie accorde à ses damnés, »

como disse Edmond Haraucourt.

Mesmo isso, porém, é uma nota distincta a dar a *Zodiaco*. A continua e melosa escorrença de versos de amor, sem graça, sem elevação, sem originalidade, que constitue a maioria dos volumes de versos publicados entre nós, vale a pena que sôffra, de vez em quando, algumas excepções. A de *Zodiaco* é tão bella, que ninguem se queixará.

O autor gosta, sobretudo, da descripção das grandes scenas naturaes: as paisagens, os phenomenos como a chuva, o vento, a nevoa, os redemoinhos. Gosta das figuras bizarras de certos animaes: a lagartixa, o morcego, o sapo... O curioso é que acha na descripção de cada um desses quadros notas originaes, delicadas, imprevistas.

Num dia de claro sol, o que lhe acode é o desejo de morrer, não por aquella amargura concentrada que ha no estupendo Hymno á Manhã, de Antero do Quental, mas antes pelo sentimento que se tem, em horas de muito prazer, nas quaes parece que seria bom aproveitar esse momento para acabar. Acabar, em ple-

no gozo, em plena belleza, na festa de tudo o que nos cerca:

«Na alma feliz de cada sêr,  
nesta elysia manhã, luminosa e garrida,  
a luz do sol desperta a alegria da vida.  
— Que dia bom para eu morrer!»

Leopardi pensava tambem assim, quando achava que nas venturosas occasiões de grandes amores,

«un desiderio di morir si sente...»

O que não me parece legitimo é que o Sr. Da Costa e Silva faça o sapo «rei das rãs». Por que? Trata-se de animaes da mesma classe e da mesma ordem, mas de familias differentes.

Descrevendo, porém, a lagartixa, o poeta faz este quadrinho engraçado e justo:

«A um só tempo, indolente e inquieta, a lagartixa,  
uma réstea de sol buscando, em que se aqueça,  
á caricia da luz toda estremece e espicha  
o pescoço, empinando a nervoza cabeça.

Eil-a, aquecendo ao sol: mas, de repente, a bicha  
desatina a correr, sem que a um rumo obedeça,  
rapida, num rumor de folha que cochicha  
ao vento, pelo chão, numa floresta espessa.

Traça uma recta e pára. E a cabeça embalando,  
olha aqui, olha alli; corre de novo em frente  
e outra vez pára, a erguer a cabeça, espreitando...

Mal um insecto vê, detem-se de repente,  
traíçoeira e subtil, os insectos caçando,  
a bater, satisfeita, a papada pendente...

Descrevendo sua cidade natal, no Piauhy, o Sr. Da Costa e Silva faz varias acções meritorias.

No tempo do Imperio se disse que o Piauhy era uma simples expressão geographica, cuja unica utili-

dade consistia em tornar possível a eleição senatorial do Marquez de Paranaguá. Havia, entretanto, quem duvidasse da sua existencia.

O poeta do *Zodiaco* acha meio de nos provar que o Piahy existe e não serve apenas para inspirar a quadra recentemente celebrizada:

O meu boi morreu...  
Que será de mim!  
Manda buscar outro  
lá no Piahy...

Da Costa e Silva nos faz esta risonha descripção de Amarante:

A minha terra é um céu, si ha um céu sobre a terra:  
é um céu sob outro céu, tão limpido e tão brando,  
que eterno sonho azul parece estar sonhando  
sobre o valle natal, que o seio á luz descerra.

Que encanto natural o seu aspecto encerra!  
Junto á paisagem verde a igreja branca, o bando  
das casas que se vão, pouco a pouco, apagando  
com o nevoento perfil nostalgico da serra.

Com o seu povo feliz, que ri das proprias maguas,  
entre os tres rios, lembra uma ilha alegre e linda  
a cidade sorrindo aos osculos das aguas.

Terra para se amar, com o grande amor que eu tenho:  
Terra onde tive o berço e de onde espero ainda  
sete palmos de gleba e os dois braços de um lenho!

O quadrinho me parece encantador, mas Da Costa e Silva dá melhor a medida do que vale nas composições um pouco mais extensas, em que a sua capacidade descriptiva se póde expandir. Este principio da poesia *A Ventania* talvez lhes mostre a verdade de tal asserção:

Em altos brados desvairados,  
passam os ventos nos descampados,  
ás avalanches, em turbilhão,  
imprecando, bramando, soluçando,  
pela amplidão.

Passam os ventos rapidos, rugindo,  
na noite longa, pelo espaço infindo,  
como um rumor desolador  
de uivos e gritos, tumultuarias vozes,  
de homens selvagens e animaes ferozes,  
desesperados de fome e dôr.

Dentro da treva,  
os ventos passam como uma leva  
raivosa, rispida e revel  
de vagabundos, reprobos e párias,  
no barbaro furor das brutas alimarias  
em temerario, turbido tropel.

E por ahi além, em dez outras estrophes, o poeta  
mantem e eleva essa nota de força e violencia, que  
tão bem se casa ao assumpto escolhido.

*Zodiaco* dá no anno de 1917 uma entrada magni-  
fica no terreno litterario. E' um livro de bôa e bella  
poesia.

# ZODIACO

Poemas de Da Costa e Silva

## A Aranha

Num angulo do tecto, agil e astuta, a aranha,  
Sobre invisivel tear tecendo a tenue teia,  
Arma o artistico ardil em que as moscas apanha  
E, insidiosa e subtil, os insectos enleia.

Faz do fluido que flue das entranhas a extranha  
E fina trama ideal de seda que a rodeia  
E, alargando o aranhol, os élos emmaranha  
Do alvo disco nupcial, que a luz do sol prateia.

Em flóculos de espuma urde, bórda e desenha  
O arabesco fatal onde os palpos apoia  
E tenaz, a caçar os insectos se empenha.

Vive, mata e produz, nessa faina enfadonha;  
É, o fascinante olhar a arder como uma joia,  
Morre na propria teia, onde trabalha e sonha.

---



# ZODIACO

Poemas de Da Costa e Silva

## A Ventania

Em altos brados desvairados,  
Passam os ventos nos descampados,  
A's avalanches, em turbilhão,  
Imprecando, bramando, soluçando,  
Num côro formidando,  
Pela amplidão.

Passam os ventos rapidos, rugindo  
Na noite longa, pelo espaço infindo,  
Como um rumor desolador  
De uivos e gritos, tumultuarias vozes  
De homens selvagens e animaes ferozes,  
Desesperados de fome e dôr.

Dentro da tréva,  
Os ventos passam como uma léva  
Raivosa, rispida e revél  
De vagabundos, réprobos e párias,  
No barbaro furor das brutas alimarias,  
Em temerario, turbido tropél.

Em finos guinchos e longos roncós,  
Retorcendo os ramos, abalando os troncos,  
Frios, cortantes como punhaes,  
Passam os ventos pelos caminhos,  
Levando as folhas, levando os ninhos,  
No dorso alado dos vendavaes.

Como o concerto wagneriano  
Das tempestades sobre o alto oceano,  
Passam os ventos sem parar,  
Evocando as Walkirias invenciveis,  
Nos seus claros corcéis soberbos e invisiveis,  
Demandando as nuvens, galopando no ar.

A cavalgada  
Em disparada, desenfreiada,  
A' rédea solta, não se detém;  
Seguem os ventos nos seus cavallos,  
Galgando montes, transpondo vallos,  
Correndo aqui, voando além...

A' toda brida, em atropello,  
Nos seus ginetes de névoa e gelo,  
Passam os ventos de norte a sul,  
Vertiginosos, velozes, varios,  
Como os Centauros legendarios  
Pela esplanada do infinito azul.

Pelos espaços brumaes, nevoentos,  
Nos seus murzellos relinchando, os ventos  
Passam sem róta, sem rumo, ao léo,  
Pelas nuvens, com a chuva na garupa,  
A despenhar-se em catadupa  
Do plumbeo céu.

Ganindo e uivando, farejando as trilhas,  
Passam os ventos como matilhas  
De cães famintos e lobos vis,  
Pelo silencio das horas mortas,  
Assaltando campos, abalando portas,  
Forçando os ferros dos gradis.

Varando os ares em largos rasgos,  
Como demonios, duendes e trasgos,  
Na turba multa dos genios máus,  
Os ventos rugem, surgindo do ermo  
Da noite lugubre e sem termo  
Como de um cahos.

Erram na sombra aparições espurias,  
Como abantêsmas, avejões e furias,  
Que a propria morte amaldiçõe;  
E á ventania, a noite me suggere  
Phantasmas infernaes do Dante Alighiere,  
Visões sinistras de Edgard Poe.

As arvores, aos ventos ululantes,  
Lembram espectros de gigantes,  
Bracejando no ar, em contorsões de dôr;  
Troncos inclinados, galhos retorcidos,  
Aos ruidos dos ventos desabridos,  
No seu delirio devastador.

Na convulsão dos ramos recurvados,  
As arvores, aos ventos desvairados,  
Trazem a tragica illusão  
De almas batidas ao desatino  
Dos quatro ventos do Destino,  
Luctando em vão, soffrendo em vão...

---



## ELPIDIO PIMENTEL — Um punhado de galicismos. — Pelo vernaculo

O Sr. Elpidio Pimentel escreveu para um concurso no Espirito-Santo uma these, que intitolou—*Um punhado de galicismos*.

O autor, que se declara um apaixonado cultor da lingua portugueza, dá uma longa lista de palavras e expressões, que elle considera galicismos.

Sempre que se lê alguma cousa a esse respeito, procura-se em vão um criterio de ordem geral, que permitta acceitar ou rejeitar os termos, que certos puristas, muito rigorosos, qualificam como galicismos. No fim de contas, verifica-se que os galicismos velhos pódem ser empregados. Os novos devem ser proscriptos. Essa é pelo menos a conclusão que se tira dos escriptos de todos esses zeladores do purissimo culto do idioma nacional, attendendo a que, a cada passo, elles nos indicam certos galicismos, que já se pódem usar, porque o uso lhes deu fóros de cidade.

Isso lembra o caso daquêlle caloteiro, que declarava não pagar dividas velhas.

--E as novas? perguntava-lhe alguém.

—Deixo-as envelhecer...

E' o que ha de fazer com os galicismos: desde que envelhecem, ficam consagrados.

Em 'geral, os grandes grammaticos, os que vivem fazendo praça de um purismo extremo, tomam uma attitude profundamente ridicula. Elles passam o tempo a explicar como se devem exprimir idéas e emoções no castiço idioma portuguez. Ninguem como elles para saber o mëlhor modo de transmittir os pensamentos por meio da palavra escripta ou falada. Mas, com toda

essa sciencia, elles não exprimem nada. Deve-se crêr, diante disso, que não tem nada para exprimir.

Assim, os unicões puristas que podem ser tomados ao sério são os que empunham a penna e entram na liça: é o caso de um Ruy Barbosa, de um João Ribeiro e de pouquissimos mais. Os outros são como esses cavalheiros que, não tomando parte nos jogos, ficam por traz dos que nelles entram e sabem sempre como se deveria jogar... No momento, em que algum lhes passa as cartas, fazem logo uma figura lamentavel.

Estudando os gallicismos a acceitar e a rejeitar, o que conviria era indicar a que condições deveriam satisfazer as palavras de origem estrangeira para que o seu uso fosse aconselhavel. Condições theoreticas — e não apenas as preferencias de taes ou quaes grammaticos. Condições de doutrina — si assim se pôde dizer.

Tomar um velho termo cahido em desuso, que ninguém mais conhece, e vir dizer que o devemos empregar, porque elle traduz uma ideia tambem exprimida por um galicismo, que todos conhecem, não basta. Si aquelle velho termo já existia e cahiu em desuso, elle mostrou de algum modo a sua imprestabilidade. Morreu de inanição. Deixou-se atrophiar.

O essencial, na acceitação de termos novos, é que elles não quebrem a harmonia da nossa lingua. E ás vezes, um galicismo vale mil mezes mais que uma palavra de um purismo irreprehensivel.

Logo ás primeiras linhas da sua lista de gallicismos, o Sr. Elpidio Pimentel dá a palavra *Romania* que elle declara dever dizer-se *Romenia*.

E' difficil achar uma justificação para isso. Trata-se de uma nação que a si mesma se chama *Romania*, Nação de origem latina. Si ella escreve *Romania*, si esse nome não tem sonoridade alguma que offenda a nossa lingua — o que aliás se concebe facilmente, por-

que é um termo de origem latina—que motivo temos nós para chamal-a *Romenia*?

Escrever *Romania* não é fazer um gallicismo. Póde ser, quando muito, fazer um *romanismo*. Nada, nesse caso, mais justo.

O Sr. Elpidio Pimentel quer tambem que escrevamos *Suiça* em vez de *Suissa* e *Argélia* em vez de *Algéria*.

Ainda ahi, no primeiro caso, por que se ha de adoptar uma graphia differentee da que usa o proprio paiz a que nos referimos, si em portuguez *ss* e *ç* sãoam do mesmo modo?

No caso da Algéria, occorre alguma cousa de analogo. Sem duvida, os antigos portuguezes diziam *Argélia*. Faziam-n'ò porque o nome do paiz africano se approximava desse som? Não sei. O que todos sabemos é que hoje o nome official dessa região é *Algérie*. Por que havemos de trocal-o, em vez de nos limitarmos a dar-lhe uma terminação portugueza?

Muitos dos termos geographicos eram outr'ora mal escriptos, por ignorancia. Os viajantes ouviam-n'os e transcreviam mais ou menos adulterados os sons que julgavam ter percebido. Seria muito pouco intelligente que voltassemos atraz para peiorar o nosso modo de dizer moderno, copiando erros antigos, só porque são antigos.

Em alguns casos, na sua obsessão antigalicista, o Sr. Elpidio Pimentel vai até condemnar graphias excellentes, perfeitamente etymologicas, só porque nós as adoptamos por causa do francez. Assim, por exemplo, elle quer que escrevamos *dançar* e não *dansar*. O termo, dizem todos os dictionarios, vem do allemão *danson*. Não se vê que motivo póde haver para alterar uma graphia, que é ao mesmo tempo etymologica e racional. O *s*, quando não está entre vogaes, são sempre com o som forte. Por que não o empregar naquelle caso?

Nos gallicismos prosódicos o autor enumera muitos termos de que desejaria vêr mudada a pronuncia. Elle acha que se deveria pronunciar *réptil*, *projéttil*, *anédocta*, *diátribe*...

Em quasi todos esses casos, o que ha não é, de modo algum, gallicismo. Não foi pela imitação da pronuncia franceza que se passou de *projéctil* a *projectil* e de *réptil* a *reptil*. O que houve ahi foi a applicação do principio de analogia. Como em portuguez, a immensa maioria das palavras terminadas em *il* é de pálavras agudas, quem acháva escriptas as palavras *reptil* ou *projectil*, agudas as pronunciava. Nada mais justo, mais natyral, menos inconveniente. Do mesmo modo no caso de *diátribe*, que todos pronunciam *diátribe*, o que se deu foi o que occorre em geral, quando nós vemos, em portuguez, uma palayra terminada em *ibe*. Suppomos que ella é grave, porque quasi todas as outras o são.

Ninguem terá jámais força para impedir a acção benefica da analogia, que faz nas linguas o que as forças naturaes produzem na superficie accidentada da terra, corrocndo as montanhas e elevando os valles, como no desejo de tudo aplinar.

Quando um escriptor queira fazer resuscitar um velho termo, o que deve é empregal-o. Empregal-o, de um modo que se torne digno de imitação.

O espiolhamento de textos alheios para a catação de gallicismos não vale nada.

Com os estrangeirismos usados na sciencia, na industria e nos jogos physicos, ha muito quem se indigne. E' uma indignação que, entre outros inconvenientes, tem o de ser inutil.

Em regra, quem tem filhos não vae pedir aos vizinhos para que estes os baptisem. São os paes que escolhem os nomes das crianças.

As nações que produzem descobertas scientificas fazem o mesmo: vão baptisando seus filhos e os nomes que ellas lhes dão têm a natural tendencia de se tornar universaes.

O ideal seria que nós fizessémos também muitas descobertas para que assim os estrangeiros tivessem de adoptar os termos com que as baptisássemos.

A correcção da lingua é uma virtude, uma grande e louvavel virtude. Mas as linguas se fizeram para a transmissão de idéas e de sentimentos. Por isso mesmo, mais vale um escriptor incorrecto, mas cheio de vida, de calor, de energia, que sabe communicar o que pensa e sente, do que um escriptor correctissimo, mas de que todos fogem, que ninguem atura. O ideal é a reunião das duas virtudes: ter idéas e emoções e saber traduzil-as em uma linguagem castiça. Mas o maior cuidado de pureza vernácula nunca impedirá um escriptor de lingua portugueza de empregar numerosos gallicismos. E um gallicismo eloquente será sempre superior a um purismo incomprehensivel.

---



# Um punhado de gallicismos

PELO VERNÁCULO

**Elpidio Pimentel**

Pag. 19

Estrangeirismo, exotismo ou peregrinismo é todo o vício de linguagem, que consiste na intromissão, em o nosso idioma, de termos ou expressões extranhas, abertamente contrários á sua indole.

Gallicismo ou francezismo é todo o exotismo que consiste no emprego abusivo de expressões ou vocabulos, genuinamente francezes, ou de feição gallicaña, com flagrante e propositado desamor ás nossas velhas normas syntáticas e lexicaes.

Há gallicismos vocabulares ou lexicaes e syntáticos ou phraseologicos.

Os gallicismos vocabulares, por sua vez, se subdividem em quatro categorias; gallicismos graphicos, prosódicos ou orthoépicos, flexionaes e vocabulares ou lexicaes, propriamente ditos.

A nefasta influéncia do idioma francez na lingua portugueza é antiquissima.

Podemos fazel-a descer, com segurança, ao século XII e filial-a, portanto, no periodo medieval ou anticlassico da nossa linguagem, que, segundo o eminente philologo patricio João Ribeiro, abrange o tempo, contado desde o primórdio do século XI até a aurora do século XVI.

Os tropeiros, trovantes ou trovadores provençaes, a ligação da aristocracia franceza á lusitana, a camarilha e famulagem do conde de Borgonha—foram os iniciadores desse lamentavel movimento de perversão do nosso idioma, bastardeando-o desde a sua origem.

De então para cá essa mania de xenophylismo litterario tem crescido em proporções assombrosas, muito embora contra ella se levam-

tem, de quando em quando, enfuriadas vozes de philologos e grammaticos, oppondo embargos á sua damninha proliferação.

Infelizmente o allude de francezismo, que alaga a nossa linguagem, é enorme e cada vez mais e mais se encorpora a escachôa e augmenta e cresce, levando, aos repelões, na sua marcha destruidora, os classicos e genuinos moldes do nosso bom falar, os formosos e castiços modelos do nosso bem escrever.

Entretanto, isso inda não é razão para que nós outros — extremosos paladinos dos brios e vernaculidade da lingua portugueza, que a prezamos sobremodo e lhe queremos com sincera affeição — nos deixemos ficar, desalentados, tristes, inertes, ante o terrível runimol de gallicismos, que nos irritam e a desdouram.

Luctemos. Com Filinto Eliseo á nossa frente:

Sacudamos das falas, dos escriptos  
Toda a phrase estrangeira e frandulagem  
Dessa tinha que, comichona, afeia  
O gesto airoso do idioma luso.

---

## HERMES FONTES — “Miragem do deserto”

O caso de Hermes Fontes tem uma certa originalidade. Foi, como poeta, muito mais louvado e menos discutido, quando publicou o seu primeiro livro de versos, do que está sendo actualmente.

Isso ocorreu, porque elle começou, por assim dizer, explosivamente. Seu primeiro livro foi um deslumbramento de seiva, de vigor; um crepitar admiravel de imagens. Tudo isso, porém, era confuso, tumultuario. Tinha-se uma impressão de grandeza e força; mas não se distinguia bem o que havia de bom e de máu naquelle vertiginoso redemoinho de metaphoras, ora trululentas, ora delicadas.

O tempo tem ido clarificando tudo isso.

Um leitor desprevenido não attribuiria ao mesmo autor os versos de Apotheóses e os de Miragem do Deserto. Este é quasi o livro de um poeta novo. O verso tende a ser em Hermes Fontes a fórmula normal para a expressão do seu pensamento.

Isso é um bem e um mal. Por ahi se chega á perfeita naturalidade, o que é vantagem; mas chega-se tambem á vulgaridade. Ha idéas, que destôam um pouco ditas em verso e que os autores, que versejam muito facilmente, exprimem sob tal fórmula.

Assim, por exemplo, Hermes Fontes faz considerações engraçadas sobre as duas iniciaes do seu nome H. F O H, parece uma escada interrompida, com um só degráu. Escada para subir a quê? O F lembra uma força. Será para subir á força?

Imagina-se bem que, com essa idéa, se faria uma chronica leve e interessante. Nella se poderia falar

de outras letras, alludir a outros nomes proprios. Em verso, isso toma um aspecto pueril.

Seria tambem um bom assumpto de chronica o que está no soneto: *São Frederico*. Hermes Fontes lembra que quando se allude ao Grande Frederico a figura que se evoca é a do astuto e sinistro rei da Prussia. Parece-lhe, entretanto, que ha um Frederico mais notavel: Chopin. E Hermes Fontes o canoniza.

Como isso se prestava a algumas páginas de prósa, graciosas e scintillantes!

O verso não é uma fórmula normal de expressão do pensamento. E' um artificio, um requinte. Não vale a pena vestir com elle idéas, que o não merecem.

O caso dos autores que acabam, como Hermes Fontes, «pensando naturalmente em verso», mesmo as idéas mais corriqueiras, é o de um grande fabricante de sêdas finas, que, tendo em abundancia essa fazenda, com ella vestisse mesmo os seus lacaios, mesmo o pessoal da sua cozinha.

Mas ao lado desse inconveniente, ha a vantagem da naturalidade, quando o autor exprime idéas que são dignas daquella excelsa fórmula.

Os poetas, que fazem laboriosamente versos, por assim dizer, solemnes e cuidados, illudem muitas vezes sobre o vasio do seu pensamento. Não têm nada para dizer; — mas esse «nada» é dito com tanta pompa, que parece ser alguma cousa de muito alto, de muito fino.

Ao contrario, os poetas que se exprimem com naturalidade, precisam ter abundancia de idéas. Hermes Fontes está condemnado ao estudo, á meditação incessante. Com a fórmula que estão tomando seus versos, tendendo para uma fluencia e espontaneidade admiravelmente simples, é preciso que elles tenham variedade de concepções e imagens.

Não é o que falta nas composições de *Miragem*

*do Deserto.* A todo instante, se encontram estrophes em que se exprimem com perfeita singeleza pensamentos, ora graciosos, ora elevados.

Ninguém duvidaria crêr, si lhe apresentassem esta quadrinha como uma daquellas ironicas e conceituosas impertinencias de Campoamor:

«Mas, vê-se, pouco a pouco,  
que as mulheres, só ellas, têm razão.  
Porque si ellas são loucas, bem mais louco  
é quem lhes dá ouvido... E todos dão...»

E como é simples esta imagem, que diz bem o que quer dizer!

«Tão só! tão só! Tão só que estou na vida!  
Eu sou, em relação á Natureza,  
agua retida,  
agua de quérula repreza  
que quer ser curso d'agua e se vê impedida.»

Alludindo a um chapéu feminino, em que havia flôres e azas, elle diz:

«São flôres que compões, azas que desalinhas  
na 'fronte. Azas, em ti? Ora onde vaes,  
já tens, irmã voluvel das ventoinhas,  
azas de mais...»

E em outro ponto, falando do sorriso:

«O riso é dos alegres; o sorriso,  
dos tristes. Muita vez a dôr avulta  
na vaga reticencia de um sorriso  
indeciso  
mais que num grito de aflicção inculta.»

.....

Por isso, á correnteza,  
com que, rio de lagrimas, desliso,  
vae boiando entre as ondas da tristeza,  
essa flôr de artificio e natureza:  
sorriso...»

E' interessante que os poetas achem natural e espontaneamente a solução de problemas que os philosophos discutem laboriosamente.

Ha em philosophia uma questão do riso e outra do sorriso. Algum tempo, as duas andaram confundidas e o sorriso parecia o primeiro tempo do riso ou, ás vezes, um riso falhado. Foi o Prof. Georges Dumas que mostrou o papel social do sorriso, expondo como elle passára a ser um gesto da mimica da polidez, para exprimir certas emoções— e para occultar muitas outras... Elle gostaria de ler o verso de Hermes Fontes, chamando o sorriso

«flôr de artificio e natureza».

Em *Miragem do Deserto* não ha só o que louvar. O autor abusa das interjeições, sempre que precisa de uma syllaba para completar o verso:

Ah! Deus nos livre desse purgatorio...  
Ah! que o ephemero trama vespertino  
Ah! por amor de um sonho — a vida é um pesadelo...  
Ah! si todas as boccas femininas...  
Ah! só agora...  
Ah! sonhos feitos de intimos esfolhos...  
Ah! toda a culpa vem do coração...

Não se comprehende como Hermes Fontes teve a idéa extranha de transformar *Versailles* em *Versalthe*, para rimar com *talhe*. *Versailles* rimava perfeitamente bem com *desmaie, ensaie, espraie, raie*... Mas com *talhe*! Nunca!

«Mas nos labios te ha sempre harmonias verbaes».

é sem duvida alguma, um verso abominavel. E talvez se pudesse applicar o mesmo adjectivo á palavra *dolorosidade!*

Mas, emfim, isto são nugas.

O livro de Hermes Fontes desorientou os seus leitores habituaes, porque elle accusa uma evolução extraordinariamente accentuada para uma simplicidade extrema, que destôa absolutamente da fôrma pelo autor empregada nos seus primeiros trabalhos. Mas a *Miragem do Deserto* é um volume cheio de versos excellentes.

«Vim para realizar um sonho e vejo  
passar-me a quadra rutila e florida  
e exhaurir-se o Desejo... no Desejo!»

E, triste de mim mesmo, ardo e me exponho  
a ser um homem que levou a vida  
sonhando, — e agonizando no seu Sonho!»

*Buena-Dichu* será talvez, mais tarde, um trecho forçado de anthologias:

Olhou-me a pythonisa, -olhou-me e disse:  
«— Brilharás. Amarás. E soffrerás.»  
Eu ia então na minha meninice  
inquieta, ha cerca de um vintenio atraz.

E, tal si por sabel-o, eu antevisse  
o predestino esplendido e mendaz,  
quiz brilhar, quiz amar, quiz a velhice,  
não me recriminasse de acções más.

Para brilhar — busquei a gloria na Arte.  
Para amar — procurei o bem no Affecto.  
Para soffrer — levei a Cruz e o Andor.

Mas a Gloria falhou. Por sua parte  
mentiu-me o Amor. Tudo mentiu... excepto  
a doce mãi dos immortaes: a Dôr.

*Cantiga* é uma série de quadrinhas delicadas:

Todos te dizem que és linda.  
E, porque és linda, não vês  
que a lindeza presto finda:  
fica no outomno, talvez...

Toda mulher, aos quinze annos,  
é bella: e — por bella, que és —  
muitos corações humanos  
vão offertar-se-te aos pés.

Queres todos, todos... Queres  
sem optar por um! E, assim  
(mulheres... sempre, mulheres!...)  
vives ao léo, sem um fim.

Sonhas, talvez, o mais forte,  
o mais bello, o que mais dér,  
o 'mais rico... Ou, num transporte,  
sonhas um poeta. E's mulher...

Canta, canta, Primavera!  
Quando o outomno te aquietar,  
minha alma, que desespera,  
já terá desfeito o altar.

Hei-de vêr-te só e triste,  
sem todos, e... sem ninguem!  
Hei-de rir-me, como riste  
— risos de pena e desdem...

O amor se extingue na posse.  
Feliz, o que te possuir!  
Ora, flôr que vem precoce,  
é mais facil de polluir...

Has de amargar meu desprezo,  
si, acaso, este amor passar...  
Que, antes, um passaro, preso,  
do que mil passaros, no ar...

Uma série de caricaturas do grande desenhista norte-americano, Gibson, mostra uma moça muito formosa, que todos, ao principio, cortejavam muito. Vivia cercada de adoradores, que ella rejeitava. Depois, elles foram escasseando. Mais tarde era ella, velha, quem alongava olhos cubiçosos para os homens. E os homens a desdenhavam. A série se intitulava: *A que quiz escolher muito.*

Nesses desenhos celebres pensava eu, lendo a prophécia amarga de Hermes Fontes:

« Hei-de de vêr-te só e triste,  
sem todos... e sem ninguém!  
Hei-de rir-me como riste  
— risos de pena e desdem. »

*Taça* é um bonito soneto:

Ha no seu busto a imagem de uma taça:  
bebo-a, nos olhos... Ella me inebria.  
Bebo-lhe todo o pouco de alegria  
que, por minha Arte Dolorosa, passa.

Bebo-a. E não vê a minha Phantasia  
que ella não tem nem simples agua escassa  
para o drama infeliz que me desgraça,  
para a magoa interior que me agonía!

Bebo-a... e augmenta-me a sêde, cresce-me a ancia...  
Meus olhos se enchem de esplendor sereno  
e eu agoniso á mingoa... na abundancia!

Taça humana! Crystal sonoro e puro!  
meu desejo é morrer do teu veneno  
que adivinho... que temo... que procuro..

Em *Varição* o poeta nos conta a eterna historia dos rompimentos de amores. Uns, como Eugenio de Castro, propõem trocas impossiveis:

Ahí vão as rosas onde a tua bocca  
poisaste, affavel, antes que m'as dêsse,  
certo dia em que eterno amor juramos...

Nada mais tenho teu; é finda a troca,  
si o desejo não tens (Ah! si o tivesses!)  
de destrocár os beijos que trocamos...

Hermes Fontes tambem devolve flôres sêccas (ellas são de rigor...), mas pede em compensação só o que é seu:

«Pois que tudo acabou, mando-te agora os passaportes dessa despedida:  
— uma pallida rosa resequida,  
uma sombra de flôr, murcha e `inodora...

— E o teu retrato, que se descolora (como se descolora a minha vida), vestindo de anjo, a receber, na ermida, tua Primeira-Communhão — outr'ora...

Mando-te as cartas e os cabellos, mando uma luva. de que essa mão foi alma, quando... E dizer-se que já nem sei quando!

Mando-te... E manda-me — afinal, te digo — manda-me o eterno somno, a eterna calma... Manda o meu coração, que está contigo...

*Bruma, A vida é bella, Canção de agua passada*  
— são poesias bellissimas.

Hermes Fontes faz questão de nos garantir, em uma nota final, que os seus versos traduzem sentimentos sinceros. E assim nós ficamos copiosamente informados de que elle amou alguém e que esse alguém, depois de lhe ter concedido os seus mais gostosos beijos, trahi-o:

«E ser um só o teu primeiro beijo!  
Pobreza triste! Que fazer, então?  
Eu viverei do sonho e do desejo,  
repetindo em silencio aquelle beijo,  
todos os dias na imaginação...»

Si, por esse motivo, essa trahidora augmentar a belleza de versos de um dos nossos melhores poetas, vão a ella os nossos agradecimentos.

Mas é uma velha discussão, sempre aberta, desde o tempo de Diderot, o saber si se precisa de sinceridade para bem exprimir os sentimentos. Talma, um dos maiores actores de todos os tempos, sustentava o contrario e divertia-se no palco, quando representava as peças mais tragicas, a dizer a meia-voz gracejos e chalaças aos seus collegas.

Parece, entretanto, que, em regra, na poesia, a sinceridade tem um effeito: torna simples os autores complicados. Foi, talvez, essa a causa da transformação de Hermes Fontes? Só elle o póde dizer.

Em todo caso, o incontestavel é que seu livro é muito bom. Si elle causou um certo desapontamento aos admiradores do joven poeta, foi porque a transformação do autor se fez muito bruscamente. Mas fez-se bruscamente na bôa direcção, tendendo para uma arte mais simples.

---



# Miragem do Deserto

HERMES FONTES

## A vida é bella

Eu andei pela Vida. A Vida é bella  
como as mulheres... As mulheres são  
o símbolo da Vida. E a Vida é bella,  
porque revela  
os milagres do Amor, do Sonho e da Ilusão.

Sim. As mulheres são o símbolo da Vida:  
lindas e mentirosas  
— uma cilada esplendida e florida,  
recamada de rosas...  
— fonte viva de angustias e carinhos,  
marginada de rosas  
e ouriçada de espinhos...

Eu andei pela Vida: entoei hosannas  
e miseréres.  
Conheci as paixões e as tristezas humanas  
e adorei as mulheres.  
Repercutem hosannas  
dentro em meus dolorosos miseréres...

Uma mulher, porém... (E por isso é que eu penso  
que em redor da mulher toda a Existencia gira)  
deu-me um olhar intenso...  
deu-me a bocca... E, depois, quando eu suppunha  
que era amado, e a chamei por testemunha  
— era tudo mentira!

Eu andei pela Vida. A Vida é um canto...  
A Vida é bella, na ancia e no prazer.  
As mulheres também são bellas... Entretanto...  
Mas a Vida é tão bella! E eu canto a Vida... canto,  
porque é sempre melhor cantar do que gemer... »



# Miragem do Deserto

HERMES FONTES

## Canção de agua passada

Quanto estás longe do meu Sonho!  
Não foste quem devêras ser!  
Devias ser — e, em vão, supponho —  
perfeita e simples como um sonho,  
um sonho azul de alvorecer.

Devias ser, não foste... Sinto  
que, por falhares, eu tambem  
falhei, caí no labyrintho,  
errei, por ti... errei, e sinto  
que estás aquem e eu fui além.

Devias ser simples e bella,  
feita de ingenua perfeição  
e modelada por aquella  
vida feliz que se modela  
só na pureza e na affeição.

Devias ser feita de um sonho  
perfeito, simples, virginal;  
devias ser, e assim te sonho,  
como um diluculo risonho  
enchendo em luz um madrigal.

Devias ser quem te proclamo:  
imagem branca, num andor,  
lyrio alvo e immaculo, no ramo...  
Devias ser... não foste... E eu te amo!  
eu te amo ainda, meu amor!

Amo-te sempre; amo-te, embora  
tenhas mentido ao meu altar!  
Devias ser canção sonora...  
Devias ser, não foste... Embora!  
Sou teu solar crepuscular...

Devias ser, não foste... Emtanto,  
eu sou quem fui. E, para mim,  
a imperfeição te é novo encanto,  
nova harmonia, no teu canto  
e nova rosa, em teu jardim.

Devias ser. Não foste. Eu te amo  
ainda e seja como fôr!  
Cahiu o altar. Murchou o ramo.  
Mentiste... E eu te amo ainda! eu te amo;  
Eu te amo sempre, meu amor!

---

## JOÃO DO RIO

### Pall-Mall-Rio-de José Antonio José

O ultimo livro de Paulo Barreto — *Pall-Mall-Rio*, é de natureza a mergulhar em profundo assombro os que lhe percorrerem as alentadas 484 paginas. Tem-se, no primeiro momento, o espanto de vêr que um tão prodigioso trabalhador perdesse o tempo a notar todas as frivolidades sociaes, que elle enumera complacientemente. Tem-se depois espanto maior ainda por achar reunidas em volume essas breves noticias, publicadas dia a dia em um jornal.

No entanto, depois de lida essa obra (si realmente se lhe pôde chamar uma «obra»), fica-se com a impressão de que do grande e forte e variado trabalho de Paulo Barreto esse será, entre outros, um dos livros *que ficarão*.

Os irmãos Goncourt produziram varios romances, laboriosamente escriptos, com esmeros do que elles chamaram «a escripta artistica». Eram phrases buriladas, facetadas preciosamente. Percorrendo os seus romances, o leitor perdia frequentemente o fio da narração para exclaimar, extasiado:

— Que bella phrase!

No entanto, já agora, tão pouco tempo após o desaparecimento desses escriptores, ninguem mais lê os seus romances. E' como si não tivessem sido escriptos.

Elles deixaram, porém, um diario do que faziam e, sobretudo, do que ouviam. Nesse diario se revelaram taes quaes eram, absolutamente incapazes de comprehender largas idéas geraes. Notaram, porém, minucias preciosas.

E, por isso, só por isso, o diário dos Goncourt é o mais citado de quantos livros elles escreveram.

O *Pall-Mall-Rio* de Paulo Barreto terá, de futuro, o mesmo motivo do diário dos Goncourt para durar. É com certa vantagem notavel para Paulo Barreto: que elle tem, ao contrario dos Goncourt, a capacidade de exprimir a cada instante idéas geraes. Quem quizer mais tarde conhecer a vida da alta sociedade brasileira no nosso tempo, será fatalmente obrigado a recorrer a essa chronica de frivolidades.

Aliás quem pôde desdenhar do que é frivolo?

Voltaire notou que uma pessoa destituída dessa qualidade não poderia viver em Paris. Rara é a rua da grande cidade a que não esteja ligada a memoria de tragicos acontecimentos, que deviam prender a atenção dos que por ellas passam. No emtanto, a vida se faz ahi inteiramente despreoccupada das lembranças do passado.

E não se precisa ir até Voltaire, para buscar confirmações da universal frivolidade, quando essas confirmações são, muito mais fracas do que aquillo que nós vemos hoje.

Pois não é uma demonstração de incuravel frivolidade que possamos nos interessar actualmente por tantas cousas miudas e sem importancia, quando se está travando no mundo a mais formidavel guerra de que jámais houve exemplo?

A frivolidade é um bem... A psychologia moderna tem posto em relevo o admiravel trabalho do nosso cerebro, que procura sempre esconder, eliminar, esquecer todas as idéas tristes e deprimentes, idéas que, si fossem lembradas, empeceriam a nossa actividade. O frade trappista, que deve, a cada encontro com outro, dizer a phrase celebre: «Irmão, nós temos de morrer!» — acaba por dizel-a sem pensar absolutamente na morte. A frivolidade enche, domina, vence tudo. A unica coisa

bôa que a Vida tem — o amor — é bôa principalmente pelos aspectos frívolos — deliciosamente frívolos.

Paulo Barreto não precisa, portanto, defender-se de ter sido um chronista de frivolidades. O seu livro dá a impressão de que elle passa pela vida como um espectador interessado e divertido por todos os seus multiplos aspectos. Elle quereria muitas vezes parecer profundamente preocupado pelos pequenos nada elegantes das rodas de que se fez durante uma estação o espirituoso chronista.

Não faltam, entretanto, de vez em quando, ~~atravez~~ dessas paginas, provas de que o escriptor nem sempre está encantado com a sua tarefa.

Ha phrases, que parecem ditas entre bocejos de tédio:

« Céus! E' a *rentrée*. Como nos vamos aborrecer encantadoramente ! »

« Que immenso desconforto na elegancia carioca ! E que terrível ar de provincia, de *estaminet* de fundo de gare na Costa Azul, esses logares de futilidade, creados para explorar o appetite *snob* do luxo traduzido ! »

« De resto, todos nós temos o cansaço das reuniões, das festas tumultuosas ! Que estranho appetite seria o da analyse das almas das pessoas que se divertem porque não têm outro remedio ! »

Em certo ponto, elle refere ter supportado « uma hora de Camara e quatro chás totalmente elegantes. »

São momentos em que, por cansaço ou por desfatio, elle levanta a mascara.

Em certa occasião, por exemplo, elle descreve e expõe a theoria do *snobismo*. Diz o que se precisa fazer para isso. E esse breve capitulo parece segredar-nos ao ouvido em uma confidencia garôta:

— Não vá V. pensar que todo o *snobismo* deste livro é verdade... Sou eu o primeiro a divertir-me com elle...

Mas logo, com medo que alguém se approxime e o ouça, elle concerta a mascara e entra no meio da agitação geral.

Diz o curto *manual do perfeito snob*, que Paulo Barreto condensa em pouco mais de tres paginas; «Elogiar sempre as mulheres, indistinctamente, fazer a côrte fatalmentee a todas, pasmar diante de cada *toilette*...» E como é isso que se observa de ponta a ponta nas quasi 500 paginas do livro, fica-se, diante de cada elogio a uma mulher e de cada adjectivo entusiastico a uma *toilette*, com a vaga desconfiança de que tudo aquillo seja a obra ironica de um *pince-sans-rire*...

E' bom accrescentar, entretanto, que não ha nesse livro apenas elogios a senhoras e a *toilettes*. Ha uma série de observações sobre todos os aspectos da nossa alta sociedade. Num leve tom despreoccupado, de quem não liga muito apreço ao que está dizendo, Paulo Barreto vai reunindo noções curiosas, desenhando caracteres, fazendo observações de costumes.

Ha pequenas notas que mais tarde serão preciosas para chronistas e romancistas. João do Rio explica muito bem, resumindo uma conversa com Tobias Monteiro, porque ha no Rio de Janeiro tanta falta de vida social. Esse trecho é digno de citação:

«E de novo a sós, Tobias Monteiro diz-me:

— A existencia de um grande club como os da Europa é impossivel no Rio.

— Por que?

— Porque o Rio é a cidade das grandes distancias e são essas distancias os factores da sociabilidade de bairro a que somos mais ou menos forçados. Para o carioca, ha o centro da cidade, a *city* para as horas de trabalho e o seu bairro, a sua cidade. Não foi

elle que assim quiz. Foi a despreocupação dos governadores da cidade e da imprensa, foi o descuido que demonstramos sempre pela resolução dos problemas que nos interessam.

O Rio tem a quarta parte da população de Paris, a oitava parte da de Londres, e, para a pessoa que quer ir de um bairro a outro, é a cidade maior do mundo. Não se vae, viaja-se para...

— Oh !

— Imagine V. um cavalheiro morador em Copacabana, tendo de ir visitar um camarada no Sylvestre ou no Engenho Novo. Em nenhuma cidade ha distancia urbana que leve o tempo despendido por esse cavalheiro na sua viagem. Em menos de duas e meia horas não chega ao ponto. De Paris a Bruxellas gasta-se quatro horas...

Com quasi todos os bairros acontece o mesmo, é o mesmo tempo perdido. Como manter relações com taes distancias? A gente de Botafogo tem só de se dar com a gente de Botafogo e a gente do suburbio com a gente do suburbio. D'ahi a impossibilidade de um grande club central, com grande frequencia diaria. E, como a necessidade do club é um facto, em vez do grande club a que é impossivel vir depois do jantar, os bairros desenvolvem a autonomia e criam os centros de reunião, os clubs dos bairros, de que são exemplos o Club de S. Chrisstovão, o Copacabana Club...

Chegamos a tal ponto de personalisação e de isolamento autonomo, que não ha bairro sem club, e creio agora que sem jornal tambem. São cidades livres ligadas...

— E haveria meio de tornal-as unidas?

— Mas claro ! O meio de encurtar as enormes distancias resultantes do alargamento da cidade, no valle, em torno dos morros, seria um traçado de tuneis e avenidas directas. O prefeito pratico seria aquelle que ligasse os bairros. Para pôr Laranjeiras no Rio Comprido, basta o tunel. Imagine que tempo se aproveita, deixando de dar uma volta immensa. Assim

com outros pontos, por meio ainda de tuncis ou de rectas; como a que pretendeu o Rivadavia com a do Rio Comprido.

A cidade precisa cada vez mais de um novo systema circulatorio, com muito maior numero de grandes arterias. Não seria só á sociabilidade, mas á vida, ao commercio, que o serviço seria prestado. Sabe V.? Um tunnel poria directamente a Central no Cães do Porto. E assim por diante...

Tobias Monteiro continua a falar. Tem immensa razão. E', aliás, um modo interessante de explicar a razão por que as grandes descentralisações cáem sempre no Rio, ao passo que cada vez mais vinga o separatismo individualista. Desmolins escreveu o *Como a estrada cria o typo social*. Tobias dá-nos na palestra um pequeno estudo da topographia psychologica: *De como a planta do Rio feita ao acaso creou uma porção de pequenas cidades na cidade.*

O diabo é que cada vez o isolamento e o exclusivismo se intensificam. Hoje, quem mora no Leme deixa de se dar com o seu amigo mais intimo, se elle passa para o Meyer. A principio não se vêem. Depois não têm mais o que dizer um ao outro. Pensam já de modo diverso. E, tanto o Leme como o Meyer, têm clubs, *skatings*, *grounds*, circos, theatros, sociedade—tudo proprio. Não falta nada. Nem o litterato. Ha poetas do Leme e poetas do Meyer. E, graças aos deuses, muito menos perniciosos que os collegas da Avenida Central...»

Essas observações são justas. Justo é também mencionar que entre nós a elegancia feminina existe e a masculina é quasi desconhecida. Um homem elegante chega entre nós a ser ridiculo.

O contraste se torna ainda mais notavel porque, não havendo quasi grandes reuniões, as senhoras se vestem para o simples passeio quotidiano, com *toilettes* que em Paris se considerariam de luxo. O luxo dos chapéus femininos nas ruas do Rio é uma cousa desconhecida nas grandes capitaes da Europa.

Estas e outras notas não são vertiginosamente profundas e geniaes; mas revelam alguém que sabe vêr e comparar. O que distingue uma cidade das outras, sobretudo no nosso tempo em que ellas tanto se parecem, é a accumulção desses nadas.

E Paulo Barreto diz isso, passando, de leve.

No emtanto, o escriptor de raça, que elle é, não perde nunca os seus direitos. Fala aqui, numa phrase feliz, em certa «tarde luminosa como uma saphira que se diluisse.» Descreve mais adiante as contorsões de um acrobata, vestido de lantejoulas, agil e elastico: «Mas de repente elle salta. E' como um alfange cortando o ar, é como uma esphera em rotaçção, é como um novelo que se emmaranha, é como uma concentraçção de raios, é no espaço numa velocidade de estrella em marcha, o desdobramento polyedrico de uma espantosa geometria acrobatica, infinitamente modificada.»

E como estas poderiam fazer-se innumeradas citações.

Todos sabem que os grandes romancistas contemporaneos não comprehendem escrever nenhum romance sem ter primeiro reunido uma série de elementos. Estudam os seus personagens ficticios com a minucia de um juiz de instrucción, preparando o *dossier* de um accusado.

*Pall-Mall-Rio* é evidentemente para Paulo Barreto o *dossier* de um romance. De um ou de muitos, porque, a partir da sua publicação, nenhum romancista que queira descrever a alta sociedade brasileira poderá deixar de estudar esse livro inverosimil—inverosimil e paradoxal pela mistura de frivolidade e de observação profunda e arguta de que todo elle é feito.

O intuito de Paulo Barreto resalta de certos indícios. Na capa de *Pall-Mall-Rio* ha o annuncio de um romance a apparecer, que se chamará *Profissão de Jacques Pedreira*. Em *Pall-Mall-Rio* Paulo Barreto faz varias allusões a esse futuro heroe do seu livro. N'um

ponto mesmo, dá, em resumo, a psychologia desse « filho-família da melhor sociedade. » Em outro ponto elle descreve o typo do carioca de 1916.

A força maior das sociedades modernas é a opinião publica. Ella se faz pelo jornal e pelas conversas. Por si só, o jornal não póde nada. Elle se limita a fornecer o assumpto das palestras. E' nestas que cada um verifica a concordancia ou discordancia do seu ponto de vista com o dos seus contemporaneos.

Em uma cidade onde cada um recebesse o mais bem feito dos jornaes, lêsse e não communicasse a ninguem suas impressões sobre os assumptos do dia, a imprensa não teria a menor força.

Sociologos profundos, que estudaram a importancia da conversa — a conversa frivola, futil, sem utilidade pratica immediata, — mostraram como foi uma verdadeira revolução social a creação de uma peça especial nas casas para receber as visitas e poder ahi conversar livremente. Os cafés, os *clubs*, os varios pontos de reunião para passar o tempo, e onde as pessoas trocam opiniões, por distracção, só para se occuparem em qualquer cousa, são, no seu conjuncto, a mais formidavel das forças sociaes.

E' lembrando tudo isso que se percorrem as numerosas paginas em que Paulo Barreto, com o seu talento, com a sua graça, com o seu agudo espirito de observação, fez a chronica de todas as mundanidades cariocas no inverno de 1916. Essa gente que elle pôz em scena, de que nos contou, de que nos descreveu a vida — é a nata da sociedade brasileira. Isso dá um interesse grande ao exame dessas *marionettes* elegantes, que, ás vezes, nos parecem se agitar tão futilmente.

Futilmente ou não, — são ellas que dirigem, em grande parte, a opinião publica e que, portanto, dirigem mais ou menos a nós todos...

# João do Rio

PALL - MALL - RIO

- DE -

José Antonio José

## O Guardanapo do "Garçon" carioca

Melancholicamente eu accendera um charuto. O charuto é a unica e derradeira volupia do jantar nos comedoirs nevrálgicos desta cidade, o charuto é o refugio de todos os desejos contidos, de todas as coleras refreadas, de todos os medos escondidos, de todas as coragens heroicas, de um cliente obrigado das casas onde se come desde que se tenha dinheiro — o charuto é o páramo, é a contemplação entre espiraes de fumo do campo de batalha, onde mais uma derrota soffreu o nosso estomago. Quando se accende um charuto é como si a gente acabasse de operar o estomago, a quem já com tanto respeito se referia Esopo.

— Querido amigo, esqueçamos a dura prova! dizem os membros reunidos ao sacrificado Estomago. Divaguemos fumando este havana, que talvez seja falso como as mulheres e os politicos.

— Mas sinto ainda a impossibilidade de digerir os pedaços máos que cá tenho.

— O charuto distrahir-te-á.

E o Estomago, resignado, obedece. Obedece sempre. Graças a Deus! Quando não obedece morremos. Neste paiz em que todos mandam, ninguem obedece e tudo corre mais ou menos, só ainda algumas partes do corpo é que se restringem ás suas funcções e obedecem. Talvez seja por pouco tempo. Mas, aproveitando os ultimos momentos em que ainda podemos gosar da passividade do Estomago sem que o Estomago tenha a excital-o o jornalismo opposicionista, melancholicamente queimava o meu cha-

ruto e ainda com mais melancholia os meus olhos poisavam numa mesa ao lado, desfeita e suja? Eram duas da tarde. Já não havia ninguém para almoçar. Passou um creado, deixou um guardanapo enxovalhado, seguiu adiante. E eu continuava a olhar. De repente ouvi uma voz impertinente.

— Que está a olhar?

Voltei-me. Talvez fosse algum litterato da novissima geração ou algum joven elegante. Mas não havia ninguém ás mezas por trás, e a voz vinha da frente, vinha da mesa onde o guardanapo do «garçon» ficára.

— Sabes a quem contemplos? continuou a voz.

— Eu não contemplo nada.

— Contemplos sim.

— Fumo apenas.

— E olhas para mim.

— Mas quem és tu que eu não vejo?

— Misero mortal, eu sou o Guardanapo do «Garçon» do Hotel.

Larguei o charuto com uma sacudidela brusca de todo o sêr, e attentei bem, cravei bem os olhos no panno enxovalhado, que parecia rir em todas as rugas. Deuses Poderosos! Era elle, era aquelle tremendo nada que ninguém vê, era o symbolo da nossa dispepsia que me falava. E o Guardanapo, sem dar tréguas ao meu espanto, continuava:

— Sim, sou eu. Ha dez minutos, pobre coitado! que te olho e que rio. Estavas admirado de me vêr aqui abandonado, com esperança talvez de que eu vá para a lavadeira? Engano puro e cégo! Não vou.

Estou apenas a refazer as forças perdidas. No jantar remonto as funcções. Não te admires, não!

Eu sou a arma do «garçon» d'hotel, eu sou o symbolo da comedoria publica, eu sou o primeiro annunciador do prato. Somos propriamente um povo de guardanapos, a guarda de honra da alimentação nas casas de pasto. Mas ha fidalgos, ha burguezes, ha socialistas em

outros paizes, ha o duque guardanapo do primeiro «garçon» do Cecil ou do Carlton, ha o guardanapo Vanderbilt do Astoria, ha o guardanapo de sangue azul do Café Anglais, na França e na Inglaterra e nos Estados Unidos. Aqui, porém, só ha um, só o guardanapo democrata, que não serve uma vez só, mas o dia inteiro, o unico, o incomparavel guardanapo do «garçon» carioca.

— Guardanapo democrata !

— Aqui somos todos democratas ou democraticos.

— E tu?

— Eu sou ambas as cousas, e, ainda mais — digno de respeito. Porque ris, misero mortal? Assim como o cinto de Pallas que era unico, assim como o broquel de Achilles que era um só, assim como a espada de Rolando que não teve substituta, eu tambem sou unico? Observa-me desde as tabernas, das casas de pasto baratas. Poiso no hombro do «garçon». Elle canta os pratos e sacode-me, elle serve os pra os e sacode-me, el e limpa a mesa e arrastame pela mesa, elle sua e limpa a cara commigo, elle serve outro prato e é commigo que se encontra para limpalo. O freguez tem as botas com poeira, e eu afasto a poeira; cahiu gordura no fato do freguez, eu acudo; o «garçon» tem a bocca suja de um pitéo engolido á pressa na copa, e eu lhe limpo a bocca, o garçon por acaso lava as pontas dos dedos, e eu enxugo essas pontas, o garçon precisa esconder qualquer coisa que lhe acontece de repente, e eu tapo o acontecimento imprevisto.

— Depois?

— E depois continuo a servir, a limpar os pratos, a espanar as mesas a adejar do hombro para as mãos, das mãos para os pratos e as mesas, como uma flammula de paz, como um pequeno signal branco de confiança e tão carregado de varios ideaes — cheio de nodos de vinhos, de molhos, de suores, de contactos multiplos, que mudo o tecido de alvo em desenho oriental num fundo branco. Podes comprehender

um caixeiro de casa de pasto berrando: «salta um *beef* á portugueza!» sem que eu esteja esticado entre as suas mãos ou cahindo sobre o seu hombro pouco limpo?

— Não comprehendo, mas é uma grande falta de hygiene.

— Hygiene, que é lá isso?

— E's um portador de microbioss.

— Microbio é patacoada. Até a Igreja positivista é dessa opinião.

— Ou antes, um portador de molestias, de porcarias.

— O que não mata engorda, e eu sou um symbolo.

— O que me faz pensar que as classes baixas têm uma força de resistencia extraordinaria.

— As classes baixas! Mas o Guardanapo aqui é democrata. Eu sou o mesmo, unico e solitario nas casas de pasto, nos hoteis ditos de primeira ordem, nos «restaurants» elegantes. Seria uma loucura com o preço das lavadeiras, que houvesse nas mãos do «garçon» um guardanapo para servir cada freguez. Nada de divisões de trabalho. Os clientes são muitos, mas o «garçon» é unico para uma porção de mesas. Depois, a verdadeira comprehensão dos caracteres vem da intima convivencia. Si um guardanapo servisse a cada freguez não teria tempo de ser sentido pelo «garçon» e não lhe prestaria serviços confiantes e leaes.

— Isso é psychologia...

— ... social porque de guardanapo.

— O guardanapo espanta-me!

— Porque não vês o que aos teus olhos se apresenta. Aquí, como nas casas de petisqueiras, accordo com o «garçon», tomo-lhe os bocejos, limpo-lhe os bigodes, limpo-lhe as mesas, limpo-lhe os pratos, as botas, o fato d'elle e dos freguezes. Ao cabo do dia, voejando, preso nas suas mãos, amarfanhado, hora e hora pousando no seu hombro ou no seu braço, viajo da cópa ao extremo da sala, rio dos freguezes, conto as gorgetas, ajudo-o, durmo quando elle cochilla, estando a casa sem clientes, accordo quan-

do o despertam e, no momento de nos separarmos, separamo-nos como velhos amigos — que fizeram juntos um bom negocio.

— Separam-se ao menos para sempre?

— Conforme. Si estou pouco amarrotado ainda sirvo para outro dia. O «garçon», como todo homem, é um ingrato egoista. Quando já não sirvo, larga-me.

Eu tinha recommçado a fumar. O espanto do primeiro instante desaparecera. Só as coisas impossiveis se realisam. Um guardanapo fazendo o seu elogio critico estava perfeitamente na ordem do dia. Era um guardanapo nitzcheano, um super-guardanapo, um guardanapo moderna geração. Aproveitara a occasião, vira-me alli, falara. Falára apenas para fazer o seu elogio. Mas — como acontece com todas as coisas neste mundo, evidentemente o seu elogio, posto que baseado na apparente verdade e talvez por isso mesmo, prejudicava de certo a noção de asseio e de hygiene que se pudesse ter do serviço de comida — num paiz apressado que despreza o comer habitual, porque lhe elevou o significado á faculdade de engulir dinheiro sem trabalho. Ia cumprimental-o e retirar-me. Mas lembrei-me que devia terminar por uma ironia que indirectamente me vingasse a mim e á minha classe pagante.

— Ah ! guardanapo, comprehendo agora porque me fazes a confidencia desse tremendo drama de acção, do «garçon» e do guardanapo contra o freguez ! E's um despeitado entre os guardanapos. O «garçon», excellente «garçon» superior, a quem nem todas as gorgetas do mundo forçarão a servir-me bem — abandonou-te á hora do almoço, e vaes para a roupa suja, antes de um dia inteiro de luta !

Neste momento retinio uma campainha. Era um freguez retardatario que chegava. Veio a correr de dentro o «garçon». Vinha sem guardanapo. Relanceou os olhos como á procura de um amigo querido, correu á mesa suja, apanhou o guardanapo tagarella, encaminhou-se com elle para o freguez, ouvi-o alisando a mesa com

elle, limpou o prato com elle. Nas suas mãos o velho quadrado de panno (porque parecia idoso esse servidor nietzscheano), amarfanhado e esticado, parecia rir. Depois passou por mim correndo. Com elle, com o guardanapo no braço. E de lá trepado, a sorrir, na passagem rápida, o guardanapo victorioso respondeu-me:

— Tolinho ! Como te enganavas. Lembra-te onde estás. Eu sou o guardanapo do « garçon » carioca !

## MARIO BRANT — Viagem a Buenos - Aires

Ha quem acredite que o cinematographo acabará por matar ou pelo menos por diminuir consideravelmente a litteratura de viagens.

E' um exaggero. Talvez, de futuro, quando as projecções tenham côr e relevo, os viajantes, que gostam de fazer longas descripções de tudo quanto veem, percam um pouco o seu successo. Isso mesmo é contestavel.

Esriptores como Fronmentin ou como Pierre Loti lêr-se-ão sempre, não pela fidelidade das descripções — Loti é infidelissimo — como pelo prazer do estylo. E' mesmo curioso notar as deformações que soffrem certos fatos atravez da vizão de grandes artistas. E para apreciar-as ninguem desdenhará de percorrer-lhes as narrações de viagens.

De mais, ao lado das descripções e narrações, ha sempre, nos bons observadores, a indicação de costumes que os surpreendem. E esse é talvez o ponto mais interessante, que permite a varios livros de viagem, escriptos sobre o mesmo paiz ou a mesma cidade, ter feições inteiramente diversas, porque cada viajante faz, consciente ou inconscientemente, uma comparação entre o paiz em que vive, os que conhece e o que visita pela primeira vez. Mesmo sem se empenhar na escolha de singularidades, são as cousas que o surpreendem o que elle primeiro nota. E isso torna o livro de viagens precioso, não só para os seus contemporaneos, como para os que vêm mais tarde, porque as surpresas manifestadas por um escriptor de tal ou qual época lhes permitem medir a variação dos proprios costumes nacionaes.

Em certo logar do seu livro, Mario Brant fala de Ramalho Ortigão, que, tendo estado poucas horas na Hollanda, fez a respeito desse paiz um grosso volume. E ha quem censure a litteratura de viagens, porque em geral é feita de falsidades, de cousas mal observadas e, sobretudo, levianamente generalisadas.

Mas o viajante apressado e de bôa fé que chega, vê e conta, tal como viu, deixa muitas vezes depoimentos mais curiosos do que o dos eruditos e exhaustivos escavadores de archivos. Elle diz com sinceridade o que lhe pareceu novo e original.

Si se demorasse, observaria talvez cousas mais profundas; mas deixaria de lado diversas outras, que ao principio lhe causaram espanto. Ir-se-ia adaptando a ellas insensivelmente.

De mais, tem-se notado que a litteratura de viagens é um dos generos que mais incitam os autores ao plagiato.

Até certo ponto, a cousa é fatal. Tendo de descrever cousas já vistas por outros cujos livros acaba de percorrer, o escriptor deixa-se muitas vezes arrastar a semelhanças excessivas com os seus antecessores, a quem receia ficar inferior, si não dissér que viu o que elles tambem viram. Edmundo de Amicis, visitando a Hespanha, escreveu depois uma obra a tal respeito e esse escriptor admiravel, que deixou tantas obras primas, cometteu na sua narração de viagem alguns plagios indiscutíveis da obra muito anterior de Theophilo Gautier. Chateaubriand descreveu minuciosamente logares onde nunca esteve. Em outros casos, pôz efeitos de luar em pontos bellissimos por onde passou — mas passou em noites, onde não houve luar algum, segundo o demonstrou, com o implacavel testemunho do calendario, a curiosidade bisbilhoteira de Julio Lemaître.

Por esses e outros factos, a litteratura de viagens é tambem muito accusada de mentirosa. Foi para ella que se creou o proverbio: *a beau mentir qui vient de loin*.

Assim, si se dá balanço a todas as péchas que lhe lançam, vê-se que essa litteratura é accusada de inutil, plagiada e falsa. Deveria, por tudo isso, ser muito escassa.

No entanto, o prazer de viajar é tão grande, que, mesmo através das paginas dos livros, elle revela o seu profundo encanto.

O livro do Sr. Mario Brant é a narração de uma viagem a Buenos-Aires. O autor ahi esteve um mez. Como, porém, já levava o intuito de escrever o livro que agora publica, fez uma observação methodica da vida argentina sob os seus diversos aspectos.

O Sr. Mario Brant é um humorista de especie muito rara: um humorista que tem graça ! E, assim, quando o seu livro fosse falso de ponta a ponta, poderia ser lido com extremo prazer. Mas á graça elle junta a justeza de observação de alguém que, habituado a viajar, sabe vêr e, como escriptor, sabe referir admiravelmente bem tudo o que viu. Em vez de tomar um aspecto pedantesco e doutrinario, elle se constitue um companheiro alegre do leitor. E isso não o impede de chamar a attenção para grandes e pequenas cousas que se lhe deparam em caminho.

Em certa occasião, por exemplo, elle mostra o argentino fazendo timbre em manter uma pronuncia da lingua, differente da que se tem em Hespanha. Palavras como, por exemplo, *calle* e *Mayo*, que os espanhóes pronunciam *calhe* e *maio*, elles dizem *caje* e *majo*, dando ao *j* o som que nós damos em portuguez. Em geral, na America do Sul a pronuncia guttural hespanhola desapparece e se adoça. O *j* aspirado não existe.

Já houve quem dissesse que o portuguez era o hespanhol desossado. De facto, a semelhança das duas linguas é grande; mas a hespanhola tem um certo numero de « ossos », de asperezas, dados principalmente pelo *j* aspirado.

O hespanhol das republicas da America do Sul tende a supprimir essa letra desagradavel.

Mas o curioso a notar é, não só o facto em si mesmo da alteração prosódica, como o proposito deliberado dos argentinos, que desejam ter na lingua caracteristicos nacionaes, proprios, inconfundiveis.

Isso está em absoluto desaccôrdo com o ideal de muitos brasileiros, que antes de falar ou escrever procuram, sobretudo, indagar como pronuncia o Sr. Gonçalves Vianna e como escreve o Sr. Candido de Figueiredo, dois cidadãos portuguezes muito illustrados, mas que jámais visitaram sequer o Brasil.

Mario Brant não faz estas pesadas considerações, que aqui se estão escrevendo a proposito do seu livro. Indica o facto e passa adeante.

Em certo ponto, elle refere que durante muito tempo não foi permittido construir em Buenos-Aires sinão casas de um pavimento. Esse regimen durou até 1852. Rosas achava que todos os predios deviam ser de um só andar, quadrangulares, com terraços em vez de tectos e com portas vermelhas. Hoje, Buenos-Aires tem edificios que rivalizam quasi em altura com os de New-York.

Mas não ha muito que sorrir do dictador Rosas, quando se sabe que em Paris uma postura limita tambem a altura dos edificios. Não os limita a um andar. Seja, porém, como fôr, limita. E ahi é que está o extravagante.

Mario Brant diz, em dado logar, que, em Buenos-Aires, « a casaca, á noite, está tão generalisada, que foi rebaixada de cathegoria e denominada *frac*. »

*Frac* é o bom termo francez para denominar a casaca. E a esse proposito seria curioso verificar porque certos termos francezes, que nós conservamos sem alteração graphica e prosódica, mudaram, entretanto, de sentido. Por que o que nós chamamos em francez *frac* é o que os francezes chamam *jaquette*? Por que o que nós chamamos *lorgnon* é o que os francezes chamam *jace-à-main*?

Mas disso, como de tudo, Mario Brant fala ligeira e despreoccupadamente. Em parte alguma, elle se enche de solemnidade para nos transmittir noticias que se podem encontrar em guias de viagem, ao alcance de todas as bolsas. Falando, por exemplo, da cathedral, elle diz o que ha de essencial e accrescenta: «Todas estas informações e mais as dimensões do templo me foram fornecidas pelo sachristão e custaram vinte centavos. Por tal preço, não se pôde exigir muita exactidão nem mais pormenores.»

Mas isto é provavelmente um artificio litterario, porque quando é necessario fornecer dados sérios e positivos sobre o commercio, a industria, a agricultura, todos os aspectos da vida social argentina, Mario Brant sabe fazel-o com precisão e exactidão, de modo a deixar o leitor bem informado e sempre sem fatigal-o.

E sente-se que elle é sincero. Basta lêr-lhe este periodo heroico, para ter a noção de que um homem, que ousa pôr em lettra de fôrma estas affirmações, seria capaz de grandes feitos de bravura:

«Convenci-me tambem, diante da estátua de Sarmiento, de que Rodin está além da orbita da minha comprehensão artistica. E' uma orbita acanhada, na verdade. Não cabem dentro della os cubistas, nem os futuristas, nem a Duncan. Mas para as necessidades presentes me basta.»

Só o que não me parece justo nessa enumeração é o nome de Izadora Duncan. Mas essa artista admirável tem sido tão estragada por elogios ultra-hiperbólicos, que ella faz, ao lado de cousas magnificas, cousas detestaveis. E o *snobismo* dos que se gabam de tudo comprehender, tudo elogia com uma perfeita inconsciencia. E proclamam que todos os seus gestos, mesmo os mais insignificantes, são incomparaveis, são sublimes, são divinos...

Os que compararem, com sinceridade, o *Pensador*, de Miguel-Angelo, um homem na attitude de quem realmente medita, e o *Pensador*, de Rodin, um bruto, que parece estar com uma cólica violenta, verão que Mario Brant tem razão.

Verão... mas provavelmente não o dirão... E em dizel-o é que está a audacia serena e risonha do autor da excellente *Viagem a Buenos-Aires*.

---

# Mario Brant

## Viagem a Buenos Aires

Pag. 5

Quando preparei as malas para partir para Buenos-Aires, minhas idéas sobre essa jornada eram incompletas. Eu sabia que daqui lá se vai em tres dias, numa viagem amenissima, sobre um mar de rosas. Esta noção é verdadeira; apenas a viagem dura cinco ou seis dias, é nada amena e o mar não é de rosas, mas de vagas batidas pelo pampeiro, que elegeu esse trecho de oceano para campo de suas tropelias.

O *Jupiter*, do Lloyd Brasileiro, escolhido para a honrosa missão de transportar a embaixada do Brasil ás festas commemorativas do centenario da proclamação da independencia em Tucuman foi dotado de todos os confortos e recursos possiveis, menos... (sim; porque houve uma falha lamentavel e quasi desastrosa) menos de um acrescimo de tamanho. Aos expertos em travessias maritimas, a idéa de entregar-se á volubilidade das ondas, dentro de um casco de mil e oitocentas toneladas, causa sensação um tanto desconfortante. Depois de fechada a mala me lembrou que uma coisa faltava. Uma coisa que os navegadores andam a procurar desde o tempo dos phenicios. Uma coisa rara como a phenix e provavelmente chimerica como ella: o remedio para o enjôo. Considerando que os inglezes são a melhor autoridade em negocios maritimos, corri á Encyclopedia Britannica, a qual, depois de enumerar todos os remedios preconizados contra esse mal (tresentos e noventa e sete, se me não engano) e de os impugnar a todos um por um, inculca um unico efficaz — a força de vontade.

Muni-me de uma dóse sufficiente deste preparado e embarquei, confiante.

No primeiro dia, o effeito foi excellente; e no segundo tambem. Nessa noite apanhou-nos pela prôa o pampeiro: um «pampeirito», segundo a classificação do medico do navio; um cyclone, na opinião dos passageiros. O pessoal de bordo nunca admite que o temporal actual é rude. O mais violento é sempre outro anterior. De uma feita, no golfo de Biscaia, o vapor em que eu ia apanhou um vento fresco. Foi uma anarchia. O paquete adernava para a direita e para a esquerda e tornava a recuperar o prumo, de um modo que deslocava todas as minhas noções sobre o centro da gravidade, seus poderes e suas attribuições. Parecia ter no bojo um mechanismo de João-Paulino. Meio palmo mais que se inclinasse, teria certamente «adormecido». E' o termo adequado, que aprendi desde essa occasião. Pois bem. Quando serenou o tempo e desamarraram os passageiros e as senhoras guardaram os rosarios, o capitão teve a coragem de dizer que aquillo não havia sido nada, que peor elle tinha visto no... mar da China.

Ignoro o pampeiro legitimo e não tenho ambição de conhecê-lo; o «pampeirito» satisfiz-me cabalmente. E garanto que, quando houver falta de ventanias no mercado, a Argentina poderá exportar seus «pampeiritos» e vendê-los como furacões, que ninguem dará pela fraude.

Ao começar o pampeiro pela prôa, ingeri forte dose do remedio da Encyclopedia Britannica e subi ao tombadilho. Verifiquei logo que o medicamento, mesmo em doses massiças, é pouco efficaz contra esta qualidade de vento e recolhi-me ao beliche.

Em certo momento critico, o creado entreabriu a porta e interrogou se eu queria alguma coisa.

— Socego! respondi.

Elle me serviu o socego e passou ao camarote contiguo:

-- *Seu* tenente, quer alguma coisa?

— Quero; respondeu de dentro uma voz. Quero um continente, um cabo, uma ilha, uma rocha que seja...

Não sei se o creado lhe forneceu o objecto pedido, porque me achava demasiadamente occupado com os meus negocios, para estar a espreitar os alheios. Durante dois dias permaneci sob a dieta de presunto, Caxambú e resignação.

Ao entrarmos nas aguas tranquillias do Prata, o salão repovôu-se e verifiquei, com um sentimento de orgulho pela resistencia da nossa raça, que nenhum de nós havia enjoado. Ao embaixador e ás senhoras seria impertinencia perguntar como haviam affrontado as injuncções do pampeiro. Limitei minhas investigações ao resto da comitiva. O addido naval, almirante Gomes Pereira, estava fóra do inquerito como antigo marinheiro. O general Mendes de Moraes, addido militar, estivera acomettido de... enxaqueca. O conselheiro da embaixada dr. Baptista Pereira não enjoára. Não. Tinha passado os dois dias no camarote, absorvido na leitura da Vida de Bolivar. O sr. Stein, ministro da Russia que seguia a bordo para Buenos-Aires, tambem se ausentára do salão pelo mesmo biduo, para pôr em ordem a correspondencia diplomatica.

Dos outros passageiros nenhum havia enjoado. Eu finalmente... Está claro não podia marear em tão galharda companhia.

Pag. 56

E é um vehiculo destes, um taxi aberto (e imaginario) que o leitor vae tomar em minha companhia, para uma excursão de Barracas a Palermo—do quarteirão das casas de lata ao bairro das residencias de luxo.

— Mira! tchê! está desoccupado?

— *Si señor*, responde o «chauffeur», *adonde vamos?*

— A Barracas, todavia.

O estrangeiro que toma um carro ou taxi em Buenos-Aires deve sempre incluir nas negociações preliminares a interjeição «tché!» E' um signal de que está inveterado nos habitos do paiz; um aviso indirecto ao cocheiro ou «chauffeur», de que não é uma victima imbelles nas suas mãos. Esta classe de gente em toda parte do mundo ignora systematicamente a maxima: *Honesty is the best policy*, renegando, assim, o seu antepassado Automedonte, «chauffeur» de Achilles, e modelo de pericia e probidade.

Se eu commettesse a imprudencia de ordenar simplesmente:

— A Barracas! elle, percebendo no sotaque o estrangeiro recém-chegado, partiria para o lado opposto, daria uma volta por todos os pontos onde não fosse necessario passar, e só me levaria ao logar indicado, depois de ter descripto uma ferradura.

O «tché!» é um carimbo que as pessoas prudentes applicam á sua linguagem nas relações com a gente do povo. E' a senha dos iniciados na vida da cidade.

«Todavia», é a contra-senha, igualmente util. Em Buenos-Aires, este vocabulo tem um consumo inimaginavel. Não se ouvem cinco palavras seguidas, sem um «todavia» de permeio. Ha mesmo quem affirme que a relação é de um para quatro.

«Todavia», significa tudo quanto se quer *et quaedam alia*. Durante vinte dias lhe descobri as seguintes acepções: ainda; entretanto; pôde ser; quem sabe?; oxalá!; a pretexto de; de modo nenhum; acolá; embaixo; talvez; nunca; hoje; ante-hontem; sagazmente; sempre; sim; não; etc.; ao todo 319 significados. Ou talvez, 318; porque figura nas minhas notas «todavia» com o sentido de «constitucionalmente», mas não pude apurar este ponto com muita certeza.

O vocabulo tem applicação geral e illimitada.

No hotel, ao porteiro:

— *Tiene cartas para mi?*

— *Todavía no!*

Na rua, ao policial:

— *Como se llama esta calle?*

— *Florida, todavía.*

Na loja:

— *Cuanto vale esta corbata?*

— *Todavía, tres pesos, señor.*

No salão, apresentações:

— *Señor Fulano.*

— *Señor Fulano.*

— *Mucho placer de conocer usted, todavía.*

— *Yo, todavía; lo mismo.*

A taboada, pela regra, deve se estudar assim:

— *Un y un todavía son dos;*

— *Dos y dos todavía son cuatro...*

As próprias orações não escapam a essa contingencia. Disseram-me que a Ave-Maria, versão argentina, termina assim: «... *y en la hora de nuestra muerte, todavía, amen!*»

A pessoa que sahir de casa apenas com cem «todavias», na carteira, á hora do almoço terá de voltar por nova provisão.

Não sei qual é o valor mercantil deste artigo, mas posso garantir que um «todavía» oportuno vale pelo menos dois pesos e 10 centavos, ou sejam 3\$780. Eis a base deste calculo. Uma noite fui do hotel a um cinema, em rua proxima, e o «chauffeur» cobrou-me 2.70. Para a volta, como ignorasse o caminho tomei outro taxi.

— *Adonde vamos?* perguntou o «chauffeur».

— *Plaza Hotel, todavía!*

Custou-me esta corrida apenas 60 centavos. Como o percurso fôra exactamente o mesmo, conclui que o «todavía» valia 2.10. Mas creio que, adquirindo-se em porção, por atacado, se poderá comprar mais barato.

A maior parte de nosso territorio é propicia ao desenvolvimento das raças africanas, como na região sul dos Estados Unidos. A nostalgia que, na época do trafico, atacava, ás vezes, os pretos recém-chegados, atordoava-se com o samba e se afogava na aguardente. O sol, o calor, completavam o tratamento e a adaptação ás novas condições de vida se realisava com presteza. A avidez do preto pelo fogo e suas consequencias é illustrada pelo seguinte caso.

Em meiado do século dezoito, depois da descoberta dos diamantes no Tijuco, a corôa concedeu a exploração por contractos. Os contractadores tinham direito de empregar na lavra certo numero de escravos, seiscentos em média, e gosavam do monopólio da extracção. O contrabando, porém, não tardou a se associar, da mão esquerda, com a corôa, apesar do regimento draconiano com que o Marquez de Pombal opprimiu o districto diamantino, isolando-o de comunicação com o exterior. O contrabando era alimentado pelos escravos que, durante a lavagem do cascalho sonegavam os diamantes que podiam, engulindo-os e recuperavam-nos depois por um processo que não me dei ao trabalho de averiguar, barganhando-os com os contrabandistas por fumo, aguardente, varas de baêta. O extravio chegou a tal ponto, que o contractador Felisberto Caldeira Brant mandou vir um frade do Rio de Janeiro, para prégãr, confessar e converter a escravaria. Naquelle tempo o escravo era considerado criminoso se furtava um diamante, uma pitada de ouro em pó ou dez réis de fumo ao homem que lhe havia roubado a liberdade! E a lei sancionava esta moral. Tanto valia uma como a outra...

O frade lá se foi, e iniciou a conversão com uma prédica em que pintava com côres sombrias o inferno e as penas reservadas aos negros ladrões. A tradição local conserva um trecho dessa peça oratória, que talvez Mont'-Alverne hesitasse em subscrever.

«Meus irmãos, furtar fumo é peccado! furtar rapadura também é peccado! mas furtar diamante é o maior de todos os peccados!... Furtar diamante dá com um negro de cabeça para baixo nas profundas dos infernos. (Sensação). E sabem que é o inferno, meus irmãos? E' um logar onde não se encontra uma rapadura nem para remedio. A jacuba dos condemnados é temperada com fel!... (Um arrepio de terror correu pelo auditorio.) E a pinga, meus irmãos? Nem uma gotta. Quando a sêde aperta e a pobre alma pede um gole de cachaça, lá vem Belzebuth com um cuité de estanho derretido! (Mal-estar da assistencia.) Mas sabem o peor? E' o castigo reservado aos negros que furtam diamantes. (Atenção). Estes desgraçados são arremessados ao fundo, em um logar onde venta como na serra do Itambé! faz um frio como na chapada do Brumadinho, na semana de S. João! e não existe um covado de baêta!... (Espanto progressivo dos ouvintes.) Nem um palmo de baêta meus irmãos! (Pavor generalizado). E os reprovados se encolhem uns contra os outros, a bater os queixos como um bando de caitetés!...»

Ao terminar o sermão, o contractador extrahou ao prégador aquelle catechismo.

— Mandaram-me vir para ensinar theologia aos negros ou para pôr paradeiro ao furto de diamantes? perguntou o frade.

— Para acabar com o furto.

— Pois deixem por minha conta. Se eu dissésse que o inferno é quente, o Contracto não veria mais um diamante...



## FELIX PACHECO — Martha

A pequena brochura de Felix Pacheco — *Martha* — tem recebido tantos, tão grandes, tão extraordinarios elogios, que a minima restricção a elles assume quasi as proporções de uma irreverencia.

No emtanto, esses elogios são evidentemente exagerados. Felix Pacheco já foi um poeta symbolista. Fez parte do grupo que cercou Cruz e Souza. As excen-tricidades da Rosa-Cruz o seduziram.

Mas o seu claro e lucido espirito não podia de-morar-se muito tempo nessa direcção. Agora, por uma reacção excessiva, dá-nos versos de uma simplicidade extrema. O pendulo, que tinha vindo muito para um lado, é hoje violentamente atirado para o outro. En-tre os dois pontos ha o justo meio termo, a que Felix Pacheco chegará, de certo.

Elle explica a sua transformação dizendo á sua filhinha recém-nascida:

« Andou teu pai outr'ora, no alto Pindo,  
cantando em verso terso as deusas frias:  
mas tua irmã e tu, que apparecias,  
á paz do lar o foram conduzindo. »

*Martha* — é uma collecção de 22 sonetos a uma filha recém-nascida do autor.

Elle nos refere como ella nasceu de improviso, antes da época marcada; nos diz várias vezes a sua grande preferencia por filho varão; nos conta porme-norisadamente o nascimento da pequena Martha. Ha, em tudo isso, cousas de uma simplicidade delicada; mas ha tambem minucias de um bom gosto duvidoso.

Como exemplo deste ultimo caso podem citar-se as referencias ao córte do cordão umbilical. Em dois pontos, por exemplo, o autor diz:

Não tinha vida própria, nem comia,  
e procurando a luz com ancia e pressa,  
antes do tempo a vegetar começa,  
e o cordão lhe separam que trazia.

O alimento por elle recebia...

Amarram-n'o com força em tenue fio,  
e o appêndice cortado se retrái.  
Parte-se então em dois o mesmo rio  
e o affluente menor, sósinho, vai.

Dá-lhe volta uma faixa de amavio,  
ornato da chrisalida que sahe,  
resguardo á cicatriz e contra o frio  
até que um dia, emfim, o umbigo cahe.

Não me parece que haja a menor poesia na descrição de todos esses pormenores obstétricos. E, lendo os versos, ou a gente evoca as operações a que elles se referem, e, nesse caso, o que passa diante dos nossos olhos são scenas absolutamente destituidas de encanto, ou a gente lê os versos, evitando qualquer evocação, e nessa outra hypothese elles valem muito pouco.

Qualquer allusão ao facto a que Felix Pacheco dedicou dois sonetos lucraria em ser feita o mais levemente que fosse possível.

*Glissez, mortels; n'appuyez pas...*

O umbigo é uma das partes menos cantadas do corpo humano—mesmo quando se trata de umbigos já cortados ha muito tempo... Edmond Haraucourt foi um dos raros que ahi acharam inspiração. Falando de um ventre feminino, elle dizia:

Tandis que, ciselé sur l'écusson mouvant  
où s'abritaient la source et les germes du monde,  
le nombril resplendit comme un soleil vivant,  
un vivant soleil de chair blonde!

Em certo momento, Felix Pacheco se indigna porque lhe tomam a filhinha para pesal-a e acha que ella não tem peso algum:

Tolice! não se peza a luz divina,  
Para mim, que sou pai e que sou bardo,  
não tem pezo nenhum essa menina.

Essa affirmação lembra a contraria de um dos mais bellos sonetos de Luiz Guimarães Junior, cuja filhinha iam enterrar. Dizia elle no primeiro momento:

Como é ligeiro o esquite perfumado  
que conduz o teu corpo, ó flôr mimosa

Ao envez de Felix Pacheco, concluia, porém, logo após:

Mas eu, que acabo de te vêr perdida  
nos abysmos sem fim da natureza,  
ó minha filha, ó terna flôr caida;

eu, que perdi comtigo a fortaleza,  
as illusões, o gozo, a crença e a vida,  
ah! eu bem sei quanto esse esquite peza!

E' que as esperanças, junto a um berço, são aladas, risonhas, ligeiras, e as desillusões, junto a um esquite, são terrivelmente acabrunhadoras.

O genero de poesia que Felix Pacheco quiz fazer no seu livrinho tem sido tentado maior numero de vezes por poetisas do que por poetas. Ha, por isso, notações delicadissimas dos primeiros momentos da vida das crianças.

Ada Negri, a maravilhosa, a extraordinaria poetisa italiana, tem alguns versos a crianças, que são perfectas joias litterarias. E' difficil descrever com simplicidade maior uma joven mãe, cuja filhinha adorme-

ceu prendendo-lhe a mão entre as suas, e que não ousa mover-se para não acordar a criança:

Ora ella veglia calma nel sorriso,  
presso il lettucio ove la bimba dorme.  
Hanno nel sonno le infantili forme  
una soavitá di paradiso.  
S'addormentó la bimba con la mano  
ne la sua mano; ed ella piú non osa  
toglier le sue da quelle  
piccole dita, petali di rosa.  
S'addormentó la bimba su lo strano  
ritmo d'una canzon d'ali e di stelle  
e di bionde sorelle,  
ch'ella cantava:— ora la sogna, forse.

Em *Maternitá*, como no ultimo livro de Ada Negri—*Esilio*, ha muitas dessas composições de uma sãtávissima inspiração maternal. Outra poetisa, franceza, Cecile Périn, fez todo um delicado volume, *Les pas, légers*, sobre uma filha pequenina.

Como Felix Pacheco, ella nos pinta tambem uma recém-nascida. E' curioso comparar os pontos de vista em que os dois se collocaram na descripção de uma scena intima tão simples. O poeta brasileiro pensou na criancinha já vestidinha, posta no seu pequeno berço:

Rosada, encolhidinha, e dormitando,  
toda envolta em cambraias e flanela,  
é figurinha de anjo numa tela,  
que a propria mão de Deus fosse esboçando.

A poetisa franceza pensou antes no contraste do primeiro momento, quando o recém-nascido é apenas um embrulhinho de carne, feio, grotesco, ruidoso e no qual, entretanto, se concentram todas as esperanças das mães:

Petit paquet de chair informe et rouge  
aux doigts ensanglantés des Destinées,  
le voici, l'Avenir, qui piaille et bouge,  
sous le regard des Mères etonnées.

C'était cela ton magnifique espoir,  
c'était cela ton bel enfant, ó mère!  
Et longuement tu te penches pour voir  
se contracter sa face grimacière.

Voici battre son coeur faible et puissant  
sous la douceur de ta main palpitante  
et le secret souple et léger du sang,  
écoute à petits coups, s'assure et chante.

O tous les beaux Demains, les beaux Destins  
d'orgueil, de joie et de splendeur ardente,  
que tu vois luire en ces yeux incertains  
tout brouillés d'âme encore inconsciente!

Os temas poeticos são sempre, no fim de contas, os mesmos. Os mesmos e muito limitados... O que ha apenas é que o mundo parece sempre novo aos que vão chegando a elle. Os arroubos dos namorados de todos os tempos, como as emoções dos paes são sempre identicas: sonhos de futuros gloriosos, sonhos de venturas extraordinarias para os filhos recém-nascidos.

A poesia simples — simples na forma e nas ideias — é muito mais difficil que a poesia pomposa. A primeira está a cada instante correndo o perigo de ser banal ou até mesmo grotesca. Para evitar esses escolhos, não lhe é licito recorrer ao vasto arsenal de lugares communs, que tanto é empregado na primeira.

Felix Pacheco começa o seu folheto por esta profissão de fé paterna:

Aqui perpassa um halito divino,  
a refletir-se meigo em vozes de anjo.  
E' uma harpa monocórdica que tanjo,  
Mas sou feliz assim com o meu destino.

Digam outros no verso resupino,  
das glórias e paixões em dezarranjo.  
Eu cantarei meu lar, nem me constranjo  
prendendo a lyra a um berço pequenino.

Alguns talvez hão de sorrir, maldosos,  
e acharão que sou fraco e ando olvidado  
das illusões que amei e que hoje abjuro.

Ai dos impenitentes nesses gozos !  
Eu do mal do artificio estou curado,  
só na família e em casa o sonho é puro!

Em todos os 22 sonetos do seu livrinho, vê-se bem que Felix Pacheco tem razão em dizer que *do mal do artificio está curado*.

Ha talvez mesmo um certo excesso nessa cura. Mas no conjunto a pequena collecção de sonetos intimos, que elle agora publica, é de uma suavidade deliciosa. Quasi se diria que ella parece ter esse perfume tão commum em quartos de recém-nascidos: cheirar a al-fazema.

# Martha

FELIX PACHECO

Pag. 21

Era um filho varão que eu desejava.  
Pedia a mãe também que fosse um homem.  
Mas, em vez de senhor dão-nos escrava,  
E da surpersa os dous não se consomem.

Ninguém deve contar com o que esperava.  
Póde haver imprevistos, que hoje assomem,  
Diversos do que a mente imaginava,  
E os outros sonhos todos logo domem.

Quem sabe se até a meiga flôr captiva  
Não é melhor que um solido menino,  
E não será um dia uma princesa?

A força masculina decisiva  
Não vale a graça eterna da belleza,  
Que fulge na mulher e em seu destino!

---



## RAUL DE AZEVEDO — Amores de gente nova

O numero de romances, que se publicam no Brasil, sempre foi pequeno. A guerra parece tel-o diminuido ainda mais. Assim, a apparição de um espécimen desse genero litterario raro deve ser saudada com prazer.

Raul de Azevedo não é um estreante. Sua bagagem litteraria já conta nada menos de 13 volumes, entre os quaes o de agora é o terceiro romance. Os anteriores — *Doutor Renato* e *Triplíce Alliança* — já o sagraram como um escriptor. Elle é, porém, sobretudo, um chronista leve, espirituoso e com uma excellente cultura litteraria.

O romance, que agora nos dá, é extremamente simples. Ha nas suas páginas a historia de tres casamentos. Nenhum delles teve peripecias muito empolgantes.

Paulo Gustavo, typo superior, quer como intelligencia, quer como caracter, vê em um baile da Legação Chilena Lina Rosa. Apaixona-se por ella. E' correspondido Casa-se.

— E tem muitos filhos?

— Não, porque a moça pouco depois adoece e morre.

Lina Rosa tinha uma amiga, chamada Sinhásinha. Houve um momento em que esta desejou tambem Paulo Gustavo. Não o podendo alcançar, contentou-se com o Dr. Godinho. A unica peripecia interessante deste segundo casal foi que, em um « pic - nic » á Tijuca, o Dr. Godinho tomou alguma cousa por conta dos seus futuros direitos conjugaes... D'ahi resultou que, casado dois mezes depois, teve um filho que não tinha de gestação legal sinão sete mezes...

O terceiro casal se constituiu com um bohemio chamado Sylvestre e uma bella viuva chamada Olga, que todos cortejavam, mas que sabia guardar intacta a sua virtude e mesmo, cousa mais difficil, a sua reputação.

Sylvestre era a lingua mais venenosa do Rio de Janeiro. Todos o temiam pela sua mordacidade. Empregado sinecurista do Ministerio do Exterior, vivia nas rodas elegantes falando mal de toda a gente e annunciando um romance terrivel, em que dissecaria a sociedade fluminense.

Tanto falára nesse livro, que a imprensa já lhe noticiára varias vezes a apparição e havia até quem se gabasse de lhe ter ouvido alguns capitulos.— No emtanto, essa famosa obra não passava de uma simples tentativa de intenção remota e futura. Sylvestre nunca escrevera della nem uma linha.

Quando, depois de resistir muito contra essa ideia, porque sempre disséra do casamento todo o mal que é justo dizer, se resolveu a pedir á mão de Olga, esta lhe respondeu que só o accitaria depois da publicação do seu já celebre volume.

Sylvestre sentia-se, entretanto, absolutamente incapaz dessa empreza. Disse á viuva que o seu romance era tão terrivel que lhe acarretaria innumerós odios e talvez mesmo o empenhasse em luctas pessoaes, pois que estava cheio de allusões ferinas. Melhor seria então que se casassem e partissem para a Europa. De lá, elle mandaria o romance.

A viuva concordou. Casaram-se e um bello dia, enganando-a, Sylvestre queimou diante della algumas folhas de papel, que a mulher julgou serem o nunca-escripto romance.

O par que o autor acompanha com maior attenção é o de Paulo Gustavo e Lina Rosa.

Dá-nos mesmo, como um prato suplementar, a conferencia de Paulo Gustavo sobre o *flirt*. Não se póde dizer que elle a tenha plagiado, porque não ha, de facto, plágio; mas é' forçoso convir que esse rapaz de tanto talento não se deu a muito trabalho para a sua palestra litteraria. Bastou-lhe comprar o volume de Madame Annie de Pène sobre as *Mais bellas cartas de amor*. A esse volume fez apenas uma ligeira e incompleta referencia, falando sómente na autora sem dar o nome do livro.

Essa obra não faz de modo algum concorrência ao *Secretario dos Amantes*, de popular e inexgotavel successo. A escriptora franceza, que já colleccionára as mais bellas orações de todas as religiões, pensou em fazer uma anthologia de cartas de amor de personagens historicos e romanticos.

A sensação que se tem ao lêr essa collectanea é, ao principio, de decepção. Espera-se achar nella cousas extraordinarias. Depois, reflectindo, vê-se que o Amor, quanto mais é profundo e sincero, menos é theatral e declamatorio.

Paulo Gustavo, em vez de tratar do *flirt*, cuja psychologia deixou de fazer, tomou do livro de Madame Annie de Pène uma série de citações de autores celebres.

Fez isso com graça. Os que assistiram á sua conferencia não devem ter-se aborrecido; mas como toda ella foi baseada em um só volume, elle o devia ter citado.

Si Paulo Gustavo tivesse emprehendido fazer a sério a psychologia do *flirt* veria talvez que, no fim de contas, toda ella se resume naquelle celebre rifão popular: «o melhor da festa é esperar por ella.» O verdadeiro *flirt* é um namoro, que não pretende chegar ao fim logico de todos os namoros... O ideal é que elle seja como uma especie de dizima periodica da

paixão e se approxime o mais possível daquelle fim, mas sempre sem attingil-o. Espere sempre a festa, sem nunca entrar nella. Parece que se está a cada instante quasi a tocar o alvo; mas tem-se a certeza de que nunca se transporá a distancia do «quasi» á realidade, embora essa distancia seja de momento a momento menor. Nesse estado de espirito, delicioso e irritante, estado tantálico, de uma ventura sempre imminente e sempre inatingida, é que está o encanto do *flirt*.

O *flirtador* é um sitiante, que não quer tomar a praça sitiada. O que lhe agrada é apenas cercal-a, chegar-lhe até perto dos muros, conversar com a guarnição que a defende...

Si o *flirt* chega á conclusão normal dos amores e vai até á posse—fica immediatamente rebaixado, desclassificado. Não foi *flirt*; não passou de um simples namoró, que, por mais trabalhoso que tenha sido, não merece a honra daquelle designação elogiosa. Porque o *flirt* é a fina flôr do amor,—do amor intellectualizado, espiritualizado, sublimizado...

Mas Paulo Gustavo pouco se importava com a psychologia do *flirt*. O que elle mais desejava era conquistar Lina Rosa. Conseguiu-o. Era o essencial.

Casado, a vida lhe correu muito bem durante um anno; mas logo a mulher foi atacada pela doença de Basedow. E a esse respeito o autor nos faz uma dissertação exhaustiva e erudita sobre o terrivel mal. Explica-nos todas as etiologias, que lhe são attribuidas, dá-nos todas as medicações que contra elle se empregam, descreve todos os symptomas que o acompanham.

Creio mesmo que exaggera o sombrio prognostico dessa enfermidade.

Por fim, Lina Rosa acaba pedindo ao marido que a mate, porque ella não pôde supportar mais as dôres

que a cruciam. Meio alucinado pelos soffrimentos da esposa, Paulo Gustavo acaba por ceder-lhe ao desejo.

«A bala detonou e — coincidência ou fatalidade — atravessou-lhe o coração.»

Não é de crer que a *bala* tivesse *detonado*, porque não era, de certo, uma bala explosiva. Mas si, seja como fôr, atravessou-lhe o coração, não se comprehende como após isso ella ainda achou forças para dizer toda esta longa phrase:

«— Como tu me tens amor, meu Paulo Gustavo! Obrigada! Adoro-te!»

E' verdade que Shakespeare faz Desdemona degolada pronunciar ainda um pequeno discurso; mas são exemplos a não imitar...

Raul de Azevedo, que escreve bem, que escreve com facilidade e elegancia, devia evitar a mania dos termos estrangeiros. Os termos estrangeiros são perfeitamente admissiveis em muitos casos; mas convém não abusar. E é um verdadeiro abuso o que ha em *Amores de Gente Nova*. Sente-se que o autor não acha perfeita uma pagina, quando nella não se vê o italico de varios termos exóticos. Isso é de tal modo exacto que elle não dispensa aquella notação typographica mesmo para as palavras francezas já admittidas na linguagem corrente, como *chalet*, *toilette* e outros. Mas elle não se limita a esses. Uma pequena selecção de exotismos o mostrará:

*Causerie, blasé, cabaret, bonbon, dandy, flirt, conquérant, shake-hands, cocotte, mignonne, coquette, circutez, camelot, placard, atelier, divan, chance, boulevardier, chic, gâté, frisson, écharpe, bras dessus bras dessus, lunch, chez, five-ó-clock, thé, prima qualità, cottage, bébé,*  
etc.

E' evidentemente excessivo.

Mais de uma vez o autor emprega de um modo erroneo as fórmãs *para si* e *para consigo*. Assim, elle escreve:

«O certo é que Olga impressionava-se com as maneiras e as phrases de Sylvestre *consigo*.»

Os grammaticos começariam ficando zangados com o «impressionava-se» depois de *que*; mas, mesmo os que têm um discreto horror áquella casta, não podem concordar com o final da phrase. «Para *consigo*» seriam as phrases que Sylvestre tivesse, falando de si mesmo.

Não me parece tambem justo que o autor diga de alguém que estava «impregnado de um halo superior, emocional.» Um halo é um rexlendor exterior, que em dadas occasiões cerca os corpos brilhantes. Ninguem póde estar *impregnado* de uma cousa que, por sua natureza, só existe *exteriormente*.

Mas estes e outros pequenos senões não tiram o merito do livro, que é bom, leve, agradável.

---

# Amores de gente nova

RAUL DE AZEVEDO

Pag. 11

Morena e alta, d'uma elegancia espontanea e requintada, fina e esguia, com uns gestos morosos de fidalga de estirpe, Lina Rosa possuia a linha suprema da distincção rara. Os seus grandes olhos castanhos escuros quando fitavam, dominavam. Ella tinha ás vezes o olhar firme, direito, recto. Em outras, *nuances*, subtilidades, subterfugios, todo o jogo indefinivel do olhar quando manejado pela mulher intelligente. A testa era alta, os cabellos negros em ondas, o nariz pequeno, o colo cheio, e a linda bôcca feita para beijos, um pouco rasgada talvez, sensual, labios rubros, e dois fios de dentes alvos, brancos, largos, solidos, esplendidamente enfileirados.

Lina Rosa tinha sempre um sorriso... Sorriso de mysterio, de alegria ou de dôr, de doçuras, de bondade, que sei eu?! Era uma esphinge, era bem mulher. E quando entreabria os labios deixando vêr a dentadura clara, igual, espelhante, a sua côrte não sabia bem se era um sorriso de amôr ou de cansaço, uma promessa ou um enfastiamento.

Fôra sempre assim. De menina os seus paes notavam essa maneira doce ou mordaz de sorrir. Muita vez ralhavam, julgando vêr um gesto de descaso. Mas, observando bem, no mesmo momento, só viam bondade e carinho. Talvez — quem sabe? — se tivessem enganado.

Crescera, estava moça, na plena exuberancia dos vinte e dois annos em flôr, e aquelle mesmo sorriso, agora mais accentuado, continuava. Um dos seus adoradores — tantos que possuia! — chamara-lhe mesmo, num transe affectivo, de Mlle. Mysterio. Sentira-se empolgar e tomara um desfranzir de labios por uma

revelação, para depois verificar surpreso que tanto podia ser amôr como desdém...

Mlle. Mysterio! Sim, não fosse ella muher, e bella, e intelligente, e perspicaz, e subtil! Nascera assim, e involuntariamente talvez se conservava assim. Mas o certo é que sobressahia, destacava-se como uma nota de luz n'uma noite negra. Era donairoza, um pouco altiva, d'uma distincção nata. E quando na suavidade das tardes de primavera, ao cahir do ocase, fazia o Flamengo, o seu passeio predilecto, os olhares focavam-a, embevecidos alguns, lubricamente descortezes outros, como que despindo-a, exhibindo-a gloriosa na nudez d'uma plastica soberba!

Passava, e moços e velhos acompanhavam-a com a vista, deslumbrados. Certo não era uma belleza estonteante, maravilhosa, de linhas impecaveis. Mas além de bonita, era d'uma simpathia extrema, irresistivel, e o seu sorriso e o seu olhar como que prendiam, manietavam indistinctamente, dominavam. E moços ficavam ávidos d'aquella rija carne levemente rosea, e velhos sentiam saudades d'uma mocidade que tão longe ia!

Lina Rosa fizera-se entre afaços e caricias. Cheia de vontades, ficara imperiosa. Muito altiva, intrinsicamente dominadora, ella fascinava. Não era o orgulho irritante, mas a fidalguia nata a impôr-se, — aristocracia sã de corpo e de alma.

Zumbiam ao redor de si os adoradores, da sua elegancia perturbadora e da sua graça esfusiante. Nos bailes das embaixadas, ella era talvez a figura suprema na distincção das maneiras. Certo outras haveria de rosto mais formoso, nenhuma com o encanto d'aquelle sorriso, o expressivo d'aquelle olhar, a altivez d'aquelle porte. E quando ella passava cortando o salão em meio, os homens insensivelmente entreolhavam-se, deslumbrados...

## SOLIDONIO LEITE — O Dr. Antonio de Souza Macedo e a Arte de Furtar

A brochura do Dr. Solidonio Leite sobre *O Dr. Antonio de Sousa Macedo e a Arte de Furtar* é quasi uma proeza digna de Sherlock Holmes,—de um Sherlock Holmes, que exercesse a sua sagacidade policial através de velhos livros e antigos documentos, sabendo traduzir o resultado das suas laboriosas pesquisas em excellente linguagem. Um Sherlock Holmes, que fosse ao mesmo tempo um erudito.

A *Arie de Furtar* foi algum tempo attribuida ao Padre Antonio Vieira. Depois se reconheceu que a attribuição era falsa, mas os eruditos andaram, um pouco ás cegas, suppondo-lhe diversas autorias.

Nenhum pensara no Dr. Antonio de Sousa Macedo, diplomata portuguez, contemporaneo e inimigo de Vieira, que o mesmo Vieira invejou e perseguiu.

O interessante no trabalho do Dr. Solidonio Leite e o modo pelo qual elle faz a prova da sua hypothese. Não se contenta em suggeril-a. Compara o estylo da *Arte de Furtar* com o de varias outras obras de Macedo, mostra naquella e nestas varios assumptos identicos tratados do mesmo modo, com phrases iguaes. E' uma indagação miuda, mas por isso mesmo muito probante.

Por ultimo (e ahi mais do que nunca o heroe de Conan Doyle parece ter collaborado), prova que o livro se imprimiu em uma typographia da Hollanda, na qual Macedo já estivera e de cujos habitos de absoluta discrição se certificara.

Não parece possivel que depois do pequeno mas erudito e precioso trabalho do Dr. Solidonio Leite,

reste a menor duvida sobre a disputada autoria da *Arte de Furtar*.

Por isso mesmo, ninguem se deve admirar, si, um dia destes, a Inglaterra requisitar a sagacidade do nosso compatriota para decidir o velho problema da real autoria das obras de Shakespeare... E' homem para isso!

---

# O Dr. Antonio de Souza Macedo e a Arte de Furtar

SOLIDONIO LEITE

Os argumentos com que se tem sustentado que a autoria da *Arte de Furtar* não se pôde attribuir a Vieira, nem aos outros escriptores sobreditos, mostram que só a poderia escrever pessoa na qual concorressem as seguintes circumstancias:

I. Ter conhecimento não sómente das cousas do governo, por uma grande pratica de muitos annos; mas tambem do procedimento dos ministros e demais homens publicos; e ainda, do Governo e regimento dos tribunaes.

II. Ter fallecido em data posterior ao anno de 1664.

III. Ter exercido o cargo de Juiz e de Conselheiro de Fazenda.

IV. Ser escriptor de primeira ordem, «não infeccionado pelos vicios de seu tempo.»

Todas as sobreditas circumstancias concorrem no Dr. Antonio de Sousa Macedo; e muitas outras nos levam a attribuir-lhe a autoria da *Arte de Furtar*, que é sem contradicção um dos monumentos da litteratura portugueza.

Sobejam motivos para suppôr-se que esse livro deve ser obra de um homem que, tendo occupado as mais elevadas posições na magistratura e na politica, experimentasse amargas desillusões, e graves injustiças.

Além de referir factos e historias que em muito desacreditam pessoas altamente collocadas na administração, manifesta em varios capitulos (LX, LXII, etc.) o desengano de um estadista vencido na lueta em que se empenhára contra a corrupção dominante no seu tempo. Por isso «mais parece que é escripto com setta banhada em sangue, do que com penna molha-

da em tinta», segundo diz Candido Lusitano.» (Pag. 18-19)

«Era, diz Camillo, um dos fidalgos mais esclarecidos do seu tempo, um dos mais doutos publicistas e estadistas do seculo XVII, um operosissimo escriptor que em varias linguas nos deixou bons modelos e testemunhos de erudição.

Referindo-se ás *Flores de España*, escreve o mesmo Camillo: «Revelou-se o talento do historiador e do politico, depois confirmado na *Eva* e *Ave*, pela cópia do saber e por vernaculidade raras vezes descahida nos vicios do tempo.»

Na verdade, os vicios a que outros bons escriptores seiscentistas pagaram largo tributo, não se nos deparam sinão rarissimas vezes em alguns dos trabalhos de Antonio de Sousa Macedo, cujo estylo, claro e elegante, é um dos que melhor attestam a belleza do nosso idioma.

Reunia, portanto, esse eminente polygrapho todas as condições necessarias para a composição da *Arte de Furtar*.

Ponhamos em confronto o estylo deste livro e o de outros escriptos por Macedo. (p. 21-22)

«Desafios entre particulares nunca são licitos, assim porque são prohibidos, como porque *ninguem é senhor da vida alheia* nem da sua; para pôr em tão evidente perigo. Nem vale o argumento de defender sua honra, para não ser tido como covarde se não sahir ao desafio, porque isso são leis do vulgo imperito que não devem prevalecer contra as do direito: e *maior honra é ficar um valente tido por christão*, entre prudentes, que por desalmado, deferindo a ignorantes.»

Comparem-se estas passagens da *Eva* e *Ave* (cap. 33):

«...e sobre pouco mais de nada faz um *desafio*. Este é o que o aceita, não têm en-

tendimento para considerar em que vão, ou a morrer, ou a matar; que para os bons é igual miseria... Todo o amigo da honra, escolherá ficar desairoso em uma aldeia a troco de ser furioso em todo o mundo, e bem pobre aldeia é todo o mundo a respeito da Côrte do Céu: só quem negar a Christandade negaria a força deste argumento. Bem a conheceu ha poucos annos nesta cidade de Lisboa um fidalgo bem qualificado, e conhecido por valoroso, que, *desafiado* por outro de iguaes qualidades, respondeu que se *presava mais de christão que de valente...*»

No mesmo cap. XXI temos o seguinte:

«O primeiro homem que meneou arma offensiva para matar, foi *Caim*, contra seu irmão *Abel*. Os *Assyrios*, foram os primeiros que, capitaneados por el-rei *Nino*, fizeram guerras a nações extranhas. Pão, um dos capitães de Baccho, inventou as alas nos exercitos, e ensinou o uso dos estratagemas, e o vigiar com sentinellas. *Sinon*, foi o primeiro que usou fachos. *Lycaon*, introduziu as treguas; *Theseu* os concertos; *Minos* deu principio ás batalhas navaes; e os Thessalos ao uso da cavallaria. Os africanos inventaram as lanças; os martinenses as espadas; e esgrimir estas armas ensinou *Demeo*. E sobre todos campearam Constantino Anclitzen Friburguense, e Bartholo Suarez Monacho, que descobriram o invento da polvora e machinas de artilharia e fogo *para destruição do genero humano.*»

Compare-se o que se lê na sobredita *Eva* e *Ave*:

«Depois do diluvio o primeiro que por armas conquistou foi *Nino, Rei dos Assyrios*, só com gente em chusma; Aralio, setimo rei do mesmo foi o primeiro que formou exercito com ordem. Os de *Thessalia*, inventaram pelejar a cavallo, donde se originou a fabula dos centauros; os de Trygia, pelejar em carro de dous cavallos; Iriconio em carro de quatro, *Sinon* no cerco de Troya ordenou as atalayas; *Lycaon*

deu fôrmas ás tregoa; *Theseo* ás ligas ou confederações; e assim cruelmente se foram vangloriando outros de multiplicarem inventos *para destruir o genero humano.*» (p. 24-25)

A sobredita *Armonia Política*, dedicada ao Principe D. Theodosio, foi impressa em Amsterdam no anno de 1615. A *Arte de Furtar*, que tambem traz dedicatoria ao mesmo Principe, sahiu com a indicação de ter-se impresso em 1652 na mesma cidade.

Com argumentos valiosos, sustentou Francisco José Freire, que o estimado livro, falsamente attribuido ao Padre Vieira, não podia ter sahido á luz nessa data. E Camillo mostrou que devera ter-se impresso depois de 1664.

A indicação, porém, de impressa no anno de 1652, em Amsterdam, officina Elzeviriana, mostra que o seu verdadeiro auctor tinha certeza de haver alli nesse anno a mesma officina. E Macedo alli estivera de 1651 a 1652 na qualidade de embaixador, e até visitara a sobredita officina; certificando-se do sigillo que o seu proprietario guardava a respeito dos trabalhos que lhe eram confiados.

Lê-se na *Eva e Ave*, pag. 127:

«Para exemplo dos impressores refiro, que indo eu em Hollanda vêr a famosa Officina Elzeviriana, entre os livros, que em varias linguas se estavam imprimindo, era um na castelhana, enviado de Madrid; e começando eu a ler uma folha d'elle, me impediu cortezmente Elzevir, mestre e senhor da officina, sem me valer a auctoridade de Embaixador, que eu era do Senhor D. João IV aos Estados geraes daquellas Provincias unidas, dizendo, que tinha por crime deixar ler cousa alguma do que imprimia antes de o auctor o publicar; porque furtando-se o bom pensamento, ou novidade que elle achara, ficava velho, e sem louvor, quando sahia o livro.» (p. 31-32)

## CASSIANO RICARDO — *Evan- gelho de Pan.*

O livro de poesias do Sr. Cassiano Ricardo — *Evan-  
gelho de Pan* — é dos melhores que se têm publicado  
ultimamente. O autor sabe fazer versos excellentes,  
exprimir ideias nobres e elevadas.

Si ha uma restricção aos grandes elogios que seus  
versos merecem, é a de uma certa frieza, que reina em  
quasi todo o volume. Esses versos, calmos, bem fei-  
tos, cuidadosamente cinzelados, não parecem vibrar in-  
tensamente. O facto provém talvez da escolha dos as-  
sumptos.

Não ha em todo o volume uma só poesia de amor.

Parece que o anno corrente é o dos poetas não  
amorosos. Já em Zodiaco o Sr. Da Costa e Silva nos  
déra um livro deste genero.

Sem duvida, embora o amor seja, no fim de con-  
tas, a unica cousa séria do mundo, numerosos poetas  
abusam d'isso, para nos dizer banalidades. Quando, po-  
rém, alguém o quer deixar de lado, precisa transferir  
para o que canta o mesmo ardor que o amor inspira  
habitualmente.

Não ha uma simples phrase, com pretensões a es-  
pirituosa, em dizer que o Amor é a unica cousa séria  
do mundo. Todos os que estão vivos provam, por esse  
simple facto, que as cadeias muitas vezes milenares  
dos seus innumerados ascendentes, variando, embora, em  
todos os outros sentimentos, só em um estavam de  
accôrdo: na excellencia do amor.

Neste momento, o mundo inteiro vibra de horror  
diante de uma guerra sem precedentes, inexcedível na  
sua grandeza. Mas a sua grandeza vem exactamente  
de que ella interrompe a tranquillidade dos lares, a

possibilidade do amor calmo e sereno de milhões de homens e todo o seu immenso esforço é para constituir uma sociedade nova, em que o homem tenha o direito de amar livremente, tranquillamente. Póde-se, portanto, crear para o julgamento de todas as outras cousas um estalão de amor. E', como diria um mathematico, em «função do amor», — do amor que perturbam, consentem, preparam, ou animam, — que todos os outros sentimentos humanos devem ser julgados.

Cantar directa e unicamente aquella emoção fundamental do espirito humano póde parecer estreito, porque é não revelar que se comprehendem todas as suas irradiações. Mas eliminá-lo completamente constitue talvez um erro maior.

Por que motivo cantar sómente rios e regatos e não cantar o grande oceano para o qual todos elles correm — o grande oceano, de cujas aguas evaporadas, condensadas e cahidas de novo sobre a terra, se formam todos esses cursos de agua?

O Sr. Cassiano Ricardo antes parece um ourives, attento em tomar com delicadas pinças esta ou aquella pedra preciosa e em inseril-a na joia que está compondo.

A primeira parte do volume, embora dividida em varias poesias, é um poemeto sobre a lendaria morte do deus Pan.

O autor conta isso com grande belleza (não se dirá: com grande fidelidade); mas, como o assumpto não deve ser muito conhecido e, mesmo conhecido, não é prodigiosamente emocionante, lamenta-se todo o esforço artistico despendido para a composição dessa parte do livro.

Plutarco narrou a historia de um piloto egypcio, chamado Thamuz, que, passando perto da ilha de Paxos, ouviu uma voz dizer que o grande Pan tinha morrido.

O maior mérito de Pan, nos tempos modernos, é o de fornecer um prefixo para as doutrinas, que pretendem ser universaes, como, por exemplo, o *panamericano*, o *pangermanismo*, o *panslawismo*, a *panspermia*, o *pansexualismo* de Freud e outros.

Pan, na mythologia greco-romana, era um deus inferior, de ascendencia meio-humana, meio-divina, e os deuses dessa especie morriam sem muita difficuldade. Hoje, se acredita aliás que o piloto egypcio deve ter confundido o que ouviu. A morte que se annunciava era a de Adonis, cujo nome syrio, Thamuz, o piloto confundiu com o seu proprio. Todos os annos se annunciava a morte de Thamuz, em um rito, tão previsto e regular, como o que na sexta-feira santa catholica faz annunciar a morte de Christo.

Mas tudo isso não tem importancia alguma. Pouco a pouco, uma tradição poetica foi fazendo de Pan a incarnação da natureza.

Pois que, entretanto, o Sr. Cassiano Ricardo quer nos contar a lenda da morte de Pan, valia a pena ser fiel.

Em certo ponto, elle diz:

Thamo era um pobre pescador de perolas.

Por que *Thamo*, em vez de *Thamuz*? Thamuz era, aliás, não um pescador, mas um piloto egypcio.

O nome Thamuz era muito vulgar no Egypto. Reinach suppõe que o piloto passou por perto da ilha de Paxos, quando os adeptos de religião de Adonis, clamavam a formula ritual: «*Thamuz, Thamuz, Thamuz, o Muito Grande, morreu.*»

Como elle, piloto, tinha o mesmo nome, acreditou que era alguém que o chamava para dizer que «o Muito Grande» tinha morrido. E entendeu que «o Muito Grande» era Pan.

A explicação de Reinach é engenhosa. Elle a expoz longamente, com a sua habitual erudição.

Mas no fim de contas, como todas essas historias mythologicas são velhas e frias, destituídas de interesse! Sente-se isso bem, vendo que nem os versos de Cassiano Ricardo, tão bons, tão artisticamente feitos, conseguem abalar-nos ou commover-nos. A historia daquellas mulheres perseguidas, que se transformam em plantas ou animaes, historias que enchem a mythologia greco-romana, não têm nem grandeza nem belleza de outro genero. O mais que se póde fazer com assumptos taes são composições leves e graciosas. E' o que ha no *Evangelho de Pan*.

O poeta, narrando a historia de Syrinx, a nymphá que se transformou em caniços de que Pan fez a sua primeira flauta, canta esta ultima:

« Ruda flauta de Pan, doce tuba sonora,  
inda hoje sobre a terra o teu eco perdura,  
teu gorjeio soluça e freme, como outr'ora  
fremia e soluçava, á divina tortura...

Freme no acre rumor das fanfarras da Aurora,  
nas surdinas do vento, entre a floresta escura,  
soluça no fragor das cascatas e chora  
na voz da natureza, em languída doçura...

Na muzica do mar, no rujido profundo  
das feras, no chorar notambulo do vento  
no sonoro clamor fantastico do mundo,

Em tudo o que hoje chora ou canta ao nosso  
Jouvido,  
ha um éco uníversal do barbaro lamento  
com que Pan, celebrou o seu idéal perdido!

São versos de poeta—de bom e grande poeta, justamente cuidadoso da fórma. Vê-se que elle evita as rimas vulgares, sem, entretanto, chegar a extravagancias de pensamento, com o fim unico de empregar consoantes rarissimas.

Só num ponto talvez, em outro soneto, elle teve um deslize, rimando *arcáde* com *saudade*, quando a boa prosodia é *árcade*.

O soneto *Oasis verde* é dos mais bonitos:

Ha um longinquo paiz que ás vezes visitamos;  
extasia-se o olhar que os recantos lhe sonde,  
entre o suave frescor dos seus verdes recamos  
e a luxuria pagã, que envolve cada fronde...

Essa é a patria encantada e lonje que sonhamos,  
entre a poeira fugaz da lenda azul que a esconde;  
oasis que nos estende a sombra dos seus ramos  
e ao grito do viandante estremece e responde...

Vós, que andais a sonhar, pela existencia em fóra,  
esquecei, no passado as illusões sepultas,  
ide á verde vivenda em que a Esperança móra.

Ide; mas não proveis dos frutos que colherdes  
nesse reino feliz de esmeraldas ocultas,  
nesse bosque outonal, cheio de frutos verdes...

Falando de uma lagôa morta, com suas aguas tristes e estagnadas, o poeta nos diz:

Hoje, quando se estréla a noite — a noite escura  
de teu seio tambem se estréla; e então acórdas  
de novo, refletindo a luz, que vem da altura.

E ao léu de azul insonia, a um cantochão de maguas,  
coaxam funereamente as rãs nas suas bordas,  
na illusão de estar vendo um céu dentro das aguas...

Toda uma parte do *Evangelho de Pan* — e ainda nisto o volume de Cassiano Ricardo lembra o de Da Costa e Silva — é consagrada a uma série de animaes diversos: — abelha, cigarra, rã, caracól, vagalume, aranha, mariposa, garça, gato...

Composições desse genero não dão a sensação de verdadeiras poesias. São teteias, são *bibelots* poeticos. Tem-se a impressão de vêr o autor tomando um livro

de Historia Natural, correndo o indice e diante de cada nome de animal, perguntando: «Que posso eu dizer deste?» Em poesias taes, não ha emoção; ha habilidade.

Em 1906, o governo francez deu o premio nacional de poesia a Abel Bonnard, que no seu livro, *Les Familiars*, cantou a varejo toda ou quasi toda a arca de Noé. Até os mosquitos e o percevejo tiveram menções em verso!

Cassiano Ricardo não foi tão longe e é justo consignar que para cada caso achou um pensamento original.

Tratando da aguia o que lhe acudiu foi a lucta entre o seu desejo de elevar-se e a fatalidade do peso que acaba sempre forçando-a a pousar:

Aguia, o mundo te prende, a altura te repelle!  
Mas não quedas, no exilio, alheia a tudo e imbele,  
pois essa ancia de voar é que te faz divina.

Quando o azul te attrahir de novo, sê mais forte:  
vôa, levando ao céu a dôr que te domina,  
traze, voltando ao mundo, a redenção da morte...

A abelha, a procellaria, a cigarra, outros animaes ainda suggerem-lhe idéas graciosas ou interessantes. O caracól, com a casa ao dorso, faz com que elle sinta «o fardo de viver pesar-lhe sobre as costas.» Para a aranha elle achou este final de soneto:

E entre essa teia azul e a trama das orquideas,  
recorda-me o vai-vem do seu vulto macabro  
a alma humana tecendo enredos e perfidias...

O gato, esse, tem toda uma vasta litteratura em sua honra. Paradis de Moncrif escreveu a *Historia dos Gatos*, que é interessantissima. Nella se encontra o cele-

bre soneto á gata de Mme. de Lesdiquières, gata que morreu em plena mocidade, absolutamente virgem:

Que lui sert maintenant que, dedaigneuse et fière,  
jamais d'aucun matou, sur aucune gouttière,  
elle n'ait écouté les amoureux regrets!

La Parque étend ses droits sur tout ce qui respire  
et de ne rien aimer, tout le fruit qu'on retire  
c'est une triste vie et puis la mort après...

Baudelaire falou dos gatos em numerosas poesias:

Les amoureux fervents et les savants austères  
aiment également dans leur mûre saison  
les chats puissants et doux, orgueil de la maison,  
qui comme eux sont frileux et comme eux sédentaires.

Rollinat, nas suas *Nevroses*, trouxe também o seu contingente de louvôres aos gatos:

Panthère du foyer, tigre en miniature,  
tu me plais par ton vague et ton aménité,  
et je suis ton ami, car nulle créature  
n'a compris mieux que toi ma sombre étrangeté,  
panthère du foyer, tigre en miniature.

Até o grande e austero philosopho e historiador Taine, que tão poucas poesias fez, cantou igualmente a gloria dos gatos. Um dos seus sonetos começa por este quarteto:

Dans votre coeur tranquille et dans vos larges yeux,  
ô vénérable chat la sagesse est innée;  
votre ronron sans fin près de la cheminée  
est l'écho bourdonnant d'un rêve harmonieux.

O poeta do *Evangelho de Pan* também se impressionou com o olhar dos gatos.

Não foi, porém, a sabedoria e sim a felicidade, que lhe pareceu descobrir nelles.

E em lhe ouvindo o rosnar, si um dia lh'o entenderdes  
vereis quanto é feliz uma alma que se illude,  
vendo a vida através a côr de uns olhos verdes...

Não cabem aqui as citações dos sonetos sobre o caracól, a aranha e outros. Mas para terminar com chave de ouro, talvez sirva este soneto á Noite:

Negra monja divina, eu te amo quando desces,  
do teu claustro azulado abrindo a porta... Eu te amo!  
E's tú quem me abençôa, ouvindo as minhas preces,  
quando te pões a ouvir a dôr em que a alma inflamo!

E's tú que a Terra hostile semeias de aureas mésseas,  
pondo com o teu orvalho um fructo em cada ramo;  
e em cada flôr sequioza uma lagrima esqueces,  
como em funda saudade o pranto que eu derramo...

Em teu lucto é que eu choro a morte dos meus dias!  
Certo, ao termo fatal das minhas ancias quérulas,  
tú me virás fechar os olhos com as mãos frias.

E então reza por mim; que o fulgido estelário,  
é o teu rosario azul de estrellas ou de perolas  
e o Cruzeiro do Sul é a cruz do teu rosario...

Em todas as suas poesias o autor do *Evangelho de Pan* se affirma, não como uma promessa, mas como a realisação já effectiva de um grande artista do verso.

---

# Evangelho de Pan

CASSIANO RICARDO

## O RIO

Pag. 71

Brota de humida gruta um fio de alva prata, que de uma orbita cava enormemente escura, vem brilhar, ante o sol; é a Terra que o desata, sobre os sulcos do rosto, e em pranto transfigura a dôr de ser eterna! E a lagrima, orvalhando os algares, beijando as rochas, corre, brilha, treme, pelos desvãos da foja; e á luz, bordando o alvo leito de areia, um corrego rendilha, com flóculos de espuma, as fraldas da montanha, e sussurra, e borbulha, e freme; é a lymphá clara de um regato, que aljofra as moitas e que banha os valles... Já não treme apenas, já não pára, pelas pedras, volteando, ás tontas. Desce, ás soltas, palpita, rasga o bosque, orvalha a terra: é o rio que da nevoa sacóde as clamydes revóltas, como serpe, a collear, pelo sertão bravo!

Encrespa o dorso escarneo, á viração que o afaga, levando, do amplo bosque, as verdes palmas: canta, crispa-se, em atropello, espraia a espuma, alaga as margens, engrinalda as pedras, na garganta dos abysmos... A selva, ás doces brisas tremulas, desfolha os ramos do al'ó, em fremitos de festa, e de flóres recama, e cobre de aureas gemmulas, á passagem do rio, as suas aguas... Cresta, com os seus beijos de fogo, o sol as frondes; curva, em arcadas de flôr, o bosque os verdes ramos, para que o rio role os combros de agua turva, sob um arco triumphal de virides recamos...

E inda, ás vezes, ao luar, de novo, o rio acórda a illusão de que a Terra, ás orbitas das grutas, chora, copiosamente, e com o seu pranto borda, como de um risco branco, o seio ás selvas brutas;

e a tetrica amplidão das noites ermas frisa,  
e a reflectir o céu, reflecte os astros; pelas  
curvas, pelos grotões, pelos vergeis deslisa,  
sobre a terra espelhando o crivo das estrellas...

Mas, de repente, o dorso espumeo em ondas leva,  
Ruge! Quem o revolta? e é um leão, a verde grenha,  
em borbotões de aljôfre, a sacudir, na treva  
de uma escarpa bravia! E' um leão que se despenha,  
mosqueado de esmeralda e prata, entre os barrancos  
e os abysmos de pedra. E' o rio que desata,  
em gloria, a côma glauca, e a esfolha, em flócos  
[brancos,  
rolando, num clangor selvagem de cascata...

Na quéda desvairada, as aguas fervem, lividas;  
catadupa de neve! e ao negro pégo, ás roncás,  
precipitam-se; á luz do sol, torrentes vividas,  
perolados cachões de espuma, as fragas broncas  
rendilham, desfazendo, em alvas pedrarias,  
a revôlta caudal das ondas crespas... Brama,  
em échos, na amplidão, nas longes penedias,  
a voz do rio, em furia! é o canto que derrama,  
selvagem e profundo, a catarata infrene,  
atirando, lá em baixo, as aguas alvi-céculas,  
na barbara afflicção do seu rugir perenne,  
na apothese brutal de se cobrir de perolas...

Mas, o rio não morre! Antes, a quéda o aviva;  
e, de novo, procura, entre os juncaes, seu rumo.  
Beija-o, chorosamente, a luz da tarde estiva,  
ou cahe, sobre elle, a treva, em espiraes de fumo...  
E a doce calma azul das noites claras frisa,  
e a reflectir o céu, reflecte os astros; pelas  
curvas, pelos grotões, pelos vergeis deslisa,  
sobre a terra espelhando o crivo das estrellas...

# Evangelho de Pan

CASSIANO RICARDO

## ARVORE

Pag. 85

A uma semente obscura, a um grânulo dourado,  
que o vento na aza trouxe em tremulos adejos,  
a Terra verde abriu o escrinio perfumado,  
em que guarda do orvalho as lagrimas e os beijos...

E em seu seio, que o sol fecunda e o effluvio escalda,  
cheio de humus e seiva, á luz da vida, um dia,  
abrindo, anciosamente, as folhas de esmeralda,  
e vergontea flexil de uma arvore nascia...

Toda a gloria da Terra, em suas gemmas, como  
sob a luz a tecer extranha auréola, vinha;  
e assim, erguendo, em festa, a fronde, ao verde  
do caule, ella alcançou o azul; fez-se rainha!  
[assomo

Hoje, num régio throno, em meio ao bosque, impéra.  
Póde o vento cingil-a e os brilhos e os desmaios  
da tormenta açoital-a; o outomno e a primavera  
fazem-n'a a fronte erguer á colera dos raios...

No seu diadema heril, a riqueza da Terra,  
essa arvore hoje a expõe e a ostenta, sobre os ramos,  
desde que, ao fogo da alva, o seu perfil descerra,  
em aureo encantamento, a c'rôa de recamos.

Desde que, ao sol crinaureo, o seu collar de orchídeas  
treme, faiscando em ouro e em flavas lantejoilas,  
ella, aberta do espaço' ás explosões merideas,  
queima o seu morno incenso em virides caçoilas...

E os brilhantes de orvalho, e as lacrimosas gottas  
que a luz, nos seus desvãos, em gemmulas transmuda,  
começam de escorrer, dentre as clamydes rotas  
com que a neve lhe envolve a cupula desnuda.

E os borrifos de aljofre, e o asperges de alva prata  
que o luar, vindo do azul, beijando á selva os myrtos,  
nessas noites de inverno, em lagrimas, desata,  
são a bençãam do céu sobre os seus braços hirtos!

E quando, ao vir, do outomno, as folhas crespas bolem,  
ao sol, que o louro lethal esváe, nó céu profundo,  
extranha archimagia! o ouro nutriz do pollen,  
ella, á flux, o desfaz, no bosque moribundo...

Terra verde! alimenta essa arvore florida,  
dá-lhe seiva e perfume! e ao vento, e á luz funesta,  
ella ha-de sacudir, em commoções de vida,  
a auriflamma triumphal da primavera, em festa...

Ha-de ao certo ostentar, na altiva pompa, o anceo  
de florir, de triumphar, de erguer os ramos brutos,  
ostentando o esplendor de vida que em teu seio  
lhe deu vigor ao caule e a recamou de fructos.

E os teus dons, e os teus bens, e os teus encantos, tudo;  
e tudo o que em teu seio é amor, é vida, é essencia,  
ella ha-de expôr ao sol, nas folhas de velludo,  
na ancia de celebrar a gloria da existencia.

E o teu gorgeio, e o teu lamento, arias e cantos  
que o pétreo coração das montanhas esconde,  
nas furnas, nos covis, em todos os recantos,  
certo elle os verterá nas citharas da fronde...

E o céo ha-de os ouvir, ouvindo as vozes que ella,  
ao sol e ao vento, á luz e á noite, ao luar e á sombra,  
derramar, quando uma aura ou sôpro de procella  
beijar ou sacudir a grimpa em flôr que a ensombra!

E cada vez que o céu, como em divina bençãam,  
ouvir, da arvore, no alto, a invocação profunda,  
ha-de tambem ouvir as ancias que se adensam  
dentro em teu coração de mãe, Terra fecunda!

## R. VON IHERING — Atlas da Fauna do Brazil

O Sr. Rodolpho von Ihering publicou um *Atlas da Fauna do Brazil* acompanhado de um volume de texto. A' frente deste ha um prefacio do Dr. Arthur Neiva, que chama a atençaõ para o facto de não termos nenhuma Historia Natural Brasileira, pois que não se póde quasi dar esse qualificativo á de Piso e Marcgrav, publicada em Amsterdam... em 1648! Depois disso — mais de tres seculos depois — appareceu um pequeno trabalho, já tambem antiquado, de Goeldi, sobre Aves e Mammiferos do Brazil. E é tudo.

E' tudo — e evidentemente não se dirá que seja muito...

O Dr. Arthur Neiva faz do trabalho do Sr. Ihering um bom elogio, dizendo que se achariam outros naturalistas brasileiros capazes de tratar tal ou qual ponto com igual ou maior competencia; mas que ninguem o poderia fazer com a do Sr. Ihering para o conjuncto da nossa fauna.

O Atlas do Sr. Ihering não tem a pretençaõ de reproduzir um grande numero de animaes. «O criterio adoptado, diz o autor, foi o da representaçaõ das principaes familias pelos seus typos indigenas mais legitimos...»

Para isso, elle dividiu o trabalho em 38 mappas, que seguem a arvore philogenetica do reino animal. Uma indicaçaõ de dimensões permite comparar o tamanho do desenho com o do ser que elle representa.

No texto explicativo as descripções do animal e dos seus costumes são vivas e bem feitas, embora,

Ha, aqui, e ali, insignificantes enganos, talvez erros de imprensa. Assim, descrevendo a vida dos beija-flores, o autor diz: «Com tal regimen, felizmente, é impossivel sujeital-os ao captiveiro; resta, porém, protegel-os por leis rigorosas, contra a crueldade da moda, que annualmente leva ao commercio milhares de couros, preparando assim o seu exterminio.»

*Couros ou corpos?* E' de crêr que a palavra seja esta ultima.

A catação de errinhos de imprensa é uma tarefa ingloria e, peor do que isso, inutil. Tratando-se, porém, de obras didacticas, ella se justifica.

O que ha a dizer do livro do Sr. Ihering é que elle representa uma contribuição preciosa para o estudo da fauna brasileira. Não só o Atlas, como o texto explicativo, são excellentes.

Seria bem desejavel que algum naturalista brasileiro traçasse o plano de uma grande historia natural do Brazil e procurasse para cada uma de suas partes o collaborador mais idoneo.

Esse plano não pode, aliás, ser outro sinão a classificação natural de nossa fauna. Bastaria, portanto, tomando familia por familia, ir perguntando, diante de cada uma: «Quem é, entre nós, que mais entende deste assumpto?»

O essencial seria estabelécer um eschema minucioso do modo de tratar cada uma dessas partes, de maneira que todas seguissem rigorosamente o mesmo plano. Não parece que a tarefa seja actualmente superior ás forças dos nossos homens de sciencia, a começar pelo proprio Sr. Ihering.

O Sr. Ihering queixa-se da falta de nomes brasileiros para muitas das especies de nossa fauna. Essa falta é pouco crível, sobretudo para os animaes verdadeiramente indigenas. A difficuldade está em fazer a pesquisa dos nomes com as pessoas que os devem co-

nhecer, no interior do nosso paiz. Mas, si falta existe, seria bêm o caso de reunir um pequeno congresso de naturalistas brasileiros (elles não são muito numerosos), para preencherem essa lacuna.

Seja como fôr, a contribuição scientifica do Sr. Ihering é muito bôa.

---



# Fauna do Brazil

RODOLPHO VON IHERING

Pag. XII.

AS PRINCIPAES REGRAS DA NOMENCLATURA. — Objecta-nos alguém que ultimamente os scientistas falam de *Stegomyia calopus* como sendo o verdadeiro transmissor da febre amarella, e não mais a *Stegomyia fasciata*? Realmente; e o que houve foi o seguinte. Quando os scientistas verificaram que um certo pernilongo transmittia a molestia, elles encarregaram um entomologista de classificá-lo. Verificou-se então que esse diptero havia sido descrito por Fabricius em 1805 sob o nome de *Culex fasciatus*; mas constatou-se também que esta especie, bem como varias outras, possuem em commum certos caracteres pelos quaes é facil distinguil-os, todos, das especies restantes do genero *Culex*. Para maior commodidade (para não repetir cada vez: especies taes e taes, que differem por estes e estes caracteres das demais do genero *Culex*), Theobald propoz que se chamasse *Stegomyia* a todas as especies que estivessem neste caso e assim, em vez de «*Culex fasciatus*» o nosso pernilongo passou a chamar-se *Stegomyia fasciata*. Ultimamente, porém, foi constatado que um naturalista, de nome Villiers, já alguns annos antes de Fabricius, havia estudado um mosquito bem differente do nosso, mas também rajado, e ao qual dá o nome de *Culex fasciatus*. Para evitar confusões, os nomes homonymos não são admittidos dentro do mesmo genero e, para que houvesse uniformidade na solução de taes questões de nomenclatura, ficou estabelecido, por lei de um congresso de zoologos, que deve prevalecer aquelle nome que tiver prioridade, precedencia de annos ou dias quanto á data da publicação. Assim o nome *fasciatus*, no ge-

nero *Culex* devia ser applicado á especie descrita por Villiers e a especie a que Fabricius déra o mesmo nome precisava receber outra denominação. Verificando-se então que Meigen em 1818, julgando descrever especie não conhecida, déra o nome de *Culex calopus* ao mesmo mosquito já descripto por Fabricius, fez-se, como estabelece outra lei, a substituição do nome específico com o nome generico, tambem mudado, e, portanto, em vez de *Culex fasciatus*, a nossa especie passou legalmente a chamar-se *Stegomyia calopus*.

Da mesma fórma a lei da prioridade tem applicação nos casos em que houver nomes genericos homonymos no reino animal. Assim, por exemplo, o nome *Macropus* teve duplo emprego em zoologia; em 1790 os cangurus foram chrismadados com esse nome e em 1805 um entomologo escolheu a palavra *Macropus* para designar o genero dos grandes besouros conhecidos vulgarmente por «serra-pau». Quem mais tarde verificou esse duplo emprego da mesma palavra, substituiu a denominação generica desses besouros, que agora conhecemos por *Acrocinus*. O nome específico neste caso deve ser mantido para o serra-pau mais commum, cujo nome era *Macropus longimanus*.

Prevalece tambem o nome mais antigo quando ha varios para designar o mesmo genero ou a mesma especie: aos nossos papagaios mais communs dava-se o nome generico *Chrysotis* proposto por Swainson em 1837; verificado, porém, que em 1831 Lesson já propuzera para o mesmo genero o nome *Amazona*, é esta a denominação que hoje se adopta.

O nome específico só não pôde ter duplo emprego dentro do mesmo genero; mas não ha inconveniente em terem o mesmo nome as especies que pertencem a generos diversos; e assim ha por exemplo, uma infinidade de especies chamadas *brasilensis*; um cão, um papagaio, uma cobra, uma borboleta, etc.

Mas dá-se o caso de dois autores terem descripto, quasi simultaneamente, duas especies

de moscas, *A. brasiliensis* e *B. brasiliensis*; mais tarde verificou-se, porém, que os dois pretendidos generos A... e B... são effectivamente, a mesma cousa, pelo que se torna necessario reunir em um só genero as sete especies A... e as dez especies B...; o genero A... fôra estabelecido muito antes do genero B... e, portanto, as 17 especies em questão, tomam todas o nome generico A...

Ficam assim reunidos no mesmo genero dois nomes especificos *brasiliensis*, o que causaria constante confusão; por isto conserva tal nome só aquella especie cuja descripção foi publicada dias ou mezes antes, e á outra, no caso de não haver já um outro nome disponivel na synonymia, como no exemplo *Culex fasciatus*, dá-se um nome differente qualquer, differente tambem dos 15 das demais especies do genero A...: poderá ser *A. eobrasiliensis* por exemplo, ou então, em homenagem a um dos autores em questão, *A. monteiroi*. O nome proprio Monteiro, servindo na categoria de especie, escreve-se com inicial minuscula e, como na nomenclatura só se empregam nomes latinos ou latinizados, o nome proprio portuguez toma o suffixo *us* e assim, no genitivo, escreve-se «*monteiroi*».

Taes modificações são incommodas, é verdade, mas são necessarias, pois do contrario, sem a estricta observancia das regras de nomenclatura, votadas nos congressos internacionais dos naturalistas, nunca chegaríamos, na pratica, a fixar definitivamente os nomes exactos pelos quaes os generos e as especies deviam ser conhecidos universalmente.

---



# Fauna do Brazil

RODOLPHO VON IHERING

Pag. 64

«Sapos» ou «Batrachios» (fig. 1 a 12), Ord. ANUROS. Antes de estudarmos sua biologia, queremos fazer a sua defesa e, si não innocental-os, mostrar ao menos que a prevenção que o povo tem contra todos os batrachios, se baseia em um unico facto: os grandes sapos do gen. *Bufo*, quando se veem ameaçados, segregam ou antes esguicham um liquido vesicante, que provoca a inflammação quando attinge a pelle e especialmente as mucosas; mas não atacam nem fazem mal a ninguem, a não ser que se vá bulir com elles sem deixalos fugir; de toda a sua classe são tambem os unicos que têm esta defesa, a qual certamente lhes coube em substituição aos dentes de que só elles carecem. Nenhum dos demais batrachios é capaz de fazer mal — a não ser a vermes, insectos, larvas, etc. de que todos se alimentam. Devido á bôa comprehensão deste seu papel de perseguidores de innumerous pequenos malfeitores das hortas, os batrachios já começam a gozar de bôa fama entre a gente sensata; sem credices, que observa os factos, e que por isto procura augmentar-lhes o numero, em vez de matal-os. E como os seus habitos são por assim dizer estrictamente nocturnos, podemos receber os seus beneficios sem que nos assustem; durante o dia é rarissimo surgirem dos seus esconderijos — e nisto fazem bem, porque, si nos apparecem inesperadamente, tomando aos pulos o nosso caminho, em verdade são bem desgraciosos e justificam quasi um vago receio ou pelo menos uma antipathia gratuita.

A metamorphose, como é geralmente sabido, realisa-se sempre na agua, e a mãe toma todas as precauções para que a larva, ainda provida

de brônchias externas, possa attingir desde logo o seu elemento. Geralmente os ovos são depositados em montículos de espuma alva ou em fios como rosários, junto ás plantas aquáticas em um remanso; algumas espécies põem os ovos entre duas folhas colladas de um galho pendente sobre a agua (fog. 12); muito mais delicados são os cuidados da mãe que carrega os ovos collados ás costas (fig. 8) e, aperfeiçoando este processo, certas rãs (fig. 6) criaram uma bolsa dorsal em que introduzem os ovos, os quaes ahi permanecem até a sahida das larvas. O desenvolvimento destas é rapido e o gyrino (fig. 11 e) vive com a barriga enfada, pois ingere grande quantidade de lodo para aproveitar os milhares de pequenos organismos que nelle se encontram. Depois de perder a cauda (fig. 11 h), o sapinho cresce lentamente e ás vezes só aos 5 annos põe os primeiros ovos, continuando a crescer até aos 10. Diz-se que o sapo cresce tão de vagar porque não bebe agua e, de facto, elle não bebe; mas em compensação a pelle absorve uma grande quantidade de liquido. E' facil fazer a seguinte experiencia: privando um bñtrachio de agua elle morre; mas envolvendo-o em pannos humidos, elle passa perfeitamente sem outra agua.

São pouquíssimos os nomes que o povo dá á grande variedade de batrachios da nossa fauna (ca. de 160 espécies). «Sapo» deve designar sómente as espécies do gen. *Bufo* (fig. 1, e que no Norte chamam «Xué»), sem dentes, corpo grosso, cabeça regularmente destacada do tronco e com parótidas muito salientes; não saltam e vivem quasi só na terra. «Rãs» seriam todas as outras, com pernas posteriores muito compridas, que facilitam os grandes pulos; vivem de preferéncia na agua; mas são arborícolas, as «pererécãs» ou «ferreiros» (do gen. *Hyla*, fig. 3 e 8), cujos dedos tem pontas dilatadas em ventosas, de fórma que taes espécies podem subir pelas paredes e troncos de arvores. Devemos mencionar ainda dois typos: a

«nymbuia», rã ás vezes avantajada, cujas pernas fornecem aos apreciadores as saborosas coxinhas que se compram no mercado (*Leptodactylus ocellatus*); e a «untanha» (fig. 2), que é o typo mais curioso de todos elles, com grandes chifres sobre os olhos e dotado de uma voz tão retumbante, que fez jus tambem ao nome de «sapo-boi».

---



## MARIO SETTE—Ao clarão dos obuzes

A guerra actual pareceu, quando rebentou, que ia ser uma mina de episodios pittorescos e emocionantes. Alguns espiritos litterarios foi talvez principalmente por esse aspecto que a encararam.

Um bom exemplo de litteratura desse genero é o livro excellente do Sr Castro Menezes *Visões de Guerra*. Outro é o do Sr. Mario Sette—*Ao clarão dos obuzes*.

O que ha neste são chronicas e contos. Na maioria, talvez mesmo na totalidade dos casos, o que o autor fez foi tomar como assumpto de pequenas narrações cheias de emoção factos realmente occorridos nos campos de batalha da Europa.

Não faltam pequenas incorrecções de linguagem nessas narrativas, que certamente foram redigidas mais para a pressa ephemera dos jornaes do que para a estabilidade definitiva do livro. Mas de um modo geral póde dizer-se dellas que têm duas qualidades essenciaes: a da bôa escolha dos assumptos e a de um incontestavel poder de evocação das scenas descritas.

E' interessante notar como os episodios de guerra perderam rapidamente o interesse litterario. O publico se satisfaz amplamente com o que lhe dizem as noticias e telegrammas dos jornaes.

Vê-se disso uma prova muito curiosa, quando alguem lê revistas norte-americanas sobre cinematographia. Nessas revistas não raro apparecem annuncios pedindo libretos para *films*.

Ha tantas emprezas de *films* para cinematographia como grandes livrarias editoras. Ora, nenhuma destas imprime dois e tres romances por semana, ao passo que as grandes emprezas de *films* são obriga-

das a muito mais. Comprehende-se, portanto, que os editores de *films* appellem mais fortemente para a imaginação dos libretistas.

Caso, porém, digno de reparo: por toda parte se lê a recommendação de que os autores não devem mandar episodios de guerra. Alguns explicam mesmo que o publico, já saturado com essas noticias nos jornaes, não as procuram nas télas das projecções.

O aviso deve servir tambem para os escriptores.

---

## Ao clarão dos obuzes

MARIO SETTE

Quando o pelotão da vanguarda fez alto dentro da cidade, na alcova humilde o vagido da criancinha alentou um pouco o coração materno das provações torturantes daquella noite rude de assedio.

Desde a tarde derradeira os obuzes silvavam sobre os tectos, seguidos das eclosões pavidas annunciando a méta de suas trajectórias fulminantes. Os fortes extremos da linha de defesa resistiam ainda numa apothese de estoicismo e bravura. Mas era um arranco espasmodico de um individuo cuja gorja asphyxia-se aos poucos sob as garras crispadas de um malfeitor.

E no transcurso das horas amarissimas de bombardeio, emocionada pela invasão proxima, jugulada pelas dôres atrozes da maternidade estuante, a attribulada rapariga belga buscava animo para conjugar esforços com o esposo, em fazendo de linhos velhos, pensos para os soldados que agonisavam na velha igreja feita hospital.

Ja manhã clareada, nascera-lhe o filho. Calara-se tambem o ultimo reducto. Ouvira-se de perto o primeiro clarim inimigo. Entrara na povoação um regimento de uhlanos.

Era o terror.

O companheiro sahido á rua em busca de uma visinha, vibratibilisado pela alegria de ser pae e perturbado pelas desgraças tombantes, fôra summariamente abatido pelos fuzis do invasor.

Horas passaram.

Ella o não soubera ainda na evidencia completa da verdade mas conhecia de sobra as jornadas sangrentas da visinha Louvain para adivinhar algo de desventura na ausencia in-

terminavel do consorte, do querido esposado de ha um anno apenas.

Consideravam-se ainda noivos na immensa doçura de seu lar, na inextinguivel attracção de suas caricias.

E agora era a viuvez para si, a orphandade para o minusculo sêr embalado pela canção horrenda dos canhões, acarinhado, entre zombarias, pelos que, avidos de requisições, lhe não respeitavam nem o recato da alcova onde se acamara.

No dia seguinte tivera de se erguer bem cedo entre lancinantes penares. Assim lh'o exigia a existencia tenra e vacillante do petiz.

Toda a cidade, dois dias após, estava occupada. Era inimiga. Pelas esquinas cartazes rubro-negros diziam das penas a cahir sobre os habitantes rebellados contra os edictos imperiaes.

Havia em toda parte um canto de muro onde encostar uma creatura em frente de fuzis...

O inimigo triumphante exigia tudo. Era preciso impôr até a nacionalidade dos vencidos. E entre a mascarada de ordens affixadas, a desvaiada mãe leu uma, sob a qual as creancinhas, nascidas então, seriam de origem dos triumphadores, seria allemã.

Era preciso levar o filho ao registro civil. A lei a puniria se o não fizesse. Já pela manhã um official olhando-a na rua com o recém-nascido aconchegado aos braços gaguejara num francez guttural — « Como vae o Fritz? »

Era como uma imposição de um nome, um nome revoltante.

Ah! Nunca! O seu pequenito jámais traria o opprobrio de um prenome oriundo daquelle povo que lhe enturvara a ventura para sempre.

Carecia fugir. Partir pelos campos occupados, pelas estradas cheias de emboscadas, servindo de alvo ás carabinas do adversario exposta a ser presa como espiã e arcabuzada.

De pouco lhe valia a vida. Sim. Mas a do filho? Tinha acaso o direito de arriscal-a? Não haveria um quê de remorso, muito de egoismo

em morrer, deixando-o só em mãos da soldadesca nos desvarios da guerra e nas incertezas das marchas? Não era uma traição expôr á morte um filho varão, quando a sua patria talada carecia mais do que nunca dos seus soldados do amanhã?!...

E si restasse? Quem poderia libertal-a do aviltamento de inscrever o ente cuja geração sentira evolver-se nas entranhas, como irmão desses que haviam maculado e destruido a sua patria bemquista, a sua Belgica admiravel?

Não. Antes tombar do que ser covarde em face dos seus compatriotas bravos.

E fugiu.

Foi uma peregrinação de mãe — de mãe, sim, porque só a maternidade poderia vigorisar uma caminhada semelhante, tendo as privações por etapas, os cambaleios de fome por marcos, com os seios exangues escorrendo sangue á mingua de leite e maltrapilha, desnuda quasi, por haver feito das poucas vestes, agasalho para o filho.

Andou mésta e tropega, por onde ignorava nomes. Rastejou, fez cousas de acrobacia. Dormiu sob a umbella das arvores. Rumou o acaso de uma villa, de uma povoação onde houvesse ainda um trapo belga.

Certo dia escutou o canhão. Batiam-se. Iria para lá. Que importa? Soffrera demais para receiar a morte. Aproximou-se. Avistava os relampejos dos disparos. Avisinou-se ainda mais... Viu explodir perto uma granada. A creança desperta, pasma, rompeu a soluçar...

— Alto! bradaram-lhe em francez.

Ella vinha de vergar as pernas e rojar-se á terra. Ferida!... Perto uma patrulha gauleza apressava-se em erguel-a.

Das posições prussianas uma bala alvejara-a. Sob os farrapos da blusa trahia-se um fio rubro a escorrer pelo valle das pomas. Agonisava.

Um soldado correu á cata da ambulancia. Outro tomou-lhe a custo dos braços a creança.

A rapariga reabriu os olhos verdes á luz.

Reconheceu os militares. Sabia-os na cruzada humana de refazer sua patria.

— Francezes?... murmurou num espasmo.

— Sim. Amigos. Esteja calma. Vamos medicá-la. Viverá...

— Não. Acabo-me... Sinto-o... Sou belga: cuidem do meu petiz. Fugi porque queriam fazel-o allemão, tornal-o irmão dos que lhe fuzilaram o pae... Chamem-n'o de Alberto. E' o nome do rei.

Foi só.

Os soldados perfilados, fizeram a continencia da ordenança á heroina— á filha do paiz pequeno e nobre que foi a «trincheira da Civilisação.»

E ella viu, num luar extremo de vida, perto, em tropél, com bayonetas scentelhando ao sol, sob o rufar dos tambores, os regimentos francezes abalarem numa carga, ao clarão dos obuzes...

---

# No tempo do Wenceslau

PAULO BARRETO

Pag. 205

Paulo Barreto é um escriptor torrencial. Tem-se pelo menos essa impressão ao vêr como os seus livros se succedem com pequeno intervallo. O ultimo é o vigesimo.

No numero delles ha um pouco de tudo, desde as simples collecções, como os *Fados e Canções de Portugal*, até as reportagens, como as *Religiões no Rio*, os inqueritos, como o *Momento Litterario*, *Pall-Mall-Rio*, as chronicas, os contos, as conferencias, as traducções, os dramas...

O caso se explica, porque Paulo Barreto tem uma singularidade entre os nossos homens de letras: elle só é isso. Quem tome a lista dos membros da Academia Brasileira verificará que todos os outros accumulam o trabalho litterario com a advocacia, a medicina, a administração, a politica... A originalidade de Paulo Barreto é a de ser um litterato que não faz si não litteratura. Só por um breve espaço de tempo esteve á frente de um jornal, onde se empenhou em discussões politicas.

Empenhou-se com tanto brilho, como os mais brilhantes jornalistas. Mas o jornalismo é tambem litteratura e tudo faz crêr que Paulo Barreto deve ter tratado a politica como um romance.

Voltado exclusivamente para preocupações litterarias, não admira, portanto, que elle produza mais do que outros.

O livro de agora chama-se *No tempo de Wenceslau*. E o autor nos lembra que, outr'ora, os que viviam nos

tempos dos cezares romanos, datavam os seus escriptos com o nome desses cezares. E pois que vivemos «**regnante Werceslau**», o titulo se justifica.

Ha no volume 32 artigos publicados em varias épocas, sobre assumptos bem diversos. Isso mesmo torna difficil correl-os um por um analysando-os. Mas, no conjuncto, o que se vê é que Paulo Barreto tem uma grande tristeza pela degradação da nossa imprensa, onde, em geral, não se discute nada a sério. Ataca-se a tudo e a todos. Não se procura vêr quem tem razão, mas quem grita mais, quem mais insulta.

Nos ultimos annos, essa evolução se tem accentuado de um modo nitido e irrecusavel.

O facto, aliás, tem uma explicação natural no regimen politico, que adoptamos — o regimen presidencial. Trata-se de um regimen em que a opinião publica não tem meio algum brando de se fazer ouvir. E' preciso forçar a nota e gritar. Gritar até provocar a revolta, porque o regimen presidencial, quando o presidente está em desaccôrdo com a opinião publica, só tem um correctivo efficaz: a revolução.

O regimen parlamentar tem valvulas mais doces. Desde que a pressão da opinião publica chega a um certo ponto, as valvulas cedem: um ministerio cõe, outro sóbe — e tudo está resolvido.

No regimen presidencial, em que o paiz está arrendado a um chefe de Estado por periodo certo, quer elle proceda bem, quer elle proceda mal, o unico recurso para removel-o é a revolução. Precisa-se, portanto, chegar a extremos de violencia.

Isso não acontece nos Estados-Unidos, graças a uma longa educação anterior e, sobretudo, á força real das diversas unidades federativas, força que as nossas não têm.

A violencia de nossa imprensa se explica pelo mesmo motivo porque em uma casa, onde o chefe da fa-

milia é surdo, todos tomam o habito de falar muito alto.

Paulo Barreto não entra nestas explicações, mas sente-se que é a sua maior preocupação. E, aliás, nada mais explicavel em um homem de letras, que gostaria de trocar idéas, argumentar, bater-se leal e limpamente com armas de cavalheiro.

Na primeira das suas chronicas, elle põe na bocca de um jornalista esta tirada:

«O jornalismo tomou a epilepsia como norma, convencido de que o publico deseja exactamente apenas isso. Ora, o publico pôde concordar que varram a páu um bando criminoso, mas exige que se lhe dê em substituição gente bôa, ou pelo menos com idéas razoaveis. O jornalismo pôde ser comprehendido como uma sentinella de avançada. Aqui transformaram a sentinella em capangada de ataque. Não ha um mal que a imprensa tenha obstado na bacchanal do desafôro. Em compensação a bacchanal trouxe o desrespeito geral, o acanalhamento integral. Tudo é máu, tudo é infame, inclusive os collegas que se mimoseiam mutuamente com taes delicadezas, a proposito dos mais serios problemas nunca discutidos ou das mais estupidas futilidades. E as coisas chegaram a tal ponto que é impossivel acreditar na sinceridade, não da onda nem da mulher, mas do jornalismo e da politica. Ao demais, varridos das columnas dos jornaes (como da politica) os homens de talento, os poetas, os homens de letras, os homens de opinião e tendo cada jornal o lemma hydrophobo:—«vocêz todos são uns refinadissimos canalhas»—sem mais nada, cada jornal passa á casa do tiro ao alvo, em que qualquer sujeito entra, pega na espingarda, faz a mira, e conta sempre com o escandalo de quebrar uma porção de cachimbos, sem saber si acertou, si os quebrou e nem mesmo por que os partiu.»

Mais adiante elle escreve uma longa carta a um amigo que pretende fundar um jornal e explica-lhe porque essa empreza é uma loucura.

E como isso é positivamente uma preocupação de seu espirito, mais longe faz a sua psychologia do cidadão-modelo, do cidadão typico, em que se encarna o verdadeiro carioca.

«O cidadão protesta, o cidadão nega, o cidadão é contra. Sempre. Infallivelmente. Podemos de raro em raro vê-lo ao lado de alguém. Está assim, não a favor do alguém, mas contra o inimigo desse alguém. Desta arte, o cidadão vê todas as cousas com amargor, descobre más intenções em cada cerebro, julga os homens com o fêl do insulto. Os governos são compostos de ladrões; desde que um cavalheiro se destaca, para o cidadão tem vicios e crimes; os actos mais simples transformam-se em botôtas, negociatas, bandalheiras.

—Cidadão, que bello gesto o do grande Fulano, querendo o Brazil patriota!

—Para cá vens de carrinho. Fulano comeu!

—Comeu o quê?

—Está sendo pagõ! Uma corja; E' o meu dinheiro que queimam.

—Cidadão, Cicrano publicou um bello livro.

—E' um canalha. Ha de certo comilança.

—Ainda agora, cidadão, o «leader»...

—Pulha! Pulha!

A sua colera, ás vezes, gargalhante, ás vezes furibunda, arraza sem distincões. Para que esteja a favor de alguém é preciso que esse alguém seja uma pedra contra os outros. Nas lettras, no commercio, nas artes, no magisterio, na diplomacia, nas industrias. Onde, entretanto, a rasoura é sem piedade é na politica. Mal uma cabeça se levanta, o cidadão arruma-lhe no alto do craneo a primeira bordoada. Descobri que alguns nem conhecidos eram do cidadão e já o cidadão os esbordoava, os enlameava.

— Mas, cidadão...

— Canalha! subiu... Boa coisa não fez!»

Toda esta ultima chronica é excellente. E ella prova que, apesar do seu grande desejo de passar por um ironista desenganado e scéptico, Paulo Barreto sente como ninguem esse deploravel estado de cousas.

A's vezes, por exemplo, emprehende paradoxalmente a apologia do analphabetismo. Evoca, para fazel-a, o typo lendario que mais, de certo, soffreu o desejo de saber: o typo de Adão. Si elle não tivesse tido a curiosidade de provar do fructo da sciencia do Bem e do Mal, não se teria perdido.

O thema é velho. Paulo Barreto renova-o, tratando-o com graça. Mas é uma distracção, uma pilheria. O problema do analphabetismo é, ao contrario do que elle diz nessa chronica, uma das cousas que o preoccupam. Em dois outros artigos, falando da reorganisação do exercito, nota-se a satisfacção com que assignala o parallelismo entre esse movimento e o combate ao analphabetismo. E em outro ponto, lembrando questões que ainda estão pendentes desde o tempo de D. João VI, não esquece esse assumpto.

João do Rio tem, entretanto, uma admiração extranha pelos homens que *sabem querer*, pelos grandes ambiciosos. E' com evidente sympathia que elle traça o perfil de Enver-Pachá:

«De repente, a porta abriu-se. Um joven airoso — botas altas, dólman justo, espada; o fez militar de astrakan, o bigode em leve espuma, o olhar macio e dardejante, as mãos longas e finas — atravessou o salão, parou em frente do general prussiano, fez a saudação militar.

— Quem é esse rapaz?

— Enver-bey — o heróe de Andrinopia.

Olhei com redobrada attenção. Aquella sympathia irradiante era o homem que desenca-

deara mais paixões em Berlim, era o espirito dominador que se fizera allemão pelo amor de uma grande dama da côrte do imperador, o guerreiro de Tripoli, o indigitado assassino de um ministro da guerra, o mais forte elemento da camarilha que matava a Turquia em nome da dolorosa inconsciencia de Mahomed V! Vê-lo seria dizer que elle conseguiria tudo até a morte — que a sua lucta era um duello entre a sua ambiciosa juventude e a morte. E eu olhava-o como se olha um sêr estranho e fascinador cujo fim deve estar alli ou um pouco mais adiante. E' preciso estar no Mediterraneo ou no Bosphoro para comprehender esses estados d'alma de alguns homens.»

Não justifica o dominador tragico da Turquia, mas vê-se que o admira.

Falando de Pinheiro Machado, que acabava de succumbir ao punhal de um assassino, Paulo Barreto, escreve:

«A vida de Pinheiro Machado foi a mais bella tragedia do Brasil. Não é possível pensar nessa existencia sem lembrar Suetonio, o Silencioso; sem lembrar Shakespeare, sem lembrar Plutarco, os trez grandes plasmadores de homens para a história. Pinheiro Machado era, num periodo de dissolução, uma alma punica — alma de conquista, de luta, de affirmação, de dominio. Elle queria. Queria tudo, nos actos mais simples, como nos momentos mais graves. Queria. Nunca tivemos no Brasil um exemplo mais formidavel do verbo querer, com a consciencia cega de que querer é vencer, é poder, é dominar. Uns querem por ambição de cargos, outros querem por desejo de conquista, outros querem pelo sentimento de conservação propria. Elle queria para crystallisar na move-dica onda humana permanente e sempre maior o seu querer. Sacrificava amigos, era de pedra aos rogos, alliciava os inimigos, caminhava sereno para os golpes mais arriscados por querer. E desse querer sem peias brotavam as fon-

tes de opposição, cresciam as caudaes da raiva. E' a qualidade dos homens não admittir jugos eternos. E' das democracias o protesto contra os super-homens dominadores. E' o mal da politica a miseria da incaracteristica moral no vai-vem dos interesses. Na Greciá de Pericles, ou de Alexandre. Na Roma de Coriolano ou de Julio Cesar. Na França de Napoleão ou da Revolução. No Paraguay de Flores ou no Mexico de Porfirio Dias. Sempre. Em todos os tempos. Em todos os paizes.»

Ora, esse entusiasmo pelas grandes vontades é tudo quanto ha de menos justificavel, quando essas vontades não teem um fito muito elevado.

E este ultimo não é, de certo, o caso de Enver, nem foi nunca o de Pinheiro Machado.

Difficilmente ainda hoje se consegue falar deste com serenidade, porque os seus amigos procuram obscurecer as verdades mais evidentes. Trata-se, porém, de uma figura a que a Historia tem de fazer referencias, e, quando ella procurar o que possa dizer em sua defeza, não achará.

O caso de Pinheiro Machado na politica brasileira explica-se com a maior simplicidade, sem appellar para nenhuma grande qualidade da sua parte. Os que raciocinam dizendo que não era possivel chegar ao fastigio do poder, como elle chegou, sem ser um super-homem, enganam-se absolutamente. A Historia está cheia do nome de tyrannos, de dominadores, de homens que tomaram de assalto o poder, impellidos apenas por uma grande sêde de mando, mas sem nenhuma superioridade moral ou intellectual, tendo apenas uma completa ausencia de escrupulos.

Pinheiro Machado teve em 1900 um presidente da Republica que lhe permittiu compôr á sua vontade, livremente, a Camara e o Senado. Só se reconecia deputado ou senador quem elle mandava.

A machina politica ficou durante quatro annos aparelhada de accôrdo com a sua vontade soberana. Quando o novo presidente chegou, teve immediatamente de presidir a eleições. Não lhe ficou tempo para modificar nada. Dois mezes depois as eleições estavam realisadas e Pinheiro Machado refazia a seu talante os reconhecimentos da Camara e sobretudo do Senado.

Esse novo presidente — o Sr. Rodrigues Alves — nunca esteve tão inteiramente escravizado a Pinheiro Machado como o seu antecessor.

Não poudé, porém, romper com elle. Inteiramente destituído de qualquer honestidade em questões politicas, Pinheiro Machado fazia proclamar senador pessoas que não tinham sinão um infimo numero de votos e repellia os que traziam maiorias esmagadoras. Rodrigues Alves, achou, portanto, Pinheiro Machado com mais de dois terços do Senado e viu-se obrigado a contemporisar com elle. D'ahi por diante o seu dominio se accentuou. Tendo feito a seu modo os reconhecimentos de poderes em 1900, 1903, e 1906, em seis annos elle se viu dono do Senado e, pelo Senado, com força para dominar o presidente da Republica.

Todo o seu grande poder veio dessa mesquinha manipulação de cozinha eleitoral, falsificando audaciosamente os reconhecimentos de poderes, sobretudo no Senado. A cumplicidade de um Presidente e a fraqueza de outro, que, occupado com misteres mais elevados, desdenhou de abrir lucta com elle, déram-lhe um dominio supremo nos negocios publicos. Toda a sua obra foi esta: compôr um Senado docil á sua vontade.

Essa vontade foi sempre vigilante. Nunca, porém, se exerceu para propôr qualquer iniciativa alevantada.

E' mesmo um assombro o contraste entre o poder immenso desse homem e a esterilidade da sua obra. Nunca defendeu um grande projecto, nunca propôz uma

medida nova, que trouxesse real progresso para o paiz.

E' certo que falava sempre no seu amor á Republica. Mas a Republica para elle era o seu proprio poder. Em uma especie de testamento, que deixou para ser publicado depois da sua morte, esse orgulho se ostentava ingenuamente. A Republica e Elle — faziam um só corpo.

Mas que Republica? Representante de um Estado absolutamente divorciado das doutrinas democraticas, elle defendia lá e na União normas inteiramente diversas: nesta, se oppunha á indicação dos successores pelos presidentes em exercicio; naquelle, accitava não só isso, como a reeleição; na União, queria que o Poder Legislativo tivesse toda a autonomia, no Estado, que se achasse fundido com o poder do Presidente...

Nem uma idéa, nem uma convicção, nem um principio politico, a não ser isto: mandar! dominar! ser o senhor absoluto! Quando elle mandava, a Republica ia bem... Quando elle era combatido, a Republica corria perigo...

Foi honesto? Ninguem o póde dizer. Desde que se tocava neste assumpto, elle fazia ameaçar o jornal, em que isso apparecia, atacava ou mandava atacar o seu redactor.

Ha varios factos dessa natureza.

No emtanto, cousa singular! quando elle commandou forças no Rio Grande do Sul, o que mais parece ter impressionado os seus coestadoanos foi a circumstancia de que por onde elle passava os campos ficavam limpos: tudo desaparecia. D'ahi a alcunha, que mais o irritava, de *General Pente-Fino*.

A guerra civil — como tantas outras cousas aliás! — é cheia de injustiças. Mas não deixa de ser significativo o facto de que, em geral, as figuras de caudilhos attrahem qualificativos de vingança, de feroci-

dade. Por que o povo da sua terra fez essa excepção para Pinheiro Machado?

E' uma pergunta interessante.

O certo é que, na direcção da politica nacional, elle enriqueceu prodigiosamente. Tudo parecia indicar que um chefe, não cuidando de perto dos seus interesses materiaes, porque para isso lhe faltava tempo, devia ter uma fortuna periclitante. Não foi, porém, o que succedeu com a delle: Pinheiro Machado morreu, deixando milhares de contos.

Como se fez esse milagre, ninguem sabe explicar.

Elle permittia que o atacassem em tudo, menos na probidade. Não se explicava: mandava ou ia ameaçar, espancar, tentar as peiores aggressões contra a vida de quem tinha essa audacia.

Como, nessas condições, erigir em dogma a sua honestidade? O que não se tem o direito de discutir pôde ficar indiscutido, mas fica por isso mesmo muito discutivel... Não é licito accusal-o, por falta de provas; mas não é licito proclamar-lhe a innocencia, por falta de liberdade de discussão.

Acabou, assassinado. Mas o assassinato foi um modo de eliminação de adversarios, que sempre lhe pareceu perfeitamente legitimo. E mesmo sem averiguar muito até que ponto elle o praticou por suas proprias mãos, na campanha rio-grandense, o incontestavel é que deu o seu apoio a varias situações estadoaes, que só se tinham firmado graças a assassinatos. Para provar isto não se precisa remontar sinão aos quatro ultimos annos da sua vida.

O interessante é que a ninguem o seu assassinato parecia mais logico que a elle mesmo. Disse-o no seu testamento politico. E Paulo Barreto refere a seguinte conversa com Pinheiro Machado:

«— Morro na lucta, menino. Elles matam-me. Mas pelas costas; são uns «perna-finas».

Pena é que não seja no Senado, como Cesar. Meditou, balançando a perna, enquanto desfazia o cigarro. E grave, como uma promessa: — Ha de ser na rua. Mas morro em defeza da Republica.»

A defeza da Republica era sempre e só a defeza do seu proprio e illimitado dominio.

Esse dialogo, escripto aliás em um artigo elogioso, é indiscutivelmente authenticico.

Pinheiro Machado era um manejador habil de homens; mas profundamente ignorante. O que elle sabia era de oitava, colhido aqui e alli.

Assim, naquella phrase pretenciosa em que se comparava a Cesar, punha uma palavra réles de gyria; «perna-finas». Isso retrata a ignorancia e a filaucia do homem. Elle era absolutamente incapaz de comprehender o contraste que havia entre a evocação grandiosa da morte de Cesar e um termo de capadocio.

Pouco antes da sua morte, alguém entrevistou um deputado sobre a reforma eleitoral e o deputado respondeu que só havia uma lei a fazer: «Fica extincto o General Pinheiro Machado.» Nessa resposta humoristica, que foi largamente publicada, estava todo o programma politico, que um rapaz ignorante e impulsivo tomou ao pé da letra e executou.

O desfecho foi lamentavel; mas natural. Estava na linha normal dos acontecimentos.

Paulo Barreto põe mal a sua admiração nos que «querem», quando se esquece de indagar si elles querem o bem ou o mal. E, quando elle faz a Enver-Pachá o mesmo elogio de força de vontade que o leva a exaltar Pinheiro Machado, é espantoso que não tenha achado o desfecho da vida deste tão natural, como será o de Enver, si tiver «de cahir sob um punhal, junto ao throno do sultanato.» Pinheiro Machado, na Turquia, agiria como Enver. Neste, porém, ainda ha uma fagu-

Iha romantica, porque se attribue a approximação com a Allemanha a uma paixão amorosa. E Pinheiro Machado só tinha uma paixão: Mandar! Mandar, para fazer nomeações, demissões, eleições, pequenas cousas de pequena politica...

A vontade é uma bella cousa; mas só ao serviço de bellos ideaes. Os grandes ambiciosos como Cesar, como Napoleão, que pretendiam o supremo poder, mas que o utilisavam para grandes fins, são perdoavêis, podem mesmo ser louvavêis. Os outros, não.

Si a vontade fosse susceptivel de conta, peso e medida e alguém tomasse a somma de vontade dispendida por um grupo de grandes criminosos e a somma de vontade dispendida por um grupo igual de grandes intellectuaes, a primeira seria um Himalaya ao pé de um grão de areia... Ha mais vontade em uma prisão que em uma Academia...

No fundo, o que a apologia da vontade feita por Paulo Barreto permite diagnosticar é que se trata de uma qualidade que elle desejaria muito possuir em alto gráu. Essa apologia é a inveja do homem que vive no mundo das idéas e que gostaria de passar para o das realisações.

O scepticismo de Paulo Barreto é um falso scepticismo. Vê-se que elle tem medo de que alguém zombe de suas convicções e quando lhe acontece escrever uma phrase um pouco mais solemne, apressa-se a gracejar antes que os outros o façam.

Num determinado logar, escapou-lhe esta sentença didactica e imponente:

« Conhecermo-nos é conhecer o que ha em nós de geral... »

Mas logo elle atalha, com medo que haja quem zombe de tanta gravidade:

— Muito bem.

— Obrigado.

— Não ha de que!

Parece-lhe que alguém pôde querer caçar e, para prevenir o mal, incumbe-se elle mesmo dessa tarefa.

O estylo de Paulo Barreto é capricante, nervoso, feito de phrases muito curtas. Parece o estylo proprio aos humoristas e bem contrario ao dos oradores, porque o orador é o typo de homem que crê em alguma cousa ou, pelo menos, que precisa fingir que crê para transmittir a sua convicção. O humorista, antes de chegar ao fim de um periodo um pouco longo, já estaria com vontade de zombar de si mesmo.

Mas Paulo Barreto tem tambem paginas de emoção. Algumas dellas estão na chronica admiravel escripta sobre um episodio noticiado pelos jornaes: o caso de um pedreiro que ficou atolado num poço, durante dias, e para cuja salvação todos os esforços foram inuteis.

Os chronistas eram outr'ora personagens austeros e enfadonhos. Quem tome a sério as pretenções da Biblia, o precursor de todos foi aquelle autor dos dois livros dos Paralipomenos, que começam assim:

- « 1 — Adão, Seth, Enos,
- 2 — Cainan, Malaleel, Jared,
- 3 — Henoch, Mathusalem, Lamech,
- 4 — Noé, Sem, Cão, e Jafeth,
- 5 — Filhos de Jafeth: Gomer, e Magog, e Madai, e Jovan, Thubal, Mosoch, Thiras.
- 6 — E filhos de Gomer: Ascenez, e Rifath, e Thogorma.
- 7 — E filhos de Jovan: Elisa e Tharsis, Cethim e Dodanim.
- 8 — Filhos de Cão: Cus e Mesraim, e Fut, e Canaan.
- 9 — E filhos de Cus: Saba, e Hevila, Sabatha, e Regma, e Sabathaca. E filhos de Regma: Saba, e Dadan.

10— Porém, Cus gerou a Nemrod: este co-  
meçou a ser poderoso na terra.»

Não se dirá que seja um estylo muito ameno...

Os chronistas modernos são os historiadores de factos que em geral, não figurarão na historia. E, no emtanto, escrevendo sob a impressão immediata dos acontecimentos e, tendo quasi sempre de se conformar ao gosto popular, traduzem mais vezes com fidelidade os sentimentos reaes de cada época do que os historiadores, que chegam tarde e analysam friamente documentos já resfriados pelo tempo...

Os que mais tarde quizerem conhecer o que foi o Brazil *no tempo de Wenceslau* não perderão seu tempo, si lerem o livro de Paulo Barreto, onde por toda parte se revela um escriptor de raça, um puro homem de lettras, leve, subtil, ironico; mas sempre conceituoso, sempre cheio de idéas.

## No tempo do Wenceslau.

JOÃO DO RIO

Pag. 123

### A Horriavel Tragedia

—«A sciencia é muito fraca contra a necessidade.

—Quem governa a necessidade?

—As tres moiras e as erinnyas, que nada esquecem.

—Deus obedece-lhes?

—Nada pôde escapar ao que é fatal.»

Era na sala deserta, com a tristeza de uma illuminação intensa. A tréva envolve; a luz afasta. Pode-se ter medo na sombra; tem-se a sensação do isolamento no excesso da luz. Ha nada mais triste, mais angustioso do que a luz, sem a animação das almas, o rumor moruario do silencio illuminado? A miragem nasceu no deserto, como o supremo medo da luz que isola. E eu estava numa sala com cinco lampadas electricas, e lia tristemente a tragedia eschyliana, e pensava no horror que encheu a semana inteira. Um poço enorme de vinte e tantos metros de profundez, aberto na terra, num breve buraco, como o do inferno dos gregos. Em torno, homens de saber e turmas de homens destinados a agir em nome desse saber. A agitação, o movimento afflictio. De vez em quando emergia uma figura com sangue nos ouvidos, com sangue no nariz, livida, vomitando. E dentro do poço, no fundo, meio enterada entre tijolos e lodo, uma pobre creatura querendo viver, bracejando com a morte, resistindo, enchendo caçambas de lama, sob o receio do desmoronamento dos tijolos...

A minha memoria lembrava os supplicios dos chinezes, os terriveis, tormentos da Inquisição, os castigos do Dante, a tremenda pagina do Germinal, no desmoronamento da mina, a

fantasia amarga de Poë, os discursos profundos de Prometheu. E nada me parecia igual a esse fim de um pobre pedreiro na roça, esquecido do céu durante a existencia inteira; nada me parecia mais pavoroso que a resolução horrida dessa banalidade até então despercebida.

O Dante classificava certos homens « vindos ao mundo só para fazer estrume ». A maioria é assim. Não os vemos nem nas guerras, nem nos campos, nem nas officinas. Elles morrem, muito anonymamente, com uma resignação inconsciente, tendo de nós, durante a vida, talvez a impressão por nós sentida diante das montras de um museu. São os carroceiros, são os lavradores, são os operarios. O perigo não existe para elles como para nós; é outra coisa, quem sabe se apenas nós, com o nosso egoismo ambicioso de feras civilizadas...

O perigo para elles é a desconfiança da super-especie, para a qual mourejam. Nenhum de nós deixaria de se julgar um heróe, trepado num andaime de onde elles despencam, ao realisar um lindo palacio, ou cegando numa fabrica onde elles morrem para o nosso luxo, ou em qualquer outro posto arriscado e anonymo. Elles, naturalmente, vieram á terra para fazer estrume. A morte não os aborrece. É a companheira. A nossa exquisita fraternidade protectoramente exploradora é que os atemorisa. E passam, e vivem, e deixam-se sugar e morrem, sem que nos apercebamos ao menos de que os exploramos.

Candido Isaias era o Candinho, pedreiro da roça, uma pobre creatura, uma coisa, pó, nada. Nenhuma das pessoas distinctas que viam Candinho poderia julgar que essa coisa tivesse sentimentos, tivesse parentes, tivesse a energia physica que é o esteio do nosso parasitismo, impertinente e vão. Havia um poço de vinte e sete metros de profundidade, aberto como uma garganta na terra dura e alargando para o fundo com as infiltrações da agua tão fortes, que, para manter a cisterna, fôra preciso fazer um revestimento de tijolos e concertar esse re-

vestimento de vez em quando. Mais uma vez era preciso concertar a cisterna. Chamado um engenheiro, elle faria calculos, levantaria uma planta, exigiria grandes dispendios. Chamado Candido Isaias ou qualquer «fellah», elle desceria com a sua pá, a sua caçamba, e endureceria as paredes por qualquer dez tostões diarios. Quantos Candidos Isaias têm sahido vivos e ignorados de dentro do perigo, ou têm mesmo morrido sem que ninguem se importe? A vida é sempre a mesma. Os homens lêram os caracteres que contam as caçadas de uns determinados reis do Egypto, as mumias desses felizes personagens reapareceram nos tumulos de pedra, e ninguem pensou com piedade nos milhares de homens que morreram esmagados ao peso daquellas pedras. A vida é sempre a mesma. Candido Isaias, pobre desgraçado, desceu ao poço, como quem vai com certeza almoçar. Não lhe dava nauseas o ambiente deleterio, não lhe causava hemorragias a rarefacção do oxigenio, não o assustava a fermentação animal sub-terrestre, não pensava que descia ao inferno. E, de repente, uma parede inteira de tijolos desabou. Nella virou Candido com a caçamba, sob o desmoronamento. Estava enterrado no lodo, e murado pelos tijolos até ao pescoço. Se tivesse morrido logo, enterrando a cabeça em vez dos pés, quem saberia da existencia desse homem? Ninguem! Era um trabalhador que cahira num poço. Nada mais natural!

Mas elle viveu. Viveu para repetir só, para o centro de um quadro atroz centenas de vezes repetido, não na fantasia dos escriptores, mas na tormenta da vida, nas explosões das minas, nos desmoronamentos, nos grandes desastres. Elle gritou, no fundo de um poço, enterrado no lodo. E a pobre humanidade ouviu-o.

— Ha uma creatura enterrada viva no poço!

De toda a parte corriam homens e mulheres. Sobre o sorvedouro debruçavam-se centenas de pessoas. Com a nova sensacional, a capital de S. Paulo mandou bombeiros com o mais

moderno material de salvação; uma companhia dispoz sessenta homens sob a direcção de um engenheiro. Os trens chegavam cheios. A planície de Rocinha, enchia-se como as planícies gregas, diante dos monstros devoradores das lendas sempre certas. Mas nessa turba attonita degladiavam-se as verdades de Prometheu: o principio da esperança e o principio de que a sciencia é muito fraca contra a necessidade.

—E' preciso salvá-lo! Temos de salvá-lo!

Os 'homens desciam e voltavam com a cara em sangue. Baldes baixavam vasos e subiam cheios de lodo. O pavor esgaçava as physiognomias. Só o poço era igual, o mesmo, tranquillo, a bocca secca, o ventre infiltrado, cheio de morte. E dentro desse ventre, desvencilhando-se ás vezes até os joelhos dos tijolos que cahiam, na lama que se argamassava, desejando a Vida, debatia-se Candido Isaias entre as moiras e as invisíveis errinyas. Na escuridão, sentindo as larvas e a viscosidade do horror, o homem era, emfim, diante da morte, o heróe. A multidão ouvia os que subiam de vêl-o.

Elle dissera:— Consola meu pae, dize-lhe que tenho esperança!

Elle tinha um velho pae a quem amava, o pobre e anonymo pedreiro!

Elle dissera:— Pede á mulher e aos filhos que tenham calma.

Elle casara, elle morria para sustentar uma familia!

Elle pedia:— Não me deixes só. Eu não te deixaria, se estivesse no meu caso.

Elle tinha um coração feito de energia e de amor!

Diante do facto por consumir-se, a turba sinceramente revoltava-se contra a «necessidade»; que o poço alluindo representava. Quem uma vez descia, porém, não tornava, certo de que encontraria a morte. E só, na vessia pestilenta do monstro, não perdia a esperança o desgraçado pedreiro, elle mesmo enchendo os alcatruzes do lameiro que o afogava, elle mesmo auxiliando a salvação, que o poço obstava

tranquillamente. Uma vez o irmão desceu e das cento e tantas horas do tormento partilhou com elle hora e meia. Que se teriam dito esses dois entes ignorantes no fundo do poço? O irmão voltou golphando sangue, louco, querendo outra vez descer. E o povo da planicie dramatica e o povo das cidades logo depois aprenderam que os irmãos entre os desgraçados se amam! Tortura sem fim em que, face a face, a desgraça do infeliz e o resto dos homens se avaliavam e se reconheciam!

Por duas vezes, o saber e a bôa vontade iam a arrancar Candido Isaias. De uma dellas a «necessidade» do poço aluiu um dos revestimentos de tijolos, quebrando o cabo. De outra prendeu-lhe as pernas a propria caçamba de cimento do trabalho, entravada nas suas pernas. Então, entre a calma das moiras e a furia das erinnyas, lucido de esperança ou furioso de horror, no fundo do poço, sentindo a impotencia humana lá no alto, ao ar, Candido Isaias resumiu toda a dôr, todo o desprezo, toda a verdade á face da espectacularidade sem effeito.

— Estou muito bem! Mandam-me gemadas e vinho!

Sim! A sociedade dava-lhe o que nunca lhe dêra: o interesse com gemadas e vinho! Ninguem comprehenderia não estar cumprindo o seu dever. Elle só, depois de renovar todas as mortes horrorosas, insistia—para, se vivesse, vir a continuar a ser o pobre homem que ninguem vê... Depois, a primeira das parcas resolveu matal-o aos poucos. Elle perguntou machinalmente a um bombeiro:

— Onde estarão as minhas pernas?

As pernas já estavam mortas. Depois foi o ventre.

— Sumam-se! Sumam-se! Levaram a minha barriga com o lodo...

E, quando, afinal, davam-lhe mais um cordeal, ao cabo de seis dias e seis noites, que eram um seculo de negror e de emparedamento, onde as lampadas apagavam e os homens não

podiam ficar muito tempo,—os seus dentes estavam cerrados. Morrerá.

—Tiremos o cadaver! Vejamos se é apenas um desmaio!

Futilidade humana! o poço estremeceu, e das paredes do seu ventre, a vinte e sete metros do solo, despencaram, sepultando o corpo, todos os tijolos, como um surdo final de epopeia...

No abandono luminoso da sala, com a tragédia de Eschylo na mão, eu via cheio de horror a escuridão desse sorvedouro, que uma semana inteira mostrara tanta coisa á nossa miséria pretenciosa. Todo o meu ser tremia de revolta contra a força que assim victimara um desgraçado sem culpa outra que não fosse a de ter sido sempre desgraçado. E na luz que tornava tão grande o meu isolamento, uma voz pareceu-me vibrar:

—Não penses em Prometheu. Não penses nas figuras de sonho e de legenda. Respeita o decreto da Fatalidade. Essa tragedia solitaria, é a repetição de repetidas provas do Destino. Mas, tomando em plena convulsão da pretensão, de odio inutil e de furor da sua terra—um pobre homem daquelles que ninguem vê, o Destino quiz marcar o terrivel exemplo da sua unica força para a meditação dos que ainda podem meditar. Quiz mostrar o nenhum valor da vã sciencia e da intelligencia diante da Fatalidade. Quiz provar a força, a coragem, a resistencia e o coração, dos desgraçados que servem ao parasitismo odiento dos que a sorte destaca. Quiz fazer comprehender aos máos, aos invejosos, aos cobardes que pretendem aniquilar aos outros com a idéa de vencer, de que ninguem foge ao seu destino e á ordem inilludível da força temerosa. Quiz mostrar como ás vezes os sem culpa são as victimas mais castigadas. Quiz, neste convulsionismo de politicos amalandrados, de jornalismo sevandija, de circo romano em furia, recordar aos homens com a morte de um desgraçado tudo quanto elles, urrando, gesticulando, accusando e não

pensando — parecem já ignorar. A vida é sempre a mesma. Repete-se. E na agonia horrída do pobre Isaias, está como o symbolo do Brazil, patria no fundo do poço, recebendo cor-deaes dos que a tinham esquecido e não a sabem salvar...



## A. CARNEIRO LEÃO — “O Brazil é a Educação Popular”

O titulo do livro do Sr. Carneiro Leão podia fazer receiar que se tratasse de um livro rhetorico, mostrando as vantagens da instrucção no Brasil. Sem duvida, a rhetorica seria bôa. Ha ainda necessidade de repetir lugares communs sediços para vêr si elles conseguem abalar a indifferença criminosa dos nossos legisladores.

Mas a obra do Sr. Carneiro Leão é muito melhor do que isso. Bem escripta, eloquente, cheia de ideias, é um dos melhores volumes, que se tem publicado sobre a instrucção publica no Brazil.

O volume consta de varias conferencias.

Na primeira, intitulada como o volume, *O Brazil e a Educação Popular*, o autor mostra como é grande a necessidade de instruímos o povo. De instruímos e de educarmos. Faz sentir que não bastará diffundirmos por toda parte a instrucção primaria. O essencial é orientar toda a educação brasileira para a pratica da vida.

Huxley já tinha dito que ensinar a lêr e escrever é dar a alguém prato e talher. Falta dar, depois disso, o alimento apropriado.

O Sr. Carneiro Leão acerta o passo na mesma campanha em que está empenhado o Sr. Tobias Monteiro e mostra os inconvenientes de se ter como o mais alto ideal da vida publica o funcionalismo official.

A seu vêr, si ha uma queixa tão generalizada contra o bom andamento dos negocios publicos, si a tantos parece que tudo vae abominavelmente mal, é porque a maioria passa o tempo a aspirar aos cargos of-

ficiaes. Nesses, sim, póde haver e ha favoritismo. Mas, si a maioria se voltasse para a procura de logares no commercio, na industria, nas instituições particulares, veria que nestas não existe o favoritismo. E não existe, porque não póde existir. Um director de fabrica ou de estabelecimento commercial, que preferisse incompetentes, só por serem recommendados, veria o seu estabelecimento fechar-se ou fallir. Esses directores são forçados a procurar e premiar o merecimento — não por altruismo e espirito de justiça, mas pelo seu proprio e immediato interesse.

E o Sr. Carneiro Leão escreve:

«Sómente nas carreiras publicas, em que, gcralmente são velhas praxes e sempre as mesmas que se devem seguir, em que um acto, uma vez praticado, será assim eternamente, se poderá prescindir da competencia. São posições essas para as quaes não se exige propriamente sabedoria nem capacidade de trabalho, nem energia, nem perseverança, nem iniciativa, nem nada que affirme individualmente a creatura, porque o que se quer allí é principalmente a falta dessas qualidades individuaes — uma tendencia para dissolver-se no aparelho do funcionalismo, para despersonalizar-se, para ser mola da machina burocratica.»

Mais adiante o autor corrige o que parece haver de excessivo nas suas phrases:

«Isto não quer dizer que para estas carreiras se exija incompetencia; mas que as grandes intelligencias e capacidades notabilissimas não são indispensaveis, nem talvez mesmo necessarias.»

E o Sr. Carneiro Leão mostra como entre nós todo o alto commercio; todo o estado-maior das companhias industriaes é de estrangeiros, ao passo que só os cargos inferiores cabem aos brasileiros.

E isso muito justamente. Porque não ha brasileiros especializados, competentes, para occuparem aquelles cargos. Quando lia, são immediatamente collocados.

A analyse desse estado de cousas está muito bem feita pelo escriptor, que aponta, como remedio para o mal a necessidade de se desenvolver a instrucção popular. Quer, porém, que essa instrucção, seja pratica, seja technica, prepare realmente para as carreiras lucrativas.

E' ainda sobre o mesmo assumpto que volta a segunda conferencia, sobre *Educação Profissional*. Nella o autor mostra, porém, mais minuciosamente, como está organizada a instrucção profissional em varios povos — e principalmente nos dois que são modelos a esse respeito. a Allemanha e os Estados-Unidos.

Evidentemente, em uma conferencia, o autor não podia fazer um estudo minucioso de organizações tão complexas. Limita-se a dar os caracteristicos que as distinguem. Mostra a educação allemã, visando crear technicos profundamente instruidos, conhecendo tudo em seus infimos pormenores. Em contraste, a educação norte-americana procura, sobretudo, desenvolver o espirito de iniciativa individual. Ambas instruem a fundo; mas a educação allemã guarda os caracteristicos do povo. Ella nunca se preocupa muito com as personalidades. Parece-lhe que a competencia se imporá por si mesma. No commercio, como na industria, como na politica, como no supremo modelo: o exercito — o allemão o que quer é crear boas machinas, apparatus perfeitos. A independencia individual é sempre um pouco subversiva nesse povo educado no regimen da caserna.

O norte-americano instrue tambem, dá tambem o conhecimento nitido e exacto das cousas; mas o que deseja é principalmente que o rapaz, assim preparado, aprenda a romper caminho por sua conta, energicamente, — brutalmente, si fôr preciso, afastando os concur-

rentes, como alguém que para fazer brecha através de uma multidão acotovella os vizinhos e vai passando custe o que custar.

O Sr. Carneiro Leão estuda esses dois typos de educação industrial.

Uma conferencia sobre educação civica mostra como ella pôde ser feita a proposito de todas as disciplinas de que se compõe o programma das escolas.

Na conferencia sobre «processos de educação moral» elle indica como se devem corrigir certos defeitos das crianças. É' um trabalho delicado, que torna necessario o conhecimento destas, para saber o que se precisa tratar só com methodos pedagogicos e o que carece mais da intervenção do medico que da do professor.

Em certo ponto, o Sr. Carneiro Leão escreve:

«Fazei com que o castigo redunde em absoluta utilidade do castigado. Si o culpado fôr indolente, como pena da culpa, obrigai-o, sem prejuizos, a trabalhar um pouco; si antipathico á gymnastica, marcae-lhe uma tarefa de exercicios physicos...»

Ahi não me parece que o autor tenha inteiramente razão.

E' um erro, quando uma disciplina qualquer já parece antipathica a um alumno, tornal-a ainda mais antipathica, dando-lhe a feição odiosa, que se liga a tudo o que é castigo. Convém, ao contrario, tornal-a sympathica, associal-a a taes premios e taes recompensas, que seja um prazer estudal-a.

Mas, emfim, isto é um pormenor, um detalhe.

Em conjuncto, o livro do Sr. Carneiro Leão é excellente. Está cheio de ideias uteis, praticas, fecundas, expressas de um modo eloquente, com uma admiravel precisão de linguagem.

# O Brazil e a Educação Popular

A. CARNEIRO LEÃO

Pag. 21

Não ha grande povo sem um processo sério de educação. Quanto mais crescem, mais desenvolvem e aperfeçoam os seus systemas de educar.

Quaes os povos mais victoriosos e mais felizes? — Aquelles que têm uma educação mais generalisada e mais perfeita. Basta um rapido olhar sobre a humanidade actual e a verdade resalta luminosa. Vejam a Inglaterra, os Estados-Unidos, a Allemanha, a Suissa, a Scandinavia, o Japão. Na America do Norte estão todos certos de que foi a educação que os fez grandes e, dia a dia, a preocupação pelo aperfeçoamento popular é mais absorvente e mais geral. E nem é possivel pensar de outro modo. Se a educação é o desenvolvimento, o aperfeçoamento das aptidões phisicas, intellectuaes e moraes do individuo, claro está que mais educado será aquelle, que melhor desenvolver essas aptidões e a maior nação a que tiver maior numero de cidadãos assim feitos.

Hoje se póde medir o valor de um paiz pelo cuidado que elle tem na educação popular. Tão forte é o merito dessa educação que basta um povo inicial-a para que se comece a vêr a sua magnifica ascenção para a civilização e o progresso. O Japão nos evidencia amplamente esta verdade.

E' de hontem o inicio do seu bello movimento educativo nos moldes occidentaes e já hoje esse paiz é um dos mais fortes e poderosos do mundo.

Nós, que fazemos? O Brazil, agora, como sempre, é composto principalmente de duas especies de creaturas:— de um lado, a maioria, oitenta por cento do povo, analphabeta, igno-

rante e incapaz de trazer o minimo desenvolvimento, a minima vantagem ao progresso nacional; de outro, uma gente mais ou menos instruida e culta, candidata perpetua ao funcçãoalismo e á burocracia. Classes productoras, industriaes, que trabalhem a riqueza da patria, que engrandeçam o nosso territorio, quasi não temos.

Se a limitada educação que possuímos, litteraria e theorica, só nos habilita para as carreiras publicas, só nos cria o gosto e o interesse pelas funcções burocraticas! Vivemos para um mundo que já passou, quando havia o escravo da gleba, o homem que trabalhava o sólo para os senhores continuarem uma vida de despreoccupações e de letras. E nós, mais do que ninguem, talvez, soffremos a influencia desse regimen. Se no nosso territorio a cultura do sólo feita pelo escravo, até ha pouco, não teve depois nem mais os braços que se libertavam e tomavam a ogerisa pela antiga profissão nem os dos homens livres que, difficilmente, se prestavam a substituir o escravo! A crise era fatal. Para sanal-a, fôra preciso o tempo e a educação pratica e utilitaria que faz a gloria dos póvos modernos.

Tempo já passou de sobra, foi-se mais de uma geração para que esta ogerisa persista. Precisamos é de educação: de uma educação pratica, de uma educação de trabalho.

Educar não é ensinar apenas a escrever e a lêr. E' formar, desenvolver e dirigir as aptidões individuaes, melhorando-as, dando-lhes possibilidades novas, adaptando-as ás necessidades da época, ás exigências do momento e do meio. Ensinar a escrever e a lêr, deixando os individuos alheios ás necessidades do seu tempo, arredios da lucta que se trava para a supremacia dos póvos, ignorantes dos elementos que levam ao triumpho, incapazes de influirem, com o seu trabalho, a sua capacidade e a sua acção, no destino da sua nacionalidade, é fazer tudo, menos homens victoriosos, é conseguir tudo, menos uma gente forte, uma patria poderosa.

Que fazemos nós? Quaes os processos de educação que observamos?

A escola nas nações fortes, é a officina da nacionalidade. E' nella que se forja a tempera de aço dos povos que conduzem a civilização.

Certamente a raça vale muito nos destinos de um povo. Mas, sem querer discutir valores de raça, mesmo porque não desejaria que fossem todas eguaes, aptas aos mesmos impulsos, ás mesmas acções e aos mesmos gestos, estou certo que a nossa será capaz do progresso mais definitivo. Discutindo valores de raça, quem diria que o Japão fosse susceptível do desenvolvimento maravilhoso que vae attingindo hoje?

Então, agora, que o character commercial da civilização leva os povos a viverem em contacto continuo, a se penetrarem mutuamente, reagindo uns sobre os outros, cruzando-se os individuos, entrelando-se os interesses de toda a ordem, permutando-se intellectual e moralmente, o isolamento de uma raça, dentro nas suas exclusivas tendencias e capacidade, é façanha insustentavel. Não é que uma raça procure adoptar a indole, o modo de sêr de outra, mas, conservar-se integral, receber e adaptar a si as qualidades que fazem nas nações fortes a garantia da victoria. Isso será impossivel?

Por que negar seja a educação que consiga esse milagre? Não temos os exemplos á nossa vista? Que eram os Estados-Unidos antes que os seus processos de educar tivessem orientado a sua raça? Que era a Allemanha, a Scandinávia, o Japão? Será este triumpho sómente fechado á raça latina?

Por que? Não é ella a mais prodigiosa prova de capacidade de acção e de intelligencia? Não foi o seu espirito creador que nos deu as maiores epopéas humanas! Se a civilização actual é capacidade de trabalho e trabalho bem dirigido, não vejo por que ella não possa triumphar galhardamente.

Apenas se deve oriental-a nos processos que conduzem á victoria da civilisação, como esta é contemporaneamente concebida.

Não se trata de amoldarmo-nos á indole americana, de constituirmos o Brazil á imagem de New-York, de transformarmos a nossa alma no espirito vertiginoso do «yankee». Não é de milagres deste genero que precisamos. Ao contrario, a nossa sensibilidade, a belleza das nossas paisagens, o encanto da nossa natureza, dão-nos um patriotismo mais fecundo e mais duradouro, porque é o amor das tradições, a veneração do passado, a maravilha de uma terra prodigiosamente deslumbrante, que nos liga e nos conduz. Neste ponto o nosso espirito é maior que o americano. Quando alli passar a vertigem do ouro e da lucta e do deslumbramento, quando a civilisação estiver exausta da corrida, em que se tem precipitado no mundo, falta-lhe esta sensibilidade, — apanagio latino, — que renova o ideal e revigora o espirito e unifica as aspirações e perpetúa a vida. A sua alma estará um tanto resequida. Sem monumentos de arte, sem tempo para construir tradições, que sejam o guia das almas através das idades, ella não conhecerá na patria o mesmo encanto, a mesma fascinação que nós outros, brasileiros, haveremos de sentir perpetuamente. E, para pezar nosso, é essa virtude que faz do brasileiro de hoje uma creatura infeliz. Na patria vive aspirando sempre, constantemente voltado para a civilisação que se realisa lá fóra; distante, tem o coração continuamente preso á nossa terra, ao encanto da nossa alma sensivel, cavalheiresca e generosa.

O remedio é conseguirmos, no Brazil, uma parte deste progresso, que admiramos e de que necessitamos para satisfacção do nosso espirito e affirmacção de nossa nacionalidade.

Não é procurarmos copiar integralmente a civilisação americana ou ingleza, ou qualquer outra, mas aprendermos a fazel-a como elles aprenderam e, sem buscarmos alterar a nossa

indole (cousa, aliás, absolutamente impossível)  
—conservando, ao contrario, o nosso espirito  
e o sentimento grandioso da nossa alma, che-  
garmos a ser fortes, explorando as nossas pro-  
prias riquezas, exercitando as nossas proprias  
forças.

---



## CARVALHO RAMOS — “Tropas e boiadas”

*Tropas e boiadas* é um livro de contos goyanos. Livro excellente. Tem vida, tem côr local. Descripções e narrações, tudo é nelle muito bom.

O numero dos nossos escriptores, que se dedicam a mostrar-nos os costumes locaes das varias regiões do Brazil, de um modo caracteristico e inconfundivel, não é muito grande. Figuram entre elles, como dos maiores, Valdomiro Silveira e Viriato Correia.

Ha, é certo, na obra de varios outros homens de lettras, contos do sertão. Mas, em geral, é um falso sertão; um sertão contado... de oitiva.

O facto é comprehensivel e lastimavel.

Comprehensivel, porque, dada a pouca diffusão do ensino entre nós, só chegam a instruir-se sériamente os que vêm morar nas cidades. E não é mesmo em quaesquer cidades: é para as capitaes que precisam vir. Ainda se pôde accrescentar: precisam vir para tres ou quatro grandes capitaes.

Esse facto, retirando desde muito cedo do meio sertanejo os nossos homens de lettras, que só vivendo nos maiores centros urbanos do paiz podem instruir-se e apparecer, — faz com que nos faltem descripções e narrações abundantes dos costumes do nosso interior.

E a cousa é lamentavel, porque esses costumes são caracteristicos, pittorescos, originaes. O Brazil das capitaes é mais ou menos o mesmo de norte a sul. O Brazil dos sertões é extremamente variado. O gaúcho do Rio-Grande do Sul parece-se mais com o *cow-boy* da California do que com o sertanejo de Goyaz, do que com o seringueiro do Amazonas.

Si houvesse um grande organ litterario, lido em todo o paiz e no qual se publicassem «annuncios de letra», como nos jornaes quotidianos, poder-se-ia pôr nelle o seguinte pedido: «Precisam-se éscriptores, para contar e descrever os costumes caracteristicos das varias regiões do Brazil.»

E poder-se-ia suggerir-lhes ainda outra cousa: que nos seus contos e descripções procurassem abranger todas as phases da vida habitual.

Os livros de ethnologia e de *folk-lore* dão em geral a descripção dos costumes locais acerca dos nascimentos, dos casamentos, das mortes, de outras circumstanças typicas da actividade humana.

Sem revelar esse intuito e, sobretudo, sem nenhuma apparencia de estar fazendo ethnologia, pedantescamente, os que conhecem a fundo os costumes de quaesquer regiões podiam, em diversos contos, ter a preocupação de nos dar um conhecimento mais minucioso e, por assim dizer, mais systematico da vida nessas regiões em todas as suas phases.

Em geral, já acima o notamos, os nossos escriptores, que pretendem fazer a descripção de costumes de tal ou qual ponto do Brazil, limitam-se a abarrotar a sua prosa com termos da gíria local — termos que nem sempre empregam a proposito e que servem apenas para difficultar a comprehensão do que elles querem descrever ou narrar.

O bom escriptor, que vae empregar uma palavra bizarra da linguagem local, arranja-se de modo a que, quando a encontra, já o leitor adivinha do que se trata, tem quasi a illusão de que a conhecia ha muito tempo.

O máu escriptor procura ao contrario surprehender o leitor, apresentando-lhe bruscamente palavras que elle ignora. Espera assim deslumbrar os que lhe percorrem as paginas. Chega, porém, sempre a um resultado diametralmente opposto.

Não é este o caso do Sr. Carvalho Ramos, que não precisa fazer um sertanismo de fancaria, porque o pôde fazer bom e authentico. Vê-se que elle conhece a fundo a vida dos sertões de Goyaz e que tem por ella uma attracção immensa.

De mais, para contal-a, põe em scena episodios admiravelmente bem escolhidos, embora, em geral, muito simples.

Do seu talento de narrador ha numerosos exemplos. Elle refere, por exemplo, o caso de um sertanejo que tinha a cabeça toda branca e um tremor persistente nas pernas.

Um dia adormecera no chão, dormindo ao ar livre. Teve um pesadelo. Sentiu uma oppressão sobre o peito. Accordou e viu que sobre elle estava pacificamente enrodilhada uma grande cascavel.

Póde-se avaliar o terror desse homem. Viveu em alguns minutos seculos de angustia. Si se movesse bruscamente, a cobra podia despertar e mordel-o... Mas não conviria, apezar de tudo, correr o perigo, levantar-se de um salto e tentar matal-a? Ainda elle discutia isso, no seu cerebro meio paralysado pelo terror, e já o venenoso reptil se desenrolava lentamente, deixava-o em paz e afastava-se com toda a serenidade, coleando pelo matto a dentro. Quando o matuto se levantou, verificaram que a emoção fôra tal que elle estava com o cabello inteiramente branco e as pernas agitadas de um tremor nervoso, que nunca mais cessou.

Ha, como esta, varias outras narrações que parecem ter um cunho pronunciado de verdade.

O livro de Carvalho Ramos é encantador.

---



# Tropas e boiadas

H, CARVALHO RAMOS

Pag. 63

## Ninho de periquitos

Abrandando a canicula pelo virar da tarde, Domingos abandonou a rêde de imbira onde se entretinha arranhando uns respontos na viola, após farta cuia de jacuba de farinha de milho e rapadura que bebera em silencio, ás largas colheradas, e sahiu ao terreiro, onde demorou a afiar numa pedra piçarra o córte da foice.

Era pelo domingo, vespervas quasi da colheita. O milharal estendia-se além, na baixada das velhas terras devolutas, amarellecido já pela québrea, que realisara dias antes, e o veranico que andava duro na quinzena.

Emquanto amolava o ferro, no proposito de ir picar uns galhos de coivara no fundo do plantio para o fogo da cosinha, o Janjão rondava em torno, rebolando na terra, olho aguçado para o trabalho paterno.

— Não se esquecesse, o papá, dos filhotes de periquitos, que ficavam lá no fundo do grão, entre as macegas espinhosas de «malicia», num cupim velho do pé da maria-preta. Não esquecesse...

O roceiro andou lá pelos fundos da roça, a colher uns pepinos temporões; foi ao paiol de palha d'arroz, mais uma vez avaliando com a vista se possuia capacidade precisa para a rica colheita do anno; e, tendo ajuntado os gravetos e uns cernes de coivara, amarrava o feixe e ia já a recolher caminho de casa, quando se lembrou do pedido do pequeno.

— Ora, deixassem lá em paz os passarinhos. Mas aquelle dia assentava o Janjão a sua primeira dezena tristonha de annos; e pois, não valia por tão pouco amual-o.



carunchosa da arvore, decepou-a noutro golpe, cerca quasi á juntura do pulso.

E enrolando o punho mutilado na camisola de algodão que foi rasgando entre dentes, sahi do cerrado, calcando duro, sobranceiro e altivo, rumo de casa, como um deus selvagem e triumphante apontando da matta companheira, mas assassina, mas perfeitamente traiçoeira...

---



## ARCEU GUIMARÃES — “Epitome de Dactyloscopia”

O Sr. Argêu Guimarães, ajudante do Dr. Philadelpho de Almeida, chefe do gabinete de dactyloscopia da Caixa Economica, resolveu fazer uma exposição systematica desse processo de identificação, processo que é hoje quasi universal. Ha em portuguez numerosos artigos sobre o assumpto e duas theses, uma brasileira sobre a identificação dactyloscopica dos mortos, e outra, portugueza, sobre a dactyloscopia em geral, A julgar, porém, pela bibliographia publicada pelo autor do *Epitome de Dactyloscopia*, não havia ainda um trabalho de exposição systematica, melhor se diria talvez—de exposição didactica sobre o conjuncto dessa questão.

O livro do Snr. Argêu Guimarães preenche em grande parte esta lacuna.

Começa mostrando o que é *identidade* e o que é *identificação*. A identificação é exactamente o processo de verificar a identidade das pessoas.

Que a operação seja frequentemente necessaria o autor o prova, citando varios casos de individuos tão semelhantes a outros, que por elles puderam ser tomados. Aliás a litteratura, no romance, no drama, na comedia e recentemente no cinematographo tem explorado abundantemente esse factio.

Mas onde elle deixa de ser uma curiosidade para constituir um problema muito sério é no dominio policial e criminal. Ahi trata-se da honra e da vida dos accusados, trata-se da segurança social. Precisa-se a miudo poder adquirir a certeza da identidade dos criminosos.

Depois de varios ensaios mais ou menos falhados, chegou-se ao systema de Adolpho Bertillon, a que se deu mesmo, em homenagem ao seu autor, o nome de *bertillonage*. A *bertillonage* consistia em uma série de medidas do corpo humano, tomadas em certa ordem e com um grande rigor. Como não ha, de certo, dois individuos inteiramente iguaes, parecia que o methodo devia ser infallivel.

Mas, na pratica, a applicação offerencia muitas difficuldades. Basta dizer que, si não ha duas pessôas iguaes, não ha tambem duas pessôas, que meçam com rigor igual. E assim o mesmo individuo *bertillonado* por dois identificadores diversos, nunca chegava a ser notado com as mesmas dimensões. Si o trabalho era por ambos feito com perfeição, as differenças não excediam de uma porcentagem susceptivel de ser prevista. Mas, ás vezes, a variação provinha do proprio individuo medido, porque, si é sabido, por exemplo, que os ossos, a partir de certa idade, não variam mais, não só é difficil indicar para cada individuo qual é aquella idade, como ainda não se pódem tomar as medidas directamente sobre os ossos porque nos gabinetes de identificação não se começa por fazer a esfolação e disseccção dos criminosos... E a camada de pelle, musculos e tecido adiposo, a propria rêde de vasos sanguineos, ora mais, ora menos cheios, põem embaraços ás medidas rigorosas e levam a variações, ás vezes bem grandes, entre duas mensurações do mesmo individuo, em occasiões diversas.

De mais a mais, o processo de Bertillon exigia uma série muito grande de medidas, que ia da cabeça aos pés. Tornava-se incommoda e um pouco vexatoria.

Descobriu-se, porém, um processo infinitamente mais simples e mais efficiente: o da *dactyloscopia*. Verificou-se que o desenho da pele da mão e em especial

da phalange em que está a unha é perfeitamente característico em cada pessoa. Característico e invariavel.

Esse processo de identificação tende a generalisar-se em todos os dominios. Nós já o temos na Policia, na identificação eleitoral e na Caixa Economica. Nos Estados-Unidos o systema é corrente nos estabelecimentos bancarios.

Sujar a cabeça dos dedos e marcar com elles uma ficha não é trabalho muito difficil. Pede alguns minutos.

A classificação dessas «dedadas» (conforme as chamam, com toda a propriedade, os portuguezes) é tambem um prodígio de simplicidade, porque, como o expõe o Sr. Argêu Guimarães, todos os desenhos se dividem em tres typos: *arcos*, *prezilhas* e *verticilos*, sendo que as prezilhas ou se voltam para o lado de dentro ou para o de fóra. Além disso, ha tambem sempre em cada dedo outras particularidades: mas aquellas são as basicas, as fundamentaes, as que não faltam em dedo nenhum.

Quem estabeleceu a melhor classificação para as «dedadas» foi um funcionario argentino, o Dr. Vucetich. e a Felix Pacheco se deveu a introdução do systema no Brasil, facto que concorreu em grande parte para a diffusão do processo em outras nações.

E' interessante notar que, depois da astrologia e, aliás, em connexão com ella, a chiromancia constitue a mais antiga sciencia de adivinhação. Apesar disso, é ainda hoje tão vaga e imprecisa como ha cinco mil annos...

E, todavia, não ha motivo algum para descrêr em absoluto de algumas de suas pretenções.

Tudo no corpo humano se prende e se relaciona. Não se vê, portanto, nenhum obstaculo logico a que os traços de cada character correspondam em cada mão a um certo desenho, como, sem duvida alguma, correspon-

dem a uma certa constituição do systema circulatorio e do systema nervoso.

O absurdo na chiromancia é a pretensão de prophetisar o futuro, sobretudo ligando as suas prophcias á influencia dos astros.

Mesmo, porém, dentro dos limites racionais da determinação do character, ella não produziu até hoje nada de positivo e incontestavel.

Talvez a dactyloscopia chegue a esse resultado de um modo mais positivo e menos phantasia. A chiromancia, que começou pelos outros astros, ainda não chegou á Terra... A dactyloscopia, que começou pelos gabinetes policiaes, um pouco envergonhadamente, é bem capaz de ser até o fim mais pratica e positiva...

Já algumas observações mostram como certos desenhos papillares excessivamente simples—que se chamam por isso mesmo «fórmulas primarias»—apparecem, em geral, nos degenerados.

O *Epitome* do Sr. Argêu Guimarães não tem definições precisas. E' um mal. Supre um pouco essa falta pelos desenhos, que são perfeitamente intelligiveis.

Durante muitos annos foi adoptado no Collegio Pedro II um compendio de geographia, que dava do circulo a seguinte definição: «Circulo é uma figura redonda como esta que está aqui ao lado.» E ao lado estava, de facto, um circulo.

O *Epitome de Dactyloscopia* segue esse systema. Substitue as definições pelas figuras, o que quasi sempre basta; mas não é um processo recommendavel. As duas cousas, *definições* e *estampas*, não deviam excluir-se. Ellas se completam.

De todo modo, porém, o trabalho do Sr. Argêu Guimarães, simples e claro, conciso e preciso, é uma excellente exposição de conjuncto da questão.

# Epitome da Dactyloscopia

ARGEU GUIMARÃES

Pag. 163

Vucetich prophetizou estar a dactyloscopia vaticinada a constituir uma linguagem universal. Poderia accrescentar—universal dentro das fronteiras, entre os cidadãos, universal além das fronteiras, entre as nações.

As qualidades multiplas do systema asseguram, com effeito, um evolver para a obrigatoriedade e a internacionalisação.

Esse é o corollario de tudo quanto até aqui vimos escrevendo. E na Argentina, e no Brazil, espiritos de élite, imbuidos dessa verdade, têm preconisado a diffusão da dactyloscopia.

Em quasi todas as policías ha gabinetes de identificação dactyloscopica, com registros civis e criminaes. Na vida bancaria, a nova prova de identidade se impõe. No regimen eleitoral, da mesma fórma. E marcha-se assim para a meta da obrigatoriedade, erigida a dactyloscopia em prova mater da identidade, para todos os passos da vida, para todas as esphas da actividade humana.

O Sr. Almanos particularisa casos em que a dactyloscopia, desde já, póde ser chamada a funcionar. Muitos desses casos já estão sujeitos ao regimen dactyloscopico; como o registro de prostitutas, de conductores de vehiculos, de creados, em varias cidades.

Em resumo, o Sr. Almanos preconisa a identificação dactyloscopica para os seguintes casos: registros de nascimento, matrimonio, obito; successão testamentaria; escripturas; registro de hypothecas; prova de identidade na vida forense; documentos varios; instituições bancarias e contractos mercantis; titulo eleitoral; registros policiaes; immigrantes; alguns serviços postaes; matriculas escolares; varias instituições sob a alçada do Estado.

Todos os inconvenientes assacados contra a obrigatoriedade da identificação dactyloscópica estão implicitamente refutados nas paginas deste epitome. Restam-nos, portanto, méras conclusões, em abono deste *pium desiderium*, que será alta providencia social.

A identificação obrigatoria não importa atentado á liberdade — devemos repisar. Não prevalecem os preconceitos gerados pela identificação carceraria. A dactyloscopia tirou a essa operação todo o character constringedor.

Certo, a invocação de semelhantes preconceitos ficaria bem na bocca de Spencer, que tinha um *constitutional disregard on authority*, isto é, que execrava a autoridade do Estado, e chegou a considerar a instrução publica obrigatoria e o serviço militar, freios inadmissíveis ao direito fundamental inviolavel da liberdade pessoal.

Mas o autor dos *Primeiros principios* foi o fanatico da personalidade...

O código do processo criminal do Districto Federal capitula algumas excepções em que os accusados presos não estão sujeitos á identificação. E' um remanescente dos antigos preconceitos...

Isso não causa espanto. Na vigencia da anthropometria, o eminente Barata Ribeiro apresentava, em pleno Senado Federal, em 1893, um projecto suspendendo a identificação dos detidos... O senador obedecia a impulso de traçoeiro sentimentalismo.

Medeiros e Albuquerque, abundando nas mesmas razões pelas quaes a commissão de legislação e justiça impugnára o projecto, mostrou na imprensa que se tratava de um processo tão legitimo quanto o de se exigir o nome, idade e naturalidade.

As disposições do código citado, feito na vigencia da dactyloscopia, são insustentaveis.

A proposito, é lapidar a sentença do juiz Godoy, de São Paulo, sentença que o Sr. Viotti em boa hora reproduz no seu livro.

Esse magistrado mostrou que as excepções viriam desvirtuar a identificação, reconhecendo nella um character infamante, o que é inadmissivel.

Em verdade a identificação, no justo dizer de Elyσιο de Carvalho, é medida garantidora da liberdade individual, e, do mesmo passo, providencia de defesa social. Assim sendo, o vasto problema da identidade se resolverá com a identificação obrigatoria de todos os membros da sociedade. E' esse um reclamo da consciencia juridica do nosso tempo.

Teriamos magnifica prophylaxia social, tão valiosa para o honesto quanto para o criminoso. O honesto vê assegurados direitos e o bem estar da communhão. Possui um documento que é o seu salvo-conducto para todos os passos da vida. O delinquente fica sob uma fiscalisação mais real e directa da policia. Mais difficilmente escapa á repressão.

E o aparelho policial reprime e previne com maior firmeza.

Facil, segura, efficiente, só a identificação dactyloscopica dá viabilidade a esse ideal.

Não vexa, não constringe o cidadão. E' acessivel a todas as intelligencias, mediante estudo e tirocinio rapidos. Seu instrumental nada tem de luxuoso, caro, complexo. Seus principios são severamente idoneos.

Dest'arte, a aspiração da obrigatoriedade tende a concretisar-se. A par da obrigatoriedade, evoluiremos para a internacionalisação. Uma medida completará a outra.

No Brazil, já temos a permuta entre os varios gabinetes nacionaes. O gabinete de Manáos se corresponde com o de Porto-Alegre.

Amanhã far-se-ha a permuta internacionalmente. Foi essa uma das conclusões approvadas pelo Congresso Scientifico Latino-Americano, reunido no Rio de Janeiro em 1915. A proposta insinuou mesmo a creação de quatro grandes gabinetes internacionaes, um numa capital da Europa, outro nos Estados-Unidos do Norte,

outro na Centro-America, outro na America Meridional.

Facilidades praticas multiplas e incontestaveis, possibilitam tanto a obrigatoriedade como a internacionalisação. A dactyloscopia é tão simples na pratica e na theoria, que é mesmo possível o entendimento através a taxionomia dos varios systemas. Por outro lado, e, principalmente, faz-se a extracção de fichas em varias vias, com insignificante accrescimo de trabalho...

« O systema dactyloscópico, escreveu Dastre, tem, sobre qualquer outro, a vantagem de ser applicavel aos individuos de qualquer idade, ás creanças, aos moços, aos adultos, e, por consequencia, aos delinquentes juvenis, á população das colonias penitenciarias, como aos reincidentes adultos.

« E' o menos oneroso, seu funcionamento não exige pessoal grande nem difficil de dirigir-se. Tende cada vez mais a substituir-se á mensuração anthropometrica. E póde ser recommendado para o estabelecimento d'uma ficha internacional, de que fariam uso as policias de todos os estados civilisados, para a investigação commum dos criminosos ».

A obrigatoriedade premunirá salutarmente os individuos fadados ao crime, impondo-lhes o temor da reincidencia.

Far-se-ha a identificação desde a infancia, como preconisa Galdino Ramos. Se ella se fizesse na creança, no registro civil do nascimento, e si se repetisse em todos os actos da vida, annotando-se, á proporção, na ficha respectiva, até á morte; e fosse a mesma ficha recolhida ao archivo, e se lhe attribuisse um character de validez juridica, como propõe Quesada, a lei teria impedido muitos crimes. E a grande aspiração criminal é prevenir, porque mais vale prevenir do que remediar...

O individuo encontraria na cedula dactyloscópica uma barreira, ao palmilhar o *iter criminis*. Teria tambem o mais incontestavel documento de identidade, a mais respeitavel folha-corrída.

Internacionalisada a identificação, as policias dos grandes centros poderiam tomar novas e relevantes providencias. Permutar-se-hiam fichas de individuos perigosos, para os quaes é useiro recurso transpor fronteiras.

Consiga-se isto, escreve Galdino Ramos, e o mundo terá menos maldade, ou, pelo menos, contará com recursos para a reprimir mais eficazmente.

Ainda ao nosso continente cabe primazia na realização desse ideal.

Os delegados da policia carioca, portenha, montevideana e de Santiago do Chile, reunidos em Buenos-Ayres, em 1905, assignaram um convenio para a permuta de antecedentes dos individuos perigosos para a sociedade, os das pessoas honestas que o solicitarem, e as impressões digitaes dos cadaveres desconhecidos que pareçam estrangeiros.

O convenio é um modelo digno de ser imitado. Suas clausulas deveriam ser o melhor esteio dos tratados de extradição. Em summa, a vida social, em todas as suas faces, só tem a lucrar com a identificação obrigatoria. E' uma medida que se recommenda por incontestaveis vantagens, e seria de largo alcance.

A dactyloscopia, por sua natureza simples e garantida, deu azo a que fosse viavel uma tão util providencia.

Resta que os dirigentes comprehendam o alcance de tal iniciativa e, ainda uma vez na America do Sul, sejam os primeiros a ter o gesto benemerito.

---



## HENRIQUE SILVA — A bandeira do Anhangüera a Goyaz em 1722

Henrique Silva publica em uma pequena brochura os roteiros de José Peixoto da Silva Braga e Urbano do Couto, que parecem ter sido os portuguezes que mais se adiantaram nos primeiros tempos no conhecimento de Goyaz. O autor diz mesmo que esses documentos são para o conhecimento daquella longinqua região do nosso paiz o que é a carta de Pero Vaz de Caminha para o conhecimento da Historia do Brazil.

Ha talvez um certo exaggero nessa affirmacão porque Pero Vaz de Caminha escreveu logo á primeira viagem dos portuguezes á nossa terra, enquanto que Silva Braga, que foi incorporado na «bandeira» do Capitão Bartholomeu Bueno da Silva, mais conhecido como o *Anhangüera*, ia á procura de minas de ouro, descobertas quarenta annos antes.

O que se póde, porém, dizer é que disso não ficara documento algum.

Henrique Silva não se limita a publicar os roteiros. Elle analisa as affirmacões nelle contidas e rectifica certas designações chorographicas, que, com o tempo, se foram alterando. E' assim que no roteiro de Silva Braga se fala em um rio *Meia-Ponte*. A allusão não é, porém, ao rio que hoje tem essa designação. O *Meia-Ponte*, do roteiro, chama-se hoje o Parnahyba.

E' mesmo curioso como Henrique Silva faz a determinacão de uma certa região indicada no roteiro, mostrando a concordancia das especies de peixes, que aquelle documento indica e que ainda hoje só existem na referida zona.

Henrique Silva está mais especialmente aparelhado do que qualquer outro para tratar do assumpto, primeiro porque é um goyano apaixonado pelo seu Estado; depois, porque, tendo feito parte da Comissão Cruls, que demarcou a área da futura capital federal, conhece melhor do que ninguem a geographia, a chorographia e as tradições de Goyaz.

# A bandeira do Ananguéra a Goyaz em 1722

HENRIQUE SILVA

Pag. 5

«8. Passados alguns dias de marchas, e nelles alguns rios e corregos, com assás trabalho e perigo, por serem as aguas muitas e maior a fome, nos fomos arrancar perto da Meia-Ponte. E' a Meia-Ponte um rio caudaloso, tem bastante peixe, bons pastos, muito matto. Passado este rio em umas pequenas canôas, que fizemos de cascas de arvores, fomos dormir na outra banda do rio, que nos hospedou toda 'noite com uma formosa trovoadas que durou até a manhã seguinte com tanta agua que nos não deu lugar a podermos fazer ranchos, e por isso me vali de uma tolda que tinha comigo. Da Meia-Ponte distante dois dias de viagem se deixou ficar Frei Antonio com animo de lançar roça com dez negros, um sobrinho e um mulato, com outro branco Paulista, que consigo tinha. Sentiu toda a tropa naquella noite a falta do dito religioso, deu-se parte ao Ananguéra, mandou-o este persuadir a que voltasse e marchasse adiante. Mas teve por resposta que vista a falsidade que S. Mcê. tinha usado com todos faltando a tudo o que lhes tinha promettido em S. Paulo, lhe não era possivel o podel-o acompanhar; que elle determinava plantar algum milho, com que se pudesse recolher a povoado.

«9. Desenganado o Ananguéra, marchou com a mais tropa e julgando que indo sempre ao norte, como até ali já tinha feito, lhe ficava já atraz os Guayazes que procurava; mudou de rumo e seguiu o nordéste quarta de norte. Passaram de cento e tantas leguas as que andamos a este rumo, sem mais sustento que o que dava o matto e esse pouco. Neste dia lhe

fugiram ao cabo oito indios dos seus, publicando primeiro todos que iam errados, porque os Guayazes nos ficavam já atraz. Destes indios foram apanhados depois de alguns dias só tres, que trouxe presos João Leite, que se expediu a buscar-os com dois negros e quatro brancos: trouxe tambem nesta volta comsigo a Frei Antonio, que nos ficara distante perto de oitenta leguas; mas que ainda veiu. Frei Antonio, nem por isso desamparou a sua roça, porque deixou nella o sobrinho com quasi todos os negros. Nesta occasião demos em umas grandes chapadas faltas de todo o necessario, sem mattos nem mantimentos; só sim com bastantes corregos, em que havia algum peixe, dourados, trayras, e upiabas que foram todo o nosso remedio; achamos tambem alguns palmitos do que chamam jagoso, sustenta mais que os mais. Aqui nos começou a gente a desfallecer de todo: morreram-nos quarenta e tantas pessoas entre brancos e negros, ao desanparo, e o eu ficar com vida o devo ao meu cavallo, que para me montar nelle pela minha fraqueza em que me achava me era preciso o lançar-me primeiro nelle de braços levantados sobre o primeiro cupim que encontrava.

« 10. Vendo-se o Cabo nesta miseria, e temendo a falta e mortandade de gente, e muito mais considerando o erro que tinha dado no rumo que então seguia, se valeu do Céu. e foi a primeira vez que o vi lembrar-se de Deus, promettendo e fazendo varias novenas a Santo Antonio para que nos deparasse algum gentio que conquistado nos valessemos dos mantimentos que lhe achassemos, para remedio da fome que padeciamos. Passados quinze dias com bastantes molestias e trabalhos, demos em uma picada nos mesmos campos, seguimol-a nove dias, achando nella alguns ranchos feitos de pão e ramos com alguns grãos de milho, já nascidos: no fim destes nove dias chegamos a uma serra cujas vertentes desaguam para o norte, e lançando adeante quatro indios a farejar o gentio, os seguimos tres dias de

viagens. Eramos só dezeseis com o cabo, porque a mais tropa e bagagem a deixamos atrás com los doentes. Na noite do terceiro dia avistamos as rancharias do gentio e seus fogos: emboscamos no matto para lhe darmos na madrugada; mas sendo sentidos dos cachorros, que tinham muitos e bons, quando os avançamos, nos receberam com os seus arcos e flechas.

«11. Não demos um só tiro por ordem do cabo, de que resultou fugir-nos quasi todo o gentio, o investir um delles ao sobrinho do cabo com tal animo, que lançando-lhe a mão á redea do cavallo, lhe tomou a espingarda da mão e da cinta o traçado, e dando-lhe com ella um famoso golpe em um dos hombros e outro no braço esquerdo fugiu levando-lhe consigo as armas. Desembaraçado do Tapuia, o Paulista correu sobre elle sem mais effeito que recuperar a espingarda que lhe largou o Tapuia, retirando-se com o traçado. Nesta mesma occasião outro Tapuia, em um das suas portas feriu levemente no peito com um flecha a um Francisco Carvalho de Lordeiro, e acudindo outro lhe deu na cabeça com um porrete, de que cahiu logo; cahido lhe-deu outra porretada outro Tapuia que appareceu de novo, deixando-o já por morto. E' para admirar que em todo este conflicto não fizesse mais acção o nosso cabo que o andar sempre ao longe gritando e requerendo-nos que atirássemos só ao vento para não atemorisar o gentio. Foi Deus servido levarmos os ranchos, chovendo sobre nós as flechas e os porretes.

«12. Retiraram-se para as mattas os Tapuias, mas sem nunca nos perderem de vista, e tanto que querendo darmos sepultura ao Carvalho que estaria morto, procuraram em duas avançadas que nos déram tiral-o e comel-o e vendo-se rebatidos nos pediram pos acenos lhe dessemos ao menos a metade para o comermos por ser diversa a lingua da geral. Retirado o dito Francisco de Carvalho, o achamos com a boca, narizes e feridas cheios de bicho, mas

vendo que lhe palpitava ainda o coração e que tinha outros mais signaes de vida, o recolhemos na rancharia, curando-lhe as feridas com ourina e fumo, e sangrando-o com a ponta de uma faca, por não termos melhor lanseta; aproveitou tanto a cura que Carvalho pela noite tornou em si, abriu os olhos, mas não pôde falar senão no dia seguinte; o regimento que teve não passou d'um pouco de angu', e algumas batatas das que achamos nas rancharias.

« 13. Em todo este tempo nos não deixou o gentio, perseguindo-nos os negros, que nos iam conduzir algumas batatas de vinte e cinco batataes que tinham grandes e excellentes no gosto: destes negros, nos mataram um, e um cavallo; o que visto pelo cabo se fez forte em um dos ranchos que lhe pareceu melhor, mandando recolher todo o milho que se achou a um paiol, a que poz guardas, como o fez tambem a sete indios que captivamos, mandando-lhes lançar a todos suas correntes, exceptuando um indio torto, tambem captivo a que ao depois se deu liberdade. Recolhido no seu rancho, o Anhanguéra mandou logo buscar os doentes e mais bagagem. Neste tempo se tinha humanisado já mais o gentio, buscando-nos e servindo-nos sem arco e flecha e admirando muito as nossas armas. Offereceram-nos páus (?), trazendo-nos em um destes dias dezeseis indias ainda moças, muito claras em signal de amizade. Repugnou o cabo a acceital-as, contradizendo-o todos os mais companheiros, e eu fui o que mais persuadia a acceital-as, dizendo-lhe que na consideração de sermos tão poucos, e estes fracos e mortos de fome, e muito o gentio, não o escandalisassemos, e que postas em guarda as ditas indias com os mais que se achavam presos, podiamos facilmente catechisar a todo o mais gentio, não só a ajuste das pazes, mas a darem-nos alguns que nos ensinassem o verdadeiro caminho dos Guayazes. Mas a nada disto se moveu o Anhanguéra com a ambição de querer para si todo o gentio, motivo porque escusou sempre a resenha, e por-

que desconfiado o gentio desapareceu logo no outro dia, temeroso que ao entrar nova gente nas rancharias, eram os doentes e bagagem, os queriamos matar para os comermos a todos; assim nol-o certificaram as indias que se achavam entre nós. Desesperado o cabo com a ausencia do gentio, largou o torto com algumas facas, thesouras e outras galanterias, para que os persuadissem a voltar; mas o torto foi e nunca mais o vimos.

---



## DR. AMERICO WERNECK—“Marido e amante”

O Dr. Americo Werneck é um dos nossos mais operosos polygraphos. Si já escreveu trabalhos austeros sobre finanças, sobre agricultura, sobre educação, já publicou tambem novellas e romances. De todos os seus livros, o mais celebre é a *Arte de educar os filhos*.

Os polygraphos são sempre um pouco suspeitos. No emtanto, a historia litteraria conhece alguns, que não foram de todo insignificantes. O maior é de certo Aristoteles, ao qual não é quasi possivel evitar referencias, desde que se procura o historico de qualquer questão.

Em geral, os polygraphos são accusados de superficialidade. De facto, com a infinita complexidade dos conhecimentos modernos, é difficil produzir cousas novas e originaes em varios ramos da actividade intellectual. Mas ás vezes, sem ter de modo algum essa ambição, os polygraphos não deixam de ser uteis.

São espiritos sem nenhuma genial profundidade; mas lucidos, claros, limpidos, que sentem a necessidade de vêr nitidamente as cousas, procurando depois expol-as aos outros com a mesma nitidez.

O que o especialista, admiravelmente instruido, nem sempre expõe bem, porque suppõe nos outros conhecimentos que lhes faltam — o polygrapho explica luminumamente. E tanto faz isso para um assumpto litterario, como para um scientifico. Possui a faculdade de separar o essencial do accessorio, o obscuro do claro; é uma especie de alambique intellectual, que distilla qualquer conhecimento que por elle passa, tirando-lhe as escorias e deixando apenas o que ha de puro. E os

alambiques são poly...uteis, porque nenhum delles é destinado a purificar uma só especie de liquido.

Ha ainda outro genero de polygraphos: elles constituem, por assim dizer, excellentes apparatus de raciocinar.

E' bom não esquecer que os processos de raciocinio são os mesmos, tanto para a Arte — todas as artes, como para a sciencia — todas as sciencias. O que ha é que cada um se habitua a applicar esses principios a uma certa materia prima e nisso se especialisa. Quando, porém, a uma dessas machinas raciocinadoras se fornecem dados de qualquer natureza, ella chega, ás vezes, a conclusões justas, que, não raro, são originaes. Com a infinita complexidade dos conhecimentos humanos cada vez é mais difficil que a mesma pessoa possa ir assimilar dados de varias sciencias; mas, ainda assim, não é de todo inexistente a especie de polygraphos de valor: Charles Richet, le Dantec, Remy de Gourmont e outros demonstram a persistencia della.

Ha apparatus mechanicos para fazer calculos. Desde as quatro operações fundamentaes até as extracções de raizes e outras operações, executam tudo com uma perfeição automatica infallivel. Assim que se collocam as suas engrenagens em certa posição e se faz com que ellas funcionem, o resultado sahe sem erro. Pouco importa á machina que os numeros que lhe fornecem sejam as parcellas de um ról de roupa suja ou vertiginosos calculos astronomicos. Desde que os dados estão exactos, o resultado tambem está. Fatalmente, forçosamente. Feita para fazer calculos, a machina calcula.

Assim são certos cerebros. Desde que lhes dão premissas verdadeiras, elles tiram tambem conclusões verdadeiras, qualquer que seja a origem dessas premissas. Habituaados a raciocinar com justeza, raciocinam sobre tudo o que se lhes submette.

O Dr. Americo Werneck é um desses espiritos simplificadores e clarificadores de idéas. Ha, porém, nelle

muito mais habilidade para a exposição de idéas abstratas do que para a exposição litteraria, a descripção, a analyse psychologica. Isso provém muito naturalmente de que os seus trabalhos litterarios têm sido a parte mais accessoria da sua actividade intellectual.

*Marido e amante* é um romance em que se vê bem qual o thema essencial que o autor procurava desenvolver; mas em que ha uma evidente falta de technica.

O entrecho é simples. Um inglez, chamado John, vem para o Brasil. Espirito extravagante e aventureoso, ora manifesta uma alegria exuberante e toma parte em *clubs* dramaticos e de *foot-ball*, ora se lembra de ir viver como um selvagem no interior do paiz. Um dia, emfim, tendo sabido que uma formosa moça o chamára *caxinguelê*, resolve fazer-lhe a côrte e com ella se casa.

Elle e a mulher, que se chamava Annita, só têm um grande amigo. E' outro inglez, William, que vive, isolado, embebido em constantes leituras.

Esse William é feio e torto. Esteve para casar com uma moça formosissima. Um dia, o pae della soube da affeição da filha e prohibiu-lhe que continuasse a vêr William. A moça morreu de amor. Desde então, William se fez ainda mais solitario.

A vida de John e sua mulher foi durante muito tempo uma delicia. Em certa occasião, houve, porém, um conquistador de rua que dirigiu a Annita um galanteio. Ella se assustou e pediu ao marido que lhe désse uma companhia para quando tivesse de sahir. O marido recusou e fez-lhe uma longa prédica de moral sobre a necessidade de saber resistir, por si mesma, a todas as seducções.

D'ahi lhe veio, tempos depois, uma idéa extravagante, que elle executou. Disfarçou-se e começou a perseguir a mulher. Ao mesmo tempo que, no papel de amante, a cercava de attenções, no papel de ma-

rido, a desdenhava e brutalisava, contando-lhe até suppostos amores.

No fim de algum tempo, a mulher cedeu ao amante. E começou então para os dois uma vida dupla: eram, a certas horas, conjuges; a outras, amantes.

Um dia, porém, John teve uma surpresa: verificou que se começava a saber que sua mulher tinha um amante e que, por isso, ella e elle se estavam desmoralisando. Ninguem podia adivinhar que era elle que se enganava a si mesmo.

No primeiro momento, pensou em matar a mulher, possuido de uma crise de ciumes, um pouco extranhos. Acabou, porém, acalmando-se e partindo com ella para a Europa.

O dado em que repousa o romance, tratado por um homem de letras habituado a finas analyses psicologicas, poderia talvez parecer menos pueril. Como, porém, está no livro do Dr. Americo Werneck, é inverosimil e extravagantissimo.

Não se comprehende muito bem que merito tinha a experiencia, desde que o marido propositadamente accumulava as grosserias, empurrando, por assim dizer, a mulher para os braços do amante.

Curioso, seria, continuando elle a ser carinhoso e bom e suscitando um amante, verificar si, pelo attractivo do fructo prohibido, a mulher para este pendia.

Materialmente, a execução do plano é de uma inverosimilhança phantastica. Ninguem pode admittir que uma mulher passe metade do dia com um homem, vestido e arranjado de certo modo, e outra metade com elle mesmo, embora mascarado, sem reconhecer-lhe a identidade.

O autor procurou diminuir um pouco essa inverosimilhança, fazendo com que o marido tivesse sido, quando moço, um excellent actor e que a mulher soffresse de vista caçada. Tudo isso permittiria um encontro

furtivo de poucos instantes. Não é, porém, concebível a hypothese em dois amantes, que se veem na intimidade a mais íntima, durante mezes. Ninguém teria a capacidade de simular tão bem e tão constantemente, sem um desfallecimento. E, por outro lado, é de crêr que esses amantes se beijassem. Que insensíveis lábios tinha essa mulher para não sentir as barbas postiças do amante! Insensíveis lábios e insensível olfacto, porque as melhores barbas postiças se pregam com verniz e é impossível não sentir-lhe o cheiro...

A psychologia, que o autor procura traçar, é de uma extravagância inominável.

Quando, após, certo tempo, o amante consegue, pela primeira vez, conquistar a mulher, o que acode a John é um sentimento de adoração pela esposa:

«De pé a seu lado, John a contemplava com indizível ternura, e, retendo as lagrimas que lhe baixavam nos olhos, esteve quasi a cair aos pés da esposa.»

Tudo parecia indicar que elle devia estar apavorado, pensando:

— De que escapei eu, si não fosse ao mesmo tempo o amante e o marido!

Porque o que a experiencia provava era que a mulher não desdenharia de amores illicitos, si a soubessem requestar habilmente.

No livro, ha numerosos anachronismos. Passado pouco depois da revolta da esquadra (1893-1894), fala em *clubs* de *foot-ball* e em cinematographos, que então não existiam no Rio de Janeiro, lamenta que Ferreira de Araujo estivesse morto, quando elle estava vivo e são; allude á prevenção popular contra a *Light*, que então ainda não funcionava.

De um modo geral, o livro do Dr. Americo Werneck é menos um romance que um «conto philosophico»,

como outr'ora se chamavam certas composições, destinadas a expôr algumas theses.

Mas a these do livro parece, no fim de contas, pueril, porque ella se resume nisto: uma mulher, maltratada pelo marido e solicitada por um amante, é susceptivel de ceder a este.

Todos o sabiam. A's vezes mesmo, nem são necessarios os máus tratos do marido.

No meio do romance, o autor, a pretexto de uma conversa entre dois amigos, enxerta 83 paginas de discussão sobre o Hamlet de Shakespeare. E' uma verdadeira monographia. Verdadeira e excellente, mas muito fóra de proposito no logar em que está.

Ha tambem tiradas sobre o direito de vaia nos theatros, sobre a superioridade do sexo feminino...

No fim de contas, sente-se que das varias actividades que o Dr. Americo Werneck tem exercido a que está mais de accordo com o seu temperamento, é a de educador. Isso se revela, de um modo excessivo, no seu ultimo livro.

---

# Marido e Amante

AMERICO WERNECK

**John Morley**

Pag. 3

Inglez da gemma. Rosto escanhoado, compleição robusta, elegancia de maneiras e um aspecto audacioso, que á primeira vista revelava o homem talhado para os successos da vida.

Pelo anno de 1880 desembarcára no Rio de Janeiro, trazendo mil libras esterlinas, uma saude de ferro e a intenção de estabelecer-se no paiz.

Acabara de percorrer as terras do Oriente: a India, o Japão, a Australia e a China, e d'ahi lhe vieram dous sentimentos predominantes: o amor aos livros e o pendor para a vida aventureira, irrequieta e ávida de prazeres.

Prazeres a seu modo. Não lhe fallassem de orgias e banquetes. Amava o *sport*, a solidão, a palestra elevada, a natureza agreste, o perigo, a lucta, e as horas passadas no lar de seus amigos.

Nas longas noitadas de bordo, ao arfar das ondas, sentado ao convéz habituára-se a lêr e pensar. D'essas meditações e leituras ficaram-lhe sementes de idéas, que, ou morreriam, ou germinariam mais tarde, segundo o meio em que se encontrasse.

Era John de seu natural espirituoso, attraente, jovial e bom. Mas não o provocassem em momento de *spleen*.

Certo dia, offendido por um marinheiro insolente, agarrou-o pelas pernas e atirou-o ao mar. Arrependido logo de seu impulso, precipitou-se atraz e salvou o naufrago, já prestes a afogar-se. De onde se vê que a colera passava por elle como a tormenta pela floresta, ameaçando desarraigar tudo, mas sem deixar

apreciáveis vestígios. Um segundo de reflexão, e eis-o senhor de sua vontade. No fundo, um coração de ouro.

D'ahi a dizer que John era um perfeito gentleman, attencioso, delicado e instruido, não vae grande distancia. Queriam-n'os bem os homens, disputavam-n'os as damas nos seus brinquedos familiares. Companheiro de mancheia, divertia-se e divertia uma sociedade inteira, sem perder a linha de correcção. Aliás, não gostava muito de festas e rumores.

Chegado ao Rio, travára relações com os membros da colonia ingleza, que, n'essa época, além de manterem uma sociedade sportiva para os jogos de *lawn-tennis*, do *golfe*, do *foot-ball* e do *cricket*, tinham organizado um club dramatico, que proporcionava a seus socios o prazer de ouvirem no idioma patrio algumas peças do seu repertorio nacional.

Entrou John para esse elenco de amadores, e graças a seus estudos litterarios, á sua cultura artistica, á propriedade do gesto e ao sentimento que a vida aventureira lhe incutira na interpretação dos lances theatraes, fez durante dous annos a delicia de seus compatriotas, sobretudo nos papeis de galã, em que chegára a conquistar justa notoriedade.

Ao cabo, absorvido pela actividade dos negocios, abandonou as diversões do palco, com bastante pesar de seus admiradores, que por signal, não encontrando quem o substituisse, dissolveram o club.

Não paravam ahi suas habilidades. Sabendo um pouco de tudo, entendia tambem de magica e cartomancia, o bastante para distrahir uma pequena sociedade e quebrar a monotonia das festas de salão.

O que, porém, dava relevo á sua individualidade, tornando-a inconfundivel, era o seu caracter excentrico. Amava a originalidade, as sensações fortes. Não contente com os prazeres vulgares, inventava extravagancias de um sabor exquisito, que faziam duvidar ás vezes da integridade de seu juizo. Effectivamente, no

meio de seu extraordinario bom-senso, tinha John eclipses reveladores de uma falha mental, que seria causa de desprestigio, si a excellencia de suas qualidades e uma attitude sempre digna não repellissem as investidas do ridiculo. Assim conseguiu elle, sem esforço, manter o respeito em torno de sua pessoa. Ficou-lhe, no emtanto, a fama de exquisitão, e n'isso não lhe faziam nenhuma affronta.

Deixemos, porém, que o homem se defina pelo conjuncto de seus actos. D'elle se contavam episodios interessantes.

Alta noite, enfrornado na sua casaca irreprehensivel, de luvas e cartola, voltava a pé de um baile na visinhança. Não havia reparado no tempo.

Acordaram-n'o da distracção subitios golpes do vendaval, acompanhados de descargas electricas e rolamento de trovões ao longo das serranias.

Apanhado de surpresa, e meneando a bengala, apressára John o passo, certo de chegar á casa antes do temporal. Não se enganou. Cahiam as primeiras gottas, quando elle bateu á porta. Alerta no seu posto, o creado abriu-a.

— Feche! ordenou John com emphase.

O creado fechou.

O inglez bateu de novo.

Reabriu-se a porta.

— Feche! gritou John, já sob a carga da tempestade.

A porta cerrou-se.

Novas pancadas.

O creado aturdido tornou a abrir, mas d'esta vez para receber no alto da cabeça uma bengalada, que lhe fez sahir faiscas dos olhos.

— Animal! berrou John com a roupa encharcada. Não te ordenei que, antes de abrir, perguntasses quem era?...

O porteiro olhava-o, zozzo ainda com a violencia da bordoadada. A bengala ergueu-se de novo.

— Então?...

A porta fechou-se.

Novas pancadas.

— Quem bate? perguntou o creado.

— Sou eu, John Morley.

A porta reabriu-se, e o gentleman, escorrendo agua, entrou empertigado e solemne, contente de ter sacrificado a fatiota ao principio da autoridade.

Outro episodio authenticico attingia as raias do inverosimil.

John quebrára uma perna. Coincidio o desastre com uma febre palustre, contrahida na ultima caçada á margem do Iguassú.

Prognosticando o medico que a cura não se daria antes de quarenta dias, entrou John a parafusar um meio de distrahir-se durante o periodo de immobilidade a que o condemnára a fractura do osso.

Depois de muito assutilar, surgiu-lhe a idéa de aproveitar para um fim util a temperatura de trinta e oito a quarenta grãos centigrados que lhe escaldava o sangue. Lançou uma aposta. Todo o inglez que se preza aposta sempre. Apostava John dez libras contra uma em como seria capaz de chocar um ovo.

Aos amigos, colhidos de sopetão, pareceu a extravagancia de tal calibre que o suppuzeram sob a influencia do delirio. Averiguada a improcedencia da suspeita, riram-se todos a bandeiras despregadas, e o páreo fechou-se.

Ninguem atinava com o pensamento do inglez.

— Mas isto é sério, John?

— Hão de ver, disse elle.

Arranjado e examinado o producto da galinha, acondicionou-o John na cova do sovaco e tomou todas as precauções para concentrar o calor e manter-se immovel de barriga para o ar.

Pois, senhores, parece mentira: vinte e cinco dias depois, nem mais nem menos, um pintinho amarello sahia da casca, e cuidadosamente mettido n'uma cestinha forrada de algodão, era apresentado aos circumstantes estupefactos.

Não faltaram a John as visitas e felicitações dos membros da colonia.

— Meu filho, dizia elle radiante, a rir.

E creou o recém-nascido.

A primeira phase da vida de John, no Brazil foi consagrada ás aventuras. Empolgara-o a natureza tropical, e quiz conhecê-la em seus aspectos selvagens. Leu Agassiz, Saint-Hilaire, Humboldt, Couto de Magalhães e outros; estudou o itinerario, recolheu informações sobre os recursos do interior, preparou seus apetrechos de viagem, e um bello dia, sem avisar a pessoa alguma, desapareceu do Rio.

De pouso em pouso, encontrando em todos os lares a mais franca hospitalidade, penetrou John no amago do paiz, rumo ao norte. Culturas de café, campos de criação, engenhos de canna, festas do congado, serenatas ao luar, sambas de negros, sessões de feiticieras, carretês de caboclos, pantomimas eleitoraes, brigas, casamentos, enterros, caçadas, baptisados, festas, vaquejadas, tudo elle viu, tudo observou, tomou parte em quasi tudo, e ávido sempre de sensações novas, afundou nas florestas gigantescas do valle do rio Doce, atravessou os sertões de Minas-Geraes, Bahia, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte, Goyaz, e foi surgir nas frondosas selvas do Araguaya, entre as tribus indianas, que ainda habitam aquellas rudes paragens.

Ali chegado, resolveu John experimentar as emoções da vida primitiva, em plena solidão. Escolheu um recanto da floresta virgem, á margem do grande rio, fez construir uma choça coberta de palmas de coqueiro, e n'ella installou-se, tendo por unicos companheiros um cão e um velho cariboca, que desde a passagem por Itapemirim se lhe aggregára, servindo de guia e amigo na penosa travessia.

Ahi fartou-se John das impressões que procurava. No correr do dia, embarcava n'uma canôa, feita de um só tronco, remada pelo camarada, que era um dextro piraquára, e percorria os iguarapés, a admirar as garças, ja-

çanans, piassócas, jaburús, antas, capiváras, jacarés e marrequinhas que surgiam de todos os lados; ou então perscrutava os segredos da flora, ou embalava-se, a ler, na rêde armada entre os troncos seculares. Em torno, lançando-se para a abobada de verdura, através de cujos interstícios apareciam nesgas do céu, as maravilhosas lianas de selva brasileira teciam-se em curvas parabolicas, communicando entre si os galhos possantes dos ubiratans, das gamelleiras, das merindibas, dos jequitibás, das sucupiras e de centenas de outras arvores florestaes, cujos troncos, enfeitados de musgos, imbês e orchideas, se erguiam a trinta e quarenta metros de altura, como grossas columnas a sustentarem a cupola formidavel do templo da Natureza. Completando este scenario imponente, as franças sussurrantes de esguias palmeiras baloiçavam no espaço.

E que fauna riquíssima. Quaes flores aladas, pintalgavam a penumbra com seus vôos em «zig-zag» borboletas multicores. Partindo de todos os lados, das frondes virentes e da alcatifa do sólo, cruzavam o espaço o assvio do macuco, o canto do jaô, o chiar da cigarra, o grito estridulo do japu-assu, o miado da onça, o arrulho da jurity, os roncões do jacamim, o pio do inambú, os chilidos do beija-flôr, o corodas guaribas, o zumbir dos insectos, a matraca das ararunas, milhares de vozes, trinados e notas avulsas, e de quando em quando, cobrindo essa symphonia inimitavel a martellada ferrea da araponga, retinindo no fundo da mata como o golpe secco do malho na bigorna.

— Sublime! dizia John extasiado.

Não fossem os mosquitos, que lhe zuniam aos ouvidos e sugavam-lhe o sangue, o prazer seria completo.

— Chupa, ladrão, mas chupa calado; rosnavava elle de vez em quando, tapeando o pescoço a esmagar os importunos.

Julgava-se todavia recompensado de suas penas.

E as noites? Que noites! Noites lugubres de matta virgem, tão cheias de pavor e de encantos inesquecíveis. Mil annos vivesse elle, nunca mais ouviria musica igual. Era uma surdina merencoria, intercalada de melodia agreste, como si fôra uma musica dentro de outra musica.

Silencio no ruido, ruido no silencio. A ordem na confusão. O cantico do deserto, no qual se ouviam distinctamente o grunhir de caêtetu e o rugir do jaguar, o ronco da sucury e o pipillar dos ninhos, o zumbir do insecto e o silvo da boicininga, o ladrar do cão e o suspiro da brisa, o grito do corfango e o soffocar das moitas, o tamborilar dos sapos e rumores de azas, o rolar do trovão e o trillar do grillo, e ao longe, ao longe, cobrindo essa orchestra, o murmurio plangente das cataractas do Araguaya.

Não era só. No ambiente um perfume capitoso, essencia composta de mil essencias, um aroma delicado em que entravam com seus aromas a flôr e a seiva, o mel e o humus, a resina e a folha, fructos sazoados e favas de baunilha.

A' noite accendia-se invariavelmente a fogueira.

Conforme o tempo, borrascoso ou limpidó, deitado na rêde, via John pelas frestas da folhagem o relampaguear dos nimbos, a rutilação das estrellas ou o peneiramento do luar, povoando de phantasmas a selva mysteriosa.

No meio d'isso o bailar silencioso dos pyrilampos na espessura.

De quando em vez uma nota saudosa partia do velho piraquára que, sentado á porta da cabana, ou proximo á fogueira, fazia fallar as cordas do violão, lembrando-se da sua terra.

Era uma musica soluçante, chorada e suspirosa, e longa e longa, que a pouco e pouco accelerava n'um repinicado fremente, subito interrompido por um gemido rasgado e forte.

como se ao rude pescador se lhe estalasse as fibras do coração.

Não faltava também a nota trágica; o estridor da ventania convulsionando a floresta onde de espaço a espaço tremulava na escuridão, como sinistra ameaça, o riso argenteo do relampago.

John ficava inquieto.

— *Good God!* dizia elle. Isto não entrou na *minha* programma.

E recolhia-se á cabana, receioso dos galhos partidos que tombavam ao sólo com fragor medonho.

Certo, nem tudo aprazia n'esta vida solitaria. De parte os perigos, que fazem mais tarde o encanto das aventuras, John soffria, mas soffria com paciência, pelo bem que lhe sabia, a privação das necessidades a que está habituado o homem civilisado.

Tinha em profusão a caça e a pesca, gozava da vida primitiva em toda a sua plenitude, adaptara-se aos costumes sertanejos, aprendera a moquear a caça no fumeiro, sabia colher na areia os ovos da tartaruga e no ôco dos páos o mel da jaty, divertia-se a preparar elle mesmo os esplendidos dourados, apanhados a anzol no leito do Araguaya; conseguira a meta de seus desejos, havia corajosamente enfrentado a sussuarana, o tapyr e a sucuriuba, os tres gigantes da fauna amazonica; estava satisfeito.

De resto já lhe iam faltando o sal e as munições, e era forçoso poupar os últimos recursos para o termo da travessia até o porto de Belém.

Resolveu, pois, partir na primeira oportunidade. Felizmente appareceu, descendo o rio, uma piroga tripulada por indios mansos, e John aproveitou-lhes a companhia, que seria de grande auxilio na passagem das corredeiras.

Foi com sincera saudade que elle se despediu de sua humilde choupana.

Cinco annos durara essa arriscada viagem, mas também, elle, estrangeiro, podia gabar-se

de conhecer melhor o Brazil que a maior parte de seus filhos. Estudara-lhe a raça no conjunto de seus defeitos, origens, tradições, qualidades, trabalhos, produção e costumes, dando a esse estudo um cunho pratico, que muito cooperou para o desenvolvimento futuro de seus negócios.

Afinal chegou ao Rio. De tão mudado que estava, com as barbas crescidas e o aspecto grosseiro, não o reconheceram os amigos á primeira vista, e este facto muito o divertio.

Dias depois, barbeado, bem vestido, enlucado, reappareceu o gentleman nos salões inglezes, pôz em ordem seus negocios e estabeleceu-se como representante de algumas fabricas de Liverpool.

Bem lhe correu a vida, e tão bem que, passado um anno, John, bafejado pela fortuna, desposava Annita, a mãis bella joia da colonia britannica.

---



## CORREIA JUNIOR — Rezas proibidas

Correia Junior é um bom metrificador. Seus versos são quasi sempre muito bem feitos: sonoros, cantantes, bem rythmados. Elle é, porém, em muitas das suas composições, um discipulo de Cruz e Souza.

Cruz e Souza fazia tambem versos excellentes; mas especialmente destinados a não dizer nada. Sonoros e ôcos. O essencial para elle era que o verso cantasse harmoniosamente. A logica nunca o preoccupou e elle falava, sem cerimonia alguma em uma *alvura negra* ou em uma *treva luminosa*, si a rima assim o exigisse. A's vezes, do encontro de certas palavras, que elle reunira por puro acaso, só porque o enchimento do numero de syllabas do verso assim o exigia, nasciam expressões que pareciam profundas e mysteriosas e o leitor se esforçava para adivinhar. Esforçava-se tanto que, ás vezes, achava significados realmente bonitos.

Tudo vinha, entretanto, do falso presuppuesto de que o poeta devia ter querido dizer qualquer cousa, quando de facto elle não queria dizer nada: toda a sua ambição era fazer versos.

Correia Junior tem muitas vezes essa orientação. Exprime uma série de pensamentos absolutamente illogicos, mas em versos deliciosos. Este soneto é caracteristico:

Eis-me escravo da tua formosura  
faze do homem que eu sou quanto quizeres!  
— Tú, inveja e vaidade das mulheres,  
és das mulheres a mais linda e pura.

Quando, morta de beijos e prazeres,  
dormes, cheia de graça e de ventura,  
meu amor no teu leito te procura,  
para o beijares, para o receberes.

Humilde amor que nada exige, e apenas  
busca, no doce favo dessa bocca,  
o encantado sabôr com que envenenas.

Amor, que se arrastando pelo chão,  
vai, numa febre cubiçosa e louca,  
bater ás portas do teu coração!

No fim, o leitor não sabe bem si entendeu como é que um amor, que vae procurar uma mulher no seu leito, para ser por ella beijado e recebido, declara que nada exige, mas sempre quer saber-lhe o sabôr da bocca e acaba arrastando-se pelo chão... Tudo isto para chegar ao ultimo verso que é realmente muito bonito: «bater ás portas do teu coração».

Em certo ponto, o poeta garante que passa o tempo a clamar pelo nome da mulher amada n'uma «saudade dolorosa e feia»; compara o outomno a um «D. Juan sedento e louco»; fala nas «convulsões ferinas» da velhice, escreve:

Outras vezes, porém, era uma feia,  
rouca e indistincta voz de féra brava,  
que aos meus ouvidos timidos chegava,  
como quédas de marmores na areia...

E' inutil procurar a semelhança entre a voz das feras — bravas ou mansas — e as quédas de marmores na areia. As quedas de marmores na areia devem aliás parecer-se muito com as de quaesquer outras pedras ou corpos pesados.

Sente-se em Correia Junior o poeta ainda inexperiente, na abundancia de adjectivos. Esta quadra é talvez um bom exemplo:

Lembra augures: suggere a visão «dolorosa»  
de um minusculo cão, pelo ar, a farejal-a...  
E nesse zumbido «vil», como que o sêr lhe embala  
numa rêde «letal», «fria», «mole», «nervosa»...

No primeiro verso, ou o autor erra a pronuncia de *áugures*, pronunciando *augúres*, ou erra o verso, dando-lhe uma syllaba a mais. Mas o interessante é que o zumbido de uma mosca pareça *áugures*, pareça um cachorro, acabe por parecer o embalar de uma rêde, não só *fria* e *letal*, como *nervosa* e *mole*... Que mosca e que rêde complicadas!

Si alguém fosse julgar Correia Junior pelo que dizem seus versos, devia considerá-lo de um erotismo perigoso. A cada instante, elle se refere á nudez da mulher que ama. Parece que não pensa em outra cousa:

«Esconde a *alva nudez* do teu corpo fremente...»  
Mas quando á noite, *toda núa*, aquella  
que entorna sobre mim  
o luar desta paixão...»  
«Toda *núa*, a tremer de volupia e desejo...»  
«Numa louca e incessante aspiração  
de gosar-te a *nudez*...»  
«Busca vêr si te vê *núa* completamente...»  
«*Núa*, sentada ao pé de uma arvore serena ...  
Desse rosado corpo aromal e *desnudo*...»  
«la pensando assim, como quem sonha  
no que ha de suave nesse corpo lindo...»  
«Ha sempre um verso attento em teu colo *desnudo*...»  
«Que saudade infinita do perfume  
do teu colo sensual, semi-*desnudo*...»  
«*Núa*, á noite, a dormir no leito alvinitente...»

E ha numerosas referencias á lascivia, á luxuria. Nada disso, entretanto, basta para caracterisar o poeta, porque se sente que é apenas para elle um thema litterario. Acima de tudo, elle é um homem preocupado com o som das palavras. A sensualidade dos seus versos não passa de um puro convencionalismo.

O essencial é que elle sabe fazer bons versos e, quando sahir da phase em que está, corrigindo-se do seu esteril cruz-e-souzismo, poderá assignalar a sua passagem pela poesia nacional.

Tudo que de ti vem, tudo que emana,  
dessas mãos, desse olhar, dessa pureza,  
Tem para mim a fôrma soberana  
da suprema Belleza!

Tudo que de ti vem, tudo que fazes  
tem mimo e graça, tem poesia e amor...  
— Teu corpo é como um feixe de lilazes  
mais perfumado do que qualquer flôr...

São versos simples, deliciosos, dizendo bem o que  
querem dizer.

*Contraste* — é um pequeno diptico em verso:

Naquella triste noite de partida  
— noite cheia de maguas e agonias —  
em que te foste para além, querida,  
eu maldizia, ó flôr da minha vida,  
aquelle trem de ferro em que partias...

Dias depois, nessa manhã, de flavas,  
mésse e sol esplendido e risonho,  
quando do trem, alijera, saltavas,  
eu bemdizia, ó lyrio do meu sonho,  
aquelle trem de ferro em que voltavas...

Vigilia, si não tem um assumpto prodigiosamente  
novo, é um soneto muito gracioso:

Disse uma estrella vendo-te a meu lado:  
— «Como alegre ella vai, indo-lhe ao braço,  
e olha, repara, com que ancioso passo  
pisa o chão, por que vai, todo enflorado.»

E invejosa do bem deste noivado,  
do qual o poema dos meus olhos faço,  
a noticia levou por todo o espaço,  
por todo o céu, de estrellas habitado.

Por isso, á noite, quando, unidos, vamos  
pela estrada a noivar—dois leaes amantes—  
só presos deste amor de que culdamos,

ha no azul um rumor de sentinellas,  
e do céu pelos páramos distantes  
abrem-se os olhos de ouro das estrellas!

Os versos finais de quasi todos os sonetos de Correia Junior merecem, em geral, a designação classica de *chaves de ouro*:

Sob a ardente pressão da minha bocca...  
Rolaremos, felizes e vencidos...  
Enche-me a vida de um divino orgulho...  
Sorrindo em crenças e florindo em sonhos...  
Pela taça de Sévres dessa bocca...  
Para accender inéditos desejos...  
Do velocinio de ouro do teu beijo...  
Desfórro os beijos de milhões de boccas...  
No desespero dos cabellos brancos...  
Bater ás portas do teu coração...  
Sobre a névoa serena do meu pranto...  
«Nem tú deves ser fria como as santas,  
nem eu posso ser puro como o Christo...»  
A inédita volupia dos teus braços...  
Nesta perpetua paz de perpetuo abandono...  
Arreatado aos vagalhões humanos...  
Sobre as lembranças do Passado dorme...  
Si te visses deitada, um dia, nos meus braços...  
Concentrar-te á mudez Augusta de ti mesma...  
Beijar-te os beijos que te dei na bocca...  
Uma surdina azul dentro da solidão...  
Carregando, serena, a sua cruz...  
Dentro do coração tristissimo da terra!

E, a achar estes versos finais, sempre tão bons, sente-se que muitas vezes elles não são realmente o fecho dos sonetos; mas que os sonetos foram feitos só para chegar a esses finais...

Em todo caso, Correia Junior é incontestavelmente um poeta.



# Rezas proibidas

CORREIA JUNIOR

Pag. 13

## **A n c i a !**

Bem dita sejas tú que em meu sangue te enleias,  
Rubra, quente, sensual abelha de ouro, inquieta,  
Que percorres, a rir, as frageis, mornas teias  
Dos meus nervos de poeta!

Ancia! fulva canção do desejo que esmago,  
Ao contacto viril da vontade serena...  
Azas brancas, iriaes, que nos meus hombros trago,  
E que me acorrentaes na mais profunda pena!

Ancia branca de luar! ancia clara de arminhos!  
Da maciez e do olór dos niveos agapanthos...  
Ancia de pennas, no calor dos ninhos,  
Ancia de noiva, em véus de alvos, raros encantos!

Ancia verde, da côr da esmeralda risonha,  
Cigarra tagarella do verão,  
A cantar para a luz, para tudo o que sonha,  
Na terra e na amplidão...

Ancia quieta do Azul, ancia dôce e tranquilla,  
Boiando á tona astral tã alta, concava umbella,  
Que sobre o meu chapéu o aureo licor distilla  
De uma canção singela!

Ancia loira, amarella dos trigaes!  
Ancia que lembra o som de fina moeda de ouro,  
Fluído cantante de cabelo louro  
Em tranças matinaes...

Ancia rubra e fatal (nunca tú fôsses minha!),  
Que me exaltas e endoudas e enlangueces,  
Adyto vespéral das minhas preces,  
A' tardinha!

Ancia de beijos e estremecimentos,  
De áspides vis e pombos namorados,  
Ancia dos meus peccados  
E pensamentos...

Sombra do meu viver, lyrio que te reclinas  
Sobre o lago de sonhos de minh'alma;  
Que, pela noite silenciosa e calma,  
Cantas, ao pé de mim, velhas canções divinas!

Sol fecundo e creador dos versos que componho,  
Estrella milagrosa que projectas  
Sobre a extranha visão dos heróes e dos poetas  
Magnetismo de sonho!

Ancia negra, brutal, ancía maldita,  
Enciumada, raivosa, repellente,  
Que os lassos nervos miseros me agita,  
Continuamente...

Ancia de Othello, vingadora e feia!  
Vae fecer bem distante a tua teia!  
— Teimosa aranha  
Que acompanha,  
A vêr si o meu espirito emmaranha...

Ancia rosada, sabendo a mel,  
Que espanta tudo quanto é máu e cruel!  
Ancia doce e bem dita e côr de rosa;  
Ancia gloriosa,

De tel-a núa, nos meus braços, langue,  
Beijando-lhe o calor febril do ardente sangue,  
Mordendo-lhe, de joelhos,  
A carne, desde o collo ao mimo dos artelhos,  
E vendo-a desmaiar, ouvindo, na distancia,  
A romantica fala  
De um extranho violino, a acompanha-a  
No derradeiro beijo e na derradeira ancía!

---

# Rezas proibidas

CORREIA JUNIOR

## **B o c c a**

Pag. 20

Urna vermelha do Peccado, aberta  
Para os rubros mysterios da Luxuria,  
Arco sangrento, lubrica e purpurea  
Bocca, que a sêde do prazer desperta...

Bocca nervosa, que, em sensual lamuria,  
A minha bocca loucamente aperta,  
— Nunca eu te veja de calor deserta,  
O' rubra fonte de lasciva furia!...

Beija-me, ó bocca peccadora e santa!...  
Nos grilhões de marfim dos alvos dentes,  
Meu tédio mata, meu prazer supplanta...

Sempre eu te veja, de desejos louca,  
Rindo de gozo, de emoções dementes,  
Sob a ardente pressão da minha bocca!

---



## SOUZA BANDEIRA — “Paginas litterarias.”

Ô livro do Sr. Souza Bandeira é uma collecção de artigos e discursos. Os discursos foram proferidos na Academia Brasileira, os artigos quasi todos inseridos n’*O Paiz*.

A simples escolha que um autor faz, quando, tendo publicado muitos trabalhos, toma apenas alguns para reunir em volume, é uma indicação preciosa. A colaboração do Sr. Souza Bandeira no grande jornal fluminense durou largo tempo. O facto de ter elle tomado de toda ella apenas 22 artigos — prova que esses são os que mais lhe agradaram.

Percorrendo-os, vê-se que elles estão claramente animados do mesmo espirito — um espirito nitidamente conservador e tradicionalista. E isso não vem, entretanto, de que o autor seja um desses escriptores que só amam o passado, porque é só o passado que conhecem. O Sr. Souza Bandeira mostra-se tão perfeitamente sabedor do que se fez outr’ora como do que se está fazendo actualmente. Escolhe, portanto, com pleno conhecimento de causa, obedecendo á natural inclinação do seu espirito.

Vê-se isto em varios trabalhos, mas, sobretudo, nos artigos em que elle trata das *Ruinias da arte*, da *Madonna de Morgan*, das *Memorias da Condessa de Boigne*, do *Cake-walk*.

Tendo noticia do desmoronamento do Campanile de Veneza, a alma se lhe angustia, pensando em varias outras obras de arte, que se vão esboroando, e fica tristissimo, cogitando nos tempos que hão de vir e em que não haverá mais um ideal artistico.

Os adoradores do Passado têm sempre esse ponto de vista. Esquecem-se de que, si um cataclisma destruísse hoje o que se considera artistico, si mesmo da memoria dos homens desaparecesse a lembrança de tudo isso, as gerações novas constituiriam uma nova arte, que seria provavelmente muito melhor que a do Passado. E' isso o que se recusam a vêr aquelles adoradores, porque, sentindo que não estariam adaptados a essas novas fórmulas, em vez de condemnarem a estreiteza do proprio espirito, que não saberia adaptar-se facilmente ao que é novo, condemnam taes fórmulas futuras, que, de antemão, declaram inferiores.

A Arte é uma necessidade indeclinavel do homem. Ella o é mesmo de muitos animaes. Nesse caso, não se comprehende a possibilidade da sua extincção. O homem precisará sempre cùltivar suas emoções.

A arte antiga é toda ella uma arte inferior. Foi pelo menos creada com intuitos muito inferiores aos que têm os artistas de hoje. Si, entretanto, nós admiramos os monumentos antigos, é menos pelo que elles têm de antigos, do que pelo que têm de modernos. Nós os vestimos com idéas do nosso tempo. Isso se faz insensivelmente, porque nós vibramos com cerebros de hoje, em face de obras feitas por artistas que não tinham a nossa sensibilidade, forçosamente mais requintada pelo paciente-labor de dezenas, de centenas de gerações.

Ha talvez um bom exemplo para sentir como as emoções se transformam.

Pensem em algumas das republicuetas hespanholas do nosso continente. Os que as fundaram foram em geral aventureiros sem escrupulos, que não estavam muito longe de merecer o titulo de bandidos. A idéa de independencia era, sobretudo, para elles o desejo de se verem livres de qualquer fiscalisação e poderem commetter, por conta propria, os crimes que os ho-

mens da metropole commettiam. De crimes, está aliás cheia a biographia de quasi todos esses libertadores. A bandeira em torno da qual elles se reuniam era apenas o symbolo desses baixos instinctos. Mas a independencia se firmou. A evolução nacional se realisou aos poucos. Idéas novas appareceram, idéas que seriam profundamente antipathicas aos fundadores dessas nações. E tudo isso se foi, por assim dizer, crystalisando na bandeira nacional. Hoje, ella é o symbolo de sentimentos elevadissimos. E o curioso está em que os homens da geração actual, olhando para a bandeira do seu paiz, evocam os homens de outr'ora como animados de idéas infinitamente nobres, que taes homens nunca tiveram.

E' o que succede com todas as obras da arte antiga, que só são bellas da belleza com que nós as vestimos. Quando não restasse uma sequer de todas ellas e mesmo a respectiva lembrança se tivesse sumido do espirito humano, outras se fariam, melhores do que ellas.

Souza Bandeira pensa com infinita tristeza no que seria o mundo, si toda a arte do passado desaparecesse. Infelizmente, isso não succederá. A tristeza é exactamente que ella ha de durar.

Augusto Comte disse que os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mortos. Desgraçadamente é verdade. O acervo de obras de arte do passado é cada vez maior. Cada vez os artistas tem menos liberdade de acção, porque sobre elles pesa um accumululo maior de tradições. E desde já a gente pode lastimar os desgraçados que virão d'aqui a muitos seculos e sobre os quaes esse fardo será esmagador! Os infelizes não terão o direito de sentir por conta propria: diante delles se levantarão sempre os canones, as regras, as tradições do Passado!

— Não é possível discutir um por um os artigos de Souza Bandeira.

De passagem, cumpre, entretanto, assignalar a implacabilidade com que em varios logares elle persegue o Sr. Candido de Figueiredo — menos por uma ogeriza pessoal, do que pelo que ha de symbolico nesse homem, que vive ha tantos annos pingando regrinhas de grammatica.

Tem-se a impressão de que, quando o Sr. Candido Figueiredo lê um classico, elle não se inquieta com o que o autor diz, não lhe julga a elevação de idéas, a belleza do estylo. Um classico é para elle uma mina de exemplos. De exemplos de miudezas grammaticas. Descarrega-lhe as passagens mais bellas para catar confirmações e condemnações aos preceitosinhos, que elle passa o tempo promulgando ou fulminando.

Apesar de todo o seu tradicionalismo habitual, Souza Bandeira não pode se conter diante dessa attitude dô renitente grammatico portuguez.

— Ha nas *Paginas Litterarias* alguns excellentes discursos academicos, em que Souza Bandeira estudou as personalidades de Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Martins Junior e Felix Pacheco. E em todos elles revelou um espirito critico verdadeiramente superior.

---

## Paginas Litterarias

SOUZA BANDEIRA

Pag. 171

O romantismo de 1830, a palavrosa ideologia dos doutrinarios, a brilhante philosophia do tempo em que Cousin pedia a adhesão da mocidade « em favor das suas bellas doutrinas », constituíam o ambiente intellectual onde amadureceu a idade viril dos nossos paes, e onde começaram a respirar os espiritos que então desabrolhavam. Tudo no Brazil traduzia a distensão nervosa que se segue a uma grande lucta. Tudo apercebia a actividade para o trabalho da reorganisação nacional.

Quando chegamos á adolescencia, chegavam tambem da Europa, ou melhor, da França, as noticias da grande revolução intellectual que agitou o seculo XIX, uma critica implacavel havia demolido as bellas doutrinas que fizeram o encanto dos nossos paes, uma concepção severa da sociedade havia atirado para o segundo plano os ideaes da politica romantica, um frio espirito de observação e analyse havia gelado as incandescentes estrophes com que os poetas sentimentaes nos enlevaram a infancia.

Com o vigoroso impulso adquirido pelos restos do romantismo ainda latentes no fundo da nossa alma, abraçamos rapidamente os novos ideaes, e, ardentes, fervorosos, entusiastas, nos atiramos á sua propaganda. Nós nos julgavamos então capazes de revolucionar a nação, e não havia escola superior que se não considerasse um viveiro de jovens aguias, á espera de subir aos alcantis.

O nosso estado de alma foi bem definido

nós seguintes versos que Martins Junior põe na bocca da Musa, falando ao poeta:

..... Essa missão é tua:  
Tua é dos teus irmãos, mancebo! Arvora nua  
A tu' alma no mastro azul da Poesia;  
Deixa que ella flutue aos ventos da harmonia,  
Veste a cota do Bem, o Aço do Valor,  
O bronze da Vontade, e põe com todo o ardor  
O teu braço ao serviço athletico da causa...

A abolição da escravidão era o objectivo immediato de nosso espirito de combate. A Republica era o remoto ideal em que anteviamos, desenhado o futuro da patria, numa scintillação radiante de paz e de amor, que inundava de luz todo o horizonte e enchia de fé os nossos ingenuos corações de moços. No fecho do poema em que Martins Junior descreveu as suas «Visões», elle divisava nas brumas do futuro:

A Politica, a Sciencia, a Religião, a Arte  
Entoando um *Te-Deum* á eterna Humanidade,  
*Te-Deum* feito de Fé, de Amor e de Verdade.

Está hoje muito em moda chasquear da chamada «*Escola do Recife*», e diminuir aos olhos da moderna geração a figura imponente de Tobias Barreto, o mestre que nos soube inculcar o candente enthusiasmo pelas doutrinas que então eram novas. E' preciso, porém, ter ouvido a palavra inspirada do grande mestre.

Quando se nos apresentou á frente, reunindo todas as audacias, congregando todas as revoltas, seguimos electrizados os seus passos, cheios de viril confiança nas conquistas do livre pensamento. Os échos da velha Faculdade de Direito, acostumados, durante mais de trinta annos, ás solemnes prelecções da sciencia consagrada pelo espiritalismo catholico ao serviço da constituição do Imperio, repetiam, pasmados, pela primeira vez a extranha linguagem do novo iconoclasta. O ousado mes-

tre fazia bater de chapa naquelles reductos, até então impenetraveis, a luz deslumbrante do sol que nascia. A golpes de talento e de audacia, impunha o respeito pelas novas doutrinas a uma congregação composta, em sua maioria, de velhos aferrados ao passado. O germanismo do mestre nos emancipava do tributo ao exclusivismo da litteratura franceza, os novos methodos invadiam o dominio de todo o campo intellectual, um constante estímulo de lucta nos revigorava o caracter e nos apparelhava para o assalto ás posições occupadas pela doutrina official. Era o reviver do *Sturm und Drang* do tempo de Schilleer, já que estamos no capitulo do germanismo.

Eis a razão do enthusiasmo que ainda nos enche o peito, quando volvemos a vista para aquella época de vinte annos atrás. O sulco deixado pelo mestre foi largo e fundo, e, ainda hoje, espalhados por este vasto paiz, existem os que conservam a recordação daquelles dias intensamente vividos, como a suprema consolação para os desfallecimentos e desillusões dos tempos presentes.

Foi Martins Junior o Tyrteu dessa campanha, o poeta que nos cantava os hymnos de combate, e porta-bandeira da nossa phalange.

Apezar, de mais tarde, dizer a Murat:

Em pequeno eu já via a tua branca imagem  
Na onda, no vergel, na estrela, na paisagem,  
Nas effusões do amor, nos risos, nos folgares,

não sei qual o genero do seu versejar, em tão tenra idade. A julgar, porém, pelas *cordilheiras*, *simuns* e *briareus* dos seus versos mais antigos em data, presumo que houvesse pago o seu tributo ao espirito *condoreiro*. As metaphoras arrojadas, a imitação quasi inconsciente das imagens e até dos dizeres de Castro Alves, a propria fórmula metrica das decimas, assim o testemunharam.

Veu depois a influencia de Baudelaire e de Guerra Junqueiro. As blasphemias atrevidas,

os remoques ao sentimentalismo e á Musa antiga, as comparações excentricas, os anathemas á imagem secular do velho Deus do mal, bem mostram a transição do seu poetar. Os antigos versos de sete syllabas cederam o lugar aos clangorosos alexandrinos, provocadoramente alinhados em ordem de batalha. As poesias tinham por epigraphes versos tirados das «Flôres do Mal» e da «Morte de D. João». Para dar a medida do seu cansaço, em certa occasião, diz de uma feita o poeta:

Nem penso em Baudelaire, nem abro o meu Junqueiro.

Finalmente, evoluiu para a chamada poesia scientifica, pela qual se bateu sem cessar d'ahi em diante. Entendia que a arte se devia transformar em vehiculo de propaganda, reflectir a orientação das syntheses scientificas, ou, na sua propria phrase, «sentir o influxo da concepção philosophica do universo, enunciando as verdades geraes que decorrem, para a vida social dessa concepção.» E' verdade que condemnava a poesia didactica e permitia que a arte «revestisse sempre os seus ideaes com as roupagens iriadas das faculdades imaginativas». Mas, decretada a sentença de morte do lyrisimo, proscripto da arte o elemento subjectivo, estabelecido o regimen de philosophar em verso, que restava á poesia sinão o papel secundario de afinar o seu modesto alaúde pelo tom dos clarins da sciencia moderna?

A pobre Musa não teve remedio sinão renunciar a todo o seu passado de sonhos, esquecer a nostalgia divina do azul que constitue a essencia de sua alma, para ouvir a seca voz de commando com que em um dos seus versos lhe bradava o poeta:

..... Musa! o olhar viril

Vamos, imerge agora alli, na philosophia.

E a Musa obedeceu. Torturada em retumbantes alexandrinos, acorrentada ao carro triumphante de Augusto Comte, acompanhou o poeta em

uns delirantes sonhos, nos quaes a sciencia, a politica e a arte se juntavam para proclamar a excellencia do positivismo e as vantagens da republica futura. De quando em quando, vêm-lhe uns assomos de rebeldia, uns saudosos laivos do tão condemnado lyrismo, e ella divaga na contemplação dos esplendores da natureza, ou se depara ao poeta sob fórmulas de faceirice feminina, destoantes da austeridade das suas novas funcções. Presto, um olhar energico do poeta a chama á realidade das coisas, e eil-a, domada, submissa, a rimar, em esdruxulo, filas inteiras de nomes estrangeiros, de sabios e philosophos.

Foi na terceira phase da sua poetica que se estreitaram as nossas relações. Solidario, desde então, como os seus enthusiasmos juvenis, que depois se converteram em crueis decepções, nunca me pude, porém, conformar com a sua theoria artistica. Foi isso sempre um constante motivo de discussões entre nós. Em um dos seus volumes existem uns versos dedicados a mim, em que elle se excusa de escrever poesia scientifica, porque iria fazer mal á minha:

..... estremecida

Namorada gentil—a Poesia Velha.

E' que nunca me convenci de que houvesse uma poesia velha, pois, para mim, sejam quaes forem as fórmulas transitorias que revisitam as escolas, só ha uma poesia, e esta será eternamente nova, como nova é a arte, e nova qualquer manifestação do sentimento esthetico.

---



## TEIXEIRA LEITE FILHO — Loulou Fantoche

*Loulou Fantoche*, o conto do Sr. Teixeira Leite Filho, não merecia as honras especiaes da tiragem que o autor lhe deu. Não é que o trabalho seja máu. Não valeria, porém, a pena encorajar os homens de letras a imitar os medicos, que vivem a publicar folhetinhos de casinhos sem importancia alguma e, desde que fazem apparecer um artiguinho em qualquer revistinha, apressam-se em tiral-o á parte em uma brochurasinha.

*Loulou Fantoche*, num livro de contos, não fará má figura. E' a historia de uma rapariga cocainomaniaca que, farta de aturar os ciumes do amante, aproveita uma noite de Carnaval, sahe, tem uma aventura com outro homem e quando, ao voltar, acaba de sofrer as reprimendas do amante, convida, entretanto, o segundo para uma nova entrevista.

O conto é bem escripto, gracioso.

Em certa occasião, o autor, descrevendo um bailado executado por Loulou Fantoche, escreve: «e sobre a ponta dos pés se erguera, na classica attitude das bailarinas pagãs.»

E' tudo quanto ha de menos exacto.

Os admiradores exclusivos das dansas antigas condemnam formalmente esse gesto, a que as bailarinas francezas chamam «faire les pointes.» Nos bailados imitados dos tempos antigos, as dansarinas nunca se levantam sobre a ponta dos pés.

Loulou Fantoche, que era contraria aos bailados modernos, não devia, por coherencia, agir assim. Mas talvez o tenha feito exactamente porque o autor a deu

como um caracter essencialmente volúvel e sem consistência moral—effeito natural do seu vicio predilecto.

Teixeira Leite Filho tem dons de bom escriptor. Isso mesmo o deve levar a não repetir a publicação desses folhetinhos de principiante. Dê-nos o livro que pode dar. Um livro—e não um fasciculosinho de meia duzia de paginas.

# Loulou Fantoche

TEIXEIRA LEITE

Pag. 14.

Em recúo gracioso, a rapariga collocara-se immovel no centro do varandim; empallidecera, como se uma grande emoção fosse prostral-a... e, sobre a ponta dos pés, se erguera, na classica attitude das bailarinas pagãs.

Estendeu, em seguida, para o sol, que nascia, os braços nús, em longo gesto sagrado de invocação e, em movimentos irregulares de que o corpo inteiro partilhava, começou a interpretação da phantasia, com que sonhára, vezes incontaveis, diante dos espelhos—os grandes espelhos da sua alcova em silencio.

Cadencia bizarra e suggestiva os seus movimentos, rythmo marcado por uma orchestra ideal, que só ella ouvia...

Sua musica tinha o compasso extranho das tentações, que, como cataclysmos, sacodem montanhas... depois era a vertigem dos abysmos insondaveis e a explosão delirante da tragedia das tempestades.

As dansas antigas, com suas attitudes arrojadas e suas acções reclamando agilidade possante dos musculos e a delicadeza representativa dos gestos; os bailados sagrados e as dansas interpretativas das pinturas de Herculanium e de Pompéa, com suas figuras audaciosas, curvas ageis e meneios sensuaes, entravam nessa criação de seu espirito—decalque de hellenismo com illuminuras delicadas de textos mythologicos, illustrando o episodio classico do naufragio de Kleonikos...

O inicio era a invocação ás divindades marinhas e aos Zephyros, nascidos dos arquejos do Oceano, harmoniosos como as suas vagas.

Navio que partisse, cheio de mercadorias de Kelessyria com destino a Tassos, vogaria sereno, em pleno mar, no verão; no outomno,

tempestades e imprevistos, quasi sempre fa-  
taes, assaltavam os marinheiros, que tentassem,  
na sua audacia louca, a travessia...

Pela cordoalha, passa, em vôo altaneiro,  
um cysne negro, grande e magestoso como as  
trevas.

O piloto, que consultara os áugures, orde-  
nou, tremendo, que se recolhesse o velame.

As ondas se animam em baloiço de tem-  
pestade; o vento silva; o mar se encapella.

Unisonos sóbem ao Olympo o côro de sup-  
plica da marinhagem tranzida de pavor... e de-  
pois, de cada recanto da não, nomes amados  
de mulheres, que ficaram no porto da partida,  
os braços nús, os collos nús, soltos os cabel-  
los, rostos banhados em prantos agoureiros...

— Prothyréa!

— Barthylê!

— Sybaris!

— Hymera!

Gritos lancinantes e a desordem a bordo,  
toda a desordem, que o pavor gera, e a in-  
consciencia do medo.

O sol, num horizonte de tarde, desfallece  
sobre a mancha de ouro velho do poente.

Esvoaça dé novo, sinistramente, sobre a  
galera o cysne preto; a não se fende ao meio,  
como si um raio a attingira; os marinheiros suc-  
cumbem, nas ondas revoltadas.

Kleonikos vae morrer, com a coragem dos  
pilotos que tentam o inexplorado de mares te-  
nebrosos; da não despedaçada a uma taboa se  
agarra e um remo forte a governa.

O cysne passa, agoureiro, sobre a sua ca-  
beça; pensamento doloroso paralysa seus mo-  
vimentos de habil remador.

— Glaucionê! Glaucionê!

A ave desce, em vôo vertiginoso, sobre o  
naufrago, o bico aberto e as plumas eriçadas  
pela colera.

Na lucta, a ave se ferira e o marujo mer-  
gulhára, para sempre no abysmo profundo, em-  
quanto a ave tenta voar pelo ether. Agita,  
debalde, as azas; boleia o corpo, contorse o

colo e canta, no grande anseio de quem vae cantar, pela derradeira vez, o mais lindo dos cantos.

Sua voz se extingue, na garganta, em soluços; as ondas os recolhem, para repetir ás areias da praia e seu corpo, o gracioso corpo todo coberto de negras plumas sedosas e brilhantes, voga ao sabor das ondas atormentadas, dos macaréos e dos ventos, illuminado pelos derradeiros raios do sol, que empallidece angustiosamente, ao longe.

A rapariga acompanhára as mais caprichosas expressões da sua phantasia de movimentos, na interpretação desse episodio mythologico, que escolhera para dansar, com a beatitude das grandes horas solemnes da vida e que se não repetem...

Como o cysne negro morre, em convulsões, ella cahira, em agitação nervosa, desalentada.

Pouco a pouco, serenára; mas desfallecera, banhada em suor e innundados de lagrimas os mysteriosos olhos negros.



## JOÃO LUSO — “As entrevistas de Expedito Faro”

*As Entrevistas de Expedito Faro* consistem em uma applicação espirituosa de um preceito de alto jornalismo: as melhores entrevistas são as que se fazem sem o concurso dos entrevistados.

Dizia certa vez um politico que ia atacar ferozmente outro. Lembraram-lhe então que este não tinha nada no seu passado, por onde pudesse ser atacado. Impávido, o primeiro objectou:

— Tanto melhor, porque assim pode-se inventar o que se quizer.

E' uma cousa parecida o que dizem talvez os *reporters*, quando não encontram as victimas das suas importunações: ficam com o direito de inventar o que lhes apraz.

Expedito Faro não procedia assim. Bom jornalista, elle imaginava completamente a entrevista, em todas as suas perguntas e respostas; mas procurava dar a estas um cunho de absoluta verosimilhança, de accordo com o character e os antecedentes do entrevistado.

Deste modo, as suas entrevistas são como esses retratos de pessoas, que nós não conhecemos; mas tão bons, tão perfeitos, tão vivos, que se fica logo convencido de que, si o original não se parece com elles, o original é que está errado...

Os entrevistados por Expedito Faro protestariam talvez contra as affirmações que o *reporter* lhes attribuiu; mas sem razão, porque essas affirmações é que elles fariam, si fossem sinceros. E dessa maneira, as respostas falsas são mais verdadeiras do que as

que elles dariam realmente, si chegassem a ser interrogados.

Todo esse livro de bom humor, de excellente dialogo, é agradabilissimo. Basta dizer que em *Expedito Faro* estava incarnado João Luzo — João Luzo, que é ao mesmo tempo um perfeito chronista e um excellente escriptor theatral, sabendo, portanto, lidar com o dialogo, como poucos escriptores.

Algumas dessas entrevistas são verdadeiros contos, improvisados a proposito de noticias de jornaes. Outros são antes sátyras a alguns dos nossos costumes.

Quando, por exemplo, João Luzo nos dá entrevistas com uma cartomante celebre, com um empresario de cinematographos, com um senhorio, com um agente de casamentos e com outros personagens igualmente symbolicos, o que faz não passa de uma collecção de sátyras, leves, alegres, espirituosas.

E ahi está porque o livro do inexistente *reporter* é um volume simplesmente delicioso.

---

## As entrevistas de Expedito Faro

JOÃO LUSO

Pag. 59

O Reporter — E' ao gerente do cinema «Treva Absoluta», ex-«Maximo Esplendor», que tenho a honra de falar?

O Astuto Gerente — Sim, senhor. Em que lhe posso ser agradavel?

R. — Desejaria que me concedesse uma entrevista sobre a recente decisão da policia...

A. G. — E' então da imprensa?

R. — Obscuro reporter. Eis o meu cartão.

A. G. — Hum! Ora, francamente, acha o senhor que eu me possa derreter em atenções com jornalistas, depois do que elles acabam de me fazer?

R. — Pela parte que me toca, devo declarar-lhe que não metti para ahi prego, nem estopa. Garanto-lhe.

A. G. — Não faço distincções. Refiro-me á classe inteira. Mesmo porque, se a campanha não foi propriamente geral, se nem todos me atacaram, a verdade é que nenhum se deu ao trabalho de me defender.

R. — Em todo o caso, os jornaes se limitaram a chamar a atenção da autoridade para o perigo que certos cinematographos representavam, em caso de incendio...

A. G. — E a autoridade que fez? Tirou-se dos seus cuidados ou, antes, da sua falta de cuidados e veio por ahi fóra, fechando casas a torto e a direito. O perigo! Qual perigo nem qual carapuça!

R. — Perdão, mas, em Moscow, em Bilbáo, houve dezenas de victimas.

A. G. — Por esse principio, como recentemente, na Pensylvania, creio eu, morreram duzentas pessoas num descarrilamento, suspen-

se o trafego da Central! E visto ter-se dado o naufragio do «Titanic», interrompa-se o serviço das barcas de Nictheroy!

R. — O simile...

A. G. — ... « não é igual », ia o senhor dizer?

R. — Mais ou menos.

A. G. — Essa mania de se applicarem aqui medidas inspiradas nos acontecimentos do estrangeiro é simplesmente absurda. Em primeiro lugar, sabe a policia se o cinema de Bilbáo estava nas condições destes que ella acaba de condemnar? Podia ella considerar provada, evidentemente provada, a insufficiencia das garantias que nós davamos ao público? Evidentemente, não. Para isso, seria necessario que tambem aqui se desse um sinistro e percessem ahi uns... enfim, um numero razoavel de espectadores. Nesse caso, sim. Seria justo, não haveria nada a objectar. E o senhor, por exemplo, que pretende...

R. — Peço desculpa, eu não pretendo coisa alguma. Longe de mim o proposito de levantar uma discussão.

A. G. — Mas, se não concorda commigo...

R. — Concordo tal. Eu, no fundo, concordo com todos os meus «entrevistados».

A. G. — Ah, bom!

R. — De maneira que, no seu modo de entender, a medida policial foi uma bella iniquidade?

A. G. — Revoltante, senhor! Destas iniquidades que só se vêem no nosso desgraçado paiz. Não se respeita nada. Intelligencia, esforço, dedicação, audacia emprehendedora, tenacidade—que vale tudo isso? Um dia, vem um delegado, que entala o monoculo no olho, tira uma fumaça do charuto, faz um *moulinet* com a bengala e ordena do alto da sua magnificencia autoritaria: «Bote tudo abaixo!» E prompto. Isto não se commenta, senhor; isto... só a tiro!

R. — Tem toda a razão.

A. G. — O senhor lá imagina, lá pode calcular o trabalho, as canseras que isto me custou! Só as alterações que eu tive de fazer,

para tornar o meu cinema o mais apreciado, o mais concorrido...

R. — Conheço, mais ou menos. O senhor tinha introduzido ahí varias reformas importantes...

A. G. — Reformas completas, radicaes, como se, cada vez, fosse tudo de novo! Que era isto, ao principio? Um cinema como outro qualquer, com programmas como outros quaesquer. Chamava-se então «Cinema Fluminense». Estava montado com certo gosto, certo conforto; mas, em breve, comprehendi que lhe faltava alguma coisa, para vencer a tremenda concorrência dos estabelecimentos congeneres. Estamos muito e todos, mais ou menos, com a mesma orientação, o mesmo systema. E, como eu me não resignava a um exito mediocre, forçoso me foi procurar uma novidade, uma originalidade, um chamariz exclusivamente meu. Inventei então as sessões illuminadas...

R. — O «Supremo Esplendor».

A. G. — Isso mesmo. Vejo que se lembra. Foi, sem duvida, uma feliz innovação. Toda a gente quiz ver o effeito das sessões illuminadas.

R. — Parece, porém, que a claridade da sala prejudicava a nitidez das projecções...

A. G. — Não ha tal. Estudei esse caso caprichosamente, com o mestre electricista, e conseguimos uma nitidez perfeita. Simplesmente passamos oito ou dez dias, a concurrencia diminuia tão rapidamente que tive de mandar ao diabo a minha lembrança.

R. — E a que attribue o senhor tal insuccesso?

A. G. — Quantas vezes veio o senhor ao meu cinema, durante essa phase... luminosa?

R. — Eu?

A. G. — Sim. Francamente!

R. — Vim uma vez.

A. G. — E por que não voltou?

R. — Eu?

A. G. — Pois a razão era *essa*. Fiz um reclamo formidavel, dei as melhores fitas dos

melhores fabricantes... Debalde. Havia *essa* razão. E havia outra, não menos considerável: a das poltronas demasiado commodas, demasiado afastadas umas das outras, e dispostas, em filas, entre as quaes, senhor, havia mais dum metro de distancia!

R. — Realmente, era um horror.

A. G. — Onde tinha eu a cabeça quando engendrei semelhante plano? Talvez no mesmo logar em que a tenho hoje. Faltava-me, porém, a verdadeira noção do cinema, noção que só a experiencia me podia dar. E desde que a tive, procedi immediatamente á nova e definitiva reforma que me havia de enriquecer.

R. — A «Treva Absoluta».

A. G. — Só esse baptismo, confesse o amigo, que achado! Sim, diminui o espaço entre as filas de poltronas, diminui-o tanto que se tornou impossivel ao espectador de trás estar á vontade, sem... incommodar o da frente. Igualmente eliminei as travessas que separavam as proprias poltronas... E estabeleci ó grande, o admiravel systema da obscuridade completa, mesmo nos intervallos das fitas. Graças a esta innovação—que não hesito em qualificar de sublime, mesmo em risco de me tornar ridiculamente immodesto...

R. — Não senhor, ora essa, absolutamente!

A. G. — Graças a esta innovação, repito, passei a ver, todas as noites, a minha sala cheia á cunha. O letreiro «Não ha mais logares» era affixado na bilheteria em cada sessão. Para pôr á prova a superioridade do systema, tornei os meus programmas o mais ordinarios possivel. Tudo do mais barato e do peor. Enchentes sobre enchentes. Finalmente, num dia em que devia dar programma novo, continuei com as fitas velhas. Substitui a orchestra das damas polacas por um pianista nacional que só tocava o *Ataca Felipe*; e, por fim, supprimi até esse pianista. E a policia tinha que montar guarda á bilheteria, para evitar o excesso dos encontrões e das cotovelladas dos espectadores cada vez mais anciosos e freneticos! Não ne-

gue, nesta ultima phase, o amigo vinha todas as noites.

R. — Eu?

A. G. — Ora, depois disto, diga-me, em sua consciencia: Que devo eu pensar duma imprensa e duma autoridade que assim atacam tão prospera empresa, sob o futil pretexto dum sinistro... apenas possivel? Toda a gente 'honesto, toda a gente sensata me dará razão. O que se fez commigo, foi... Quer que empregue o termo exacto?

R. — Sem cerimonia, peço-lh'o.

A. G. — Pois foi uma... immoralidade. Ahi está o que foi!





## BASILIO DE MAGALHÃES — “A Renascença e sua floração artistica”

O livro do Professor Basilio de Magalhães foi escripto como these para o concurso á cadeira de Historia das Bellas-Artes.

Os concursos desse genero são hoje feitos por um processo perfeitamente absurdo.

Deve suppôr-se que em um concurso trata-se de comparar o merito de varios candidatos. Para tal fim, o unico meio racional seria multiplicar *provas identicas*, afim de permittir o confronto entre os concurrentes!

A lei não faz isso. Permite que cada um apresente these escripta sobre o assumpto que lhe aprover. Depois, quando se chega á dissertação, si os concurrentes são numerosos, só aos que fazem prova no mesmo dia é que dá o mesmo ponto.

D’ahi uma série de desigualdades entre as quaes não se sabe de que criterio se soccorrerão os examinadores para comparar cousas sem a minima analogia entre ellas.

A’s vezes, o ponto sorteado é de uma esterilidade desoladora: pouco se pode dizer a seu respeito.

Em compensação, pontos, ha, sobre os quaes é possivel discorrer longa e brilhantemente.

O candidato a quem sahe um ponto árido, mesmo tratando-o exhaustivamente, é prejudicado pelo que teve em seu favor um ponto brilhante.

O Prof. Basilio de Magalhães escolheu para a sua these um dos mais bellos assumptos da historia das artes: a Renascença.

Em geral, se designa com esse nome, a Renascença Italiana, do seculo XV ao seculo XVI. Mas o autor quiz

ir mais longe e estudou, de passagem, outros periodos em que se deu mais ou menos o mesmo phenomeno: a renascença carlovingia, a monastica, a bisantina e a primeira renascença italiana.

O merito essencial — e não pequeno — do trabalho do Prof. Bazilio de Magalhães está em uma exposição didactica muito lucida.

Trata-se de um assumpto largamente estudado, sobre o qual é difficil fazer obra original. Não ha, porém, talvez, a seu respeito outra exposição da materia que seja ao mesmo tempo tão concisa, tão lucida e tão completa.

Terão os outros concurrentes adoptado o mesmo ponto de vista?

Parece que não. Um, por exemplo, preferiu emprender uma demonstração esthetica: que a Arte Grega representa o cumulo da perfeição artistica.

E' uma affirmação com que se póde concordar ou da qual se póde discordar; mas que, por isso mesmo, exige ao mesmo tempo o conhecimento geral da historia das artes e a habilidade dialectica necessaria para fazer a prova do que se affirma.

E como ha ainda cinco outros candidatos, fica-se a perguntar de que ponto de vista trataram elles as materias escolhidas para as respectivas theses.

Isso mostra bem como é disparatado um systema em que se esquece o elementar preceito de que só se comparam cousas de igual natureza.

Si a alguém se perguntar: «Que é o que lhe parece melhor: um poema, um dictionario ou as táboas de logarithmos?» --ninguém poderá responder. E isto por uma razão excéllente: porque, quando a pessoa tivesse de fazer calculos, o dictionario e o poema de nada lhe podiam servir; quando quizesse sáber o significado de um termo, o poema e as taboas de logarithmos ser-lhe-iam absolutamente inuteis e, por fim,

quando quizesse ter emoções estheticas só ao poema as poderia pedir.

Pois é a absurda comparação entre elementos tão radicalmente diferentes que os concursos muitas vezes agora estabelecem.

---



## A Renascença e a sua floração artistica

-- POR ==

BASILIO DE MAGALHÃES

Pag. 81

*Causas religiosas.* — Convertida ao catholicismo, e em grande parte á força, a região septentrional da Europa recebeu a nova doutrina como uma succedanea da sua fé antiga, e a ella se conservou rigorosamente, extremamente fiel, buscando em tudo a letra expressa dos mandamentos das Sagradas Escripturas.

A Italia, porém, tendo abraçado o monotheismo de São Paulo como um aperfeiçoamento da sua velha crença, adaptou-o aos moldes desta; e, assistindo, sem escandalizar-se, ás fraquezas do clero e ao declinio da Egreja, superpondo aos rigores dos canones e ás tristezas dos dogmas a licença pagã e as volupias moraes do mysticismo, soffreu menos que qualquer outra nação da Europa o jugo constringente da religião.

Já vimos, no capitulo inicial do presente trabalho, quanto era inacessivel á limitada comprehensão dos cerebros humanos a divindade suprema que resultara do Iahveh ou Jehovah mosaico-christão. Mas, como que para transigir com o polytheismo antecedente, o fundador do novo credo estabeleceu a *trindade*, a qual, mysteriosa embora em sua definição e conceito dogmaticos, já era, entretanto, susceptivel de representações concretas, tanto mais que a terceira pessoa tinha por symbolo uma pomba.

Ora, o polytheismo romano era um simples derivado do polytheismo hellenico, e, qual este, anthropomorphico. Assim, a adaptação dos attributos do deus ou deuses do christianismo aos nomes do paganismo não foi difficil, principal-

mente depois que se systematisou o culto dos santos.

Michelet (op; cit., 61, 211) já havia sa-lientado essa parallelisação religiosa, occorrida na Italia. Conforme elle observou, muitos costumes persistiram, mudando-lhes apenas o christianismo o sentido por uma lenta evolução: os milagres de Medéa são attribuidos pelos napolitanos a San-Domenico di Cullino; o templo de Romulo e Romo pertence hoje aos gemeos S. Cosme e S. Damião; e no sitio donde se precipitou Anna Perenna, está a capella de Santa-Petronilha.

O seculo XIII, entretanto, assistira, nos seus primeiros albores, á fundação de duas ordens religiosas, uma devida a S. Francisco de Assis (italiano, nascido em 1181) e a outra a S. Domingos (hespanhol, nascido em 1170), que se dispunham a luctar contra a corrupção dos costumes e a degradação innominavel do clero. A'quelles dois apostolos cumpre juntar o maior de todos os doutores da Egreja, S. Bernardo (923-1008), o fundador do culto da Virgem (76), que substituiu por toda parte o culto de Deus, tornando-se, na phrase suggestiva de Augusto Comte, «a verdadeira deusa dos corações meridionaes.»

Dumesnil, num dos melhores capitulos de sua primorosa obra «L'art italien» (77), attribuindo á epopéa dantesca a divulgação do typo da Madonna,—que se tornou para cada italiano o ideal individual e nacional, qual era Beatriz para o cantor florentino,—demonstra como a significação da Renascença consistiu em rehabilitar «a natureza maldicta, condemnada pelo christianismo». Aquella criação poetica, que cada artista italiano via objectivar-se em suas formosas, tão amadas e amantissimas patricias, nada teve de inconciliavel com a retrogradação polytheica, pois era, afinal, um mytho que se confundia com o de Venus e como esta susceptivel de ampla ubiquidade e accrescimos attributivos. São tambem muito interessantes e verdadeiras as seguintes observações do citado-

escriptor (in loc. cit.):— «Decide-se a arte italiana, quando refuga os typos bysantinos, os typos consagrados, quando estuda a natureza. Esta natureza, antiga ou viva, é toda pagã. Assim, os artistas italianos passam naturalmente, sem esforço, da pintura christã ás representações pagãs, aos retratos dos contemporaneos. A hostilidade do principio apaga-se ante a seducção da natureza; esta serve de medianeira entre idéas tão antagonicas, e tudo se apazigua por ella na obra do artista. E' então que a Italia se vinga da Egreja, pois o papa protege uma arte mais pagã que christã, que não tem de catholica sinão a apparencia; e cuja verdadeira mira é a reabilitação da natureza. O imperador, ella submette-o, emprestando-lhe, pelos pinceis de Ticiano, o esplendor da Republica de Veneza.» (78)

O genio clarividente de Dante comprehendeu, com profunda justiça, o papel social de S. Francisco de Assis e de S. Bernardo, dos quaes diz (Paraiso, XI, 37-39):

«L'un fu tutto serafico in ardore,  
L'altro per sapienza in terra fue  
Di cherubica luce uno splendore.»

Sobre o excelso prégador das cruzadas o polemista contra Suger, o autor da Divina Comedia, tendo na devida conta a criação do mais sublime ideal humano, representado na utopia da Virgem-Mãe, ainda assim se pronuncia (Paraiso, XII, 112-114):

«Ai frati suoi, si com'á giuste rede,  
Raccomandó la sua donna piú cara,  
E comandó che l'amassero à fede...»

Entretanto, as ordens mendicantes do seculo XII, que se destinavam a levantar o espirito abatido, da Egreja, não tardaram, seguindo o exemplo das ordens precedentes, a entrar por sua vez na mesma lamentavel degeneração (77). Ainda é o immortal cantor da ca-

vallaria quem o assevera mais expressivamente, censurando pela fôrma seguinte os dominicanos (Paraiso, XI, 124-132), que adquiriram tão lugubre, tão sinistra nomeada, como inquisidores:

«Mà il suo peculio di nuova vivanda  
è fatto ghiotte, si ch'esser non puote  
Che por diversi salti non si spanda;  
E quando le sue pecore remote  
E vagabondo piú da esse vanno,  
Piú tornano all'ovil di latte vote.  
Ben son di quelle che temeno il danno,  
E stringonsi al pastor; mà son si poche,  
Che lo cappo fornisce poco panno...»

Eis agora, como abrangeu elle na mesma estigmatisação os franciscanos do seu tempo (Paraiso, XII, 112-120):

«Mà l'orbita, che fô la parte somma  
Dia sua circonferenza, è dorollita,  
Si ch'è la mufa dov'era la gromma.  
La sua famiglia, che si messe dritta  
Coi piedi alle sur ermo, é tanto volta,  
Che quel dinanzi á quel di retro gritta;  
E tosto si vedrá della ricolta  
Della mala coltura, quando il loglio  
Si lagnerà che l'arca gli sia tolta...».

Apesar da decadencia que bem depressa lhes sobreveiu, é innegavel que essas ordens religiosas, exerceram acção decisiva no catholicismo do seculo XIII, tornando-o «uma religião de ternura mystica e de ascetismo exaltado». Reinach (op. cit., 158), de quem é essa expressão, acrescenta:— «Não se averiguará nunca o papel nimamente grande que teve na arte da alta Renascença a revolução effectuada pelos discipulos de S. Francisco».

O que nos cumpre, entretanto, deixar bem evidenciado é que o catholicismo, por só admitir uma belleza, a divina, e condemnar a humana como fonte de todo peccado e de toda

perdição das almas, deixou de ter a menor capacidade inspirativa ao pleno desenvolvimento das letras e das artes: assim se deu com os povos que o abraçaram sinceramente e seguiram com inteiro rigor, ao passo que os italianos, transformando-o num perfeito paganismo, ou superfetando este no seu pouco firme christianismo puderam ter a floração esthetica sem egual que realisaram desde o seculo XIII até fins do seculo XVI.

O melhor depoimento para a comprovação da nossa these é o fornecido por Luthero. Ainda monge Agostiniano, dirigiu-se á cidade onde pontificava para toda a extensão do orbe o successor de S. Pedro, e eis o que concluiu de tudo quanto observou alli (80): — «Eu não quizera, nem por mil florins, ter deixado de ir a Roma; havia de doer-me a consciencia, si eu fizesse injustiça ao papa. Os crimes em Roma são inacreditaveis... Nós outros, os allemães, empanturramo-nos de bebidas até arrebentar, ao passo que os italianos são sobrios; são, porém, os mais impios dos homens, zombam da verdadeira religião, e mofam de nós, os christãos, porque cremos em fudo que está nas Escripuras... Na Italia, quando vão á igreja, dizem: *Vamos confor-mar-nos com o erro popular. — Si fosse-mos obrigados, dizem tambem, a crêr em tudo a-palavra de Deus, seriamos os mais desgraçados dos homens, e não pudera-mos ter já-mais um momento de alegria... Os italianos são ou epicuristas ou supersticiosos.*

O povo tem mais medo de Santo-Antonio ou de São Sebastião de que do Christo, por causa das Chagas que aquelles mandam... Eis como vivem numa superstição profunda, sem conhecer a palavra de Deus, não acreditando nem na resurreição da carne, nem na vida eterna. Celebram o carnaval com uma inconveniencia e uma insanias extremas, durante varias semanas, e nelle introduziram muitas extravagancias, porque são homens sem consciencia, que vivem em peccados publicos.» (81)

Esse quadro, gizado com tanta franqueza

e verdade pelo inglorioso fundador do «feticchismo dissento» a que se deu o nome historico de *Reforma*, palpabiliza bem como o povo italiano era pagão por atavismo.

A litteratura e a philosophia italianas, do seculo XV, sobretudo, servem a confirmar o testemunho de Lutherô. Em vão contra o desmedido retrocesso ao passado greco-romano se ergueu a voz eloquente de Jeronymo Savonarola (1452-1498). Foi ephemero o seu triumpho contra os Medicis e contra a Renascença, e a esse arrojado sobrehumano do celebre monge dominico bem pudera ser applicada a imagem que vem na «Velhice do Padre-Eterno» de Guerra Junqueiro a proposito mais generico, porquanto apagar o rubro e vivido clarão da Renascença, qual tentara o tensus titã, fôra

«...o mesmo que apagar o sol, quando flammeja,  
Com um apagador de lata de uma egreja...»

Aquelle que prégara contra as obras de arte, contra os poemas, contra o luxo, contra a alegria exuberante daquella quadra excepcional da evolução humana, e que fizera queimar, em solenne auto-da-fé, as produções sublimes de Dante, de Petrarcha e de Boccacio, bem depressa cahiu do seu mal esteiado throno, para evolar-se aos céus, em que tão piamente cria, no martyrio de uma fogueira:—tal foi o talião da Renascença. (82).

---

## ALFREDO PUJOL — Machado de Assis — Conferencias

O livro excellente em que Alfredo Pujol reuniu as suas conferencias sobre o grande escriptor brasileiro é o maior monumento que até agora foi erigido á memoria do autor de *Braz Cubas*.

Antes d'elle, não faltaram trabalhos diversos sobre Machado de Assis. Os tres mais notaveis são a obra de Sylvio Romero, a de Lafayette, com o pseudonymo de Labieno, respondendo á primeira, e a monographia sobre o *humour*, de Alcides Maya.

A obra de Sylvio Romero é um trabalho que não faz honra á sua grande capacidade. Sylvio Romero deixara-se tomar de uma grande paixão por Tobias Barreto, seu conterraneo e amigo. Considerava-o uma figura genial. Irritava-se com o esquecimento em que o via cahir, emquanto Machado de Assis continuava a crescer na estima publica. D'ahi a idéa de escrever um livro contra este.

Ora, o esquecimento de Tobias é tudo quanto ha de mais justo. Quando os seus ultimos discipulos tiverem desaparecido, ninguem ou quasi ninguem falará mais nelle.

Tobias Barreto foi um bello talento poetico. Verboso, eloquente da eloquencia cheia de imagens, que era tão do gosto da sua geração, juntava a isso uma grande curiosidade scientifica.

Chegou ao Recife na época em que estava começando na Europa o movimento de idéas capitaneado na Inglaterra por Darwin e Spencer e na Allemanha por Haeckel. Tobias conhecia o allemão, e lia as ultimas producções europeas, quer no dominio das scien-

cias naturaes, quer no das sciencias juridicas e transmittia tudo isso aos estudantes. Gosava por muitos titulos da sympathia destes: o principal era talvez porque annunciára emphaticamente que nunca reprovaria nenhum...

Bem falante, espirituoso, levando uma vida um pouco bohemia, com exhibições publicas de amores a actrizes e polemicas ruidosas, os rapazes lhe fizeram uma reputação excessiva.

Poderia ter sido um bom poeta, um bom jurista, um bom philosopho — si se tivesse applicado a qualquer dessas especialidades, em que roçou de leve. No fim de contas, foi apenas um vulgarizador de idéas, que eram então novas.

Nesse particular, prestou serviços importantes ao desenvolvimento intellectual do paiz. Houve de facto, um periodo em que o Recife, graças em parte a Tobias, foi o centro de cultura intellectual mais progressista do Brasil. Tobias punha em circulação as ultimas idéas europeas.

Não ha, porém, na sua obra nenhuma doutrina propriamente sua, nada de original, nada que valha a pena. Os seus discipulos ficaram, entretanto, com uma especie de illusão de optica: acabaram por endeuzal-o como si fosse elle que tivesse inventado o evolucionismo, o darwinismo e varias outras cousas, de que Tobias foi apenas o porta-voz. Porta-voz eloquente, que tinha a vantagem de ser ouvido pelos rapazes, exactamente porque os tratava num pé de camaradagem indisciplinada, que, apesar disso ou por isso mesmo, lhe permittia ter sobre elles mais influencia.

Essa influencia se foi apagando, desde que as idéas propagadas por Tobias se tornaram triviaes. E como Tobias nada lhes juntou de proprio, é hoje um nome fadado a desaparecer.

Sylvio não se resignava com isso. Passou a vida empenhado no que lhe parecia uma campanha de justa reivindicação em favor do seu grande amigo. Todos os contemporaneos de Tobias que tiveram mais renome do que elle pareciam a Sylvio adversarios pessoaes. Não podia ouvir um elogio a Castro Alves, si não acrescentassem outro a Tobias. E a supremacia de Machado de Assis irritava-o, não só por fazer sombra ao seu grande homem, como porque era difficil conceber dois temperamentos mais antagonicos. Sylvio era ingenuo, confiante, exuberante, batalhador. Machado de Assis era, ponto por ponto, o contrario de tudo isso: desconfiado, retrahido, timido. O *humour* de Machado de Assis escapava inteiramente a Sylvio; elle só concebia a alegria clara e ruidosa. Não havia nisso uma opinião litteraria; era uma incapacidade intellectual absoluta.

A vista humana só vae na percepção das côres do prisma até o violeta; o ultra-violeta lhe é inacessivel. Para a vista intellectual de Sylvio o *humour* era o ultra-violeta de escala do riso: uma vibração debil demais para o poder impressionar.

Assim, o seu livro não foi *sobre* Machado de Assis. Foi *contra* elle. Sylvio escreveu-o, não como um critico sereno, mas como o paladino de Tobias Barreto. Lafayette replicou, mas também não o fez como um critico imparcial. Viu na obra de Sylvio uma occasião excellentè para delle se desferrar, vingando velhos agravos. Assim, a verdade é que ambos os contendores tomaram Machado de Assis, menos para assumpto de estudos calmos, do que para pretexto — um para, abatendo-o, exaltar o amigo; outro para, defendendo-o, atacar o autor dos *Ensaio de Critica Parlamentar*, com quem tinha velhas contas a ajustar.

O estudo de Alcides Maya é uma monographia engenhosa; mas que não vizava um exame completo.

da obra de Machado de Assis; pretendia apenas—e realizou aliás muito bem o seu programma—apreciar o humorismo do escriptor fluminense.

O livro de Alfredo Pujol é, pois, o primeiro estudo completo sobre Machado. Esse estudo é tão bem feito que permite acompanhar *pari-passu* a vida, o trabalho litterario e o meio em que o escriptor se moveu.

Quando um critico nos diz que a pagina tantas de certa obra é magnifica e a pagina quantas lhe parece detestavel, deixa-nos geralmente embarcados, porque não temos diante dos olhos essas paginas; a leitura de taes apreciações nada nos adianta.

Alfredo Pujol não faz isso. Vai criticando e citando. Resume os livros a que allude e reproduz os trechos caracteristicos. Assim, chegando ao fim do seu volume, mesmo quem nunca tenha lido Machado de Assis, estará com uma vizão summaria da sua obra. E nos resumos, como na escolha das citações, Alfredo Pujol revela o seu admiravel gosto litterario, o seu conhecimento profundo e minucioso do escriptor analysado.

Será, porém, mais tarde o seu juizo ratificado pela posteridade? E' licito duvidar. Todos nós, que frequentamos Machado de Assis, estamos muito perto de sua memoria para poder julgal-o com imparcialidade.

Elle não era uma dessas personalidades irradiantes, cujas qualidades apparecem á primeira vista e que desde logo, ou se amam ou se detestam. Era retraido e timido. Pujol cita a phrase exacta de Constancia Alves: «pouco íntimo com os intimos». Quando, porém, alguém se approximava e observava a sua rectidão de character, a probidade impeccavel do seu labor litterario, a delicadeza quasi feminina do seu trato, acabava por ser seduzido. Machado de Assis não fazia muitos amigos; mas os que fazia, amigos ficavam para sempre.

Pujol conta-nos a vida do grande escriptor. Nasceu de gente humilde — o pai era pintor de casas, a mãe occupada em serviços domesticos do senhorio. Foi sa-christão e typógrapho. Acabou empregado publico.

Parece que nisso se resume a lista dos empregos que lhe déram meios de vida, porque a collaboração em varios jornaes nunca passou de uma achêga e a edição de todas as suas obras só ao seu editor enriqueceu.

Assim, a sua biographia nada tem de extraordinario.

A condição humilde de que sahira não o envergonhava. Se não alludia a ella mais frequentemente, é porque, em primeiro lugar, nunca houve quem mais praticasse o conselho do poeta: «*ami, cache ta vie et repands ton esprit*» e, sobretudo, a ideia de se servir do seu nascimento, para contraste com o seu indiscutivel principado litterario, repugnava-lhe profundamente; elle não queria, por preço nenhum, que o elogio aos seus trabalhos fosse uma especie de compensação á pobreza de sua origem.

Não é, porém, sem uma certa importancia para a apreciação de sua obra litteraria lembrar como elle nasceu, como elle viveu sempre em pequenos cargos, sem grandes responsabilidades, e como toda a sua vida se escoou na cidade do Rio de Janeiro, de onde só sahio duas vezes — uma para ir a Petropolis e outra a Nova — Friburgo. Assim, a sua mais longa viagem foi a logar que hoje está apenas situado a duas horas de distancia da Capital do Brasil.

Lutou pela vida, começou modestissimamente e conseguiu subir só pelo esforço do seu talento; mas nunca teve nada de terrivel para superar. Houve mesmo uma compensação aos seus males; casou-se cedo, com uma senhora estimabilissima, que amou e por quem foi amado, com a qual viveu na mais admiravel concordia durante toda a vida.

De tragico na sua historia só houve a terrivel molestia que o assaltou: a epilepsia e nos derradeiros mezes um cancro. Dir-se-á que não foi pouco. Mas tudo isso veio quando o seu character já estava formado,— formado estava o seu estylo, o seu talento de escriptor.

O conjunto de sua vida se passou, portanto, sempre num modesto meio termo: sem riqueza, mas sem pobreza; sem altos cargos, mas com a consideração de que gozam funcionarios publicos; sem frequentar a sociedade, de que o excluía principalmente a sua propria timidez e desejo de isolamento,— mas isolamento que não ia ate a misanthropia. Não consta que tenha tido aventuras de amor. Tudo faz crêr ao contrario que não as devia ter, não só pelo seu temperamento, como pelo ambiente de ventura conjugal em que sempre esteve.

Nessas condições, Machado de Assis, vivendo sempre num circulo restricto, conhecendo muito pouco do mundo, analysando apenas pequenos personagens do pequeno meio em que passou todo o seu tempo e sendo, por indole, um tímido — deixou uma obra de tímido; não ha nella nenhuma vibração forte, nenhuma grande creação.

Não é esta a opinião de Alfredo Pujol, que chega em certo ponto a chamar Machado de Assis «artista formidavel» e «genio immortal». Ha nisso um exaggero.

Em certa occasião, Pujol cita um trecho de Alphonse Daudet sobre o prazer que causava ao escriptor francez a allusão a qualquer dos typos litterarios, que creára. E realmente esse é o merito supremo do grande escriptor de ficção: inventar typos, que depois possam por si mesmos viver: Don Quichote, Tartarin, o Conselheiro Acacio e tantos outros são creações desse genero. Mas precisamente Machado de Assis não deixou nenhuma em taes condições.

Não podia deixar. Elle era minucioso demais para fazer typos litterarios de tal natureza, que pedem,

sobretudo, uma certa generalidade de traços. E' mesmo por isso que os criticos analyistas, quando examinam as obras em que estão aquellas creações, declaram, escandalizados, que ellas só tem pinceladas fortes e grosseiras—o que aliás é exacto. Mas com essas pinceladas se fazem os quadros que se veem de longe, que todos comprehendem e que cada um enche com as minucias que lhe apraz. Os retratos muito detalhados, a bico de penna, com tracinhos, pontinhos, maravilhas de micrographia, nunca chegam a ficar nitidamente na memoria do publico. A apparente superficialidade de Daudet, de Cervantes, de Eça de Queiroz, é, no fim de contas, uma superioridade: elles souberam distinguir o geral do particular, o essencial do accessorio e guardar apenas o geral e o essencial. Machado de Assis, não se resignaria jámais a isso. Elle pintava a pequenas pinceladas, juntava pormenor a pormenor. Nada deixou, não podia deixar nenhum «typo». Os letrados talvez evoquem este ou aquelle dos seus personagens; mas nenhum d'esses personagens sahirá jámais das paginas em que foi creado para viver livre e solto, como um Tartarim, um Conselheiro Accacio ou qualquer outra das verdadeiras creações litterarias.

Falando do conjuncto dos trabalhos de Machado de Assis, Pujol escreve:

«E' a reproducção manifesta, nitida, exacta, flagrante, da vida de todos os dias, nas suas miserias rasteiras, nas suas contradicções, nos seus máus instinctos, no seu orgulho, na sua ambição, nas suas alegrias, nas suas tristezas...»

Alcides Maya diz tambem:

«Não faz paizagens; repete-se a espaços, vacillante no relato; a sua comedia da vida é trivialissima.»

Ora, para dar a *miserias rasteiras*, e á *comedia trivialissima da vida* um destaque de genio era preciso que Machado de Assis tivesse qualquer nota forte na sua penna. E isso sempre lhe faltou. Elle foi o apostolo do meio-termo, da moderação, da surdina. Até a José de Alencar — que, esse, sim, era um genio creador — elle procurou inculcar aquellas virtudes, que lhe pareciam capitaes.

Alcides Maya escreve:

«Os effeitos decisivos nascem da naturalidade com que o escriptor descreve e suggere; é simples, lucido, sardonico, escarecedor sem ostentação; fere acariciando; sacrifica por entre flôres; esbate a pintura, vela as formas, entenece; porém, o prisma é sempre o mesmo — e sempre os typos e as acções movem-se e executam-se refrangidos comicamente por uma branda revolta e por uma suave tristeza ironica».

A apreciação é exacta. Machado de Assis nunca vai até o fim de uma affirmação. Pujol commenta muito bem, quando diz:

«A modestia e a indecisão dos seus conceitos proviuiham da sua timidez, da sua tristeza congénita».

Artista consciencioso, Machado de Assis só sabia descrever bem o que via — o que examinava, segundo diz a expressiva phrase popular, *com os seus proprios olhos*. Mas esse homem que morreu quasi aos 70 annos «*só passou pela vida, não viveu*». Sua existencia se escoou em uma pequena parte da cidade, em um meio acanhadissimo. E as figuras desse meio elle as tratou com a tendencia natural do seu temperamento, propenso á moderação, medroso de tudo o que era forte.

Sterne, o grande humorista, que Pujol cita, Sterne que foi um dos mestres queridos de Machado de Assis dizia que, o «homem, que não tem uma especie de afeição por todo o sexo feminino, é incapaz de amar uma só mulher». Machado de Assis, a cuja notoria castidade, na mais pura das vidas conjugaes, Araripe Junior fez uma maliciosa, embora affectuosa referencia, não podia ser um grande pintor, um grande analys-ta de corações femininos. E' licito até suspeitar que elle nunca soube o que era realmente o amor. O sentimento, que elle teve pela sua dedicada e intelligente companheira de vida, foi antes uma dessas firmes e solidas amizades, sem nenhum arroubo e por isso mesmo sem nenhum desfallecimento. O amor é alguma cousa de mais intenso.

Em resumo, si se percorre toda a sua vida não se acha nella uma só paixão forte. A sua existencia, foi como a de alguém que, tendo de atravessar um longo salão em que outros dansassem, jogassem, lutassem; passou, na ponta dos pés, de braço dado com uma companheira querida, roçando-se pelas paredes, procurando não chamar a atenção, e olhando apenas para os que estavam juntinho d'elle.

Nem ao menos podia viver a vida dos outros, provocando confidencias. Sempre foi muito retrahido. E, cioso da propria existencia, detestava os que eram, segundo a sua phrase, «derramados». Quando alguém, diante d'elle, começava a multiplicar as confidencias, Machado achava logo qualquer pretexto delicado para sahir, retirar-se. Era como si o quizessem forçar a espiar por um buraco de fechadura: lutava, fugia.

Dizem, ás vezes, os admiradores excessivos de Machado de Assis, que, si elle tivesse vivido na França ou Inglaterra, teria sido um Anatole France, um Mau-passant, um Sterne. E' um engano. O que lhe faltou

não foi ser Inglez ou Francez, viver aqui ou ali: foi «viver», viver intensamente.

Póde-se ser um grande philosopho, constructor de systemas metaphysicos, e passar o tempo encerrado num pequeno gabinete de trabalho, vivendo alheio a toda a agitação humana. Pode-se tambem, nas mesmas condições, ser um grande sabio.

Mas o escriptor de ficção, creador de typos, evocador de vida, precisa misturar-se á vida corrente, sentir-a, experimental-a por si mesmo. Corra-se a historia litteraria e não se achará nenhum grande romancista ou dramaturgo, que tenha sido um homem exclusivamente de gabinete, com a existencia acanhada de Machado de Assis.

Os que falam em Anatole France, Maupassant e Sterne escolhem precisamente trez figuras de existencia agitada, torturada, complicada, cheias de amores e lutas, tendo *vivido intensamente*. Porque, embora a repetição seja fatigante, convem dizer ainda uma vez que é esta a condição essencial do creador litterario.

Mas o homem bom, meigo, brando, retrahido, que era Machado de Assis, tinha uma nota fundamental: o seu pessimismo.

Amor, amizade, ambição, todos os sentimentos humanos — tudo lhe parece vão, falso, destituido de grandeza.

Álcides Maya fala, a proposito de Machado de Assis, em Anthéro do Quental. Ambos, de facto, provaram a sinceridade da sua descrença — um, suicidando-se, outro, Machado de Assis, na hora da morte, recusando qualquer auxilio religioso. Mas o pessimismo de Anthéro, que se exhalou em versos nem sempre muito correctos, teve o merito de ser forte, vibrante, com uma nota tremenda de revolta. O Hymno da Manhã é escripto para clarins; si alguém pudesse com-

pôr para elle musica idonea, essa musica serviria bem ás destruidoras trombetas do Juizo Final, annunciadas no Apocalypse. Machado de Assis nunca tomaria as liberdades métricas de Anthéro do Quental; mas nunca, em compensação, admittiria a sua violencia. Elle foi sempre o homem do meio termo, da surdina, da moderação, da penumbra.

E um dos meios de que se serviu para isso, foi a fórma humoristica, que tanto empregou.

Tem-se discutido, a perder de vista, o que é o *humour*. Cada um procura descobrir nessa forma litteraria mysterios e complicações e quanto mais os autores põem nas suas definições ingredientes que se repellem, mais lhes parece que fazem obra super fina.

O bom systema para estudar qualquer phenomeno muito complicado é tomal-o na sua origem, na sua mais extrema simplicidade, e seguir-lhe a evolução. Ha, portanto, um grande erro de methodo em procurar estudar a essencia e a caracteristica do *humour* nas suas formas litterarias mais elevadas.

James Sully, no seu excellente *Ensaio sobre o Riso* mostrou que o *humour* era o termo natural da evolução do riso, evolução que começa no riso selvagem, ruidoso, colectivo, sacudindo os corpos em convulsões que parecem de epilepsia — e acaba num sorriso vagamente esboçado, ás vezes imperceptivel. O nosso povo fala expressivamente nos que «*riem para dentro*»; é o riso do *humour*. Por isso, Sully o chama o riso individual, o riso do homem só. Pensando, porém, na evolução do comico, o que se nota é o mesmo que na evolução de tantas outras manifestações intellectuaes.

Ha um certo numero — um pequeno numero — de causas de riso. Nos gráus inferiores da civilização, ou nas intelligencias mais incultas, é nessesario que essas causas sejam fortemente accentuadas, para que

os individuos as percebam. Ao passo, porém, que a agudez de observação se vae afinando, já não é preciso pôr em relevo com a mesma força o que se acha nos factos de risivel, para que o individuo, mais educado, perceba essas circumstancias. O que faz o «espirito» de una grossa chalaça obcena e de uma finissima ironia philosophica é, no fim de contas, a mesma cousa: a mesma inadaptação dos meios aos fins, a mesma não-verificação ou não-satisfação de uma exigencia social, ou qualquer outra das causas habituaes do riso. Mas o homem inculto precisa que lhe mostrem claramente onde está essa causa. E exactamente, porque se tem de accentuar isso muito claramente, a grossa chalaça é accessivel ás multidões. A ironia philosophica só pôde ser apreendida pelos que possuem a capacidade necessaria afim de bem analysar certas noções elevadas. Por isso mesmo, ella só é apreciada por muito pouca gente.

Dá-se com o riso o mesmo que com a musica. O selvagem só percebe o compasso, quando elle é fortemente marcado: o typo caracteristico da musica selvagem é o batuque para dansa, brutalmente rithmado. Mas o ouvido educado do compositor moderno distingue perfeitamente, na musica de Wagner ou de outros autores contemporaneos, harmonias e melodias que escapam aos não-iniciados. E' o que succede ao fino humorista: elle acha nas mais elevadas noções scientificas e philosophicas, nos mais nobres sentimentos da alma humana as contradicções, as fraquezas, as inadaptações que os tornam risiveis.

Vale a pena não esquecer nunca que a intelligencia humana trabalha com materiaes muito pouco variados. Basta-lhe a inducção e a deducção; bastam-lhe as associações por semelhança e por contiguidade para fazer toda arte e toda a sciencia. São, por assim dizer, os tijolos com que ella erige as suas construcções: e

com a mesma especie de tijolos se pode fazer uma choupana, um palacio, uma escola, uma prisão, um hospital... tudo emfim.

O *humour* é uma manifestação feita com material velho e conhecido. As subtilezas dos escriptores, que procuram bordar phrases complicadas a respeito d'elle, não se justificam. Elle é simplesmente uma das variedades do comico, a variedade mais fina, menos accessível ás massas, *porque se exerce sobre assumptos que não parecem destinados a fazer rir e se faz em geral como si quem a emprega não tivesse tal intenção.*

O typo do escriptor que se dedica ao *humour* é o que o francez chama, com uma expressão muito caracteristica, o *pince-sans-rire*. O chalaceador vulgar diz a jocosidade brutal e é o primeiro a explodir em gargalhadas. O *pince-sans-rire* enuncia uma enormidade, digna de provocar o riso nos que tem a finura bastante para comprehendel-a, mas faz isso com um tom sizudo, parecendo não sentir, ou pelo menos não accentuando de modo algum o que ha de comico no caso.

Quando se applica essa forma, não a casos rasteiros, mas a pôr em relevo o que ha de risivel em altas affirmações philosophicas ou moraes, affirmações que para o commum das pessoas são de uma gravidade perfeita e absoluta, tem-se o *humour*.

Em mais de um lugar Voltaire gracejou com as cousas religiosas. O que elle fazia não era, porém, *humour*: era, embora applicado á religião, que muitos consideram a cousa mais séria que se possa conceber, a grossa pilheria, a franca chalaça.

Faltava, portanto, um dos elementos essenciaes do *humour*: a forma séria.

Em compensação, pode-se vêr o trecho em que Renan descreve o milagre de Santo Yves, patrono dos **advogados**. Dizem os crentes, que em certo dia, quando todos os advogados estão ajoelhados constrictamen-

te, a imagem de Santo Yves estende as mãos sobre elles, abençoando-os. Renan accrescenta, sempre como si estivesse acreditando em tudo isso, que si, entretanto, uma qualquer pessoa tenta surprehender o gesto do santo, — o santo, justamente offendido com essa falta de confiança, conserva os braços cruzados e immo-veis. E assim, pela culpa de um só, todos soffrem a privação da bençã sagrada.

Não parecendo fazel-o, Renan zomba discretissimamente desse pretenso milagre, que ninguem pode verificar, pois que a simples curiosidade ou desconfiança de uma só pessoa basta para privar de inapreciavel beneficio centenas de fieis. Pagina de excellente *humour*, em que o gracejo com uma cousa séria é dito com um tom tambem elle absolutamente sério.

Si, portanto, se quizesse dar uma definição simples e clara, do *humour* ella talvez pudesse ser: *o comico, feito com apparencia de seriedade, a proposito das cousas, que, em geral, se consideram inteiramente sérias.*

Si ha quem faça *humour* para moralisar, ou para se vingar da sociedade, ou por qualquer outra razão — tudo isso é accessorio. Um actor pode representar só para ganhar a vida, ou por amor á arte, ou para ser agradavel ao autor amigo, ou para conquistar o applauso de uma pessoa que elle ama, sem que esses motivos alterem a peça.

Machado de Assis tinha naturalmente de escolher essa forma. Deve-se mesmo dizer, que, dado o seu temperamento e a sua philosophia, elle não podia deixar de fazer *humour*.

Por um lado, a timidez, o receio de escandalisar, a moderação em tudo. Por outro lado, um pessimismo absoluto, a certeza de que o amor, a amizade, a gratidão, tudo, emfim, tem táras irremediaveis.

Para exprimir estas opiniões extremas e dissolventes, sem offender o publico, sem fazer escandalo, só havia o meio que elle escolheu: exprimir-as em tom de gracejo, sem azedume, parecendo não o fazer por mal... As pessôas medrosas, quando dizem insolencias, muitas vezes as dizem desse modo: sem que se saiba bem si o que ellas estão dizendo é realmente sério.

Machado de Assis nunca escreveria um artigo anti-clerical. Escreveu, porém, discretas zombarias com as cousas religiosas. E de que nellas não acreditava deus a melhor das provas, recusando, em plena lucidez, pouco antes de morrer, os soccorros da Igreja.

O *humour* foi, portanto, nelle, não uma livre escolha, entre varios caminhos igualmente accessiveis; mas uma fatalidade inelutavel. Machado de Assis fez *humour*, coagido a isso, porque, dada a sua profunda e fundamental honestidade, e dada ao mesmo tempo a sua incuravel timidez, elle só podia exprimir o seu pessimismo sob essa forma atenuada.

Mas esse escriptor de meios-termos, de moderação, de timidez—só nunca teve meio-termo nem moderação em uma cousa: na sua irreprochavel probidade litteraria.

Alfredo Pujol compara-o a Flaubert. Ahi o elogio não é só justo, como tambem insufficiente. As obras de Flaubert tinham uma gestação laboriosa e ruidosa. Todos os seus amigos sabiam o livro que elle estava preparando. Machado punha nisso, como em tudo, a maxima discrição. Tinha tantos cuidados de estylo e composição como Flaubert; mas um pudor maior da sua vida, não só intima como tambem litteraria. Cada um dos seus romances foi uma surpresa para os amigos. O conselho celebre:

« vingt fois sur le métier remettez votre ouvrage,  
polissez-le sans cesse et le repolissez »

— elle o executava ao pé da lettra; mas sempre com a sua modestia caracteristica: silenciosamente.

Quando se fundou a primeira Revista Brasileira, elle era o terror dos revisores. Dizia-se que a média das revisões das suas provas era de dezeseite vezes. E acontecia, em geral, uma das duas hypotheses: ou a ultima prova era inteiramente diversa da primeira ou inteiramente igual. Neste ultimo caso, via-se que, cansado de mudar, de variar, de procurar o melhor, voltava ao que primeiro escrevera.

Foi esse labor paciente do estylo que fez de Machado de Assis um grande escriptor. Seu estylo é inconfundivel. Puro, correcto, claro, todo elle revela o mais impecavel bom gosto.

Machado de Assis leu os classicos e estudou-os minuciosamente: mas não foi para nelles pescar termos raros, com que espantasse os seus leitores. Leu-os para educar sua penna.

A nossa litteratura é quasi toda de apressados. Como ninguem pode viver exclusivamente das letras, ninguem lhes consagra sinão umas sobras de tempo.

Machado de Assis nunca teve esse ponto de vista. Ser-lhe-ia talvez um supplicio si precisasse viver da litteratura, porque assim teria necessidade de produzir mais intensamente. Sem pressa, escrevendo por amor á arte, lentamente, pausadamente, lapidou, como um joalheiro, o estylo admiravel que creou.

Pode-se lastimar que não tenha vivido mais intensamente para pôr esse estylo, que é um labor paciente de ourivesaria litteraria, ao serviço de creações mais elevadas; mas o seu trabalho impõe o respeito pela probidade; impõe pela simplicidade, a belleza, a pureza.

E' por ahi que elle deve ser considerado um dos escriptores maximos da nossa lingua.

Pode-se talvez dizer, em uma phrase de elogio para o seu estylo, reconhecendo embora a falta de vigor de suas creações, que elle foi o escriptor ma-

ximo de uma época em que não houve escriptores máximos.

Ter creado um estylo original e correctissimo, um estylo simples e perfeito, não é, porém, pequeno merito. Foi o merito de Machado de Assis. Nenhum homem de letras do seu tempo e da sua terra o igualou e os escriptores de todos os tempos poderão sempre aprender com elle aquellas virtudes essenciaes: simplicidade, clareza, correcção.

Quando uma pessoa querida lhe perguntou, quasi á hora da morte, si queria que viesse um padre, murmurou:

« Não quero... Não creio... Seria uma hypocrisia... »

Sente-se que essa é uma phrase authentica; não foi arranjada para uso da posteridade. E vê-se nella o mesmo homem de sempre, descrente, mas polido e honesto. Deu a recusa; mas parece ter tido receio da rudez da negação e explicou-lhe os motivos, como si com elles se desculpassem.

Alfredo Pujol pode ter exaggerado — e eu creio que exaggerou — os meritos de Machado de Assis, chegando a considera-lo um genio; mas a sympathia doce e profunda, que se desprende dessa vida de extrema probidade litteraria é tal que melhor se comprehendem os exaggeros dos louvores que a menor das restricções.

E, de todo modo, o livro de Alfredo Pujol é o mais bello, o mais nobre, o mais piedoso monumento que se podia erigir a Machado de Assis.



## Conferencias por Alfredo Pujol

MACHADO DE ASSIS

Pag. 339

Não são raros tambem os deliciosos versos que espalhava na intimidade das suas afeições. Duas gentilissimas damas, filhas do Barão de Vasconcellos, mostraram-me os sonetos que lhes dedicou Machado de Assis por occasião do seu noivado. Admirae a graça viva e scintillante destas estrophes:

Ri, Guiomar, anda ri. Quando resoa  
Tua alegre risada crystallina,  
Ouço a alma da moça e da menina,  
Ambas na mesma lépida pessoa.

E então reparo como o tempo vôa,  
Como a rosa nascente e pequenina,  
Cresceu, e a graça fresca apura e afina...  
Ri, Guiomar, anda, ri, mimosa e bôa.

A bella côr, o aroma delicado,  
Por muitos annos crescerão ainda,  
Ao vivo olhar do noivo teu amado.

Para ti, cara flôr, a vida é infinda,  
O tempo amigo, longo e repousado.  
Ri, Guiomar, anda, ri, discreta e linda.

Nunca faltaram aos poetas (quando  
Poetas são de veia e de arte pura),  
Para cantar a doce formosura,  
Rima canora, verso meigo e brando.

Mas eu, triste poeta miserando,  
Só tenho aspero verso e rima dura.  
Em vão minh'alma soffrega procura  
Aquelles sons que outr'ora achava em bandô.

Assim, gentil Francisca delicada,  
Não achando uma rima em que te veja  
Harmoniosamente bem rimada,

Recorrerei á Santa Madre Igreja,  
Que rime o nome de Francisca amada  
Com o nome de Heitor, que amado seja.

Numa carta a Mario de Alencar datada de primeiro de agosto de 1908, dizia-lhe Machado de Assis que era *Memorial de Ayres*, definitivamente, o seu ultimo livro. E foi com effeito o derradeiro primor que lhe sahiu das mãos já tremulas. Como se não quizera mais da vida que o recordar a esposa morta, encerrou a sua producção litteraria com o livro prodigioso, em que deixou retratada a companheira, e onde sua alma desabrochou, numa miraculosa resurreição, desfeita em perolas de ternura e de piedade. Trabalhou assim até as ultimas raias da sua existencia, depondo a penna para morrer. O mal antigo recrudescia em ataques frequentes; succediam-se violentas as convulsões, que ás vezes o salteavam na rua.

Sobreveio-lhe outro mal sem misericordia, uma ulcera cancerosa na bocca, flagello cruel e voraz que havia de desfazer em sanie aquelle pobre corpo, já quasi exaurido dos ultimos a-lentos. Estava irremediavelmente condemnado á morte. Recebeu a sentença resignado e sereno. A Lindolpho Xavier, seu companheiro de longos annos na secretaria em que trabalhou, disse uma vez que não sabia por que razão a sociedade não adoptara ainda a eliminação dos velhos enfermos...

Emquanto o não vinha buscar a morte que o espreitava, torturando-lhe friamente os derradeiros farrapos da vida, tinha sempre um livro nas mãos. Uma das ultimas paginas que leu, buscando nella fortalecer a sua estoica resignação, foi aquella soberba *Prière sur l'Acropole*, de Renan: «... Un immense fleuve d'oubli nous entraîne dans un gouffre sans nom. O abîme, tu es le Dieu unique. Les larmes de

tous les peuples sont de vraies larmes; les rêves de tous les sages renferment une part de vérité. Tout n'est ici-bas que symbole et que songe. Les dieux passent comme les hommes, et il ne serait pas bon qu'ils fussent éternels...»

Nessa hora tragica, sem perdão e sem remedio, lia amiudadas vezes o *Mal Secreto*, de Raymundo Corrêa, que tão dolorosamente condzia com a sua tristeza.

Nos seus ultimos dias teve o leito rodeado de escriptores e amigos. Notou Euclýdes da Cunha, que, se por acaso elle trahia um gemido ou uma contracção mais viva do soffrimento, apressava-se em pedir desculpas aos que o assistiam, na áncia e no apuro gentilissimo de quem corrige um descuido ou involuntario deslize; dissimulava a propria agonia para não magoar os outros com o reflexo da sua dôr...

Na manhã de vinte e nove de setembro de 1908 acabou aquelle martyrio. Poucas horas antes de expirar, disse a José Verissimo, entre outras palavras obscuras da sua acerba afflicção: «A Vida é bôa.» No delirio de Braz Cubas, dizia-lhe a Natureza: «Vives! Não quero outro flagello...» Machado de Assis, no seu transe de morte, cuidava que no soffrimento se resume toda a belleza da vida...

Na hora suprema, perguntou-lhe Guiomar, aquella mesma Guiomar, cuja «alegre risada crystallina» elle tinha cantado, se queria que viesse um padre... — Não quero, murmurou elle. Não creio... Seria uma hypocrisia! E na sua face de marmore deslizaram as duas ultimas lagrimas. Dahi a nada estava morto.

Antes de ser dado á sepultura, no mesmo tumulo singelo em que dormia o eterno somno a sua Carolina, repousou por algumas horas no recinto da Academia Brasileira de Letras. Alli, a patria cobriu de bençams o seu nome, através da palavra de Ruy Barbosa, quasi desfeita em soluços... Na sua estupenda oração o grande brasileiro, symbolo das nossas liberdades, disse de Machado de Assis que elle

fôra o mestre da phrase, o arbitro das letras, o philosopho do romance, o magico do conto, o joalheiro do verso, o exemplar sem rival, entre os contemporaneos, da elegância e da graça, do atticismo e da singeleza no conceber e no dizer, prosando como Luiz de Souza e cantando como Luiz de Camões...

Não ha melhor epitaphio para o tumulto que encerra tamanha gloria!

## Conferencias por Alfredo Pujol

MACHADO DE ASSIS

Pag. 18

Manuel Antonio de Almeida, afastando-se das tradições do romance de imaginação e ficção, fez obra naturalista do melhor quilate. Não lhe falta nenhuma das qualidades dos mestres do genero, a não ser o estylo, que é descurado e ás vezes vulgar, embora tenha paginas do mais vivo colorido. Apesar de defeitos taes (o romance foi escripto aos vinte annos), as *Memorias de um Sargento de Milicias* teem um grande valor documental na nossa historia litteraria. O major Vidigal, de quem Manuel de Almeida traçou um perfil flagrante, era o terror do Rio de Janeiro, «no tempo do rei». Não havia patuscada que elle não dissolvesse a chibata. Quando surdia, pela calada da noite, a famigerada ronda dos granadeiros, só não tentava fugir quem não tivesse pernas! Um dos nossos chronistas recolheu na tradição popular esta quadrinha ingenua e mal rimada, mas que bem traduz o terror que espalhava entre o populacho o «Vidigal famoso»:

Avistei o Vidigal,  
Fiquei sem sangue;  
Se não sou tão ligeiro,  
O toati me lambe!

Machado de Assis perdeu, dalli a poucos annos, o precioso amigo. Morreu Manuel Antonio de Almeida em 1861, no naufragio do vapor *Hermes*, nas aguas de Macahé. Muitas lagrimas choraram esta morte. Maneco Almeida — como lhe chamavam na intimidade — era uma das figuras mais queridas no jornalismo carioca. Nas *Paginas Menores do Correio Mercantil* deixou folhetins encantadores, que primavam

pela graça e pela phantasia. Lamentando a sua perda, lembrava um dos seus biographos a palavra de Théophile Gautier sobre Gérard de Nerval: « Il n'a causé d'autre chagrin à ses amis que celui de sa mort. »

Manuel Antonio de Almeida não se limitara a dar ao nosso bisonho typographo a sua peregrina amizade. Deu-lhe mais dois amigos. Dois grandes amigos: Francisco Octaviano e Quintino Bocayuva, nos quaes encontrou Machado de Assis tamanha conformidade com as delicadezas do seu temperamento reservado, com a sua apurada sensibilidade, com o seu gosto sobrio, com o feitio e a disciplina do seu espirito, com o seu « divino horror á vulgaridade », que elle havia de notar depois em Eduardo Prado.

---

## MARTINS FONTES — Verão

O livro de versos de Martins Fontes, intitulado *Verão*, é um bom, um admirável livro de poesias.

Censura-se a tantos poetas a pressa em editar tudo o que lhes sahe da penna, que a este, para fazer compensação, se deveria talvez fazer a censura opposta.

Martins Fontes era, ha muitos annos, conhecido como um poeta excellente. Nunca teve, porém, o afan de reunir em volume as suas composições, que apenas, de tempos a tempos, dava a revistas e jornaes.

No volume que elle agora editou, ha por isso mesmo, algumas composições que já parecem um pouco velhas.

Não é que a sua forma seja imperfeita. Mas pela metrificacão e pela escolha dos assumptos, vê-se que essas composições datam dos tempos em que Alberto de Oliveira publicava os *Sonetos e Poemas* e Olavo Bilac a *Tentação de Xenocrates* e outras poesias de inspiração igual: versos a Apollo, Anadyomene, Orfeu, Hefaiostos, Pan e outros identicos, que passaram de moda. E é justo dizer que passaram de moda, porque precisamente elles foram apenas questão de moda. Eram um exercicio de metrificacão e mais nada. Ninguem tem duvida alguma sobre a falta de sinceridade com que os poetas cantavam Hefhaistos e Orfeu, Anadyomene e Pan:

Todos, por isso mesmo, foram pouco a pouco se humanisando e passando a themas mais simples e sinceros.

Martins Fontes fez tambem essa evolução. Da primeira parte do seu livro, em que ha sobretudo exercicios metricos, á ultima, em que se encontra poesia

bôa, sincera, commovida e commovedora, nota-se uma ascensão continua.

Como o autor é medico, talvez se possa, com um pouquinho de pedantismo, dizer que seu livro parece dar mais um exemplo da famosa lei de Fritz Muller propagada por Haeckel: é uma recapitulação ontogenetica da filogéneze poetica nos ultimos trinta annos.

*Verão* começa como, ha exactamente trinta annos começavam as *Poesias* de Bilac: por uma invocação á belleza da Forma. Evidentemente Martins Fontes não pensa, como o autor da *Via-Lactea*, que seja preciso morrer brandindo a lança pela perfeição do estylo:

Cáia eu tambem, sem esperança,  
porém tranquillo,  
inda ao cahir vibrando a lança  
em pról do Estylo.

Mas, si Bilac dizia:

Torce, aprimora, alteia e lima  
a phrase; e, emfim,  
no verso de ouro engasta a rima,  
como um rubim.

Martins Fontes retoma a mesma idéa e escreve:

Realça os contornos, aprimora e lima:  
e a palavra sem par da tua estima  
engasta em ouro, como um lapidario,  
Watteau do verso, Becerril da rima.

Lá estão até os mesmos termos: *aprimora, lima, engasta...* Só a metrificacão é que differe.

Nota-se que essa poesia é do tempo em que ainda se fazia sentir a influencia de Théophile Gautier:

Oui, l'oeuvre sort plus belle  
d'une forme au travail  
rebelle:  
vers, marbre, onyx, émail.

Tempo em que Sainte-Beuve chegava a fazer este elogio exaggerado do valor da rima:

Rime, qui donnes leurs sons  
aux chansons,  
rime, l'unique harmonie  
du vers, qui sans tes accents  
frémissants,  
serait muet au génie...

Martins Fontes subscreveria talvez esse elogio, na época em que escreveu o seu soneto *Hephaistos*:

Tú, grande Artista, numa lucta insana,  
cumprindo esta missão ardua e modesta,  
não despresavas a mais leve aresta,  
nos rendilhados de uma filigrana.

Longe do Olympo luminoso e em festa,  
numa, de Lemnos, mísera choupana,  
cinzelavas os cintos de Ariana  
e as pulseiras de Venus e de Vesta.

O' deus ourives! Mestre do meu sonho!  
Tendo o teu culto na mais nobre estima,  
quando burilo a phrase que componho,

como tú, modelando uma obra prima,  
penso que, num colar de estrofes, ponho  
no ouro do verso a perola de rima!

Vê-se bem nesse tempo como elle pensava em certos rebuscamentos de forma, encontrando a cada passo versos em que, muito de proposito, multiplica as aliterações:

Flébil. feria a cithara fremente...  
Morre na mornidão de um morbido marasmo...  
Verde, virgem, vivaz, na volupia da vida...  
E, fulgido e fugaz, phosphorece e fulmina...  
O tropél dos titans, um trepidar de tropas...  
Frouxo, franjando o céu, fulgem filões de prata...  
Basta e brava e brutal e barbara belleza...

Só em um desses versos, o que descreve o tropel dos titans, ha uma certa intenção imitativa. Os outros nem ao menos buscam uma impressão especial de onomatopéa, como a impressão de ligeiro sôpro que Victor Hugo buscava no verso celebre:

Un frais parfum sortait des touffes d'asphodèle

Verso duplamente celebre—primeiro, por ser deliciosamente falso, attendendo a que os asfodelos nem dão em tufos, nem tem perfume;—segundo, porque a abundancia de *f f*, letra que se pronuncia soprando levemente entre os labios, permittiu ao poeta obter o effeito que elle desejava.

Martins Fontes não fez isso. Os versos acima citados são simples aliteraões, procuradas conscientemente como exercicios de metrificação. Resta dizer que, mesmo então, elle já era, não só um metrificador perito, um ourives da forma, segundo a sua aspiração, como um verdadeiro poeta. Este *Crepusculo*, que data exactamente daquella época, talvez baste para o provar:

Alada, corta o espaço uma estrella cadente.  
As folhas fremem. Sópra o vento. A sombra avança.  
Paira no ar um languor de mystica esperança  
e de doçura triste, inexprimivelmente.

A' surdina da luz irrompe, de repente,  
o côro vesperal das cigarras. E mansa,  
e marmorea, no céu curvo e claro, balança,  
entre nuvens de opala, a concha do crescente.

Na alma, como na terra, a noite nasce. E' quando,  
da recondita paz das horas esquecidas,  
vão, ao luar da saudade, os sonhos acordando...

E, na torre do peito, em placidas batidas,  
melancholicamente, o coração chorando,  
plange o *requiem* de amor das illusões perdidas.

E' interessante notar que neste poeta, que parece tão exuberante e que, portanto, se poderia crêr mais inclinado ao genero descriptivo ou a themas pomposos e superficiaes, no genero dos que attrahiam Heredia, ha sempre a tendencia para certos assumptos suaves e melancolicos. As apologias da forma, da pura belleza da Forma e da Rima, foram em Martins Fontes uma simples questão de moda. Os crepusculos, a solidão das almas, a dôr acerba dos ciumes, a tristeza dos que morrem sem ter amado, a saudade — tudo isso o prende e attrahe. A ultima parte do seu livro se chama: *Ao luar, em surdina*.

E' uma velha affirmação a de que todo bom autor começa procurando fóra de si uma originalidade, que só depois em si mesmo encontra. Martins Fontes andou a buscar-se nas tres primeiras partes do seu volume. Encontrou-se a si mesmo na ultima...

Ainda, porém, nas primeiras elle revelava de vez em quando a sua attracção pelos themas suaves e melancolicos.

*Paraiso Perdido* é um exemplo dessa tendencia:

Tú serás sobre a terra a cidade do olvido:  
tua belleza ideal, que radiosa entrevejo,  
ha de occulta extinguir-se ao fogo do desejo,  
porque tú és, para o Amor, como um Eden perdido.

Ao rubor do teu sangue, em férvido latejo,  
teu labio ha de murchar, sem nunca ter florido...  
sem jámais ter provado o sonho indefinido,  
que, numa bocca em flôr, tem o aroma de um beijo...

Deslumbra-me, através da pelucia e da renda,  
tua carne sensual, como um vivo Eldorado,  
que sómente sonhando o meu olhar desvenda:

— a invisivel nudez do teu corpo adorado!  
Primavera de amor, paraíso da lenda,  
formoso e virginal como um jardim fechado!

E' interessante notar como este assumpto attrahe os poetas. A idéa de que ha tanta gente que entra e sae no mundo sem ter provado os gozos do amor, que isso acontece principalmente a toda uma legião de suaves figuras femininas, lhes amargura a alma. Bilac tem o seu celebre soneto ás Virgens Mortas. Raymundo Corrêa lembrava-se de uma, a quem elle tambem tinha pedido um beijo e que morreu sem lh'o haver dado:

E o beijo que eu pedi e que nunca me déste,  
que em vida quiz colher e nunca foi colhido,  
cae de teu labio como um fructo appetecido...

Haraucourt, em um soneto com o mesmo nome do de Bilac, dizia:

Lilas blancs, oeillets blancs... Vous vous en retournez  
vers l'immense sommeil des choses, sans connaître  
le seul bien que la vie accorde a ses damnés!

E antes dos tres Victor Hugo tinha escripto nos seus *Fantômes*:

Hélas! que J'en ai vu mourir de jeunes filles

Oui, c'est la vie. Après le jour la nuit livide,  
Après tout, le réveil, infernal ou divin.

Après du grand banquet siège une foule avide;  
Mais bien des conviés laissent leur place vide  
Et se lèvent avant la fin.

Os excessos de preocupação dos que só se interessam pela Forma tiveram sua utilidade. Foram uma escola de perfeição, de disciplina. Perdeu-se o habito do relaxamento na escolha de rimas, a frouxidão habitual dos versos.

Mas o progresso consistiu em guardar todas as aquisições dessa disciplina rigorosa e utilisal-as em versos de uma grande simplicidade apparente e de uma profunda e sincera emoção: todo o caminho que

Alberto de Oliveira fez dos *Sonetos e Poemas* ao *Livro de Emma*, e, em geral, ás suas ultimas poesias.

Essa evolução está condensada no livro de Martins Fontes. O poeta que só se preocupava em engastar *no ouro do verso a perola da rima*, chegou á delicadeza da poesia *Simplicidade*, que é um mimo de doçura e melancolia:

Chove. Sombra e silencio. Que saudade  
No coração vasio...  
Ha na minh'alma a dubia claridade  
deste dia sombrio.

Pelos humidos vidros das janellas,  
baços pela friagem,  
vejo a dansa das folhas amarellas,  
ao balanço da aragem.

Acaso eu amo, pará soffrer tanto  
esta magua profunda?  
E olho cahir a chuva, como o pranto  
que os meus olhos innunda.

A alma, deserta. A estrada, erma e tristonha.  
E recordeo o passado,  
no vago mysticismo de quem sonha  
um sonho abandonado...

Invade-me a tristeza indefinida  
que paira no ar, lá fóra...  
Penso numa mulher, quasi esquecida,  
que muito amei outr'ora.

A ária da chuva, tremula, de leve,  
tamborilando passa.  
E, docemente, a minha mão escreve  
um nome na vidraça...

Brilham as letras, vivas, irizadas  
de ephemerias cambiantes,  
mas, em perolas finas transformadas,  
escorrem gottejantes...

E o coração, no carcere do peito,  
ouço de quando em quando  
soluçar, vendo, em lagrimas desfeito,  
esse nome chorando...

Fria, de cada syllaba pendente,  
uma lagrima desce...  
E eis que o nome se apaga lentamente;  
por fim, desaparece.

Tudo, tudo na vida brilha e passa,  
miragem de um momento,  
dando a impressão de um pouco de fumaça  
sobre as azas do vento...

Tú és como este céu, cinzento e triste,  
ó minh'alma viúva!  
Tens a mesma tristeza que sentiste  
na musica da chuva.

Toda a ultima parte do livro de Martins Fontes—  
*Ao luar, em surdina*—é deliciosa de emoção, de sinceridade.

Ainda uma vez vale a pena repetir: isso não quer dizer que as anteriores não sejam tambem a obra de um poeta admiravel. Mas nas outras vê-se mais o artista preocupado com a sua arte. E o ideal é fazer esta ultima com o maximo cuidado, mas parecendo não pensar nella.

O livro de Martins Fontes é um dos grandes acontecimentos litterarios do anno actual.

---

VERÃO  
MARTINS FONTES  
Salomé

Pag. 60

Ora, em Makros, perto da  
Terra sagrada de Judá,  
Num dia do mez de Schebat,

O tetrarcha da Galileia,  
Filho de Herodes da Idumeia,  
Reune em magnifica assembléia,

Vitellio e varios dentre os seus  
Homens e amigos galileus,  
E os sacerdotes do seu Deus,

E honra o proconsul dos romanos,  
Dando um banquete aos soberanos,  
No dia egregio dos seus annos.

A sala immensa do festim,  
E' toda feita de algumim  
Tauxiado de ouro e de marfim.

A mesa augusta ergue-se ao lado,  
E assenta sobre um largo estrado,  
Que é de sycomoro lavrado.

Turbando as chammas e os metaes,  
Sóbem as fumeas espiraes  
Dos incensarios aromaes.

Brilham os scyphos dos convivas,  
E altas chryscndctas festivas  
Cheias de figos e de olivas.

Veem-se amendoas de Bethlem,  
E as aureas amphoras contêm  
Os vinhos roseos de Sichem.

Pela extensão da mesa nobre,  
Por entre palmas, se descobre  
A neve em cyathos de cobre.

Servem-se polmes de açafrol,  
Romans e tamaras de Esquol,  
Bolos de melro e rouxinol.

Em scismas lugubres absorto,  
Antipas vê, de longe, o porto  
Tranquillo e triste do Mar Morto.

E o seu scismar enche-se de  
Sombras horrificas, porque  
A morçe proxima prevê.

Comtudo, ás vezes conversando,  
Disfarça as maguas; porém, quando  
Vai o banquete terminando.

O velario de um pavilhão  
Se abre: Herodias no salão  
Surge entre anemonas, então.

E erguendo a patera florida,  
Diante da sala commovida,  
Declama: - A Cesar, longa vida! -

E' nesse instante triumphal,  
Exactamente no final  
Do ágape esplendido e fatal,

Que, do fundo das galerias,  
Num incendio de pedrarias,  
Desponta a filha de Herodias!

E ao som de mandora e kinnor,  
Num flavescente resplendor  
De gemmas de Sirinagor

Entre os applausos do delirio,  
Virgem e leve como um lirio,  
Entra dansando ao modo assyrio.

Fascinadora, Salomé  
Levanta o véo, que desce até  
A' aza recurva do seu pé.

E em torcicollos colleantes,  
E na volupia das Bacchantes  
Tine as crotalias resoantes.

Ri-se, e na dança tem o dom  
De deslumbrar, variando com  
A ondulação de cada som.

Gyra em volteios colubrinos,  
Lentos, elasticos, felinos,  
Ao retumbar dos tamborinos.

Em tentadora inebriez.  
Mostra a morena calidez  
Doirada e biblica da tez.

Chega-se a Antipas, e recúa...  
Ascende aos poucos, e fluctúa  
Maravilhosa e semi-núa...

Avança e foge, e vem e vae,  
Ondula, e ala-se, e recáe  
Em posição de quem attrahe...

Seu corpo nimba-se envolvido  
Por um translucido tecido,  
Que é como um fluido colorido.

No desvario que a seduz  
As mil imagens reproduz  
Da flôr, dos passaros, da luz!

Arfam na graça dos colleios,  
Nos rodopios e meneios,  
Os pomos pulchros dos seus seios...

Ante o seu magico poder,  
Diz-lhe o tetrarcha sem conter  
O entusiasmo do prazer:

«Pede-me tudo que quizeres!  
Qual a provincia que preferes,  
Flôr luminosa entre as mulheres?»

«Tú és tão bella que nenhum  
Premio te paga! E só por um  
Beijo, eu te dou Capharnaum!»

E ella, infantil, em voz que freme,  
Assim lhe diz: «Dá-me em estreme...  
Murmura um nome... E Herodes treme!

Pede que não, e exora... Mas  
A sala ordena pertinaz:  
- Tú prometteste, — e tú darás. »

Depois, num grande prato de ouro,  
Entre as acclamações em côro,  
Com os olhos humidos de choro.

Nas mãos de um famulo idumeu,  
Diante do povo galileu,  
De laokanann appareceu.

Bruta, a cabeça ensanguentada,  
Que, pelo gume de uma espada,  
Fôra do tronco separada.

Da sua palpebra, a fulgir  
Como uma hydrophana de Ophir,  
Vê-se uma lagrima cahir...

Ante essa lagrima tristonha,  
Herodes julga a voz medonha  
Ainda escutar, como quem sonha...

Ouve dizer-lhe laokanann:  
— «Tetrarcha impuro, a vida é van,  
E a tua amante é tua irman!»

Serena, a lagrima resvala,  
Tremúla e cahe. E toda a sala,  
Cheia de espanto e horror, se cala.





# VERÃO

MARTINS FONTES

Pag. 125

## Hymno ao Amor

Para as almas o amor é como o sol na terra:  
Na magia de um sonho a vida transfigura!  
E' tão bello e radioso o fulgor que elle encerra,  
Que até, depois da morte, o seu clarão fulgura!

Só por elle se vive, e se sonha, e se brilha:  
Vai-se ao fundo do mar, ás regiões do sargaço!  
E ha de alcançar-se, emfim! a excelsa maravilha  
Dos thesouros astraes, nos oceanos do espaço!

Quem não teve uma vez, pelo menos, na vida,  
Um enorme consolo, uma alegria immensa,  
Vendo certa mulher, talvez desconhecida,  
Que depois não vê mais e na qual sempre pensa?

Esse instante feliz, de um olhar que presume  
Quanto deve ser doce o prazer do desejo,  
E' mais embriagador, no seu vago perfume,  
Que a illusoria fusão das almas pelo beijo.

Amor! unico Deus por todos adorado!  
Bemdito sejas tú, que a carne divinizas!  
Que dás á criação o esplendor de um noivado,  
E, na forma da flôr, o sonho concretizas!

Houve um rei oriental que, ao partir para a guerra,  
Aos combates levava a mais bella sultana!  
A mais linda talvez das mulheres da terra,  
Que, nos jardins do harem, era uma flôr humana!

Afim de que os Heróes, vencidos, moribundos,  
Esquecendo e abençoando a injustiça da sorte,  
Pudessem contemplar, nos seus olhos profundos,  
As miragens do amor nos desertos da morte...

Amor! Amor! Amor! primavera encantada!  
Redoírando e florindo as almas e os cabellos...  
Porque, até na velhice, o amor é uma alvorada!  
E' uma aurora boreal sobre a alvura dos gelos...

Por elle, é que através das claras nebulosas,  
Mensajeiras fieis e pagens confidentes,  
Aos astros segredando as phrases amorozas,  
Cruzam o firmamento as estrellas cadentes...

E' por elle que o mar em coleras extranhas,  
Vibra na harpa do vento a aria da tempestade!  
E, escalando a amplitudão, coroam-se as montanhas,  
No anseio de attingir um dia a immensidade!

Das lagartas larvas, repugnantes e pretas,  
Pela transmutação de um poder invencível,  
Elle é que faz radiar as iris borboletas,  
Attrahindo os casaes por um fio invisível...

Elle é que faz construir no fundo dos abysmos,  
Nas entranhas do sólo, os ninhos dos condores!  
E accende nos canvões os mesmos chromatismos,  
Que ha nos raios do sol e nas tintas das flores!

E' elle que, esboçando as auroras nas trevas,  
Na moldagem brutal, multiforme dos todos,  
Vindo dos embryões, das cellulas primevas,  
E das germinações vibrionarias dos lodos.

Attinge a perfeição das curvas primorosas!  
E, a inspiração da fórmula, afinal, se adivinha,  
No traço modelar das boccas e das rosas,  
Onde brilha, onde canta, o sorriso da linha!

Esse cantico ao luar — que em preludio estupendo,  
Em surdina, em adagio, ás vezes principia,  
E augmenta, a pouco e pouco, em allegro, em crescendo,  
Em scherzos orchestraes, como uma symphonia —

São suspiros de amor, são fremitos constantes,  
São arquejos febris e murmurios secretos,  
Que vêm do coração de todos os amantes,  
Dos grandes animaes aos minimos insectos!

Para amar e morrer, os lírios e as phalenas  
Duram, na eternidade, um só dia no mundo:  
Nascem para viver meio minuto apenas,  
Vivem para se amar apenas um segundo!

Gloria a ti! gloria a ti! creador do universo!  
Que em tua phantasia, apaixonada e louca,  
Pões o meu coração pulsando em cada verso,  
E o meu beijo a cantar na flôr de cada bocca!

O Poeta reproduz as multiplas saudades:  
Sua alma integraliza as dôres e os prazeres,  
Concentrando e fundindo, através das edades,  
As varias attracções das cousas e dos sêres!

O Poeta é o Deus do Amor! E' o Amor infinito!  
Porque o rhythmico que rege os planetas diversos,  
Obedecendo em tudo a um principio inaudito,  
E' o mesmo que regula a cadencia dos versos!

Minh'alma é a cathedral! é o templo da Belleza!  
Em cujo enorme náos, por abobadas de ouro,  
De toda a humanidade e toda a natureza,  
Resoam, longamente, os amores em côro!

E, interpretando o Amor, si sorrio ou si choro,  
Na amplitude coral das estrophes nos poemas,  
Dentro da criação, «como um écho sonoro»,  
Repercuto, sonhando, as musicas supremas!

---



## ALBERTO RANGEL — D. Pedro I e a Marqueza de Santos

Livro estranho, o do Sr. Alberto Rangel. Por um lado, elle representa um trabalho formidavel: é difficil imaginar maior esforço para a elucidação de um problema historico. O autor precisou fazer uma batida systematica a archivos e bibliothecas do Brazil, de Portugal e de outras nações. Por outro lado, entretanto, o problema a resolver nos apparece, em ultima analyse, mesquinho.

Esse problema se resume em poucas palavras: que influencia teve a Marqueza de Santos sobre o Imperador D. Pedro I, de quem ella foi amante?

A mais ligeira leitura das cartas trocadas entre os dois respondia immediatamente que essa influencia não podia ter sido grande, porque, si a Marqueza se preoccupasse com os negocios publicos do paiz, na sua correspondencia alguma cousa teria transparecido. Ora, nas numerosas cartas que ha, tanto della ao Imperador, como do Imperador a ella, as raras allusões a acontecimentos politicos são de uma insignificancia perfeita. Vê-se bem que junto da amante, Pedro I era tambem apenas amante.

Os proprios documentos reunidos pelo sr. Alberto Rangel nos mostram que não se precisava o trabalho que elle fez para chegar a essa conclusão. Em todo caso, depois do seu livro parece que o processo não admitte mais revisão. Fica sendo positivamente «res judicata». A Marqueza de Santos, que achou um primeiro marido ciumento e brutal, um amante imperador, um segundo marido homem de grande valor, acabou por encontrar um cavalleiro andante, vingador de

aggravos, para destruir as accusações que lhe faziam. Feliz mulher!

O typo de D. Pedro I que resalta das paginas de Alberto Rangel é o de um principe, que estava bem no periodo de transição entre as idéas absolutistas de outr'ora e as idéas liberaes que, no seu tempo, começavam a espalhar-se. Elle desejava e julgava mesmo ser um imperador constitucional; mas o seu temperamento o impedia de realisar esse typo.

Alberto Rangel, cita, aliás com incomprehensivel sympathia, alguns dos rasgos do genio do Imperador. Certa vez, por exemplo, elle deu na Alfandega uma chibatada num funcionario criminoso; ao mordomo da Fazenda disse em publico uma série de injurias; visitando uma exposição de Bellas-Artes, achou tão máu um retrato seu que resolveu furá-lo com um ponta-pé, recebendo um papel official de um ministro, rasgou o documento diante d'elle, desfeiteando-o.

Estes e outros rompantes se podem tolerar e mesmo até, ás vezes, admirar como signaes de independencia nos que estão em gráus inferiores da hierarchia social, porque, por causa delles, podem soffrer. Quando, porém, quem os pratica é um Imperador, são vilanias cobardes, porque os attingidos por ellas não têm o direito de réplica.

Assim, qualquer admiração por esses actos é incomprehensivel. Quando muito, é licito achar-lhes atenuantes em certas condições morbidas de quem os pratica. D. Pedro I era, de facto, um epiléptico e, de mais a mais, confessava ter sido muito mal educado. Tanto era facil de irritar-se, como de chorar copiosamente, a proposito de tudo.

Da sua má educação não faltam documentos. A sua correspondencia é escripta de um modo lamentavel. Além disso, está cheia de verdadeiras puerilidades. Assim, por exemplo, elle queria muito que a amante o

chamasse «Meu filho» tratando-a também elle por «Minha filha».

E' verdade, que em materia de amor, convém ser sempre de uma indulgencia infinita para todas as puerilidades; mas mesmo nesse particular se póde ter uma certa coherencia e graça. E ninguem dirá que seja este o caso quando um amante escreve á mulher amada: «Filha, não estejas mal com teu filho».

Anthero do Quental, dirigindo-se também a uma mulher amada, dizia-lhe como, ás vezes, pensava com prazer numa hypothese extranha:

«si tu fosses, querida, minha mãe».

D. Pedro I apparece, portanto, como um typo de bons sentimentos, generoso, cheio de vida; mas ignorante e em uma phase de transição: mal desadaptado do absolutismo, mal adaptado ás novas idéas liberaes.

Os seus bons sentimentos foram, entretanto, negados, por causa exactamente da sua ligação com a Marqueza de Santos. Antonio Carlos escreveu contra elle este iracundo tercetto:

Vil escuma do throno, despe o manto,  
máu filho, máu amigo, máu consorte,  
scrás do mundo inteiro horror e espanto.

Ha, porém, nisso notorio exaggero. E, pois que o livro de Alberto Rangel trata especialmente dos amores de D. Pedro I com a Marqueza de Santos, vale a pena vêr como se formulava esse caso psychologico.

Alberto Rangel escreve:

«Convirá lembrar sempre, para entender certas incongruencias do casal e devidamente as apreciar, que a Imperatriz era uma louraça feiarrona. Não usava collete, trazendo sempre roupas frouxas e trajava quasi diariamente as de montaria, saia ou casaco de ganga ou lilla, com a bota, camisa e gravata de homem... Ti-

nha seus pontos de contacto com a Cristina da Suecia: descaso de toucadores, prazer de montear, amiga de dissipações, licenças de linguagem e letras abundantes. Estatura meua, grosso pescoço das viennenses, um quê de concunda, beiços polposos dos Habsburgos no rosto vultuoso e, como o da irmã Maria Luiza, carregado na pigmentação vermelha, de modo a parecer sujeito a um exanthema, o nariz desgraçosissimo, cabellos espichados, olhos azues com a expressão de assustados, a organização robusta e inelegante».

Esse retrato é simplesmente o que resulta dos depoimentos de quantos conheceram a Imperatriz. Os diplomatas, que a cercaram, enviaram para a Europa descrições que nada a abonam.

« Jacques Arago, que tanto admirava a Imperatriz e lhe era reconhecido, fez-lhe o desenho com o buril de um Callot: « Sans exagération aucune, elle était vêtue comme une vraie gitana, aux pantoufles près: une sorte de camisole froncée retenait des jupes tombantes d'un côté á l'aide de quatre ou cinq grosses épingles, et ses cheveux em désordre attestaient l'absence du coiffeur et de la camériste depuis huit jours au moins. Point de collier, point de pierres aux oreilles, pas une bague aux doigts; la camisole attestait un long usage, la jupe était fripée et blessée en plusieurs endroits.»

Outro mencionava tel-a até encontrado sem meias

E apesar disso tratava-se de uma mulher illustrada que tinha mesmo conhecimentos poucos banaes de astronomia. Mas não é propriamente de astronomia que os amantes costumam fazer grande cabedal..

Diante dessa Imperatriz, que desconhecia as vantagens da feiceirice e mesmo até do simples asseio, levantou-se uma rival, de quem os que menos bem disseram, -- disseram que tinha « un extérieur agréable ».

Outros falaram na «nobre regularidade dos seus traços». Alguns foram mais longe ainda.

E' uma banalidade lembrar que a belleza é cousa relativa. Das mulheres, de que a historia nos conta que inspiraram grandes paixões, a belleza, em geral, não era prodigiosa.

Quando, entretanto, todos os que cercaram duas mulheres, são unanimes em dar a preferencia a uma dellas, essa preferencia se deve ter por justificada.

No caso de D. Pedro I, não ha, mesmo nos que presavam a Imperatriz e detestavam a Marqueza de Santos, um só testemunho que defenda a superioridade das graças ou encantos da primeira. Os maiores inimigos da Marqueza se extasiam diante das virtudes e dos conhecimentos astronomicos da Imperatriz; mas não vão mais longe. Por cumulo, ha até um testemunho insuspeitissimo.

Quando D. Pedro enviuvou, o sogro poz-se em campo para achar-lhe uma segunda mulher. Escrevendo ao Marquez de Barbacena, elle dizia enumerando os requisitos da futura Imperatriz:

«O ponto principal é que seja linda e es-  
pirituosa para fazer meu genro feliz, e não  
timida e negligente como era minha filha.»

A confissão era preciosa e decisiva.

No julgamento dos reis, falta sempre a serenidade da Historia. Luiz XV, por exemplo, passou á posteridade como um typo conquistador, procurando fóra do lar as felicidades que nelle devia legalmente achar.

Mas não ha legalidade que resista a uma mulher que só sabia estar, mezes a fio, em uma cama atulhada de cobertores, na qual fazia um calor insupportavel. Friorenta, a rainha vivia sepultada debaixo delles. Duas vezes, sahindo precipitadamente desse incommodo leito conjugal, Luiz XV, chegou a cahir, ferindo-se!

E os que censuram o primeiro divorcio de Henrique VIII da Inglaterra, o celebre rei Barba-Azul, esquecem que a mulher, mais velha do que elle oito annos, era insupportavel de fealdade, de máu genio, de orgulho e de ignorancia.

D. Pedro I, quando não fosse levado ás infidelidades conjugaes pelo temperamento, sel-o-ia pela propria mulher, de quem não ha nenhuma biographia que a favoreça. Quando, depois de ter lido as allusões dos que a viram sem meias, desgrenhada e de roupas sujas, a gente acha a confissão do pae, chamando-a «negligente», sente-se que esse euphemismo delicado esconde muita falta de asseio. E desde logo tem-se vontade de perdoar o procedimento de D. Pedro.

O perdão ainda parece mais facil, quando se reconstitue o meio em que elle vivia. Alberto Rangel, descrevendo o que se passava na época do Imperador, escreve:

«Que a moralidade ambiente no Rio de Janeiro se apresentava bem precaria, testemunham-n'o Cook, Martius e quantos observaram o nosso meio. Caldeleugh proclama que a esse respeito «the inhabitants of Brasil are not the most correct». Luiz de Freycinet nos traços salientes do carioca encontrou o sensual, e entre os vicios dominantes a libertinagem: refere-se ao «pays où il n'est pas rare de voir régner tous les genres d'excès...» O conde Aymar de Gestas declara-o «un pays où on est peu scrupuleux sur l'article des moeurs». Saint Hilaire observa que «o esquecimento da moral se tornou universal» e attribue a ruins exemplos, dados pela Côrte de Portugal no Brasil, a peora dos máus costumes publicos, da união illegitima á venalidade da justiça e á simonia do clero. E o amigo de nossa terra, escarmentado, escreve: «On est devenu indifférent sur les devoirs les plus essentiels; les fautes contre les moeurs sont á peine aujourd'hui des fautes.»

Jacques Arago cita o Rio de Janeiro: «ville royale où les vices de l'Europe débordent de toutes parts».

«A prostituição fazia-se sem reboço e o adultério era corrente. Os mercados de carne humana sustentavam a agricultura e os harems. O sangue do africano, escorrendo dos ceos de supplicio, no ar em que repicava muito sino e nas ruas empatadas de procissões, estrumavam a terra dos sitios e engenhos... e tingia de pardo a pelle da população. O Vallongo satisfazia ao mesmo tempo á lubricidade e á industria, fornecendo o collo para o amor e o braço para a enxada. D'ahi as noções mais puras se confundirem com as mais abjectas, mascarando o direito essas torpezas á custa de alguns cruzados. Nos livros de baptismo da época, as declarações — paes incognitos — succedem-se appostas aos nomes dos recém-nascidos, em proporção pouco edificativa. Os filhos naturaes surdiam nas brechas do edificio social desmantelado. Graves homens publicos, burguezões, barregueiros, não raro esqueciam os compromissos matrimoniaes aos mimos de brancas, creoulas, cafusas e mulatas de sua propriedade ou preferencia. Nada, porém, das leviandades elegantes de seduzimento, dos vicios de epiderme e arrepios mais intellectivos que sensuaes de certos meios de grande civilização, onde a Arte tempéra e escoima os sentidos ao influxo de seu culto superno. Quevedo cita a «melosidad» e «derretimiento» dos portuguezes e mofa da femieirice lusa. Aos ardores do clima americano, ás precocidades e violencias do índio e do negro na colonia os salazes peninsulares não escolheram nem apuraram: dêram toda aza ao vento, no rescaldo fecundo da terra, ainda hoje, de prodigos e de lascivos.»

Seria possivel lembrar que esse estado de cousas vinha de longe. Todos os primitivos povoadores do Brazil mencionaram a lubricidade do nosso gentio. Uma velha anedota conta do dictador argentino, Ro-

sas, que elle só consentia em Buenos-Aires as reuniões de Brasileiros, quando todas as outras eram prohibidas, por achar que os Brasileiros certamente estariam discreutando sobre casos picarescos. Assim, D. Pedro nada fez de muito extranho: foi bem, no capitulo dos amores, o Imperador do seu povo.

Alberto Rangel acha até que é injusto consideralo como um «homme á femmes», porque elle só teve, no fim de contas, tres aventuras conhecidas e documentadas e a da Marqueza provou que, si a mulher o houvesse sabido prender, como o prendeu a amante, talvez fosse um optimo marido.

Que influencia teve sobre elle a amante?

O Dr. Francisco de Assis Bueno pensa que a decisão do Ypiranga não deixou de soffrer a influencia dessa formosa mulher. O amor do principe estava exactamente na sua phase inicial, que é, em geral, a mais ardente. Nada impede de suppôr que elle quizesse augmentar o seu valor junto da mulher amada, galgando o gráu supremo do poder. De mais, a familia da Marqueza e quantos a cercavam eram já na época patriotas, a quem a Independencia do Brasil não podia deixar de ser muito grata.

Mas a hypothese não tem por si documento algum. Embora logica, não chega, portanto, a ser uma verdade historica.

Si se elimina esse episodio, que daria á amante imperial um prestígio excepcional, o que se encontra de mais grave é a accusação de José Bonifacio, dizendo, que ninguem mais do que a Marqueza concorrera para a queda d'elle.

Alberto Rangel discute e afasta essa accusação.

Por muito que se estime a personalidade do Patriarcha da Independencia, é forçoso convir que elle não era de trato facil e ameno e, si gostava de pregar idéas da liberdade, era exactamente como Pedro I:

entendia que todas as liberdades se deviam perdoar e encorajar, menos as que trouxessem prejuizo ou restricções ao seu dominio. No poder, foi sempre arbitrario e violento.

Conhecendo-se o seu feitio psychologico e o de D. Pedro, logo se via que aos dois se tinha de applicar o velho rifão portuguez: «duro com duro, não faz bom muro». Assim, com ou sem a intervenção da Marqueza, intervenção de que não ha prova alguma, José Bonifacio não podia viver em bôa harmonia com o Imperador.

A' parte esses dois casos de interesse publico, ha ainda o de Ratcliff. Ahi, segundó se conta, a Marqueza quiz obter o perdão do condemnado. Não o conseguiu. D. Pedro, quando lhe mostraram a sentença que mandava Ratcliff ao patibulo, enojou-se com a bajulação que nella havia e exclamou asperamente que podiam condemnar o réo, sem injurial-o. Refere-se, porém, que no dia da execução trancou-se em um quarto, a cuja porta em vão bateu a Marqueza para fazel-o assignar o perdão. Só d'ahi sahiu, fingindo até então ter estado dormindo, quando Ratcliff já fôra enforcado.

Os adversarios da Marqueza accusavam-n'a de obter muitos favores do Imperador para seus parentes e protegidos. Diziam mesmo que com elles negociava. De muitas dessas accusações provou-se a falsidade. Sabendo-se aliás que foi sempre isso o que se disse de todos os favoritos de todos os governos e lembrando que, entre nós, as accusações de deshonestidade perderam pela vulgaridade toda importancia, é bem de crêr que a Marqueza tenha apenas sido uma grande calumniada.

A sua foi a historia corrente da maioria dos amores. «On s'enlace; puis, on s'en lasse...»

Quando se percorre a correspondência amorosa de quasi todos os grandes homens, verifica-se em geral que é feita de banalidades.

Ha, é certõ, excepções. Mas exactamente são excepções.

Alberto Rangel fala, por exemplo, no caso de Gambetta, que escrevia á amante contando-lhe todas as suas preoccupações politicas. Podia falar tambem em Victor Hugo. A regra é, porém, que mesmo os homens que tem mais altas preoccupações intellectuaes limitem-se, quando escrevem ás amantes, a verdadeiras infantilidades!

E, si ha mesmo uma bõa regra nesse assumpto, é que, em amor, ninguém deve procurar exhibir originalidades. D. Pedro ia talvez longe de mais na obediencia a esse preceito, porque chegava a dar á amante noticias muito prosaiccas sobre molestias intimas e falava-lhe de purgantes e clisteres tomados e dados, com uma clareza muito chocante. Mas é que a partir de certa data, a Marqueza chegára á despoetisação de esposa, quando o segredo das esposas que se querem fazer amar é o de parecerem sempre amantes.

O livro de Alberto Rangel só tem um defeito. É o do seu estylo. O autor gosta do que é arrevesado e complicado. Chega a fazer períodos de comprehensão difficil. Sente-se o seu desejo de singularizar-se. Tendo, por exemplo, de escrever « censuras », escreverá de preferencia « desaplausos ». Faz inversões de correcção duvidosa e de (para escrever ao seu modo) indubitosa falta de elegancia: « Faltaria-lhe... », « Estaria-o... », « O casal desaveio-se; porém ».

Atravéz de todos esses precalços, o livro se mantém de principio a fim, vivo e interessante.

Nem D. Pedro, nem a Marqueza sahem amesquinhadados das suas paginas! Foram duas pessoas que

se amaram. Passaram para isso por cima das convenções sociaes, mas tiveram grandes desculpas.

Depois, tendo D. Pedro partido para Portugal, a Marqueza casou-se com um homem de alto valor e foi uma excellente mãe de família, morrendo cercada da estima geral. Num romance naturalista, a historia pareceria trivial. Si um Emilio Zola reproduzisse cartas de amor como as de D. Pedro escriptas por um pequeno burguez sem importancia, censural-o-iam pela inverosimilhança do caso ou pelo seu desejo de rebaixar tudo em que tocava.

E' que, como tantas vezes se tem dito, o amor e a morte são as duas cousas que mais nivelam as creaturas humanas.

---



## D. Pedro I e a Marquiza de Santos

ALBERTO RANGEL

Pag. 95

«D. Domitila seria uma victima de considerações de mocidade, e, mais ainda que tudo, das imprescriptiveis incidencias que a fizeram desditosa por inexperiente ou incomprehendida, atada ás graves responsabilidades de esposa aos quatorze annos de idade, no infrene luxo e treda corrupção das celebradas minas. Ficou a falsa viuvez da moça com o sello indelevel de duas cicatrizes de arrebate. Para ella propria a memoria da infelicidade não seria susceptivel de se obliterar por causa do indice de ultraje nas suas carnes... O alferes Felicio, a quem o Capitão General informando um requerimento de transferencia para Santos taxava de mal comportado e pouco intelligente, não passava de um caipira brutal, com o titulo de fidalgote no fundo da canastra de couro. As suas decisões assentavam no codigo primitivo dos incolas desconfiados e vingadores. Atavismo eruptivo e immodificavel ou educação de sertanejo, eriçado de facas, desconcordante e brusco...

A'ilharga de D. Pedro não teria sido difficil a D. Domitila expôr os itens do requisitorio contra o marido, exhalar queixas, implorar soccorro... E' o que Gestas affirma: «Elle profita du voyage que fit l'Empereur à Saint-Paul en août dernier pour l'intéresser á son sort».

Entornando os queixumes, D. Domitila repassaria-os de brandura e interesse, um a um, com o divino quebranto e maravilha dos olhos convocatorios e bistrados... Era puro e claro o oval do rosto da rapariga, de fina tez de excepção. Quasi um anno mais velha que D.

Pedro, estava na idade completiva das graças femininas; nem indecisas acusações de broto, nem pendores de ramo a fanar-se. Era o momento da demora das seivas e do completar da flôr, em detença para os fecundantes sorvos das raizes e os excitativos brilhos da corolla...

A surpresa de D. Pedro devia ter sido grande, convincente, arraigando-se-lhe no instincto os desejos tumultuados que o espicaçavam. A singularidade do typo de D. Domitila particularisara-lhe a attenção. Dentre tanto objecto de passados borboleteios esse parecia escolhido para os sacrificios e a contemporisação. A pagina de Prospero Merimée na qual se descrevem os garbos do rei castelhano e os elementos que o favoreceram na conquista de Maria de Padilha parece entender-se com os de seu homonymo do Brazil.

O Principe correspondia á fama de exuberante, a face de carnal, os olhos de avido e flammante. Representava o moçalhão no todo os appetites descompassados dos Bourbons. O que se contava de seus atrevimentos fortunatos augmentava-lhe a bôa sorte de conquistador. Tentando affeiçãoal-o aos repousos, seguranças e responsabilidades de um lar em termos, haviam-n'o casado. Aconteceu que a jovem esposa austriaca de 1817 não dispunha do senso divinatório e remediavel das mulheres candidatas á preponderancia sobre temperamentos acalorados e phantasiosos. D. Leopoldina não se utilisava dos cosmeticos, dos tecidos e dos nadas que arrumam, disfarçam e embeaçam. Nenhum dos mil recursos da defesa feminina na sabichona de Historia Natural e leiga da arte que lhe rege o sexo. Na chateza da vida conjugal déra filhos ao Reino e ao Imperio, mas não soubera trancar ao marido estouvadão e caprichoso, as portas do delirio e da extravagancia no doudejo... Faltaria a D. Leopoldina a intelligencia do amor proprio, a consciencia imperativa de suas condições e qualidades, isso que se pôde chamar

o tacto invicto das grandes amorosas... Entretter um amor é multiplicar victorias; jungil-o ao mesmo objecto exige maravilhas de invenção nos esforços da constancia...

D. Pedro não precisou naturalmente se valer de todos os recursos de salteamento ao pobre coração da mulher esfaqueada e abandonada. A hora não podia ser mais propicia, a do *conjiteor*, o fructo de sazão e quem o pretendia colher, desenvolvido e potente. A victoria sobre Andromeda iria a meio, antes de encetado o jogo. Effectivamente, se o Principe tivesse que communicar a um Senado as noticias do feito amatorio, poderia utilisar-se dos mesmos termos do resumo de Cezar.

Muitas deviam ter sido as occasiões em que os dous namorados, na mellea reciprocidade de brinco e finezas, alimentassem os corações e divertissem o publico, pois que a assiduidade da moça em recepções ou acompanhando D. Pedro em passeios serviria de pasto a todos os commentarios.

Aconteceu que D. Pedro e sua escolta, voltando da visita a um bairro, encontrassem escoteira á D. Domitila. Acaso ou proposito da raparigona vinda em cadeirinha. O esquadrao do Principe esbarrara-se na chrysalida... D. Pedro apressurado baixara do ginete. Sorrisos e parolas de malicia á portinhola... Os dous negros carregadores escutariam alvarmente estatelados o colloquio entre a sinhá moça e o cavalleiro real. Proximo o piquete da Guarda de Honra, nos ricos jaezes e uniformes, engastaria o dialogo da requestada e do cortejador, prolongando-se em aspero paiz e por seculo despoetico, a graça e leviandade do transacto em terra classica de espirituosos e polidos. Querendo experimentar o peso da carga, D. Pedro suspendera a cadeirinha. Protestos risinhos da moça que se admirava: «Como V. A. é forte! Como V. A. é forte!», enquanto o Principe e liteiro, entre os varaes da carangueijola, alliviava o preto. Succeder-lhe-iam os officiaes do

esquadrão no transporte de D. Domitila, abotoada no gracioso estojo de passeio. Riam-se todos, a dama deleitava-se no suave andar aos hombros dos guapos militares, e D. Pedro ás estribeiras exclamaria regosijado: «Nunca mais V. Exa. terá negrinhos como estes!» Da memoria do ajudante Marianno José de Oliveira, assistente do quadro e participante do carrego, houve quem colhesse o episodio precioso e galante, digno de Lancret ou de Watteau.

A' esquerda da estrada partindo de S. Paulo a Moinhos e ao Cubatão, uma figueira brava advertia aos viandantes a necessidade da separação entre os amigos. A arvore fazia de contra-regra, marcando a scena commovida e impreterivel dos adeuses. «Arvore das lagrimas», chama-a ainda o povo, grande nomeador das cousas com o seu perfume. A' sombra das franças sombreavam-se as almas, fazia guarda a saudade. Quer uma tradiçãõ que D. Pedro, a 5 de Setembro de 1822, tivesse passado pela figueira, levando á marinha D. Domitila e que o titulo nobiliarchico, lembrando a cidade de Braz Cubas, commemorasse as palmas victrices do varão... Ou acudiria ao Imperador, em Outubro de 1825, a lembrança do apeamento nessa caminhada de 7 de Setembro de 1822 na chacara de João de Cástro, na estrada para Santos, em conjunçãõ ao desejo de lembrar a amiga a filha do Barbadão, a garçõa do fundador da sua dynastia ou a dama da Rainha, D. Anna de Mendonça, amasia de D. João II, as quaes foram commendadeiras de Santos? Diz-se ainda, que as instigações da amante, na viajata á cidade do littoral, o teriam levado á explosão do Ypiranga. «O que obrigou um heroico triumviro romano a abandonar o imperio do mundo, não era muito que contribuisse para determinar um joven principe ambicioso a proclamar a Independencia do Brazil, para cingir sua fronte com uma corõa imperial» conjecturava o velho paulista Dr. Francisco de Assis Bueno. Faltam as provas, emquanto so-beja o estonteio das supposições...

Os sentimentos de D. Domitila pela causa da Independencia deviam ter florescido ao contagio do enthusiasmo de tal idéa em todas as cathogorias de seus compatriotas, do tropeiro sorocabano ao ouvidor de S. Vicente, do plantador ao dizimeiro. Ter-lhe-iam transmittido directamente e alimentado tal anceio, os irmãos, todos os officiaes e brasileiros, imbuidos das mesmas aspirações por ciosos do torrão natal. Que importava não haver D. Domitila assignado a representação das damas paulistanas dirigida ao Principe por occasião da Independencia? Na sua familia, só o coronel João de Castro poderia ter uns longes de sympathia com outros ideaes, esse mesmo era antigo tronco transplantado e desfeito em vergontees, que suspiravam por novo ar e novo sol no horizonte. Comtudo não poderia elle ser neutro, nem ferrenho partidario da indissolução dos laços da colonia á ultra-mar. A familia e os habitos tinham-n'o radicado ao sólo novo, que pedia praça a seivas ardentes e proprias. Na noite de 7 de Setembro, rivalisando com o caçula, o «nhô Chico», que foi quem abriu as cortinas do camarote de D. Pedro, o velho Castro esteve no theatro, acompanhando as declamações de improviso, os córos e tocatas ao «rei do Brazil», acclamando a emancipação que vinha sobredourar o patrimonio da terra que era da mulher, dos filhos e dos netos.

Quanto á D. Domitila, as suas exaltações de nativismo, se não arrastaram ou decidiram o Libertador, ter-se-iam chrystallizado nesta phrase, com que ao beijar a mão de D. Pedro ella acompanharia a reverencia: «Não é a vós que eu amo, Senhor, é á vossa gloria.» Infelizmente, ainda é conjectura a confissão de preciosa, imbricada na affirmativa de patriotismo.

No correr de certa noite de 1822, o tenente Joaquim dos Santos Cardim, de guarda á porta do palacio de S. Paulo, teria visto saltar da cadeirinha um seraphim. Quem havia de ser a empantufada no vestido domingueiro, curto, de

sarja de Malaga, semi-envolto na fina puçá de renda de retroz italiano, amarrado no alto do pente «trepa-moleque», que lhe apreçaria no casco o complicado peso das madeixas encacoladas? Se alguém lhe arrancasse o capirote ou o mantelete que a disfarçava, daria com a filha mais moça do coronel João de Castro Canto e Mello. O mandamento da lei de Deus evidentemente desrespeitado nessa visita devia ter sido o setimo, e ambos delinquentes no féperjurio...

No dia 9 de Setembro, o Principe e a linda burgueza, enchammeados no mesmo fogo provocador e adultero, inconsumpto por dous dias de péga e lavramento, murmuraram, na despedida, inconveniente e combinado «até breve»! Regressava o estoura-vergas imperial batido de saudade incongrua. Ao trote do choutão affastar-se-ia elle definitivamente da cidade de S. Paulo, com os ouvidos cheios de applausos, aos quaes não lhe agradaria menos os que lhe entoava a lyra popular:

Saracura, sabiá,  
Bemtevi, beija-flôr,  
Todos cantam, todos gritam:  
Viva o nosso Imperador!

Ao longe repontaria o enthusiasmo da Musa rasteirona, gorgeando no mesmo thema, sobre o zonzonar e pontilho das violas:

Sabiá cantou na matta,  
Eu cantei no meu terreiro,  
Viva o nosso Imperador!  
Viva D. Pedro Primeiro!

Pouco mais de um mez depois, entre os deslumbramentos da Acclamação e da sagração, a 17 de Novembro, D. Pedro annunciava em carta á D. Domitila ter convencido ao pae d'esta, então na capital do Imperio, «que a fosse

buscar e a sua família, que não ha de cá morrer de fome especialmente o meu amor por quem estou prompto a fazer sacrificios». O Principe, recrudescendo-lhe os sentimentos na ausencia aggravante, estendia os pulsos ao grilhão e iscava os seus anzões...



## FELIX PACHECO — Tu, só tu .

Felix Pacheco publica, de tempos a tempos, pequenas brochuras, com pequenas collecções de sonetos. Talvez isso não seja questão de gosto. Na sua vida trabalhosa de redactor de um grande jornal e de politico militante, o tempo não lhe deve sobrar muito para grandes trabalhos litterarios. D'ahi essa producção fragmentária.

Pode-se, porém, discutir si, ate certo ponto, tratando-se de poesia, esse systema não se justifica.

Para o autor, elle é um mal porque, quando se quizer fazer a bibliographia dos seus trabalhos, achar-se-á uma collecção de brochurinhas. Mas nos maiores volumes de poesias soltas o que ha, lado a lado, são composições que não têm entre si a menor connexão. Theoricamente, nada se opporia, portanto, a que cada uma constituisse publicação á parte.

Mas ha vantagem em reunil-as. Essa vantagem não vem apenas do ponto de vista bibliographico: vem igualmente de que é possível, embora percorrendo apenas meia duzia de paginas, sentir o prazer dos contrastes, apreciar o talento do autor sob diversas faces.

Em compensação, como as brochuras que Felix Pacheco tem publicado são sempre collecções de poesias sobre um só assumpto, elle pode gabar a utilidade contraria: a de isolar o espirito do leitor de qualquer outra preocupação. Dá-lhe um trabalho pequeno, mas nitidamente demarcado; convida-o a entrar num jardimzinho cercado de altos muros, que o impedem de vêr qualquer outra cousa. O visitante tem apenas que dizer si esse jardimzinho é bonito.

Desta vez o elogio pode ser feito sem restrições.

*Tu, só tu...* é uma collecção de sonetos, em que o

autor se dirige sempre a um typo feminino adorado. Quem seja esse typo elle acha justo não o dizer. Ha sonhos que não se devem publicar:

Toda alma deve ter sempre uma dobra,  
em que guarde e respeite o seu mysterio,  
a belleza que amou e lhe fugia...

Tudo no humano val murcha e sossobra..  
Tudo... mas nesse grande cemiterio,  
o sonho além da morte, ainda irradia!

E exactamente porque deseja guardar zelosamente o seu segredo tem a illusão, commum nos que amam, de que todos o tentam devassar. De antemão prepara uma resposta para os curiosos:

Mas, ó gente malsã perguntadora,  
que vos importa o nome da alta muza:  
fosse esta, ou fosse aquella, ou uma outra fôra?

Não é ninguem, sabe! São todas juntas  
numa só, que as esconda e que as conduza,  
a mofar e a sorrir dessas perguntas!

Todos os dezeseis sonetos desta especie de poemeto são neste tom de uma emoção discreta, sem grandes rompantes lyricos,mas que parece, por isso mesmo, tanto mais forte e concentrada.

Em certa occasião; o autor nos diz que o essencial em amor é amar uma só mulher.

Mulheres... Ah! qualquer póde escolhel-as!  
Mas quem não plasmou uma eterna e á parte,  
não amou, não viveu, não teve historia!

Essa theoria é talvez justa, mas incompleta. Convém amar uma «eterna e á parte», mas depois de amar muitas... Depois, ou... ao mesmo tempo.

Sterne sustentava que o homem que não amou muitas mulheres não sabe amar nenhuma. E elle tinha razão

Os que desde muito cedo encheram a vida com uma só afeição não souberam muito bem o que era esse sentimento. Elle só se pode aperfeiçoar através de muitas experiencias. O homem, que durante toda a sua vida só fez uma operação de sommar, não pode ser tido por mathematico.

Mas já alguém disse que todo grande amor é sempre o primeiro e o ultimo. O apaixonado acredita que é aquella a primeira vez que ama devéras e que esse será o seu derradeiro affecto... Illuzões!

O ultimo verso de Felix Pacheco acima citado lembra os de Francisco Octaviano. O velho poeta romantico não entrava em questões da estatistica — uma ou muitas? —; dizia apenas que é preciso amar. E quem não amou, acrescentava elle:

foi espectro de homem, não foi homem,  
só passou pela vida, não viveu...

Felix Pacheco termina a sua collecção de poemetos, proclamando que tudo deve á sua doce inspiradôra:

Toda essa força, que de ti me vem,  
em tudo quanto faço se insinúa.  
A minha gloria não é minha, é tua,  
é tua só, doce vizão do além!

Ha, de principio a fim, nesta pequena collecção de sonetos, uma nota de suave meiguice, sempre a mesma e sempre deliciosa.

---



# TU, SÓ TU

FELIX PACHECO

Pag. 11

Tú és o meu segredo e o meu destino,  
Toda a razão de ser de minha vida.  
Esquiva, insatisfeita e fementida,  
Assim mesma te quero no meu hymno:

Teu perfil de mulher silente e fino  
Resume a grande idéa appetecida,  
E a minh'alma te segue commovida  
E afundada no pelago assassino.

Umas vêm, outras vão, mas todas ellas,  
Nessa marcha do amor, fogem ligeiras.  
Só tú ficaste em pé, ó minha ingrata!

Só tú resistes, flôr das feiticeiras!  
E eu, captivo de ti nessas procellas,  
Abenção com raiva a quem me mata!

---



# TU, SÓ TU

FELIX PACHECO

Pag. 19

Quem não formou, para seu uso, um mundo,  
Diverso deste mundo em que vivemos,  
E em que possam caber outros extremos,  
E segredos como este que profundo.

Não conheceu amor, nem foi fecundo,  
Pois não sentiu os extases supremos,  
E satisfez-se apenas do que temos  
Nesta vida menor do que um segundo.

Só muito além desta infima passagem  
Alguma cousa existe que perdura  
E vence o proprio tempo e a propria morte...

E' lá que esplende a eterna formosura,  
E' lá que mora a fé serena e forte,  
E foi lá que te vi, ó doce imagem!

---



## COLLATINO BARROSO—Da suggestão do bello e do divino na natureza

A conferencia, que Collatino Barroso, proferiu na Bibliotheca Nacional, é uma série de bellas paginas, de uma prosa correcta e sonora, em que ha frequentemente bonitos pensamentos, mas a que falta uma certa precisão. Seria difficil, sinão mesmo impossivel, resumil-a. O autor prefere as bellas palavras ás idéas nitidas e claras.

- «A Arte é a iniciadora maravilhosa do Mysterio.»
- «A Sciencia explica. A Arte revela, immortalizando.»
- «A Arte é um traço de União entre a Vida e o Mysterio.»
- «A Arte é o Sentimento revelado.»
- «A obra de Arte é uma aspiração de Infinito.»
- «A Arte é uma série de acordes, de assonancias.»

São formulas metaphysicas, de que ninguem é capaz de definir os respectivos conceitos, com toda a clareza desejavel. Parecem ter significados profundos, graças, sobretudo, áquellas respeitaveis maiusculas; mas, no fim de contas, obrigadas a se explicarem, não querem talvez dizer cousa nenhuma.

Ha, no meio dessas affirmações vagas e mysticas, algumas absolutamente falsas:

«O primeiro homem que numa caverna sombria trabalhou um silex com uma intenção de belleza fez um acto de fé; decifrou o symbolo augusto da redempção.»

Ainda uma vez se póde aqui fazer notar que isso não tem uma significação precisa e talvez mesmo não tenha significação alguma, nem precisa nem imprecisa...

O homem primitivo, que trabalhou um silex, gravando nelle formas animaes, fez apenas um rito muito pratico. Desenhando um animal, elle queria só apanhá-lo mais facilmente, porque lhe parecia que quem fazia o desenho, apanharia a cousa desenhada. E' uma crença selvagem muito generalisada.

Quando Collatino Barroso affirma que a Religião é «a forma mais alta da Poesia», parece-me tambem estar em erro. A Religião é, ao contrario, a forma mais baixa da Sciencia. A primeira interpretação do mundo foi religiosa. Depois, quando os methodos de conhecimento do Universo se aperfeiçoaram, a Sciencia se destacou da Religião, e esta continuou a ser feita por máus processos.

E' uma pagina bonita aquella em que o autor expõe os sentimentos que as côres lhe suggerem. Sente-se que ahi elle pensa na affirmação celebre de Baudelaire sobre as resonancias de umas em outras sensações.

«Aos sete signos musicaes correspondem as sete côres fundamentaes.

Parece que vive a mesma alma mysteriosa no pentagramma e no iris.

Penetrae a alma da côr.

Ha toda uma gamma de emoções nas côres do espectro solar. Ha mil vibrações em cada faceta de um prisma.

O azul póde ser de uma illuminada temura, como na face radiosa dos céus tranquillos, ou de uma concentrada paixão, como na dos mysteriosos mares profundos.

O vermelho desce da violencia triumphal da púrpura, gloriosa como um clamor de victoria, té o róseo, que é como uma pudorosa caricia.

O amarello é gritador, é histérico: tem a agudez da crise nos seus tons assanhados e berrantes. Vêde-lhe o deliquio nos ouros pálidos.

Tem o roxo uma alma de mysterio: é profundo. Como que lhe pesa a tristeza de um grande remorso.

O verde é a côr predominante na Natureza. Na orchestração das côres elle vibra como uma maravilhosa symphonia, tal a variedade infinita dos seus matizes.

A Natureza não envelhece, já o disseram. Por isso ella de verde se reveste. Enflora-lhe a alma uma eterna esperança.»

De um modo geral, a prosa de Collatino Barroso é sempre muito bonita, muito colorida. O que ha é que todas as suas affirmações apparecem entre nuvens de phraseologia mystica, em periodos ouriçados de maiusculas e sem uma connexão muito estreita entre umas e outras paginas.

---



# Da suggestão do bello e do divino na natureza

COLLATIO BARROSO

Pag. 10

Poder mysterioso, o da Arte! Ella faz das miseras cordas retesas dos violinos atormentadas almas soluçantes. Parece que as cordas, vibrando, fazem estremecer gemidos profundos dentro da caixa sonora.

Notae como é maravilhosa de sentimento a voz desse instrumento que plange, quando um musico, na magia divina de um Orpheu, prende alli dentro, adormentadas pelo enlevo do som, todas as feras rabidas das angustias humanas.

Como o violino arqueja, como o violino soluça!

Por vezes uma voz aspera estala como um grito. Vêde com que ternura os dedos do violinista, tacteando o dorso da corda, fazem adormecer essa colera!

---



# Da suggestão do bello e do divino na natureza

COLLATINO BARROSO

Pag. 21

Que mundo de suggestões nos desperta a musica! Vêde como um regente de orchestra levanta uma grande massa orchestral! Parece que elle verga, como um Atlas colossal, sob o peso desse mundo de harmonias! Passam rajadas esfuziantes de sons. Desencadeia-se tumultuariamente a tempestade sonora. Como o vento dentro do arvored, as trompas sussurram. Abrem-se em claridades de relampagos as vozes dos metaes. Rolam nas caixas de percussão trovoadas de sons. A alma dolorida dos violoncellos arqueja, geme, soluça, como os échos das mil vozes mysteriosas da Natureza perdidas dentro de um clamor de tempestade! Subito, a procella se acalma. Ficam apenas cantando as vozes das flautas em rumorejos de aguas crystallinas. Como arrulhos d'aves feridas, trillam *pizzicati* nos violinos. Parece que se percebe agora a transparencia, a limpidez do fluido musical, a claridade da harmonia!

---



## RUBIÃO MEIRA — Turbilhões

O livro do Sr. Rubião Meira — *Turbilhões* — tem apenas quatro contos. Ha entre elles um ar de parentesco bem visivel.

No primeiro, um homem se mata porque, amando muito uma mulher, recebeu cartas anonymas que a accusam. Não tirou a limpo a verdade das accusações. Encheu-se, porém, de duvidas e resolveu por isso suicidar-se. O autor chama á carta, em que o suicida faz essa confissão, *monumento de grandeza de um esclarecido espirito!* E' incontestavelmente excessivo!

No segundo conto, que se intitula *A força atavica*, trata-se de um rapaz, que salvou da prostituição uma mulher perdida. Pôl-a em sua casa, tornou-a sua companheira. Um dia recebe tambem uma carta anonyma, denunciando-a. Simula uma partida, vigia-a e verifica que ella vae á casa de prostituição, de onde elle a tirára. Surprehendida, ella confessa tudo, asseverando que obedece a uma força irresistivel: a da herança dos seus antepassados. O rapaz tenta ainda salvá-la, dando-lhe um emprego, em que a obriga a trabalhar. Ella acceita; mas no fim de algum tempo não pôde resistir e volta de novo para onde a chama *a força atavica*.

No terceiro conto, um estroina converte-se ao catholicismo, no momento do casamento, ouvindo as prédicas de um padre, de quem a eloquencia communicativa o abalou. Torna-se mesmo amigo desse padre, cujas cartas são admiraveis de elevação moral. Chega, porém, um momento em que ao seu escriptorio de advogado vem uma mulher pedir-lhe que trate do respectivo divorcio. Conta-lhe que dá esse passo acon-

selhada por um padre, que a seduziu. E o advogado verifica que o padre é o seu grande amigo!

O quarto conto é a historia de uma allucinação. Uma viuva, cujo marido fôra sempre muito ciumento, não pôde contrahir segundas nupcias, porque, no momento de assignar o contracto de casamento, vê em uma allucinação a figura do marido morto.

Não ha nas paginas dos *Turbilhões* nada de muito vibrante. Tudo revela no autor, de preferencia, um calmo expositor de calmas theorias.

No emtanto, não ha tambem imperfeições graves. Fica-se, porém, admirado, lendo uma allusão aos «*quadros funambulescos do inferno de Dante*».

— Funambulescos!?

Todos os epithetos se poderiam imaginar como applicaveis ao Dante e á sua obra, menos o que o autor dos *Turbilhões* escolheu. Candido de Figueiredo ensina:

«FUNAMBULO — aquelle que anda ou dança em corda bamba; aquelle que muda facilmente de opinião ou de partido.»

«FUNAMBULESCO — relativo a funambulo, proprio de funambulo.»

E' talvez do titulo da collecção de contos do Sr. Rubião Meira que nos vem uma certa decepção. Esse titulo promettia alguma cousa de mais forte. D'ahi o contraste que se nota; mas, no conjuncto, os contos são simples e bem feitos.

---

# TURBILHÕES

RUBIÃO MEIRA

Pag. 15

«Meu caro amigo Antonio. E's a unica pessoa a quem devo uma explicação agora que vou fazer a viagem final da minha tão dolorosa existencia. Vou morrer. Atiro-me ao mar, sereno e tranquillo. O mar não é só o unico tumulo digno de um almirante bätavo, como diz a historia gloriosa de nossa Patria. Não. E' tambem a unica tumba digna dos infelizes, como eu, que soffrem sem remedio. E' o unico meio em que se devem dissolver os elementos que constituem a materia de um ser amarrado pelas dôres que me aprisionam. Sabes porque me mato, sabes porque me misturo a essa onda liquida, que me vae arrebatat, me prènder nas suas dobras mystèriosas e me projectar no mundo do Além, sem me conhecer, sem saber que motivos me impellem, que torturas me suffocam? Vou dizer-te, a ti tão sómente, que me sabias forte, intemerato, incapaz de um desfallecimento, de uma covardia moral, como essa que vou praticar, certo de que é o unico modo de apasiguar os tormentos em que minh'alma se debate, ha dous longos annos. Mato-me porque duvido. Tu não sabes o que é a duvida. E' mais atroz que o cancro, que róe as entranhas de um individuo, é mais tenaz que os tentaculos de um polvo, quando aprisiona uma victima, é mais terrivel que os quadros funambulescos do inferno do Dante. Tortura mais que os Tormentos da Inquisição, queima mais fortemente o espirito que o ferro em brasa applicado á superficie da pelle. Aprisiona a intelligencia num circulo de ferro, que cada vez mais se estreita e mais a constringe, suffoca mais apertadamente a alma que os gazes irrespiraveis o

fazem ao corpo. E' como uma asphyxia lenta, demorada, implacavel, sem treguas, sem descanso, que não mata, não fulmina, mas não cede e mortifica. E' um envenenamento gradual, é um toxico corrosivo, que sem destruir, corrompe a vida do espirito. E' um esphacelo parcial das faculdades superiores do raciocinio, que se dilaceram, mas vivem palpitando de angustia. E' a sensação mais terrivelmente diabolica, mais satanica que pôde avassalar uma alma indefesa.

« Para distrahil-a, para eliminal-a, para afugental-a, só conheço um remedio e esse é o que vou daqui a momentos fazer, aproveitando uma pouca de calma que inda resta intacta nas dobras do meu espirito. Eu duvido: eu creio e não creio. Sabes como é horrivel isto? Creio e não creio, queres lá nada mais desolador que essa situação? Ha lá na vida posição mais affrontosa do que esta — crêr e não crêr, duvidar, ter incerteza, não ter confiança, hoje uma illusão fagueira, engalanada de flôres e odorante de perfumes, amanhã um desengano marcado de torpezas? Entra tu um pouco dentro de mim, figura-te nesta minha condição e te conhecendo, como te conheço — alma desprovida de miserias — vejo-te, desde já, arrancando da vida com o mesmo desprezo como daqui a momentos vou fazel-o, desdenhando as grandezas da terra, imiscuindo-me no nada, que é maior que tudo, que é o que somos todos, perdidos na immensidade deste planeta.

« Tu sabes como me apaixonei, louca e perdidamente, por aquella mulher, com que fogo e ardor me atirei a seus braços, como tudo esqueci no encanto daquella magnifica creatura, que me parecia um dos anjos despendados do céu. Desde então, desdobrei minha personalidade; vivia de sua vida, respirava o ar que essa sorvia, só tinha sensação da existencia perto dessa Julia, que todo o mundo procurava e que eu pensava — ingenuamente criança — ser minha só, em alma,

em corpo, em espirito. Minha vida, tu sabes, misturou-se á sua. Nós dois faziamos um só — suas vontades eram as minhas, seus desejos ordens para mim, suas phantasias cumpridas á risca. Si me pedisse o impossivel achalo-ia para lhe dar. Si me quizesse vêr morto, só por esse prazer matar-me-ia, comtanto que ella se satisfizesse. Annulei-me, bem me disseste varias vezes. Nem uma sombra de desconfiança. Ao contrario, a mais absoluta, a mais completa, a mais integral confiança em seu caracter. E porque não? Quem a havia feito? Quem a havia salvo de grave molestia, quando a sciencia ia fallecendo e sua vida apagando lentamente? Quem a ornou dos encantos que sua belleza necessitava? Quem a tornou conhecida, festejada, a mostrou, bella, radiante, esplendida, aos olhos ambiciosos de tantos admiradores? Fui eu, tu és disso testemunha. Foram o meu amor, a minha adoração, a minha idolatria, que lhe crearam um altar dentro de minh'alma, deante do qual me conservei sempre genuflexo.

« Abandonei tudo e todos. Fugi da convivencia social, porque sempre achei a sociedade um conjuncto de mentiras convencionaes, que me irritavam, e, a sociedade condemnava o meu amor. Esqueci minha familia; não procurei mais meus velhos progenitores, de quem eu era o enlevo, a unica adoração de sua vida, a maxima esperanza e o unico consolo de sua velhice, honrada e virtuosa, porque meus Paes não podiam approvar os ardores de minha tortuosa inclinação. Vivi desde então só ao lado della. Meus amigos não os procurava eu tambem. Para que, si elles — excepto tú, que sempre tiveste um coração puro, argamassado de bondade — me criticavam por detraz, me ridicularizavam, me enchiam de apodos e injurias e quando em frente de mim e della, eram só lisonjas, phrases ternas, bajulações, olhares captivantes e donjuanescos? Foi por isso — agora te explico — que me retrahi, e fugi de todos, isolando-me com aquella deante da qual

minh'alma vivia prostrada, ajoelhada em penitente adoração. Mas Julia tinha, ou falando mais exactamente, porque ella ainda vive — e amanhã, nos braços de outro (causa de minha tortura e angustia neste momento, em que me despeço de ti, arrancando esse espinho de meu coração) não se lembrará mais deste, cuja vida ella inutilisou e despedaçou — tem uma psychologia á parte, que, eu mesmo, medico, não pude penetrar. Agora, nesta occasião, em que a minha existencia me passa pelo espirito, rapidamente toda ella, como visão d'um kaleidoscopio, eu perguntó a mim mesmo, si algum dia ella me amou, si aquillo era só gratidão ou si nem mesmo isso era, si não foi tudo só vaidade feminina e perversidade de uma alma damnada.

«E' que toda a sua vida, o seu procedimento, a sua variabilidade de character, a sua transformação subita no modo de me tratar, ora me affagando carinhosamente, amorosamente, ora me repellindo brutalmente, sem que em mim houvesse, nessas duas horas, modificação alguma, a sua garridice repentina ao lado de desleixo subito no trajar, no se arranjar — são cousas e factos que me deixaram sempre perplexo e me impossibilitaram de traçar as linhas psychologicas daquelle ser, tão estranho, e que eu amalgamei á minha vida, antes tão direita, tão correcta, tão pura.

«Dias havia, tu sabes, em que ao me vêr, saltava, pulava de contente, me abraçava, me cercava de atenções e caricias, e, repentinamente, como si uma onda de desgosto, de nojo, de fadiga a invadissem, ella se resfriava nos seus transportes, emmudecia, ficava como que alheia ás cousas terrenas, com o olhar vago fixo no invisivel, longinquo... Era então como uma esphinge... Como tratá-la? O que pensar do que tumultuava em seu cerebro? O que aquella cabeça machinava? Seriam cousas honestas ou pensamentos impuros? Tudo isto me deixava triste e pensativo...

«Muita vez, quiz romper com os laços que

a ella me prendiam, mas a covardia do meu amor tão grande, tão forte, tão arrebatador, me impedia de dar ao caso a unica solução digna de meu character e de minha educação. Passava dias então sem lhe falar. Tambem ella não falava, como eu. Eramos como dous indifferentes, vivendo da mesma vida, sob o mesmo tecto, respirando a mesma atmospherá. Comprehendes como essa situação era insupportavel, e angustiosa. Não poderia persistir. Subitamente, porém, sem motivo ou com os mesmos motivos que a haviam feito mudar seu modo de tratamento, lá vinha Julia, novamente, me procurar, me acariciar, e, com affagos de gata mimalheira me prendia outra vez entre os seus braços divinaes. Uma vida verdadeiramente diabolica, inegualavel e inconcebivel. Mas isto nada seria, nem eu teria o desprehendimento de me desligar da existencia, tão theatralmente como daqui ha poucos momentos vou fazel-o, si não houvesse outras razões, e mais poderosas, mais fortes, e que enretêni, ha tempos, o meu cerebro, afogado pelo mais cruciante de todos os martyrios, o martyrio da duvida. Eu duvido de Julia.

«Naturalmente, como és sceptico e não crês nas mulheres, sempre m'ò disseste, vaes dar-me razão ou por outra, vaes dizer que devo della duvidar.

«E, quem sabe mesmo si não tens certeza absoluta daquillo de que eu duvido, dessa incerteza em que me debato, preso nas garras dessa idéa sinistra, que me invadiu o animo? Quem sabe si nunca quizeste nada me adeantar, temeroso de que fizesse a vilania — que nunca teria a coragem de commetter — de romper contigo, e continuar ajoelhado deante d'aquelle idolo, que teria então os pés mergulhados na lama? Si assim pensaste, meu unico amigo, procedeste mal, porque acima do amor profanado, maculado, dilacerado, que seria esse, eu poria a nossa amizade, sã, argamassada, ha tantos annos, de reciproca dedicação e de convivencia diuturna. A nossa amizade, crê tu,

é mais forte que tudo o mais; resistiu, tantas vezes, a tantos desencontros de opinião, a tanta diversidade de julgamento, que nada a poderia abalar nem diluir. Lembra-te, com certeza, de como nós divergimos, por ocasião da guerra civil de 1893, em que tu eras jacobino exaltado, pamphletario entusiasmado, soldado valente da republica, enquanto eu formava nas hostes adversas, cheio de fanatismo pela idéa da revolta, arrebatado federalista, e, no entanto, nossa amizade não foi sempre a mesma, sempre sublime, sobrenadando a essas paixões de momento, que o tempo apagou e consumiu? Eu não poderia deixar de acreditar em ti, em quem sempre cri, em quem sempre confiei, em cujo coração sempre entornei todos os segredos. Não posso, portanto, pensar que tivesses tido a fraqueza — que outro nome não merece — de me occultar o quer que fosse e me deixar na cruel duvida, em que meu espirito tanto se debateu, e inda se debate, neste momento em que sinto minha vida fugir, sem coragem de prendel-a, sem forças para reagir deante dessa cruciante obsessão. Perguntar-me has, agora, mas porque essa duvida, porque te deixaste infiltrar por esse veneno insidioso, mortifero, satanico, porque não crês nessa que foi toda a tua vida, que constituiu, durante tanto tempo, todo o ideal de tua existencia? Eu mesmo nem te posso responder direito.

«Não vás tu, entretanto, pensar que estou louco, que deliro, que sou um allucinado, que vejo o que não existe, que apalpo o invisivel. Não. Estou em plena posse de minhas faculdades mentaes, não obstante a tristeza que me abafa, a certeza dolorosa dessa cousa que me arrocha e me comprime, que é a duvida, a tortura da desconfiança. Não posso, meu caro amigo, deixar de duvidar. Si a duvida sobre o nosso ser e a causa de nossa existencia é um facto, si nas sciencias tudo ou quasi tudo são hypotheses mais ou menos fundadas, si na propria religião, a todo o momento, a duvida nos invade a mente, porque eu não hei de

duvidar de uma mulher, que afinal, até hoje, eu não pude comprehender, de que por mais que a examinasse nunca pude fixar, na tēla do meu entendimento, os contornos de seu estado psychologico? Quem não duvidaria tambem?

«E o que mais me mortifica, o que sempre me atazanou o espirito foram as denuncias anonymas e o anonymato é uma injuria, uma atroz infamia, uma miseria, mas, dize-me tu, qual é o espirito que póde fugir a não se embeber desse fel, que elle distilla? Quem poderá deixar de se abalar deante uma carta anonyma, papel sujo, que enxovalha quem a manipula, mas que macula igualmente quem a recebe? Pois muita vez, a minhas mãos chegaram dessas torpezas, que sempre desprezei, não obstante ter sentido, no coração, a mordidela infamante dessa vilania. Eram cousas vagas, palavras sem nexo, mas que calavam fundo no meu espirito e me dilaceravam a alma. E ahi ficava eu a fazer o ridiculo papel de espião, a seguir-lhe os passos, a procurar estouvadamente as provas daquillo que me annunciavam, sem ter tido jámais a occasião de vèr confirmadas as mortíferas allusões. Mas, o mal já estava feito. Beaumarchais dizia — calumnia, calumnia, calumnia sempre que alguma cousa ficará. O facto é que ficou, sempre vivendo dentro de mim, torturando-me, roendo minhas energias essa vil calumnia, que agora se me antolha o não ser e só ser a expressão mais pura da verdade, crua e nua. Mas, será possível, pergunto a mim mesmo, será possível que naquelle cerebro se aninhe tanta perversidade, tanta infamia, tanta maldade, naquelle cerebro, que se acha contido em tão formoso craneo, que se acha revestido de tão bellas formas? Não é possível.

«Mas, ao mesmo tempo, creio que é verdade o que me dizem os falsos amigos, que se occultam para me envenenarem, para me distillarem a peçonha, para me abarrotarem de angustia e desillusão. Si nada existisse, para que essa infamia? E si existe a torpeza de Julia, co-

mo a não pude verificar, apesar de ter descido a todas as espionagens, a toda baixa acção de seguir-lhe passo a passo a vida, e, como uma sombra, reflectir-lhe os movimentos minimos? Ou então, ella é uma artista do mal, impeccavel, uma traidora refinada, capaz até de enganar o proprio Jesus, de confundil-o com suas palavras e suas acções. Não posso viver mais assim. Sinto-me desfallecido e incapaz. Toda minha energia dessappareceu, nada mais valho, não mais posso trabalhar; vivo torturado dia e noite por esse pesadello horrivel, cingido por essa malfada tunica de Nessus, que me constringe, me aperta, me amordaça a vida. Não, meu caro, nem quero mais sobreviver a este estado torturante, em que me debato.

« Deixa-me acabar já com isto, perdôa-me tú, que és puro e espirito superior sobrenadando a todas as miserias terrestres, e sabe que me mato, só porque não posso mais vê-la sorrir, porque sinto que é o escarneo do ridiculo que transpira, não posso mais apertar-lhe a mão, sua mão tão bella e tão fina, artisticamente talhada, sem sentir o visgo da depravação que me invade todo o ser e me torna desgraçado. Dize-me tu, achas possivel a vida assim? Entendes que deve continuar essa situação de agonia e soffrimento?

« Quererás, por ventura, que eu desappareça, por momentos, por algum tempo, de junto della, para mais tarde voltar novamente, viver na mesma cidade que ella, sorver do mesmo ambiente que ella respira, ser banhado pelo fogo da mesma luz vivificante, que a inundara de vida? Não, não e não. Isto é o impossivel. Isto é, ou seria, a minha maior desventura.

« Desappareço, por isso. Fecho os olhos a todo o meu passado, aperto as palpitações nobres do meu coração, que chora do desgosto que vou dar a meus pòbres Paes e atiro-me, com coragem e sobrançeria, no nada, no esquecimento, na dissolução do meu eu, que daqui a pouco virá, como sombra triste, pairar soluçante e lugubre, sobre as torpezas desta vida, sobre





## AMADEU AMARAL — Espumas

O livro de versos de Amadeu Amaral é um dos mais bellos entre os publicados este anno. E este anno tem sido fertil em bellos livros de versos.

João Ribeiro notou que sobre Amadeu Amaral peza-va muito a influencia de Alberto de Oliveira.

Alberto de Oliveira é um mestre, com cujo exemplo ninguem se amesquinha. E isso é tanto mais de dizer-se quanto, apesar da influencia que soffre, Amadeu Amaral, guarda perfeitamente a sua personalidade, de um modo bem caracteristico.

Ha um processo habitual em Alberto de Oliveira. Todos os poetas gostam de animar a natureza, dar mesmo ás cousas mais inertes vontade, emoção, intelligencia. Póde-se até lembrar que a propria linguagem corrente é profundamente animista e parece sempre attribuir ás cousas propositos especiaes. Os poetas ainda exaggeram esse ponto de vista. Entre elles, porém, o caso de Alberto de Oliveira offerece uma certa originalidade, porque Alberto não se contenta com uma attribuição summaria de pensamentos, emoções e intenções. A cada instante, elle recorre ás aspas e procura traduzir textualmente o que as cousas pensam, sentem ou dizem. Não ha nenhum poeta brasileiro e talvez mesmo nenhum poeta de outra nacionalidade, que recorra tantas vezes a esse artificio. Dir-se-ia que elle tem medo de adulterar o pensamento de cada um dos objectos e ouvindo-o nitidamente, como si a Natureza inteira lhe falasse, procura a cada instante traduzil-o fielmente.

Amadeu Amaral tomou em parte esse systema. Tambem elle não se satisfaz em resumir o que pensa uma pal-

meira ferida pelo raio, um cedro expatriado, uma rosa, uma estatua, um vagalume, um escaravelho, um regato... Refere-nos, palavra por palavra, como si fosse um tachygrapho minucioso, o que esses varios sêres disseram.

O melhor, porém — e o essencial — é que nos diz tudo isso em versos excellentes.

O poeta das *Espumas* traçou para si mesmo um programma que parece modesto:

Eu não construo: canto... E entre todas as glorias  
basta-me a de espelhar em poemas incolôres  
o perpetuo esplendor das cousas transitorias...

E' interessante notar como um certo numero de themas poeticos seduzem o espirito de Amadeu Amaral. Um delles é exactamente o da belleza e mesmo o da immortalidade das cousas, que se nos afiguram mais fugazes. Assim, a uma rosa, que lhe invejava a duração, responde uma estatua. Responde, é inutil dizel-o, por estas palavras, rigorosamente estenographadas:

«... Rosa, invejo-te a sorte,  
a gloria de durar é uma longa miseria.  
Que ironia viver, engolphada na morte,  
a vida vã da fórma e o somno da materia!

Eu provenho de um sonho e essa flôr de poesia  
só dentro d'alma brota e fenece onde medra.  
Em nascendo, tornei-me a carcassa vazia  
da illusão que intentou eternizal-o em pedra.

O sonho é um torvelim, sem medida e sem norma;  
é um latejar de vida, onda fervente e amarga.  
A obra viva ao sahir da mão que lhe dá fórma  
é a vaza densa e vil que a onda refluindo larga.

O sonho da belleza, esse estado de graça  
não se fixa jámais; move-se como a vida.  
A obra surge e resplende. Elle prosegue e passa.  
E a obra viva e perfeita é a que não foi concluida...

Um dia serei pó. Tú viverás, rubente,  
emquanto o mundo rola ao sol de ouro que te ama.  
Tú, sim, reflorirás indefinidamente,  
com essa fôrma, essa côr, esse orvalho, essa flamma.

Tú, sim, és immortal nessa fragilidade.  
Tú, sim, ostentarás, pelos tempos em fóra,  
a perpetua frescura, a eterna mocidade,  
á luz de cada aurora!»

E, diante dessa declaração, fica-se a perguntar si o programma do poeta, querendo cantar «o perpetuo esplendor das cousas transitorias», é modesto ou ambicioso, visto que exactamente ahi é que elle descobre a immortalidade.

Vagamente se desconfia que elle deve pensar como Theophilô Gautier, que as enormes cidades desaparecem mais facilmente do que os simples bustos feitos por um artista. Onde floriu outr'ora uma grande civilização, acha-se apenas hoje, soterrada, uma pequena medalha, que attesta a existencia de um imperador, de quem não ha nenhum outro vestigio. E, quando até os deuses passam, o poder da arte é tão grande, que os bons versos duram mais do que elles:

Tout passe. — L'art robuste  
seul a l'éternité,  
le buste  
survit à la cité.

Et la médaille austère  
que trouve un laboureur  
sous terre  
revèle un empereur.

Les dieux eux-même meurent,  
mais les vers souverains  
demeurent  
plus forts que les airaïas.

Outro assumpto que seduz Amadeu Amaral é a tristeza das arvores, arrancadas ao seu meio. Nas *Espumas* é o cedro expatriado, que fala. Elle desejou sahir de entre as outras arvores que o cercavam e, quando o seu desejo foi satisfeito, arrependeu-se de o haver formulado. Nas *Urzes*, publicadas ha perto de vinte annos, já Amadeu Amaral lamentava uma velha arvore, essa, porém, desterrada para a poeira das cidades:

Quando te vejo, amiga, balançando  
no ar impuro e bulhante da cidade  
a velha fronde empoeirada; quando  
te considero o triste aspecto, invade

toda minh'alma, repentinamente,  
um scismar melancolico, profundo.  
E' que eu sou, como tú, triste e doente,  
e abandonado, como tú, no mundo.

N'uma nota final, das *Espumas*, o autor, para evitar as accusações de plagio, lembra o verso de Ros-tand:

Les meilleurs vers sont ceux qu'on ne finit jamais...

e explica que o seu:

E a obra viva e perfeita é a que não foi concluída...

embora se assemelhe ao do poeta francez, foi composto sem sciencia delle.

A verdade, porém, é que a idéa de ambos figura no numero das que cahiram no patrimonio geral da poesia.

Não têm faltado poetas e prosadores para exprimirem que os melhores versos são os que não chegam a ser escriptos. Pensam-se, esbóçam-se na imaginação; mas não se terminam. O proprio autor das *Espumas* traduziu nas *Urzes* uma poesia de Stechetti,

muito anterior á de Rostand, em que o poeta italiano falava nos cantos que pensou, mas que não escreveu:

i canti che pensai ma che non scrissi,  
le parole d'amor, che non ti dissi.

E Haraucourt já tinha tambem traduzido a mesma idéa:

Les plus beaux vers sont ceux qu'on n'écrira  
[jamais...]

Assim, pois, Amadeu Amaral não precisava defender-se. O que ha no seu verso de menos bom é o excesso de palavras.

Em mais de um ponto, aliás, se nota esse seu desejo de metter em um só verso um numero extraordinario de palavras. O verso parece, desse modo, um embrulho muito apertado, muito cheio de cousas e de que o barbante que o ata está quasi a rebentar.

- E a obra viva e perfeita é a que não foi concluída

são doze palavras e dezenove syllabas grammaticaes, para formar doze syllabas métricas. E' excessivo. O mesmo succede tambem nestes:

«Como ha-de a onda parar, para que brilhe a espuma?»  
«E a vasa densa e vil que a onda refluindo larga.  
«Com o alto fuste do caule e o capitel das palmas.»

O autor quer que se faça uma unica syllaba métrica das tres primeiras syllabas grammaticaes das expressões «*E a obra...*», «*de a onda*» e «*que a onda*». Quem leia correctamente, articulando bem, nunca chegará a esse resultado.

Versos assim lembram o exemplo classico daquelle celebre alexandrino francez, em que um sino — naturalmente de *bronze*, para rimar com *onze* — dava horas. E alguém ia contando os sons:

Un, deux, trois, quatre, cinq, six, sept, huit,  
[neuf, dix, onze...]

Esse verso, que parece infinito, tem exactamente as doze syllabas de todo alexandrino que se preza. Mas como é longo!

Mostrando-se em todo um livro de poesias, apenas quatro versos desse genero, claramente se deixa vêr que o systema não é habitual no autor das *Espumas*.

O que ha nelle a citar com frequencia são os versos bons, os bons pensamentos. O soneto *A delicia da vida* termina de um modo que faria prazer áquelle suave, mas amarissimo pessimista que foi Machado de Assis:

E perguntas ancioso: «Onde a calma e o remedio?  
Como me hei de livrar deste perpetuo tedio,  
deste cansaço atroz, desta magua incontida?»

— Faze soffrer alguém! Verás como te acalmas...  
Conhece a arte subtil de envenenar as almas,  
e então fruirás, contente, a delicia da vida...

*A Estatua e a Rosa*, *A um poeta improductivo* e muitas outras são poesias bellissimas.

Na poesia *O Arroio* elle exalta a belleza dos que se sacrificam por um ideal sem esperar, entretanto, premio algum:

«Lá vai o arroio claro a fugir entre lagôas,  
entre rendas subtis de avencas e de lestres,  
aqui beijando, a rir, tufos de saxifrageas,  
alli roçando a flôr das roseiras sylvestres.

Lá se vai. Nada o prende a tão risonha estancia.  
Dil-o-eis satisfeito; insatisfeito salta...  
Em vão lhe verte a flôr os filtros da fragrancia,  
em vão a herva sedosa a riba em flôr lhe esmalta.

Em vão bailam-lhe em cima, a namorar-lhe as perolas,  
borboletas de sêda e de velludo e prata.  
Tentam debalde enfeitiçal-o as auras quérulas,  
os insectos de fogo e os passaros da matta.

Em vão lhe acena, anciosa, a palma sobre o estipite...  
Tudo embalde lhe está em derredor tramando  
teias de tentações e de afagos! Precipite,  
para tudo se ri, mas lá se vai, cantando.

A uma rosa, talvez por mais bella e mais humida, —  
que o exorava, movendo acima da agua o calix,  
respondeu, a soerguer-lhe uma caricia timida:  
— Exala o teu perfume. E' forçoso que o exales.

Balouça no ermo o alvor da corola de nevoa!  
pois esse é teu destino. A mim cabe outra sorte:  
quer a minha que eu fuja e que não pare: e eu levo-a,  
sem relutar, commigo; é mistér que a supporte.

Parar seria, oh flôr, viver no lôdo flácido,  
e onde ostentas o olôr e a alvura da epiderme,  
gerar trahições lethaes sob um repouso placido,  
e conviver com o sapo e alimentar o verme.

— E que vaes tú achar além, tão longe, arroio,  
senão a resistencia immota das pedreiras,  
a vertigem brutal das quédas sem apoio,  
a oppressão dos canaes e o estouro das cachoeiras?

Por isto vaes trocar esta paragem florea...  
— Quando se acceita, sabe-o, é menor a desgraça.  
Menor, quando se busca. E é goso e intima gloria,  
si se vence, e depois, sem parar, se ultrapassa!

Hei-de seguir, crescer. Minhas rasteiras aguas  
serão aguas caudaes em cachões e remoinhos.  
— Serão dôres mortaes tuas pequenas maguas...  
— Mas não me hão de impedir que rasgue o meu  
[caminho!

Hei de abril-o a cantar. Fraguado e precipicio  
ver-me-hão sempre avultar, ao sol, de embate a em-  
[bate..

— Porque tanta fadiga e tanto sacrificio?  
— Para surgir mais forte após cada combate.

Hei de inundar, enorme, o amplo vale, a planicie...  
— Levarás o baldão das quilhas e dos mastros.  
— Quando os astros, no céu, vierem á superficie,  
dormirei, a sonhar, todo conlhado de astros...

— E que te espera além? O mar, o olvido...—Teme-o quem não sabe, como eu, desafiar a treva,  
— E por nada, afinal, te cansas!— Qualquer premio macularia o alvor do sonho que me leva...

Esse ponto de vista domina toda a inspiração de Amadeu Amaral, a inspiração, que é alta, pura e nobre, sem expansões muito intimas. Sente-se em toda ella uma elevada concepção de existencia humana, como um posto de batalha — de batalha, sobretudo, pelo que é bello.

E' essa norma de vida que elle fórmula nestes dois versos impêriosos:

Basta crêr na Belleza. Ama-a no Cosmos, fóra de ti; ama-a em ti mesmo. E' a suprema pesquiza.

E aos que hesitam na lucta, porque lhes falta uma certeza sobre o destino humano, elle sacóde com este conselho heroico:

E que importa, afinal! Affronta essa incerteza, affronta a escuridão glorificando a Vida no minuto de luz, que arde, ás vezes, num gesto!

E como um appello vibrante de clarim, soando uma carga, elle clama:

Viver é desejar! Tú vales pelo que ousas!

Os moços que se mostram desanimados e tristes, o irritam:

Só vós, moços, choraes a Vida que alvorece!  
Só vós pedis á vida o que ella dar não póde,  
e só vós recusaes os bens que ella offerce!

Esses moços, Amadeu Amaral faz mal em tomal-os a sério. Devia antes pensar num dos Sonetos da Decrepitude, que Camillo Castello Branco principiava dizendo.

Quando eu tinha vinte annos saluberrimos,  
andava sempre a declarar ao mundo  
que tinha cans e um dissabôr profundo,  
e dentro d'alma uns espinhaes aspérrimos.

Mas isso foi apenas uma phase rapida:

Que tempo! que saudades! que tolice!  
Ora, hoje que eu me sinto quebrantado  
sob o peso da tremula velhice.

não digo que estou velho nem cansado;  
e não gosto, si sei que o leitor disse  
que o meu bigode já reluz pintado.

Por essa evolução hão de passar os moços contra  
os quaes Amadeu Amaral se levanta, rispido e severo.

Elle não é, porém, um apologista frenetico e  
inconsiderado de acção a todo transe. A's vezes, a  
resistencia, que parece uma inercia, é uma victoria. E  
a alguém que prégava a violencia elle diz:

O mar junto de nós a eterna dôr bramia,  
dôr sem compensação dos anceios sem sorte.

E eu, sem mais nada oppôr á tua audaz vehemencia,  
um rochedo mostrei-te á flôr d'agua... Dir-se-ia  
morto: vive, ousa e lucta. A agua embate-o: elle  
[vence-a.

*Espumas* é mais uma consagração triumphal do  
poeta excellenté que as *Urzes* nos prometteram. Pro-  
metteram e cumpriram.

E são tantas as promessas que não se cumprem!

---



# ESPUMAS

AMADEU AMARAL

Pag. 27

## A Palmeira e o ralo

A. Alberto de Oliveira

A Palmeira, entre a plebe hirsuta dos arbustos,  
das arvores anãs, moitas de um verde baço,  
asperos taquaraes que o vento encurva e anima,  
lá está, calma e feliz, sem temores nem sustos,  
—um só traço direito a fender o alto espaço,  
com um largo leque aberto a balançar-se em cima.

Da planura, em redor, vê-se-lhe o vulto esguio  
sobre a crespa colina, unico descoberto,  
remirando-se airoso em solidão tamanha.  
Abrindo o seio azul, em baixo, espelha-o o rio.  
Voam-lhe á volta, em ronda, as aves do deserto.  
E debruça-se além, contemplando-o, a montanha.

Só ella põe no horror do quadro, — hispídos montes,  
agrestes barrocaes, plainos áridos, vale  
sombrio, matto ralo e poento, — só ella  
põe no bocejo atroz que enche estes horizontes  
o encanto de um sorriso, um sorriso que vale  
por tudo, e a graça real de uma ondulantc umbella.

Quando a manhã reponta, á aura leve, que adeja  
em torno, o sol disputa a gloria de beijal-a.  
Sobre a névoa do vale, onde a agua dorme occulta,  
sobre os moitães que a sombra ainda empasta e  
[negreja,  
ella só se desvenda, e incrusta em fluida opala  
o verde capitel que o isolamento avulta.

Quando o dia esmorece e o occaso se esbrazeia  
e uma cinza azul-negra enche as quebradas calmas,  
sobre o outeiro o perfil, tinto de sol, se enxerga,  
solitario na turba immensa que o rodeia,  
erguendo para o céu, no doce arfar das palmas,  
o anceo ascencional de uma fé que não verga.

Um dia, o sol queimava, em torrentes de chamma,  
Tudo prostrado. O rio é uma placa de chumbo:  
sem um frémito de ar na agua pregada á borda.  
Como vasada em bronze, immota a curva rama,  
a Palmeira morreu, talvez... Mas um retumbo.  
subito, estruge ao longe e o écho pesado acorda.

Uma nuvem se arranca, além, á serra; assoma  
e engrossa. O azul do céu, metallico, se turva,  
um vento brusco açoita o mattagal, bulhento.  
O caule da Palmeira, emfim, se abala; a coma  
dansa e zune, e, a oscillar, traça tão larga curva  
que parece fugir, livre e jovial, com o vento.

Estala um raio. A escuridão cresce. A tormenta!  
Outro raio, a raivar, percute o cerro bronco,  
retalhando-o talvez com o inflammado cutello.  
Outro mais. Outro ainda... Este, agora, rebenta  
sobre o leque esvoaçante, e fere e lasca o tronco  
da Palmeira gentil. Dobra-se o amplo flabello.

Então resôa a voz da alta Palmeira:

— Basta

Acertaste, afinal, raio ardente. Inimigo,  
a haste encontras, emfim, tantas vezes buscada  
em vão. Achas, emfim, a fronte erguida e casta  
que jámais se curvou, que se enfrentou comtgo  
cem vezes, sem terror. E venceste. Obrigada..

E' uma gloria morrer na tormenta desfeita,  
sob o vento, o granizo e o trovão; morrer quando  
sobre mim se despenha o universal assalto;  
resistir a cantar, sustentar-me direita,  
na divina embriaguez do perigo, e, cantando,  
cahir varada assim de um golpe que vem do alto.

E's o inimigo audaz e recto. Desconheces  
o gelado rancor que teme a lucta e o risco,  
o odio vil que sorri, e sorrindo assassina.  
Desconheces a baba e a peçonha, os refeces  
ardis, o aculeo surdo, o olhar do basilisco..  
Tens o orgulho que explode e a raiva que fulmina.

Tú me viste aqui erecta, a rir á luz ridente,  
dominando a soidão com a graça do meu vulto,  
com o som do meu cantar, com a altivez do meu porte.  
Por eu ser assim grande, e por te olhar de frente,  
quizeste-me prostrar. E poupaste-me o insulto  
da tua compaixão desdenhosa de forte.

Vieste, de frente e de alto, e rábido cahiste  
cem vezes sobre mim. E cem vezes erraste  
os golpes. E tambem cem vezes subilante,  
o meu riso resoou no espaço escuro e triste.  
Mas agora venceste. Eis rôta a umbella; eis a haste,  
sempre de pé, mas rôta. Eis-te, emfim, triumphante.

Obrigada... O teu odio audaz foi força minha.  
Certa da ameaça leal e do assalto galhardo,  
vivi no sentimento heroico do meu termo.  
Armaste-me guerreira. Ungiste-me rainha.  
Desprezei o que é torpe—o plangente moscardo,  
a lesma fria, o cipó frouxo, o sapo enfermo.

Que seria de mim sem o teu odio franco?  
Teria que empregar minha coléra Augusta  
contra o insecto roaz, contra o batrácio, contra  
os parasitas vis; e olharia o barranco,  
em vez de olhar o céu, e a restinga combusta,  
em vez da serra azul que, além, com o céu se en-  
[ contra.

E teria o inimigo atroz que irrita e enoja,  
o que coaxa, o que trilla, o que zumba ou cicia.  
E a lenta podridão... »

Emudece a Palmeira.

O vento, uivando, avança, e estorce, e envolve, e arroja  
a fronde que, a morrer, ainda o desafia...

—O Raio estronda, além, rasgando a cordilheira.

---



# ESPUMAS

AMADEU AMARAL

Pag. 65

## **Jardim Fechado**

Ouve: o affecto melhor não é como a áurea mésse  
que abre ao passante um seio amplo e desimpedido.  
Não é um fructo qualquer, mal amadurecido,  
que se colhe e se guarda a ver se amadurece.

Muita vez o mais alto é o que não se offerece,  
e, desejando, espera, e foge, se é seguido...  
Nunca te perdoarei não teres compreendido  
o coração que se calou, mas não se esquece.

Tiveste-o a palpitar longamente a teu lado.  
E elle embalde esperou, com um sorriso entre dôres  
como um jacto de sol num arvoredo escuro.

E não quizeste abrir esse jardim fechado!  
E passaste, a colher, de pressa, as pobres flores  
que ao alcance da mão pendiam sobre o muro...

---



## GONÇALVES MAIA — Theoria e pratica das procurações

O livro do Dr. Gonçalves Maia — *Theoria e pratica das procurações* — está recommendado por tão altas autoridades, que basta cital-as para dizer o valor da obra. Ruy Barbosa tem o cuidado de accentuar que esse livro «*não se confunde com as compilações a que a nossa litteratura juridica em grande parte se reduz*»; Clovis Bevilacqua louva-lhe o «*methodo*», a «*clareza de phrase*», a «*segurança do ensinamento*»; o Dr. Carvalho de Mendonça diz, depois de longa justificação do seu juizo, que a monographia do Dr. Gonçalves Maia «*é realmente magnifica.*»

Não são pequenos elogios. E' inutil accrescentar — attendendo aos nomes dos que os firmam — que elles são perfeitamente justos.

O livro do Dr. Gonçalves Maia não é um formulario, nem nada que com isso se pareça.

Tomando toda a parte do Codigo Civil que se refere ao mandato, elle lhe commenta as diversas disposições. O commentario poderia ser feito artigo por artigo. Para o estudo theorico isso seria talvez mais indicado. O autor quiz, porém, fazer obra ão mesmo tempo theorica e pratica. Por isso, examinou todas as hypotheses em que as procurações pódem ser necessarias e a cada uma dessas hypotheses consagrou um capitulo. Nelle estudou o que os textos e praxes anteriores dispunham e o que o novo Codigo Civil alterou, tanto em uns como nas outras.

Ha commentadores cuja erudição é excessiva e inopportuna. Os commentarios do Dr. Gonçalves Maia

não soffrem desse exhibicionismo. Dizem tudo o que é preciso; mas só o que é preciso. E é isso que faz com que a *Theoria e Pratica das Procuções* seja realmente uma obra indispensavel a quantos lidam no fôro.

---

## JOÃO LUIZ ALVES — “Codigo Civil Brazileiro Annotado”

O Codigo Civil, annotado pelo Dr. João Luiz Alves, é o primeiro grande trabalho completo deste genero até agora apparecido. O do Dr. Clovis Bevilacqua está ainda no seu primeiro volume e á obra em vinte volumes editada pela casa Jacintho dos Santos e dirigida pelo Dr. Paulo de Lacerda, falta ainda muito para a conclusão.

O livro do Dr. João Luiz Alves, mais resumido que qualquer dos acima referidos, segue um plano muito pratico e dá tudo quanto é necessario. Após o texto de cada artigo, ha o primitivo projecto do Dr. Clovis Bevilacqua e o que resultou das deliberações da Camara. Assim, da comparação entre o texto proposto e as suas successivas transformações, primeiro na Camara e depois na ultima deliberação do Congresso, é, em geral, facil concluir a tendencia que predominou. Muitas questões de interpretação se devem esclarecer só com esse confronto.

O annotador dá então a indicação dos textos de direito comparado. Nunca a erudição juridica esteve como agora tão ao alcance de toda a gente. Basta folhear os livros do Dr. João Luiz e do Dr. Clovis Bevilacqua para, em poucos minutos, qualquer pessoa ficar habilitada a accumular citações de todos os codigos estrangeiros... E, esse é para muita gente o unico ideal.

O Dr. João Luiz faz, por fim, um resumido commentario de cada artigo, assinalando as modificações entre o direito antigo e o moderno.

A sua obra é, portanto, um livro de consulta verdadeiramente indispensável a quantos labutam no fôro.

Os commentarios do senador João Luiz são, em geral, si assim se pôde dizer, optimistas: elle está de accôrdo com quasi todas as modificações introduzidas no nosso direito e mesmo com as transformações soffridas pelo Codigo, êntre o projecto primitivo e a redacção final. Talvez nem sempre tenha razão.

Assim, por exemplo, elle assignala como uma simples differença de redacção, no sentido de maior clareza e elegancia, o que se passou com o art. 240. O projecto Bevilacqua dizia:

« Pelo casamento torna-se a mulher companheira e socia de seu marido, cuja posição social compartilha e *de cujo nome tem o direito de usar.* »

Ficava, portanto, dito que a mulher tinha o direito de usar o nome do marido. Direito e não obrigação. Ora, o texto, que afinal se approvou, foi o seguinte:

« A mulher assume pelo casamento, com os appellidos do marido, a condição de sua companheira, consorte e auxiliar nos encargos da familia. »

Parece, por essa detestavel redacção, que o uso dos appellidos do marido é obrigatorio, e que só graças a elle a esposa assume os deveres enumerados no artigo. Não faltam, entretanto, casos em que não convém á mulher tomar os appellidos do marido. E' o que occorre quando a mulher já tem um nome feito ao casar-se. Para só citar um exemplo: Maria Amalia Vaz de Carvalho, casando-se com Gonçalves Crespo, nem por isso deixou de usar o seu antigo nome.

A redacção Bevilacqua era, portanto, muito melhor.

Mas isso não altera o merito do livro do Dr. João Luiz. Elle é o commentario, de quantos até agora se publicaram, ao mesmo tempo mais resumido e mais completo. Vae, de certo, tornar-se, convém repetir, o livro de consulta indispensavel a quantos precisam lidar com o novo Codigo Civil.

---



## Código Civil da Republica dos Estados Unidos do Brazil

I. -- Promessa feita ao povo brasileiro, ao proclamar-se a Independencia, como conseqüencia logico da nossa emancipação politica, a promulgação do Código Civil só quasi um seculo mais tarde veio a realizar-se.

Aspiração da consciencia juridica nacional, não se descurou o Imperio da necessidade de attendel-a, embora resultassem improficuos os esforços empregados.

Promulgado em 1830 o Código Criminal, monumento juridico que honra a Nação e os seus autores; promulgado em 1832 o Código do Processo Criminal; promulgado em 1850 o Código do Commercio que, para a época, era uma lei capaz de satisfazer ás necessidades das nossas relações commerciaes; expedido, em 25 de Novembro de 1850, o notavel Regulamento n. 737, verdadeiro Código do Processo Commercial, só o Direito Civil e, até bem pouco tempo, o respectivo Processo, chegaram até nós subordinados ás velhas *Ordenações do Reino*, do tempo de El-Rei D. Philippe I. (1595).

A *Consolidação das leis civis* (1858), que veio confirmar e pôr em fóco o genio juridico de Teixeira de Freitas, foi o primeiro passo para a codificação do Direito Civil Brasileiro.

II. -- Com effeito, com o immortal autor da *Consolidação* contractava, em 1859, o Governo Imperial a confecção do *Código Civil*.

Circumstancias varias, que não é necessario repetir, por muito conhecidas, impediram que o egregio jurisconsulto levasse a termo a gloriosa tarefa, não sendo a menor dellas a sua concepção da unificação do direito pri-

vado, idéa que haviá de fazer largo caminho na doutrina jurídica moderna.

III. — Succedeu-lhe no encargo o grande Nabuco (1872). Tambem elle, colhido pela morte, não pôde concluir a ardua missão.

Mostrava-se, comtudo, o Governo Imperial desejoso de cumprir a promessa da Carta Constitucional de 1824, só podendo ser levada á conta do regimen, pelas constantes mutações de governo, a falta de continuada persistencia no patriótico proposito, que afinal não conseguiu executar.

IV. — Assim, acolhia elle, em 1881, os *Apontamentos para o Codigo Civil Brasileiro*, apresentados pelo saudoso mineiro Dr. Joaquim Felicio dos Santos, nomeando para revel-os uma commissão composta dos seguintes juriconsultos: Lafayette Rodrigues Pereira, Francisco Justino Gonçalves de Andrade, Antonio Ferreira Vianna, Antonio Joaquim Ribas e Antonio Coelho Rodrigues.

Esta commissão julgou que os *Apontamentos* não podiam servir de base ao preparo do Codigo e nada mais fez.

V. — Felicio refundio o seu trabalho, que, em 1882, como *Projecto de Codigo Civil*, era submettido á deliberação da Camara dos Deputados, sem lograr andamento, até que, em 1889, nova commissão foi constituída com os Drs. Olegario H. de Aquino e Castro, Affonso A. Moreira Penna, Antonio Coelho Rodrigues, José da Silva Costa, M. P. de Souza Dantas e Barão de Sobral, para cuidar do momentoso assumpto.

Colhida em principio de seus trabalhos, pela proclamação da Republica, dissolveu-se esta Commissão.

VI. — O Governo Provisorio, porém, tomou a si o encargo de dotar o paiz com o almejado *Codigo Civil*. Logo no anno seguinte ao da implantação do novo regimen, contractava o Ministro da Justiça, Manoel Ferraz de Campos Salles, com o professor e juriconsulto Coelho Rodrigues, a confecção do re-

spectivo projecto (1890), desempenhando-se este da incumbencia em 1893, anno em que entregou ao Governo o seu trabalho.

As divergencias politicas, o dissidio parlamentar, as luctas de preferencias, entre esse e o projecto de Felicio dos Santos, fizeram com que o projecto Coelho Rodrigues, revelador do seu grande saber juridico, mas prolixo, por vezes obscuro, quasi sempre arraigado ao romanismo, e, por vezes, levando muito longe as innovações, não tivesse andamento por parte do Poder Legislativo e nem mesmo, como elle com razão se queixa, a acolhida do Poder Executivo.

Chegamos assim á primeira década republicana (1899), sem adiantarmos a obra legislativa da codificação civil.

VII. — Em principio de 1899, Campos Salles, já então Presidente da Republica, entregava ao eminente jurista, Dr. Clovis Bevilacqua, a incumbencia de organizar o projecto do nosso *Codigo Civil*.

Em Dezembro desse anno, já impresso, era o projecto distribuido a varios jurisconsultos, que vieram afinal a constituir a sua Commissão Revisora, com excepção de Ruy Barbosa, de Lafayette e de Duarte de Azevedo, que por motivos varios não acceitaram o encargo e de Coelho Rodrigues, então nomeado Prefeito do Districto Federal.

Ficou assim constituída a referida commissão: Olegario H. de Aquino e Castro, Joaquim da Costa Barradas, Amphiphio de Carvalho. Lacerda de Almeida e Bulhões Carvalho.

Sob a presidencia do Ministro da Justiça, Dr. Epitacio Pessoa, procedeu a Commissão á revisão do projecto Clovis, em 51 sessões, que começaram em 29 de Março e terminaram em 6 de Agosto de 1900.

Em seguida, em uma outra série de reuniões, ouviram o autor do projecto sobre a revisão feita, celebrando 11 sessões, de 9 de Agosto a 14 de Setembro do mesmo anno,

votando a redacção do Projecto Revisto nos dias 2) de Outubro, 1 e 2 de Novembro. Os seus trabalhos estão publicados em volume (edição official — 1901).

VIII. — A 17 de Novembro, o Presidente da Republica, em mensagem, submettia á approvação do Congresso Nacional o Projecto Revisto, acompanhado da Exposição de Motivos do illustre Ministro da Justiça.

Modificado, *ad hoc*, o Regimento Interno da Camara dos Deputados, foi alli constituida a Commissão Especial de 21 membros encarregada de estudar e emittir parecer sobre o projecto.

Ficou ella assim composta: J. J. Seabra, presidente, Sylvio Romero, relator geral, Arthur Lemos, Anisio de Abreu, Frederico Borges, A. Tavares de Lyra, Camillo de Hollanda, Teixeira de Sá, Araujo Góes, José Monjardim, Oliveira Figueiredo, Azevedo Marques, Alfredo Pinto, Alencar Guimarães, Sá Freire, Francisco Tolentino, Rivadavia Correia, Benedicto de Souza, Sá Peixoto, Luiz Domingues e Hermenegildo de Moraes.

IX. — Reunida pela primeira vez, em 27 de Julho de 1901, essa Commissão, a cujos trabalhos foram admittidos varios jurisconsultos, e a que foram enviados diversos pareceres, celebrou sessões até 4 de Janeiro de 1902, votando a redacção do projecto por ella emendado, em reuniões de 14, 15 e 18 do referido mez.

Com o respectivo parecer, foi o projecto apresentado á Camara dos Deputados, na sessão de 26 de Fevereiro de 1892, tendo sido installado, na vespera, o Congresso Nacional, em sessão extraordinaria, especialmente convocada para votar o Codigo Civil.

A 13 de Março começou o debate, que se encerrou a 21, tendo fallado poucos oradores e tendo a Camara homologado o trabalho de sua Commissão.

X. — Foi no seio desta, em verdade, que a elaboração parlamentar do projecto se ef-

fectuou e, sem fazer injustiças, pois foi elevada, util e patriótica, a colaboração que então teve a Comissão por parte de varios juriconsultos, pôde-se destacar a parte brilhante e efficiente, que, no debate e nas resoluções, tomou Andrade Figueira, defendendo e representando as tradições do nosso direito civil contra as tendencias innovadoras.

Foi do choque das duas correntes, já conciliadas no trabalho de Clovis Bevilacqua, a corrente conservadora e a reformista, que surgiu o *Codigo Civil Brasileiro* que, por isso mesmo, sem romper com os costumes, as tradições e os principios juridicos que o passado nos legára, attendeu aos reclamos do nosso progresso e da nossa evolução social.

---



## VICENTE DE CARVALHO — Poemas e canções

Quando se enumeram os grandes poetas que apareceram entre nós no ultimo quartel do seculo passado, cita-se Alberto de Oliveira, cita-se Raymundo Correia, cita-se Olavo Bilac. E' a trindade gloriosa. Justamente gloriosa.

No emtanto, ha nella uma injustiça. Por que não se aponta, poeta da mesma geração e de igual valor, Vicente de Carvalho?

A designação de «trindade» não se opporia á entrada de mais um nome, máu grado todos os protestos possiveis da mathematica. A Santissima Trindade catholica comporta, de facto, quatro membros, porque a Virgem Maria está tão intimamente associada aos outros tres, que é impossivel separal-a. E, si essa afirmação religiosa repugna a alguém, pôde lembrar-se que os famosos Tres Mosqueteiros de Alexandre Dumas eram quatro. Nada obsta, portanto, a que a trindade gloriosa da poesia contemporanea brasileira tenha mais um nome...

Sem duvida, a producção de Vicente de Carvalho não tem sido tão abundante como a de Alberto de Oliveira e de Olavo Bilac. Mas a questão não deve ser de quantidade. E, de mais a mais, mesmo pela quantidade, Vicente de Carvalho supera talvez Raymundo Correia.

O que causa o esquecimento habitual do grande poeta paulista é exactamente isso: ser paulista, ter vivido sempre fóra da antiga Côte.

E' certo que se fala de grandes poetas, cuja vida se escoou principalmente longe da capital: Gonçalves

Dias, Castro Alves e outros. Mas isso se passava num tempo em que o Maranhão, Recife, Bahia e mesmo S. Paulo eram brilhantes fócios intellectuaes. Depois, pouco a pouco, a centralisação se foi fazendo e a Capital acabou por ser a dispensadora unica das grandes famas litterarias.

D'ahi a profunda injustiça que tem pesado sobre Vicente de Carvalho.

Contra elle, ha ainda outra cousa: é que o publico não gosta das actividades muito dispersas. O publico prefere os especialistas. Alberto de Oliveira e Bilac estão nesse caso: são poetas poetantes, que se occupam quasi exclusivamente de poesias. Ou si não é, de todo assim, a verdade é que, fazendo embora outras cousas, só sollicitam do publico a sua attenção para aquella especie de actividade litteraria.

Vicente de Carvalho fez politica, pugnou por certas soluções economicas de problemas industriaes, escreveu sobre cousas juridicas... O publico se perde diante dessas manifestações de ordem diversa. E, como lhe falta tempo e competencia para fazer uma justa classificação dessas varias actividades, prefere deixar de lado a questão.

E' interessante notar que a psychologia moderna estabeleceu, de um modo positivo, que a invenção poetica é da mesma natureza da invenção scientifica ou industrial. Ribot, Paulhan e varios outros autores firmaram isso de um modo irrefutavel. Leonardo da Vinci pintor, poeta e inventor scientifico, é um typo normal. Normal é tambem um Goethe, exercendo todas essas fórmulas de alta cultura e deixando de sua passagem vestigios tão brilhantes nas sciencias phisicas e naturaes, como na poesia e no romance.

Vicente de Carvalho é um desses largos espiritos comprehensivos. E sua actividade tem tanto de vasta como de bem equilibrada. Ha na sua poesia todas as

notas, sem que nenhuma dellas seja nem falha, nem excessiva.

Como os grandes lyricos, elle canta os dois the-  
mas essenciaes da poesia: o amor e a natureza.

Um critico observou com razão que se nota uma profunda differença entre o amor que exalta Olavo Bilac e o que inspira Vicente de Carvalho. O primeiro é essencialmente sensual. O segundo é mais puro, mais idealista.

Não 'ha neste reparo indicação alguma de superioridade de qualquer das duas formas de inspiração. Ambas são igualmente legitimas. E afinal ambas são a mesma cousa: o amor muito puro é um amor que se engana a si mesmo ou que nos quer enganar...

Vicente de Carvalho é o primeiro a confessal-o neste admiravel soneto:

«Alma serena e casta, que eu persigo  
com o meu sonho de amor e de peccado,  
abençoado seja, abençoado  
o rigor que te salva e é meu castigo.

Assim desvies sempre do meu lado  
os teus olhos; nem ouças o que eu digo;  
e assim possa morrer, morrer commigo,  
este amor criminoso e condemnado.

Sé sempre pura! Eu com denodo engeito  
uma ventura obtida com teu damno,  
bem meu que de teus males fosse feito.»

Assim penso, assim quero, assm me engano...  
Como si não sentisse que em meu peito  
pulsa o covarde coração humano.

*Qui veut faire l'ange fait la bête* — disse Pascal.  
Mesmo os poetas, que escrevem versos mais cheios  
de um platonismo ideal, não deixam de notar essa  
contradição entre a sua intelligencia e os seus sen-

tidos. Elles sentem bem que, embora cantem purezas ideaes, o que desejam não é assim tão inteiramente puro...

Aluizio de Azevedo, que aliás bem poucos versos fez, deixou um soneto que, sob uma fôrma inteiramente diversa da de Vicente de Carvalho, exprime exactamente o mesmo sentimento:

Calcula, minha amiga, que tortura!  
Amo-te muito e muito, e, todavia,  
preferira morrer a vêr-te um dia  
merecer o labéo de esposa impura!

Que te não entorneça esta loucura;  
que te não mova nunca esta agonia.  
Que eu muito soffra porque és casta e pura,  
que, si o não fôras, quanto eu soffreria!

Ah! Quanto eu soffreria si alegrasses  
com teus beijos de amor, meus labios tristes,  
com teus beijos de amor, as minhas faces!

Persiste na moral em que persistes,  
Ah! Quanto eu soffreria se peccasses,  
mas quanto soffro mais porque resistes!

Nos dois casos, Aluizio e Vicente de Carvalho lutavam entre a admiração pela pureza da mulher amada e o desejo da posse. Haraucourt dizia:

Oh! sache résister lórsque je te supplie!  
Demeure austèrement sans oreille et sans yeux!  
Divinité, que j'ai si longtemps embellie,  
ne me dépeuple pas les cieux!

Mas esse é um outro sentimento, tambem cantado por muitos poetas. Elles sabem que, depois da posse, virá rapidamente a saciedade. Antes ainda de terem obtido o que tanto cubiçam, já preveem a tristeza do

**abandono, do enfartamento futuro. O que hoje lhes parece um ideal, amanhã lhes parecerá uma mácula:**

Não seres tú de marmore dourado,  
não seres tú de alabastrina cêra,  
que, ao vêr-te assim, contente, adormecera  
n'um extasi supremo arrebatado.

E sahir do teu seio o resplendor  
d'essas visões, do arabico propheta!...  
E eu a sentir o coração poeta!...  
e o meu corpo a sentir-se peccador!

E pensar eu que em dias de ventura  
te hei-de cobrir de beijos anhelantes  
e embalar-me na tua formosura...  
Antes tú fosses morta, minha amante!

**Destas tres quadras, sem grande valor, do velho poeta portuguez Souza Viterbo, a melhor confissão é a daquelle distico, que podia servir de epigraphe aos sonetos de Vicente de Carvalho e Aluizio de Azevedo:**

Eu a sentir o coração poeta,  
e o meu corpo a sentir-se peccador!

**Ha em certas composições de Vicente de Carvalho um meneio do verso absolutamente camoneano. No segundo soneto do volume, isso foi feito expressa e confessadamente:**

Eu cantarei de amor tão fortemente  
com tal celeuma e com tamanhos brados  
que afinal teus ouvidos, dominados,  
hão de á força escutar quanto eu sustente.

Quero que meu amor se te apresente  
— não andrajoso e mendigando agradados,  
mas tal como é: risonho e sem cuidados,  
muito de altivo, um tanto de insolente,

Nem elle mais a desejar se atreve  
do que merece: eu te amo, e o meu desejo  
apenas cobra um bem que se me deve.

Clamo, e não gemo; avanço, e não rastejo;  
e vou de olhos enxutos e alma leve  
á galharda conquista do teu beijo.

Mais adiante encontra-se, porém, outro, da mesma  
feição, onde o propósito talvez não tenha existido:

Não me culpes a mim de amar-vos tanto  
mas a vós mesma, e á vossa formosura:  
que, si vos aborrece, me tortura  
vêr-me captivo assim de vosso encanto.

Enfadaes-vos. Parece-vos que, enquanto  
meu amor se lastima, vos censura:  
mas, sendo vós commigo aspera e dura,  
que eu por mim brade aos céus não causa espanto.

Si me quereis diverso do que agora  
eu sou, mudae; mudae vós mesma, pois  
ido o rigor que em vosso peito mora,

a mudança será para nós dois:  
e então podereis vêr, minha senhora,  
que eu sou quem sou por serdes vós quem sois.

Os versos de amor de Vicente de Carvalho são  
todos nessa nota meiga, suave, delicada, tão sem vio-  
lencias como sem piegulces:

Vaes-te, a sorrir... Que mais queres?  
Fico, a lembrar... Que mais posso?  
Levas tudo que era nosso:  
tua mocidade em flôr...  
Pois que te vaes tão contente  
e me deixas tão sem nada,  
feliz de ti, minha amada!  
Coitado de nosso amor!

Mas tú, que partes sorrindo,  
talvez algum dia, quando  
voltares, voltes chorando  
tua mocidade em flôr...  
Que encontrarás, quando voltes?  
Talvez pouco... Talvez nada..  
Pobre de ti, minha amada!  
coitado de nosso amor!

Mas si Vicente de Carvalho tem a nota commo-vida, tambem tem a ironica. Mais de uma vez, elle lembra a inspiração de Henrique Heine, nos famosos numeros do *Intermezzo*. Inspiração de ironias e gra-cejos, alguns dos quaes bem amargos.

Na *Arte de Amar* o poeta dá, sorrindo, este con-selho:

Pois tua linda amante,  
finge que te ama — dá-te parabens,  
declara-te feliz, e sé galante:  
o seu amor que tú não tens  
que falta faz?

Melhor do que possuir o amor sempre exigente  
de uma mulher que, além de ser amada, é bella,  
mais vale á gente  
viver com ella  
em paz.

Engana-te ella e finge que és amado?  
Engana-a tú tambem  
fingindo-te enganado:  
vivendo assim perfeitamente bem  
os dois,  
poupar-te-ás a quanto, injusta ou justa,  
uma scena de ciume sempre custa  
depois...

Os conselhos desta ordem nunca são sinceros. Mes-mo os que parecem menos ciumentos sempre quere-riam saber a verdade verdadeira. Punge um espinho sob taes ironias:

«Seja fingido embora o teu agrado,  
agrada-me! Os teus modos infantis  
me dão a idéa de que sou amado.  
nascestes actriz... E's bôa actriz...  
Choras?... Isso me deixa consolado  
do que fui, do que fiz.

Só mesmo um amor bestialmente sensual, poderia escrever com sinceridade o verso de Maurice Boucher:

Et je bois comme un autre à la source d'amour.

Ha nas poesias de Vicente de Carvalho, numerosos exemplos dessas pequenas e harmoniosas fórmulas, nas quaes se condensam grandes pensamentos em poucas palavras:

Só a leve esperança, em toda a vida,  
disfarça a pena de viver, mais nada:  
nem é mais a existencia resumida,  
que uma grande esperança mallograda.

Sê resignada: a roseira  
que mais viça e mais prospera  
dá rosas na primavera  
e espinhos a vida inteira...

Vida, que és o dia de hoje,  
o bem que de ti se alcança  
ou passa porque nos foge,  
ou passa porque nos cança.

Ainda mesmo quando ocorre  
na vida dos mais felizes,  
o prazer floresce, e morre,  
a magua deita raizes.

Tem alicerces de areia  
o que constróes cada dia,  
vida que corres tão cheia  
para a morte tão vazia,

Haverá queixa mais justa  
que a do feliz que se queixa?  
Ai, o bem que menos custa  
custa a saudade que deixa,

Que é a morte, afinal, que tanto horror merece?  
— Mais um degrau da escada  
por onde eternamente a vida sobe e desce  
do nada para o nada...

E poder-se-ia fazer toda uma anthologia destas pequenas joias.

Vicente de Carvalho, como aliás Alberto, Raymundo e Bilac, atravessou o periodo, que se póde chamar

de demencia symbolista, sem soffrer o menor contágio desse mal. E de que o mal, foi forte se tem uma prova, pensando que elle chegou a atacar o extraordinario poeta portuguez Guerra Junqueiro.

Certa vez, Junqueiro affirmou que *Os simples* eram o seu volume predilecto. Isso fornece uma nova prova de que os paes preferem em geral o filho mais doente, mais fraco. Exactamente porque esse volume foi, de certo, o que lhe custou mais a fazer, Junqueiro guardou a impressão de que era o melhor. Mas a demonstração de que elle não foi sincero está nas suas produções posteriores.

De facto, *Os simples* representavam uma mudança completa da esthetica de Guerra Junqueiro. Si elle tivesse soffrido essa transformação profunda e visceral, não poderia voltar atraz, não poderia achár mais belleza na sua fórma antiga de poetar. E, no entanto, foi depois dos *Simples* que elle escreveu tantas outras poesias, no seu modo antigo. Escreveu entre muitas aquella obra prima da poesia portugueza, que é a *Oração á Luz*.

A robusta saude mental dos nossos grandes poetas escapou á molestia symbolista.

Vicente de Carvalho, quando canta a natureza, o que nella vê de mais bello é o mar. O mar constitue para elle uma obsessão. Apparece em breves allusões, aqui e alli, no meio de outras poesias, e é todo o assumpto de muitas dellas.

A primeira desse genero, no volume chama-se *Sugestões do Crepusculo*, longa poesia, que começa por esta quadra deliciosa:

Ao pôr do sol, pela tristeza  
da meia luz crepuscular,  
tem a toada de uma reza  
a voz do mar.

Mais adiante ha *No Mar Largo*:

De todo o céu luminoso  
sobre todo o escuro mar  
dece o alvor silencioso  
do luar...

E o mar, sob a triste alvura  
deste livido sudario,  
ermo e vago, se afigura  
mais vago, mais solitario...

A seguir ha *A Ternura do Mar*, onde ainda uma vez o poeta evoca a belleza das noites de luar no oceano:

Na quietação da noite apenas tumultua,  
quebrada de onda em onda, a voz brusca do mar,  
corta o silencio, agita o socego, fluctua  
e espalha-se ao luar..

Ha, enfim, no volume a poesia, que é uma das mais fortes de todo elle, intitulada *Palavras ao Mar*.

Si Banville soubesse portuguez e pudesse lêr as admiraveis estrophes desta ultima, verificaria o erro da sua theoria. De facto, o celebre poeta francez sustentou que a rima é a unica parte importante da poesia. E precisamente *As Palavras ao mar* são em versos brancos.

Banville dizia:

«a imaginação da Rima é, entre todas, a qualidade que constitue o poeta.» E mais adiante: «*não se ouve num verso sinão a palavra que está na rima e essa palavra é a unica que trabalha a produzir o effeito desejado pelo poeta. O papel das outras palavras contidas no verso, limita-se a não contrariar o effeito da que rima e a bem se harmonisar com ella, formando resonancias variadas entre si, mas da mesma côr geral.*»

Quem conhece, sobretudo, no portuguez e no italiano, tantas poesias sem rima e, apesar disso, admiraveis, verifica logo a falsidade da affirmação do autor das *Odes funambulescas*. As *Palavras ao Mar* não são em nada inferiores ao *Cantico do Calvario*, tambem em versos brancos, de Fagundes Varella.

Quando se estuda o que se pôde chamar a *psychologia profissional do poeta*, vê-se que a sua característica é a de pensar por phrases rithmadas. *Rithmadas* e não *rimadas*. O essencial na poesia é o rithmo, de que a rima constitue apenas um accessorio, um meio de accentuação, — util, mas dispensavel.

Todos nós pensamos por meio de palavras. Alguns as articulam, outros as ouvem, outros as vêem escriptas: são os typos motores, auditivos, visuaes. Em regra, porém, essas palavras obedecem apenas a um rithmo muito vago. Já se tem provado que mesmo os prosadores guardam na sua prosa uma certa cadencia, que, até certo ponto, se pôde exprimir em relações numericas. Mas essa cadencia não tem a fixidez do verso, cujo numero de syllabas é contado, cujos accentos tonicos são regularmente distribuidos.

A originalidade *psychologica* de quem faz versos está em pensar por meio de phrases com esse numero certo de syllabas e essa distribuição regular de accentos.

O problema *psychologico* da rima não deixa tambem de ser interessante: é um caso especial da associação de idéas por semelhança: *por semelhança das palavras que as traduzem*. Ha, no espirito do poeta que faz versos rimados, este problema a resolver: «*Dada uma idéa, que se exprime por certa palavra, associal-a a outras idéas, que se exprimam por palavras de som identico.*»

Ha nisso um facto incontestavelmente importante;

mas não chega a ser nem essencial, nem mesmo, como queria Banville, o característico supremo da poesia.

E' interessante notar que essa associação superficial, só pela identidade de sons, é uma forma muito primitiva. Tão primitiva, que, em numerosos casos de desagregação mental, apparece nitidamente. Lombroso, no seu *Homem de Genio*, dando, aliás, outra explicação do facto, mostra como é grande o numero de loucos, que se dedicam á poesia — entendendo-se por poesia o habito de formular o pensamento por phrases rimadas.

No seu bello livro sobre philologia comparada, Sayce mostra que a poesia primitiva era, sobretudo, feita de aliteraões. E Brunetière, num artigo, indica que a rima derivou da aliteração. Mas em litteratura alguma a rima foi o essencial da poesia. E Sayce, falando dos inglezes, escreve: «os nossos meliores poemas foram escriptos em versos brancos.»

Assim, a theoria absurda de Banville, supprimiria toda a poesia latina, — toda a antiga poesia italiana e germanica, a que Brunetière se refere, — todas as obras primas não rimadas de numerosas litteraturas.

Mas a mais triste demonstração de inandade dessa doutrina está em que o velho poeta, que publicou mais de vinte volumes admiravelmente rimados, morreu apenas ha 27 annos e é quasi como si nunca tivesse vivido... Está cahido no mais justo esquecimento.

A rima tem aliás muito maior importancia em francez do que no portuguez ou no italiano, linguas mais harmoniosas, onde ha menos abundancia de palavras agudas e existem as palavras exdruxulas, que o francez desconhece.

Como quer que seja, *As Palavras ao Mar* são uma das mais bellas poesias da lingua portugueza. Desde

a sua primeira estrophe ella se impõe pela força da  
inspiração:

Mar, bello mar selvagem  
das nossas praias solitarias! Tigre  
a que as brizas da terra o somno embalam,  
a que o vento do largo erriça o pêllo!  
Junto da espuma com que as praias bordas,

pelo marulho acalentada, á sombra  
das palmeiras que arfando se debruçam  
na beirada das ondas — a minha alma  
abriu-se para a vida como se abre  
a flôr da murta para o sol do estio.»

Um estudo completo de Vicente de Carvalho, com-  
portaria tambem o do seu talento de narrador. E disso  
haveria um documento extraordinario no poema *Fu-  
gindo ao captivoiro*. E' ahi que estão estes versos:

E mães, a agonizar de fome e de cansaço,  
levam com o coração mais do que com o braço,  
os filhos pequeninos.

Os *Poemas e Canções* fecham com o poema *Rosa,  
rosa de amor...* Por si só, elle bastaria para fazer a  
reputação de um poeta. De um grande poeta.

Vicente de Carvalho tem ássim todas as notas da  
poesia: a exaltação lyrica ao amor e á natureza: ao  
amor, sob uma tônna geralmente elevada e pura; á  
natureza, principalmente como cantor do mar; — tem  
a ironia e o humorismo; tem a sciencia da narração;  
maneja todos os metros e vae do verso rimado ao  
verso branco, sempre com a mesma perfeição, o mes-  
mo sereno equilibrio de um poeta absolutamente se-  
nhor da sua arte.

---



# Poemas e canções

VICENTE DE CARVALHO

Pag. 3

Bellas, airosas, pallidas, altivas,  
Como tu mesma, outras mulheres vejo,  
São rainhas, e segue-as num cortejo  
Estensa multidão de almas captivas.

Têm a alvura do marmore; lascivas  
Fórmas, os labios feitos para o beijo;  
E indifferente e desdenhozo as vejo  
Bellas, airosas, pallidas, altivas...

Porque? Porque lhes falta a todos ellas,  
Mesmo ás que são mais puras e mais bellas,  
Um detalhe subtil, um quasi nada:

Falta-lhes a paixão que em mim te exalta,  
E entre os encantos de que brilham, falta  
O vago encanto da mulher amada.

---



# Poemas e canções

VICENTE DE CARVALHO

Pag. 11

## Pequenino morto

Tange o sino, tange, numa voz de chôro,  
Numa voz de chôro... tão desconsolado...  
No caixão dourado, como em berço de ouro,  
Pequenino, levam-te dormindo... Acorda!  
Olha que te levam para o mesmo lado  
De onde o sino tangê numa voz de chôro.  
Pequenino acorda!

Como o somno apaga o teu olhar inerte  
Sob a luz da tarde tão macia e grata!  
Pequenino, é pena que não possas ver-te...  
Como vaes bonito, de vestido novo  
Todo azul celeste com debruns de prata!  
Pequenino, acorda! E gostarás de ver-te  
De vestido novo.

Como aquella imagem de Jesus, tão lindo,  
Que ate vai levado em cima dos andores,  
Sobre a frente loura um resplendor fulgindo,  
— Com a grimalda feita de botões de rosas  
Trases na cabeça um resplendor de flôres...  
Pequenino, acorda! E te acharás tão lindo  
Florecido em rosas!

Tange o sino, tange, numa voz de chôro,  
-Numa voz de chôro... tão desconsolado...  
No caixão dourado, como um berço de ouro,  
Pequenino levam-te dormindo... Acorda!  
Olha que te levam para o mesmo lado  
De onde o sino tange numa voz de chôro...  
Pequenino, acórda!

Que caminho triste e que viagem! Alas  
De cyprestes negros a gemer no vento;  
Tanta bocca aberta de famintas vallas  
A pedir que as fartem, a esperar que as encham...  
Pequenino acorda! Recupera o alento,  
Foge da cobiça dessas fundas vallas  
A pedir que as encham.

Vae chegando a hora, vae chegando a hora  
Em que a mãe ao seio chama o filho.. A espaços,  
Badalando, o sino diz adeus, e chora  
Na 'melancolia do cahir da noute;  
Por aqui só cruces com seus magros braços  
Que jámais se fecham, hirtos sempre... E' a hora  
Do cahir da noute...

Pela Ave-Maria, como procuravas  
Tua mãe... Num éco de sua voz piedosa,  
Que suaves cousas que tú murmuravas,  
De mãõsinhas postas, a rezar com ella..  
Pequenino, em casa, tua mãe saudosa  
Reza a sós... E' a hora quando a procuravas.,  
Vae rezar com ella!

E depois... teu quarto era tão lindo! Havia  
Na janella jarras onde abriam rosas;  
E no meio a cama, toda alvor, macia,  
De lenções de linho no colchão de pennas.  
Que acordar alegre nas manhãs cheirosas!  
Que dormir suave, pela noute fria,  
No colchão de pennas...

Tange o sino, tange, numa voz de choro,  
Numa voz de choro... tão desconsolado.:  
No caixão dourado, como em berço de ouro,  
Pequenino, levam-te dormindo.. Acorda!  
Olha que te levam para o mesmo lado  
De orde o sino tange numa voz de choro...  
Pequenino, acorda!

Porque estacam todos dessa cova á beira?  
Que é que diz o padre numa lingua estranha?  
Porque assim te entregam a essa mão grosseira  
Que te agarra e leva para a cova funda?  
Porque assim cada homem um punhado apanha  
De caliça e espalha-a, debruçado á beira.

Dessa cova funda?

Vaes ficar sósinho no caixão fechado..  
Não será bastante para que te guarde?  
Para que essa terra que jazia ao lado  
Pouco a pouco rola, vae desmoronando?  
Pequenino, acorda! — Pequenino!... E' tarde!...:  
Sobre ti cahe todo esse montão que ao lado

Vae desmoronando...

Eis fechada a cova. Lá ficaste... A enorme  
Noute sem aurora todo amortahou-te.  
Nem caminho deixam para quem lá dorme,  
Para quem lá fica e que não volta nunca...  
Tão sósinho sempre por tamanha noute!...  
Pequenino, dorme! Pequenino, dorme...

Nem acordes nunca!

---



## AFFONSO COSTA — “A Marinha Mercante”

O livro do Dr. Affonso Costa sobre a nossa Marinha Mercante, é uma exposição clara e concisa da nossa situação a tal respeito.

A génese deste volume é curiosa. Embora o autor não a refira, uma testemunha della póde contal-a.

Quando era presidente o Sr. Campos Salles, a bancada de Pernambuco na Camara declarou-se em opposição. Um dos mais velhos recursos de todas as opposições é o da obstrucção. Isso acontece no nosso, como em todos os parlamentos.

Ha varios processos para se chegar a tal resultado.

A's vezes, os congressistas procuram apenas tomar tempo e falam para não dizer nada. Esse é o verdadeiro «enchimento de linguixa», expressão corrente com que a nossa gyria parlamentar designa os discursos obstruccionistas.

Um dos grandes meios para tal processo é o das citações: o orador manda buscar um grande numero de volumes e cita, a torto e a direito, tudo o que lhe parece bem.

E' um processo mais ou menos ao alcance de toda a gente.

A proposito de um imposto de 15\$000 por cabeça de gado vaccum importado do estrangeiro, citaram-se na Camara, Homero e Virgilio, toda a historia antiga e moderna.

Ha, porém, o processo sério de obstrucção. Elle consiste em estudar as questões e discutil-as.

O Dr. Affonso Costa, que era deputado por Pernambuco, foi, como se diria administrativamente, «es-

calado» para discutir o orçamento da marinha. Percorreu para isso alguns livros, talvez com o simples intuito de apanhar-lhes uma certa technica, afim de poder simular que entendia realmente do assumpto. Mas o assumpto empolgou-o. Em vez de uma leitura superficial, acabou por fazer um estudo sério e profundo

Quando o relator do orçamento da marinha viu o Dr. Affonso Costa levantar-se para discuti-lo, veio apenas ouvi-lo, por cortezia, com o intuito de, passados alguns momentos, sair e não se incomodar mais com o orador, que talvez fosse o primeiro a não ligar apreço ao que dizia.

Aconteceu, porém, ao relator, o que succederia a um professor de esgrima que, pensando ir dar a primeira lição a uma pessoa absolutamente ignorante, se achasse frente a frente com um professor habilitadissimo, conhecedor de botes secretos.

E foi assim que o Dr. Affonso Costa começou a interessar-se pelos problemas maritimos.

Muitos annos já se passaram depois disso. Durante esse tempo, elle não fez sinão continuar a estudar aquelles problemas. E deste modo a exposição que agora publica é um trabalho sério.

Começa lembrando o que era a navegação nos primeiros tempos — os primeiros tempos para nós, que são os de D. Henrique, de Bartholomeu Dias, de Cabral.

São breves paginas de historia, que servem apenas de introdução.

Logo depois, o autor passa a estudar a importancia que teve a abertura dos nossos portos e, as primeiras providencias, que se tomaram para crear uma navegação de cabotagem.

Até 1863, pareceu bem que esta fosse um monopolio dos brazileiros. Veio, porém, nessa occasião uma

lei do orçamento e acabou com o privilegio de que gosava a cabotagem brasileira.

Os effeitos dessa nova orientação foram desastrosos. Tão desastrosos, que uma lei posterior procurou atenual-os. Não acabou com a liberdade ampla, mas resolveu dar certas vantagens aos navios nacionaes.

Conhecida, porém, a immensa superioridade da industria de construcções maritimas nas grandes nações da Europa, era de vêr que as vantagens asseguradas á cabotagem nacional não bastariam para permittir-lhe a lucta.

E foi assim até que a Constituição da Republica voltou a assegurar o monopolio á navegação de cabotagem brasileira.

— Houve nisso vantagem?

O Dr. Affonso Costa responde á pergunta com cifras decisivas. Elle mostra como a tonelagem das entradas e sahidas dos navios nacionaes foi rapidamente crescendo de 1901 a 1913.

Dando apenas o numero de milhões de toneladas das entradas em portos nacionaes, esse numero foi successivamente de 3, 4, 4, 4, 5, 5, 6, 6, 6, 7, 8, 9, 10...

Como se vê, a progressão ia subindo cada vez mais rapidamente, pois que, a partir de 1910, o augmento annual da tonelagem nunca foi inferior a um milhão.

A guerra perturbou essa marcha e nós descemos a 8.928.319. Mas já em 1915 se tinha passado a mais de 9 milhões e é provavel que retomemos as vantagens; perdidas e acceleremos o seu rithmo.

Tudo isso, entretanto, não satisfaz o Dr. Affonso Costa. De facto, a medida cónstitucional, por si só, desajudada, é inefficaz ou, pelo menos, insufficiente.

São as medidas complementares de que o Dr. Affonso Costa demonstra a necessidade e reclama a

decretação. A marinha mercante não é uma industria: é o ponto de convergencia de muitas industrias, de que a primeira depende.

Póde-se facilmente animar a navegação a vela, para a qual temos todo o material preciso. O Dr. Affonso Costa mostra que essa marinha não é uma cousa perdida e obsoleta, de que mais ninguem se occupa. Ao contrario, o autor faz vêr como é possível utilizar, tanto nos nossos rios, como mesmo nas nossas costas, os novos typos de navios a vela.

Mas a par delles é preciso pensar nos navios a vapor. E ahi o problema é complexo, porque se precisa pensar na industria do ferro e na do carvão.

Felizmente (que horrivel adverbio, neste caso!) a guerra actual nos forçou a cogitarmos nesses problemas.

O que acontecia entre nós, era este caso curioso: compravamos á Europa e aos Estados-Unidos machinas, que só podiam utilizar bem o carvão, produzido lá. A guerra nos forçou a vêr esse absurdo e a modificar aquellas machinas.

Por outro lado, a industria do ferro tomou um certo desenvolvimento, que, seguramente, continuará a crescer, mesmo quando a guerra cessar.

A par desse conjuncto de medidas industriaes para o desenvolvimento da marinha, ha as medidas fiscaes e até sanitarias, que precisam ser decretadas. E ha, emfim, o que é indispensavel em todas as profissões: a necessidade da preparação de pessoal habilitado.

Nesse particular, o Dr. Affonso Costa mostra a obra meritoria de dois homens: por um lado, Servulo Dourado, creando escolas apropriadas; por outro, o capitão Muller dos Reis, creando a reserva naval.

O livro do Dr. Affonso Costa é um estudo completo, conciso, preciso e claro. Sente-se o real conhecimento que o autor tem do assumpto, exactamente na

clareza e simplicidade còm que elle expõe todos os aspectos de um problema complicado, mas indispensavel para a grandeza do Brazil.

Valeu a pena que o ex-deputado por Pernambuco tivesse tido um dia a tarefa de fazer uma obstrucção parlamentar, de que resultou um conhecedor profundo de tudo quanto concerne á nossa marinha mercante.



# A Marinha Mercante

AFFONSO COSTA

Pag. 3

## **A navegação nos primeiros tempos**

Portugal, pela sua posição na península, apertado, como os phenicios, entre o mar e os limites da Hespanha, povoado por homens de animo forte e aventureiro, affeitos ao ruido das ondas a quebrarem-se, de encontro aos rochedos que bordam, aqui e alli, todo o seu littoral, era naturalmente convidado á vida maritima, ás aventuras e aos descobrimentos. A tomada de Ceuta, para cuja empresa concorreu numerozo contingente de náos valentemente tripuladas, accentuou bem essa tendencia, concebendo-se então o plano de procurar, além da méta a que se tinha chegado, novos e desconhecidos horisontes.

O infante D. Henrique, filho de D. João I, animado pelo anhelos ardente de dilatar as fronteiras do seu imperio, iniciou o movimento; a descoberta de um caminho novo para a India, afim de se libertar o commercio e a navegação portugueza dos riscos de uma travessia longinqua, dominava intensamente o espirito do soberano, e preocupava a attenção de todos os que se interessavam pela prosperidade da navegação. Emquanto se realisavam varias tentativas no sentido desse descobrimento, 'aspiração patriotica do rei e do povo, Christovão Colombo, apresentava uma nova traça, que os portuguezes não acceitaram, ou por falta de recursos promptos, no momento, ou por não se quererem affastar da idéa primitiva. Foi mais feliz a Hespanha, que, dando ouvidos ás solicitações do grande navegador, viu dilatarem-se os dominios do seu imperio e augmentado o mundo de uma consideravel porção de terras, até então desconhecidas.

Não arrefeceu, entretanto, o animo portuguez. Em 1487, Bartholomeu Dias, depois de tormentosa viagem e sacrificios inauditos, para sempre memorados na historia dos descobrimentos maritimos, encontrava o fim do continente africano, quasi perdendo a vida ao mesmo tempo que se perderia a noticia de tal commettimento, ao passar o cabo que denominou das Tormentas, nome posteriormente mudado por D. João II, em cabo da Boa Esperança, tão segura era, a esse tempo, no animo do monarcha, a convicção de se encontrar o tão sonhado caminho da India, prazzer que, todavia, não lhe foi dado lograr.

Em 1497, já no reinado de D. Manoel, que não se descuroou um só momento da velha e justa aspiração nacional, porque nisso se irmanava a vontade dos povos e o desejo do rei, e, pelo contrario, com mais interesse a animava, Vasco da Gama realisa longa viagem ao correr do continente africano, tornando mais precisos os esclarecimentos e factos notificados por Bartholomeu Dias, que nessa viagem o precedera dez annos.

D'ahi em diante, nem um momento se descuidou Portugal da senda dos descobrimentos e a 9 de Março de 1500, depois de receber as benções da igreja, as ordens do Throno e as acclamações do povo, parte de Belém, em uma segunda-feira, para proseguir na róta das aventuras maritimas, Pedro Alvares Cabral, levando o coração cheio de esperanças e a alma fortalecida pela crença viva que animava o rei e dominava a nação. A' frota que partia aos cuidados de um dos homens mais conceituados do reino e dentre todos julgado o mais capaz de tal empresa, rica de esperanças e bem provida de soldados, mercadorias e dinheiro, tinha a sorte reservado altos destinos: e, ao passo que a Vasco da Gama não fôra dada maior ventura do que lograra Bartholomeu Dias, ao almirante Cabral se concedia a gloria immortal do descobrimento do Brazil.

Passadas as Canarias e as ilhas de Cabo Verde, um mez precisamente depois, eram en-

contrados signaes bem promettedores da proximidade de terra; hervas marinhas apanhadas nas ondas revoltas e aves; que alongavam o vôo em direcções diversas, confirmaram essa esperança, de todo transformada em bellissima realidade, quando, ao largo, descortinaram, a principio, como pequeno ponto pardacento, depois nas suas linhas caracterisadas, um alto monte, ladeado de serras mais baixas que se estendiam ao sul; então a vegetação luxuriante dos tropicos, cheia da vida intensa destas regiões, offereceu áquelles olhos cubiçosos e admirados o espectáculo, a elles nunca proporcionado, de sua folhagem basta e verde, ensombradora e amena.

Não estava ainda cumprida, de todo, a missão patriotica de Cabral, nem satisfeitos, por completo, o seu genio emprehendedor e a sua justa ambição de gloria, renome e fama; a navegação foi continuada sempre para o norte, até que depararam a entrada de um magnifico porto, onde, com segurança e alegria, fundearam as náos da expedição, dando-se-lhe o nome de Porto-Seguro.

Ficava, assim, descoberta para os portuguezes a terra brazileira, coroado do mais extraordinario exito o aventureoso designio de animos tão fortes; transformada em realidade indestructivel a esperança de tantos annos da corôa portugueza, cujos dominios se dilatavam, deste modo, a um novo mundo, aberto á actividade de seus subditos e promettedor de incalculaveis thesouros. Tanto pôde um animo resolutu e uma tenacidade bem orientada!

Firmado o dominio dos portuguezes nas novas terras, por elles, com tanto sacrificio e constancia, descobertas, passou o Brasil até 1800, pela vicissitude de differentes e contradictorios systemas de colonização e governo. Brazil capitánias; Brazil colonia; Brazil dividido em dous governos e Brazil reino. Não vem ao nosso proposito noticiar a má orientação dos primitivos colonizadores da terra que hoje é nossa, nem demonstrar, seguindo os passos

dos que, com tanta pericia, desbravaram a senda da nossa historia, a série enorme de erros commettidos pela metropole contra a prosperidade da colonia, e o seu almejado progresso.

Em 1730, máu grado a pertinacia com que se sopitavam todas as aspirações, as mais justas, dos que talavam estas terras virgens, ainda os que levavam ao deserto os primeiros signaes da civilisação humana, já era relativamente grande a prosperidade do Brazil, embora pesasse sobre elle, embaraçando-lhe os passos, e matando-lhe os desejos, a mão de ferro da mais esmagadora tyrannia. Apesar de serem um pouco arriscados, e varias vezes bastante precarios, a navegação e o commercio maritimo se faziam, com frequencia, entre a metropole e a colonia; os navios portuguezes, que gosavam o privilegio dessa navegação, daqui sahiam carregados das especiarias da terra e de tudo quanto já produzia a sua industria, ainda atrasada, em geral, productos do sólo e da fauna.

Era a navegação e o commercio dos portos do Brazil entre si e destes com a metropole direito privativo da bandeira portugueza, da mesma fórmula que, pela letra clara das Ordenações, não se permittia aos navios estrangeiros commercio com Guiné e mares das Indias Orientaes, sem a licença expressa da côrte portugueza; não se consentia a venda de navios a estrangeiros, nem aos nacionaes era facultado servir nas frotas delles, sendo vedado ao portuguez, que tivesse abraçado a vida do mar, abandonar-a mais tarde, sob penas pesadissimas.

Durante a guerra hollandeza, que proporcionou a Pernambuco o ensejo de se escrever uma das mais bellas epopéas que encerram, e durante um longo periodo enchem, por completo, as paginas da patria historia, mais difficil se tornou a navegação entre o Brazil e Portugal; o commercio se fazia então por flotilhas que eram acompanhadas por vasos de guerra portuguezes. Em 1649, apertando as circumstancias, e tornando-se urgente acudir á colonia,

a que já iam faltando communicações por mar, foi organisada a Companhia Geral de Commercio do Brazil, com séde em Lisboa, a quem se concedia o privilegio dessa navegação, sob a condição de realisal-a do modo mais garantidor e seguro para o commercio da metropole e necessidades da colonia. O que foi essa companhia, os embaraços que creou ás praças brazileiras, provocando os mais sérios e justificados protestos, dizem os documentos daquelle tempo.

«No regimen colonial, o Brazil não estava em contacto com os povos civilisados; vegetava em longinquo e completo isolamento; não tinha a faculdade de permutar os productos de suas terras — fructos de seu trabalho — com os de outros paizes productores. Os productos agricolas, que sobejavam do consumo interno, eram directamente transportados á metropole, mercado obrigatorio, onde os consumidores do continente europeu iam compral-os.

Esse regimen de negra tyrannia servia tambem ao regimen politico da exclusão do estrangeiro, que os antigos monarchas não queriam vêr em seus dominios, receiando o funesto e perigoso contagio das idéas novas da Reforma, de Luthero, Calvino, J. Huss, Savonarola e outros heresiarchas. Era como que um cordão sanitario, que preservava o Reino dos perigos que conturbavam as sociedades.»

Apesar de tal systema e embora sob o peso de tão endurecido guante, era grande, no Brazil, o peador dos que habitavam as cidades maritimas, principalmente do norte, para a vida do mar, como se evidencia das chronicas do tempo e mais documentos historicos.

«No primeiro seculo do descobrimento — escreve o Dr. Elpidio de Mesquita, illustre deputado federal pela Bahia — já era grande o numero de embarcações existentes na Bahia e alli construidas, como se vê do seguinte trecho da *Noticia do Brazil*, escripta em 1589, por Ayres do Casal:

«Todas as vezes que cumprir ao serviço

de sua Alteza se ajuntarão aqui mil e quatrocentas embarcações, sendo: de quarenta e cinco para setenta palmos de quilha—cem embarcações, mui fortes, em cada uma das quaes se podem juntar dois falcões de prôa, e dois berços por banda; e de quarenta e quatro palmos de quilha até trinta e cinco se juntarão oitocentas embarcações, nas quaes póde jogar pelo menos um berço prôa; e se cumprir ajuntarem-se as mais pequenas embarcações ajuntar-se-hão trezentos barcos de trinta e quatro palmos de quilha para baixo, e mais de duzentas canôas e todas estas embarcações muito bem remadas. E são tantas as embarcações na Bahia, que não ha pessoa que não tenha o seu barco ou canôa pelo menos e não ha engenho que não tenha de quatro embarcações para cima ».

Não se modificou, com o correr dos tempos, essa tendencia, chegando a crear-se a marinha mercante brasileira, que foi relativamente prospera e numerosa, nos pontos mais populosos e commerciaes do paiz.

---

## ALVARO A. DA SILVEIRA — “Sciencia e Superstição”

O Sr. Alvaro da Silveira publicou em uma pequena brochura, a conferencia que pronunciou em Ouro-Preto, no dia 13 de Maio ultimo, e que se intitula *Sciencia e Superstição*.

E' uma conferencia interessante. Deve-se, entretanto, notar que o autor entende a palavra *superstição* de um modo muito amplo. Elle chega a confundil-a com a palavra *erro*. Todos os erros em que é possível acreditar, mesmo quando derivam de más observações scientificas, lhe parecem superstições.

Sem duvida, pôde-se alargar o termo até lá; mas é de um modo um pouco abusivo.

Entre as superstições apontadas na conferencia do Sr. Silveira estão a dos que creem em uma correlação estreita entre a existencia de florestas e a producção de chuvas, a dos que admittiam que aos doentes febris só se devia dar agua morna, a de que as rosas não se devem plantar em Julho, a de que a jaquiranaboia é um insecto venenosissimo e outras... Nesse numero elle vae até o ponto de incluir como exemplo de superstição o facto de um typo que, gabando-se de conhecer vinhos, ingeriu um preparado mercurial e declarou que era um vinho delicioso...

Esta ultima anectoda cabe evidentemente mal sob a designação da conferencia.

Em todo caso, ella deve ter feito passar aos seus ouvintes alguns minutos agradaveis, — minutos que, da mesma fórma, terão os que a lerem.



# Sciencia e Superstição

ALVARO A. DA SILVEIRA

Pag. 14.

Como crendice apavorante, podemos citar, além da mula sem cabeça e do lobishomem, que mettem medo ás creanças e ás pessoas pouco instruidas, tambem a jaquiranaboia, que aterrorisa a maior parte dos lettrados do nosso paiz.

Brincava, certo dia, em minha casa, um meu filho de quatro annos de idade com uma jaquiranaboia, quando um meu amigo, vendo aquelle famoso hemiptero a passear pelo bracinho nú e tenro do pequeno e não podendo conter o seu terror, chamou-me a attenção para o caso, pois julgava que era talvez devido a uma dessas inconsciencias das creanças o facto que elle acabava de presenciar.

Era talvez a Providencia que ainda estava velando pela sorte do menino, impedindo que o ferrão do decantado insecto injectasse naquelle corpinho o veneno mortal que em segundos extinguiria uma vida para mim preciosa.

A jaquiranaboia passeando sobre o braço de uma creança! Oh! Era um perigo que fazia horror e occasionava pasmo!

Aquelle insecto cuja fama como perigosissimo já se espalhára por toda a parte, só por uma nimia felicidade, só por verdadeiro milagre ainda deixava com vida aquelle que o trazia no braço debil.

A jaquiranaboia é realmente entre nós o espectro da Morte. Onde quer que o seu ferrão penetre, si fôr um corpo dotado de vida, esta desaparece immediatamente; seja animal ou vegetal, tudo se anniquilla sob a acção exterminante do seu veneno medonho. Arvores gigantescas que arrostam a furia dos vendavaes, das tempestades e do proprio Tempo, não resistem

á inoculação do liquido fabricado nos laboratorios do insecto mortifero; através do cerne rijo passa como um fluido electrico, a onda que destróe instantaneamente a vida de cada cellula; retorcem-se as folhas; inclinam-se para a terra os ramos novos; paralysa-se o movimento da seiva; desaparece a vida do colosso vegetal.

Do mesmo modo que a Morte, a jaquiranaboia é céga. Não distingue no seu ceifar de vidas, os entes que ella victima; a sua crueldade não obedece a uma escolha — é o resultado do acaso; bons ou máus, grandes e pequenos, ricos e pobres, sabios e ignorantes, opulentos e miseraveis, todos são apanhados indistinctamente pelo insecto que, em cegueira perigosa, vôa no meio dos vivos.

São os conceitos que todos nós desde creança, vemos emittidos a respeito da jaquiranaboia. E' um nome de terror que desde a meninice nos amedronta, e por isso, o meu amigo déra o signal de alarma para evitar o medonho desastre.

Expliquei-lhe entretanto, que aquella creatura de quatro annos nenhum perigo corria brincando com a jaquiranaboia. Este insecto nenhum mal occasionava, nenhum veneno tinha. O seu ferrão nada mais era do que a bocca que lhe servia para sugar o alimento; era uma tromba como a da cigarra e varios outros hemipteros. Havia tanto perigo em deixal-o passear sobre o braço, como em fazer a mesma cousa com uma borboleta.

Tomei em seguida a jaquiranaboia e, fazendo com que o seu ferrão tocasse a epiderme de minhas mãos, convenci o meu amigo da nenhuma malvadez do pobre animal. Era uma crendice como tantas outras que por ahi existiam.

Outra injuria que faziam ao inoffensivo insecto, era a de dizer-se que elle não enxergava. Cégos eram aquelles que, ignorantes ou medrosos, não viam os orgãos que a Natureza havia fornecido ao insecto para que este

pudesse perceber o meio em que vivia — e o meu amigo viu os olhos da jaquiranaboia.

Até nos diccionarios se encontram referencias sobre o poder mortifero da jaquiranaboia. Em Aulete, por exemplo, acha-se:

«Jaquiranaboia (ja-qui-ra-na-bó-ia) s. f. — (Zool. bras.) borboleta de aspecto feio, cuja picada dizem ser mortifera.»

O proprio nome scientifico da jaquiranaboia não escapou ao contagio da superstição — *Fulgora laternaria* — isto é, insecto que leva em sua frente uma lanterna cheia de luz — eis o nome dado por Linneu, á vista da crendice que ensinava ser a enorme cabeça desse hemiptero, á noite, uma verdadeira lanterna resplandescente.

Assim, até no nome dado pela sciencia, foi o pobre insecto perseguido pela superstição.

Mais rasoavel é o nome dado pelos selvagens do Brazil: jaquiranaboia, que significa — cigarra que parece cobra. A cabeça desse insecto, que é proximo parente da cigarra, tem, realmente, grande parecença com a de certas cobras.

Entre os indios corre a mesma crendice sobre a jaquiranaboia.

Conta o Sr. Paul Le Cointe (*La Nature* — 1905) que os indios do Amazonas quando ouvem, á tarde, proximo ao acampamento, o zumbir da jaquiranaboia, zumbir que é semelhante a uma miniatura de um apito prolongado de uma locomotiva, e que só áquella hora ella o produz, lançam depressa sobre um brazeiro alguns punhados de farinha de mandioca ou de folhas verdes, afim de affastar o animal «cujo thorax é armado de um dardo homicida.»

No Alto Beni, Bolivia, viu, porém, aquelle viajante, quando navegava o rio Mapiri, um indio apanhar uma jaquiranaboia cahida sobre a embarcação, e deixar sem receio algum, que passeiasse sobre o seu tronco nú.

A inoffensiva e pacata jaquiranaboia continuará entretanto, a amedrontar a humanidade. A sua tromba será para muitos o estylete mor-

tifero. Continuará a ser cega para os cégos supersticiosos. Será ainda o espectro da Morte para aquelles que se curvam submissos á lenda e á fabula sem a coragem de estudal-as com o auxilio da Razão e da Observação!

E são tão communs esses espectros que nos mettem medo, mas que no fundo, não passam de individuos completamente desarmados!

---

## LINDOLPHO XAVIER — “Oasis”

Lindolpho Xavier publicou em volume as suas poesias, a que deu o nome de *Oasis*.

E' um livro de versos simples, em que predomina uma nota de ingenuidade, realmente curiosa.

Esses versos nem sempre são muito correctos. Aqui estão, por exemplo, alguns como prova dessa afirmação:

«*Entre regatos mil, serpenteando entre os arminhos...*»  
«*Ou num idyllo feliz 'de Paulo e Virginia...*»

«*Hei de amal-a eternamente  
pôl-a num throno e num altar...*»  
«*Ouve-se um ruído de trote  
vão campuinhas tilintando...*»

Usa ainda, varias vezes, figuras poeticas, que suprimem letras, escrevendo *nayas* por *náyades* e *musclos* por *musculos*, quando hoje, sobre aquellas figuras, a unica regra accéitavel é a da arte poetica de Banville: «*Il n'y en a pas.*»

Uma palavra de que Lindolpho Xavier abusa extranhamente é a palavra *lá*:

Lá sobe galgando o outeiro...  
Que lá surgiu e passou...  
E alfim lá vem na batida da rez...  
Lá canta a jassanã, canta a jandaia...  
E os pensamentos bons lá se desprendem...  
Os rudes namorados que lá descem...  
Lá jaz a presa entre felinos dentes...  
Em que o céu lá na altura empallidece...  
Os campos ondulados lá se arqueiam...  
E o seu pallido albor lá se desmaia...  
Em que o céu lá no ocaso se incendeia...  
Lá vem lésto campeiro pela encosta...  
Lá segue a noite. O céu é mudo..

Lá sôa além n'algum tugurio...  
Lá rompe a viola terna...  
A lua lá vem surgindo...  
Lá deixa as mil odaliscas...  
E a tempestade lá rola...

E como estes cem outros... Vê-se que sempre que o autor precisa de uma syllaba para completar um verso, recorre ao *lá*.

Em certa poesia o autor nos diz:

A cigarra rilha e canta  
soltando da aurea garganta  
hymnos ao sol e ao calor...

Não é talvez máu lembrar que a cigarra canta por um organ, que fica do lado de fóra do seu ventre e não pela garganta...

Lindolpho Xavier tentou no seu livro varios generos de poesia. Aquelle, porém, onde elle se sente mais á vontade é na poesia sertaneja, poesia, ora de amor, simples e terna, ora descriptiva de scenas populares:

Não sei que extranha harmonia  
que expressão tão desusada  
essa que erra na toada,  
da viola do sertão.  
Quando á noite, alta e sombria,  
num retiro ermo e saudoso,  
ella chora em meio ao pouso,  
á beira de um ribeirão.

Não sei pintar a doçura,  
quando, pela noite fóra,  
a lyra das selvas chora,  
tangida por mão febril.  
E' um hymno de ternura  
que pelo ambiente se espalha,  
emquanto a brisa farfalha  
nas folhas do taquaril.

E' evidentemente em diversas composições deste genero que o autor está mais de accôrdo com o seu temperamento.

# OASIS

LINDOLPHO XAVIER

## Pelo sertão

Pag. 36

E' noite. A andar, vejo-me em céu  
No vasto e extenso chapadão,  
Sinto o deserto imenso e feio  
Pelo sertão...

Nos altos cerros sem conforto  
Campeia a voz da solidão.  
A plaga é um ermo, é tudo morto  
Pelo sertão...

Lá segue a noite. O céu é mudo,  
Reina completa escuridão.  
A treva imensa esconde tudo  
Pelo sertão...

A neve cá; tudo dormita  
Na longa paz da vastidão.  
No valle, além. nada se agita  
Pelo sertão...

Dorme a floresta, as folhas quietas,  
Não sopra mais a viração.  
Nem um revoar de azas inquietas  
Pelo sertão...

No céu de chumbo, alto e sombrio,  
Nem um ligeiro, almo clarão!  
Tudo cochilla e é tudo frio  
Pelo sertão...

Escuto agora! Eis me desperta  
Longinqua voz na escuridão!  
Attento, a ouvir, ponho-me alerta  
Pelo sertão...

Lá sôa além, n'algum tugurio  
uma saudosa, alma canção!  
Tudo se adoça, erra um murmurio  
Pelo sertão...

Chora a viola, amiga e terna,  
Por entre o val, na escuridão...  
Ha uma cantiga, e a voz se interna  
Pelo sertão...

A noite avança, etherea e calma...  
Tudo adormece; e a sós, então,  
Vago receio envolve-me a alma,  
Pelo sertão...

## PEREIRA DE CARVALHO—“Os membros da Academia em 1915”

*Os membros da Academia Brasileira em 1915* é, sobretudo, uma excellente selecta dos trechos mais característicos dos academicos brasileiros, que estavam de posse de suas cadeiras em 1915.

O autor fez acerca de cada um dos academicos uma curta apreciação, geralmente benevola. Dessa benevolencia só se afastou em dois casos.

Ha uma série de decisivas razões para que eu não tente apreciações sobre as apreciações do autor... Mas um elogio se lhe póde deixar aqui: é que elle soube escolher muito bem os trechos característicos de cada um.

João Ribeiro já fizera uma selecta idêntica: *Páginas Academicas*, editada pela Casa Garnier. O inconveniente dessa collectanea era a de ser em dois volumes. Demais, nos dez annos que já se passaram depois da sua publicação, a Academia renovou quasi metade dos seus membros.

Uma selecta bem feita é, por assim dizer, uma obra de critica tácita: mostra que o seleccionador sabe reconhecer onde está o que no autor é verdadeiramente representativo do seu talento.

Esse o grande merecimento do livro do Sr. Pereira de Carvalho. Quem o percorrer nelle achará algumas das melhores producções dos academicos de 1915.

---



# Os membros da Academia Brazileira em 1915

PEREIRA DE CARVALHO

Pag. XIX

A Academia Brazileira de Letras constitue uma aggremação de incontestavel preponderancia em nosso meio intellectual.

E' o producto do esforço abnegado de umas dezenas de vultos eminentes na nossa cultura litteraria, os quaes, attendendo ao convite de Lucio de Mendonça, se reuniram na redacção da «Revista Brazileira», dirigida por José Verissimo, e ahi, no mesmo logar em que a idéa da fundação de uma academia havia apparecido como simples iucidente das continuadas palestras d'esses intellectuaes, foram executados os trabalhos preparatorios de elaboração de *Estatutos e Regimento Interno*, tendo comparecido a essas reuniões os Snrs. Machado de Assis, aclamado presidente, Arthur Azevedo, Coelho Netto, Filinto de Almeida, Araripe Junior, Graça Aranha, Inglez de Souza, Guimarães Passos, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Luiz Murat, José do Patrocinio, Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque, Rodrigo Octavio, Pedro Rabello, Silva Ramos, Valentim Magalhães, Visconde de Taunay e Teixeira de Mello. Surgiu, porém, entre a descrença e a maledicencia da grande massa dos que eram ou se inculcavam factores da nossa vida mental, ferida pelo sorriso complacente da incredulidade ou pela risota escarninha dos incontentados de todo o tempo.

Insultos e apodos não lhe faltaram, dos que, sincera ou pedantescamente, lhe negavam qualquer influxo benefico ás lettras patrias, dos que prérgavam a impossibilidade de sua missão, não fugindo, nessa destruição quixotesca, de entrar pelo terreno pessoal, fazendo

cahir sobre os seus membros fundadores uma saraivada de motejos e ridiculos.

Ella, porém, proseguiu impassivel ás aggressões e ás satyras na rota que se traçara, e, vencendo a pouco e pouco, numa lucta titanica, a indifferença de alguns e a má vontade de muitos, tem conseguido firmar o seu prestigio na litteratura nacional, num crescendo de importancia e de respeito, attestados um e outro pelo interesse que acarreta a sua escolha á população culta, que, discutindo-a, analysando-a, criticando-a, em summa, por ella se apaixona, e pelo ardor com que ás suas vagas já hoje se apresentam espiritos brilhantes da velha e da nova geração, com empenho verdadeiro por fazer parte della, e alguns dos quaes opposicionistas de hontem. Verdade é que ainda, de quando em quando, apparecem, em jornaes diarios de preferencia, phrases menos respeitosas, conceitos menos justos, sobre o resultado favoravel á nossa cultura, provindo de sua criação, para o que, em geral, buscam attingir as individualidades que a compõem. Esse procedimento, todavia, parte, em regra, dos que se sentem impotentes para transpôr os humbraes do templo onde os louros da immortalidade lhes cingissem a fronte, desdenhando apenas porque o não pódem alcançar.

Alguns chegaram mesmo a pretender, *official ou particularmente*, a entrada no cenaculo, mas...

De bôa fé, entretanto, ninguem terá negado a influencia bemfazeja da elevada associação nos destinos contemporaneos da litteratura brazileira; quando ainda lhe faltassem titulos de iniciativa em pról do desenvolvimento intellectual, o que se não dá, aliás, haveria, comtudo, o facto, bastante significativo na sua repercussão pratica, de, interessando ás camadas cultas do paiz e constituindo o seu titulo honrosa apresentação no meio intellectual, estimular o estudo e o trabalho, e a consequente produção. Torna-se uma aspiração legitima e nobre para cuja realisação se é forçado ao abandono

da apathia mental que já nos ia avassallando com caracteres de molestia endemica. Demais, é absurdo pretender-se uma instituição no nascedouro realisar o seu *desideratum*. Essa impossibilidade já havia Joaquim Nabuco salientado no seu discurso de inauguração da Academia, dizendo: «As Academias, como tantas outras cousas, precisam de antiguidade. Uma academia nova é como uma religião sem mysterios; falta-lhe solemnidade. A nossa principal funcção não poderá ser preenchida senão muito tempo depois de nós, na terceira ou quarta dynastia dos nossos successores».

E, referindo-se a essa funcção, diz adiante: «Porque, senhores, qual é o principio vital litterario que precisamos crear por meio desta Academia, como se compõe a materia organica em laboratorios de chimica? E' a responsabilidade do escriptor, a consciencia dos seus deveres para com a intelligencia, o dever superior da perfeição, o desprezo da reputação pela obra. Acreditaes que um tal principio limite em nada a espontanéidade do genio? Não, o que faz é sómente impôr maiores obrigações ao talento. A responsabilidade não pôde ameaçar nenhuma independencia, coarctar nenhuma ousadia; é della, pelo contrario, que sahem todas as nobres audacias, todas as grandes rebeldias.»

E, terminando a sua bella peça oratoria, conceitúa: «A formação da Academia de Letras é a affirmação de que litteraria, como politicamente, somos uma nação que tem o seu destino, seu character distincto, e só pôde ser dirigida por si mesma, desenvolvendo sua originalidade com os seus recursos proprios, só querendo, só aspirando a gloria que possa vir de seu genio».

Tambem na mesma solemnidade disse Machado de Assis, abrindo a sessão:

«O vosso desejo é conservar, no meio da federação politica, a unidade litteraria. Tal obra exige, não só a comprehensão publica, mas ainda e principalmente a nossa constancia.»



## FERNANDO DE MAGALHÃES — Discursos

O Dr. Fernando de Magalhães reuniu em um bello volume uma grande parte dos seus discursos, proferidos entre 1901 e 1916.

Vale sempre a pena fazer notar aos autores o inconveniente de escolherem formatos fóra do commum para as suas producções. Sem duvida, o essencial é o conteúdo. Mas essa pequena questão de fórmula dos livros não deixa de ter uma certa importancia. Quem reúne o que escreveu em um livro, é porque deseja vêr os seus trabalhos conservados. Ora, a conservação de um volume que se presta mal á arrumação habitual nas bibliothecas, é mais difficil que a de uma obra com algum dos formatos habituaes.

Feito este reparo insignificante, póde-se dizer que o Dr. Fernando de Magalhães não deveria talvez ter publicado de novo alguns dos discursos que estão no seu livro. Não é que elles sejam máus. Não é mesmo que nenhum delles seja banal. E' que perderam toda opportunidade.

Assim, por exemplo, o autor teve várias vezes na Academia de Medicina, a incumbencia de receber alguns dos seus confrades. Tinha apenas que lhes dizer algumas palavras amáveis, de boas-vindas.

Sem duvida, elle as disse com elevação e gentileza. Não houve, porém, em nenhum desses casos, o estudo da obra scientifica de algum grande homem de sciencia e que, por isso, merecesse ser conservado.

Deixando, portanto, de lado esses discursinhos, sem muita importancia, que ainda assim revelam dotes de um bom orador, ha os grandes trabalhos do volume. E esses são magnificos.

Ha, por exemplo, a defesa do Dr. Gomes Netto no processo que lhe foi movido por crime de envenenamento. Essa defesa é um modelo, não só de sciencia, como de argumentação cerrada e logica, tomando um por um os argumentos da accusação e pulverisando-os definitivamente.

E' um discurso que faria honra ao mais habil dos advogados e ao mais sábio dos medicos.

O volume contém igualmente duas conferencias, uma intitulada «A defesa da Maternidade» e outra «O divorcio é contra a natureza».

Nesses dous casos, o elogio é só merecido pelo orador e não pelo pensador.

Seria facil replicar com argumentos que parecem infinitamente mais fortes ás duas theses do Dr. Fernando de Magalhães.

Por um lado, o maltuzianismo é a primeira, a mais util, a mais necessaria das propagandas. Evidentemente elle não deve ir aos extremos criminosos dos que defendem até o direito ao aborto! Mas a restricção da natalidade é um dever.

Basta pensar que a terra não é elastica. Forçosamente, um dia virá, si todos os homens se forem reproduzindo inconsideradamente, em que os alimentos não bastarão para a Humanidade. Que esse dia deva chegar d'aqui a cem annos ou d'aqui a cem seculos — pouco importa. Uma verdade adiada é, ainda assim, uma verdade. Si a Allemanha não tivesse uma população excessiva, contentar-se-ia com o seu territorio e não procuraria apossar-se dos alheios...

Na conferencia do Dr. Fernando de Magalhães não ha, porém, apenas, um ataque ao maltuzianismo. Ha tambem a suggestão eloquente de medidas em favor das mães pobres, das mães operárias. — E ahi as suas affirmações não pódem soffrer a menor restricção.

Não se precisaria também de muito saber para replicar á conferencia, em que o autor declara o divorcio «contra a natureza».

Nada existe que seja tão natural como o divorcio. Tão natural, tão justo, tão necessario, tão moral! A immoralidade é a prisão perpetua, a dous, quando todos os laços de affeição já desapareceram.

Mas exactamente na defesa das theses que menos merecem ser defendidas é que mais facilmente se revela a maestria de um orador consumado. Elle consegue dar apparencia de verdade ou a paradoxos ou a argumentos fragillimos.

E' o que acontece com o Dr. Fernando de Magalhães, que em todo o seu volume, quer nos trabalhos mais ligeiros, quer nos tres mais longos e profundos, se revela um verdadeiro mestre da Palavra.



## Discursos de Fernando de Magalhães

Pag. 138

Imprescindível e inadiável é a criação do serviço de Assistência á mulher-mãe, desde já representada pela construcção de maternidades em pontos diversos do Rio de Janeiro: o que aqui existe com tal nome é primitivo e defectivel, são casas ou salas onde as mulheres pódem dar á luz, longe porém, do apuro inherente á installação destes abrigos, pois a especialisação em materia de architectura hospitalar, mais se accentúa justamente na construcção de uma maternidade e não admite nem o aproveitamento de residencias familiares, embora nobres, nem a inclusão de taes serviços em um hospital geral.

A cidade de Buenos-Aires tem varias maternidades. O Rio de Janeiro coisa alguma possui que mereça tal designação. A Santa Casa de Misericordia procura presentemente, numa adaptação injustificavel, melhorar as suas installações; a Faculdade de Medicina mantém o regimen nosocomial de outr'ora; a Maternidade das Laranjeiras trata, em uma grande casa de familia, de receber mulheres gravidas que irão, ás dezenas, occupar aposentos destinados á dormida de quatro pessôas no maximo. Não ha refugio para as gravidas e o repouso, ante e «post-partum», é por tal fórmula esquecido, que um dos serviços nossos, dispondo apenas de dezoito leitos, teve num quinquennio, uma população de 4.726 doentes: feito o calculo, chega-se á conclusão de que cada doente teve, em média, apenas seis dias de hospitalisação!

Assim não é de extranhar que a puericultura tenha sido prejudicada, como se prova com dados estatisticos da these que o Dr. Cavalcante Mello escreveu em 1912, sobre os recém-nascidos no Rio de Janeiro. Esta monographia firma-se nos algarismos retirados dos archivos

das *tres maternidades* do Rio de Janeiro, sobre um total de 4.000 observações, e informa que o peso médio dos recém-nascidos no Rio de Janeiro é de 2.800 grs., quando a média de Hecker é a de 3.275 grs., a de Ismer 3.267; a de Herz, em Freiburg, 3.274; a de Furmann, em Boon, 3.360; a de Velarde, em Buenos-Aires (1905) de 3.440 grs.

Além das maternidades, tendo annexados os refugios proprios para receber gestantes antes do termo da gravidez, convém tratar da assistencia em domicilio, que tanto vale, com a disseminação das policlinicas, pelo conselho e pelas prescripções indispensaveis á evolução normal do cyclo gravidico, assim como pela regularidade do serviço obstetrico de urgencia.

O effeito do programma administrativo, far-se-á sentir, e muito, sobre a iniciativa particular que neste sentido tem sido poderosa em toda parte. Na França, o movimento é formidavel, os grandes estabelecimentos de commercio e de industria organisam um soccorro particular de extraordinarios effeitos. As associações privadas augmentam annualmente a esphera dos seus beneficios. Um exemplo bastará para attestar o esforço feliz da iniciativa publica. Em 1893, a municipalidade de Paris, inaugurava o asylo albergue Michelet, que dispõe actualmente de 200 leitos, recebendo cada um por cerca de 26 dias uma paciente. Ninguem exige das internadas esclarecimentos sobre o estado civil; ninguem as obriga a trabalho algum regular, e cada hospitalisada custa á municipalidade 1 fr. 90 diarios.

A idéa desta criação vem de 1770, e teve-a em Roma um papa. A caridade particular em toda a parte mantém instituições iguaes; em Paris, Madame Boucicaut deixou em testamento a quantia necessaria para fundar e manter tres asylos.

E' grande, além do beneficio e da philantropia, a acção moralisadora desta protecção ás mulheres gravidas. Todos os systemas complexos de asylos, refugios, cantinas, mutuali-

dades e caixas maternas, são o socorro e o amparo principalmente das mães solteiras, não raro forçadas ao crime, para fugir á deshonra do juizo deprimente; na phrase de Mlle. La Tour Du Pin, a defesa da maternidade previne os infanticidios pelo amor materno. Ella acolhe piedosamente as perseguidas pela opinião publica, plethorica de preconceitos e de espirito pharisaico, accusando as desgraçadas que trazem

...in sen la creatura  
con fatica, con fame e con paura.

Não se póde imaginar, meus presados amigos, graça mais bemfazeja do que a que paira sobre a casa onde se aguarda o alvorecer de uma existencia, nem mais suave poesia do que no pensamento das mães adorando através do mysterio, uma esperança desconhecida. acarinhando ao lado do berço vasio umas roupinhas frageis como se dentro dellas palpitasse já a vida inda longinqua. São os encantos impenetraveis da vida invisivel; só os adivinham, neste mundo obscuro e temeroso, as mulheres privilegiadas que pódem ouvir o murmurio da eterna homenagem «que da mãe do Salvador estende-se a todas mães: — Ave Maria».

E como esta saudação transforma em suaves esperanças as angustias cruciantes das que choram, nós a repetiremos sempre, procurando preparar um mundo melhor para os que vêm chegando. Demais, recorda o delicioso autor da *Vida Simples*, a Biblia diz: «a mulher esquece as suas dôres porque o homem nasceu», e nestas palavras ha uma alegria immensa resistindo a todos os pessimismos. Muito embora seja o mundo antigo e o mal eterno, todos os dias, aqui, alli, mais além, ha festa, porque um homem nasceu. Cada nova cabeça infantil abriga um sonho infinito e, mesmo que poucas realissem a promessa florida, cada qual na sua hora serviu para lembrar que nem tudo estava terminado e que na lucta secular pela verdade e

pela justiça, nascem a todos os instantes os novos recrutas que levantarão a bandeira e recommearão o assalto. E, depois da batalha perdida, na phrase consoladora de Charles Wagner, depois do desanimo, depois da capitulação, quando parece ter morrido a derradeira esperança, surge profunda a perder de vista, como vagas de um oceano, a incomensuravel reserva de infinito.

---

## GUILHERME DE ALMEIDA — Nós

A collecção de 33 sonetos, que Guilherme de Almeida intitulou *Nós*, é um dos mais deliciosos poemas, que se tem ultimamente publicado.

A historia não é muito complicada. Bem ao contrario, não passa da banalidade corrente dos amores que se mostram exuberantes julgando ser eternos, e que, como tudo mais, acabam lamentavelmente. Mas essa banalidade é a vida. As novas gerações, que vêm chegando, acriditam sempre que estão fazendo uma descoberta sensacional, quando verificam que as mulheres são bellas e que o amor é, no fim de contas, a cousa mais seria que ha no mundo...

Os poemas feitos em uma série de sonetos não são raros. Um dos mais bellos e por isso mesmo, dos mais justamente celebres na lingua franceza, é o de Auguste Angelier — *A' l'amie perdue*.

Ahi a historia é diversa da de Guilherme de Almeida, porque se trata de uma mulher casada por quem o poeta se apaixonou. Guardou, porém, nesse amor, a maior pureza. E, quando viu que era preciso escolher entre o dever e o amor, optou resolutamente pelo dever. Ella e elle se separaram, embora ainda se amassem muito, porque não quizeram violar as regras sociaes e religiosas.

Do livro de Guilherme de Almeida as citações se podem fazer quazi sem escolha, porque os sonetos que o compõem são excellentes:

O pequenino livro, em que me atrevo  
a mudar numa tremula cantiga  
todo o nosso romance, ó minha amiga,  
será mais tarde nosso eterno enlevo.

Tudo que fui, tudo que foste eu devo,  
dizer-te; e tú consentirás que o diga,  
que te lembre a nossa vida antiga,  
nos dolorosos versos que te escrevo.

Quando, velhos e tristes, na memoria  
rebuscarmos a triste, a velha historia  
dos nossos pobres corações defuntos,

que estes versos, nas horas de saudade,  
prolonguem numa doce eternidade  
os poucos mezes que vivemos juntos.

Este soneto liminar é uma amostra do genero  
simples e commovido em que estão escriptos todos os  
outros.

Num momento de despedida, dizia o poeta:

«Vou partir. Para longe? Para perto?  
— Não sei: longe de ti tudo é deserto  
e todas as distancias são iguaes.

Como eu quizera que na despedida,  
quando se unissem nossas mãos, querida,  
nunca pudessem desunir-se mais!»

Mas esse voto não se realizou:

Fico. Deixas-me velho. Moça e bella,  
partes. Estes geranios encarnados,  
que na janella vivem debruçados,  
vão morrer debruçados na janella.

E o piano, o teu canario tagarella,  
a lampada o divan, os cortinados:  
«Que é feito della?» — indagarão — coitados!  
E os amigos dirão: «Que é feito della?»

Parte! E si olhando atraz, da extrema curva  
da estrada, vires, esbatida e turva,  
tremar a alvura dos cabellos meus;

irás pensando, pelo teu caminho,  
que essa pobre cabeça de velhinho  
é um lenço branco que te diz adeus!

Mas, partida a amante, ficam as cartas. Uns as queimam. Foi o que fez Luiz Guimarães:

Queimae-vos cartas, expressões mentidas  
de um tempo infaustø, que não volta mais!  
Flores mirradas, abrazae-vos todas!  
Ao fogo! ao fogo! tentações fataes!...

Guilherme de Almeida prefere — e eu acho que elle faz bem — conserval-as!

Dezato a fita azul que prende o maço  
das tuas cartas. E ao fazel-o, creio  
rever ainda o doloroso enleio  
com que tú dezataste o ultimo abraço.

Toco-as: rangem... E eu cuido ouvir-te o passo;  
leio-as: — ouço-te a voz emquanto as leio;  
beijo-as — sinto o perfume do teu seio  
e o calor do teu braço no meu braço...

Ellas me dizem: «Vem! E's minha vida!  
Quero viver: não vens... Desilludida,  
eu vou morrendo assim todos os dias...»

Susto a leitura, fito a carta e, mudo,  
leio, entre as linhas que traçaste, tudo  
que tú pensavas e não me escrevias.

Si a brochura de Guilherme de Almeida é uma estreia, a estreia não podia ser mais auspiciosa. Começa, vencendo. Entra na carreira litteraria como um triumphador.

---



# NÓS

GUILHERME D'ALMEIDA

Noite. E eu só, sempre só. Descabelladas,  
fóra, gemem as arvores; o vento  
tem um soluço de arrependimento;  
farfalham folhas murchas arrastadas...

Pesa em tudo um cansaço. Andam pasmadas  
as nuvens, a vagar no firmamento;  
ouço um secco ranger do vigamento  
e o fretenir de um grillo nas calçadas.

Falo ao silencio e á noute. E ao que está junto  
de mim, a tudo que me vê, pergunto  
por ti: que fazes? ondê estás? — Então,

do meu cigarro um rôlo de fumaça  
solta-se, e sóbe, e baila, e se adelgaça,  
formando um ponto de interrogação.

---



# NÓS

GUILHERME D'ALMEIDA

Hoje voltas-me o rosto, si a teu lado  
passo; e eu baixo os meus olhos si te avisto.  
E assim fazemos, como si com isto  
pudessemos varrer nosso passado.

Passo, esquecido de te olhar — coitado!  
Vaes — coitada! — esquecida de que existo:  
como si nunca tú me houvesse visto,  
como si eu sempre não te houvesse amado!

Si, ás vezes, sem querer, nos entrevemos;  
si, quando passo, teu olhar me alcança,  
si os meus olhos te alcançam, quando vaes,

— ah! só Deus sabe e só nós dous sabemos! —  
volta-nos sempre a pallida lembrança  
daquelles tempos que não voltam mais!

---



## TEIXEIRA LEITE FILHO — “Apollo”

O livro de Teixeira Leite Filho, *Apollo*, é por elle chamado um «mysterio pagão». Em uma nota final o autor nos diz que se trata apenas de reminiscencias de leituras de sua mocidade e que a sua origem é a velha chronica romana.

O autor fez algumas scenas dialogadas sobre a celebre noticia, que chegou aos ouvidos de Tiberio, de que uma voz mysteriosa clamára um dia que o deus Pan tinha morrido.

No mysterio pagão de Teixeira Leite Filho, um sacerdote de Jupiter geme, apavorado com a noticia, — noticia que lhe parece indicar a destruição de todos os deuses antigos. E elle clama:

«As calamidades se succederão umas ás outras. A terra gemerá com o pezo das torturas que vão sofrer os symbolos impostos á sua admiração pela fascinação helenica da Belleza... Os sarcóphagos se abrirão e as cinzas que a tradição conserva na tepidez das urnas serão lançadas aos ventos... Em holocausto de barbaria, serão arrastados pelo sólo impuro das estradas, em sua divina belleza, os olympianos marmoreos, como vencidos inglorios de uma campanha iniqua.»

E mais adiante:

«Nada será respeitado nessa hecatombe... E sobre todos esses seculos de Belleza se erguerá tétrica, como a propria imagem da Morté, uma éra de renuncia aos prazeres da Vida, aos encantos da Terra, ás alegrias do Mundo. Uma vida de mentiras em que, com o desprezo das cousas terrenas, se aspira a uma vida de

eternidade no céu... Um deus que é a contradição da Vida; uma vida que é a negação da Existência...»

Como se vê, o trabalho de Teixeira Leite é o que se poderia chamar um dialogo philosophico. Todo elle está escripto de maneira muito agradável.

Pois que, entretanto, o autor affirma que elle foi originado na velha chroica romana, pôde-se contestar sem muito pedantismo algumas das suas affirmações.

E' certo que, durante o reinado de Tiberio, um dia, correu a noticia de que um piloto, em viagem para o Egypto, ouvira uma voz que o chamava e lhe dizia que o grande Pan tinha morrido.

Teixeira Leite diz que foi a náu do piloto Epitherses! Ha nisso um engano, facil de rectificar com a propria citação de Rabelais, que o autor dá em nota. Epitherses era um grammatico, que viajava na barca de Thamuz. Foi pelo piloto Thamuz, que a voz mysteriosa chamou tres vezes.

Salomão Reinach, em uma pequena monographia, explicou esse caso de um modo engenhoso.

O facto não teve, aliás, nenhuma importancia. E' certo que Tiberio fez a respeito delle um inquerito. Mas isso prova apenas o que se sabe sobre a curiosidade desse imperador romano, que tambem organisou uma commissão para que ella transcrevesse o canto das sereias e que se interessou muito pela historia de um tritão que fôra ouvido, perto de Lisbôa, tocando em um buzio.

Assim, quando elle ouviu a historia de Thamuz e reuniu os grammaticos de que se cercava, para perguntar-lhes o que pensavam sobre o extranho incidente, os grammaticos o tranquillisaram. Pan era um deus secundario, filho de uma simples mortal, e sua morte não tinha, portanto, grande importancia.

Evidentemente, si, por exemplo, o catholicismo tivesse de acabar amanhã, passando o sceptro a outra religião, o annuncio mysterioso, que se deveria ouvir, seria o da morte do Padre Eterno, do Christo, do Espirito-Santo ou da Virgem Maria. Si um passageiro das barcas da Praia Grande ouvisse uma voz inexplicavel gritar: «O grande S. Pafuncio morreu!» — isso não causaria um forte abalo, mesmo que a policia, tendo aberto rigoroso inquerito, confirmasse que a voz era realmente mysteriosa.

Pois S. Pafuncio tem na religião catholica um lugar mais ou menos tão importante, como Pan na religião dos romanos. Nesta, si se tratasse de indicar a quêda do Olympo, as mortes a annunciar seriam as dos deuses supremos, Jupiter á frente.

Assim, como phantasia litteraria, o trabalho de Teixeira Leite é interessante. Como fidelidade de chronica, é francamente contestavel. Plutarco, que deixou a historia da aventura de Thamuz, nunca disse que ella tinha tido a menor importancia, nem que causara qual-quer impressão.

Ha no trabalho de Teixeira Leite, um formidavel anachronismo, quando, na scena final, que se passa em Corintho, põe um sacerdote de Jupiter encontrando-se com S. Paulo e ambos impressionados com o annuncio mysterioso — agradavel a S. Paulo, horrivel para o sacerdote romano. Ora, o caso de Thamuz occorreu durante o reinado de Tiberio, — Tiberio reinou do anno 14 ao anno 37, e São Paulo só foi a Corintho no anno 50...

Sente-se, porém, que o essencial para Teixeira Leite foi evocar, lado a lado, o catholicismo que nascia e a velha religião romana que morria. E como fez isso em um estylo poetico e agradavel, desempenhou-se bem da tarefa que a si mesmo marcara.



# APOLLO

TEIXEIRA LEITE FILHO

Pag. 86

## SCENA II

Os mesmos, depois Claudius Salerens.

### CLAUDIUS SALERENS

O sacerdote de Jupiter acompanhado por um grupo de sacerdotizas de Cérés, entra na praça publica, coberto de pó; tem a physionomia abatida, encanecida, desvaída. As sacerdotizas trazem corôas sobre as frentes. Elle, as vestes sagradas amarfanhadas, rotas. Alto, com voz de grande emoção:

Terra sagrada de Corintho, onde a gloria hellenica refulge na magnificencia esplendida da fórma... inda te vejo um dia — grande dia de pompa e de festa — com o brilho mirifico de tuas horas de grandeza. Amanhã já não serás o mesmo Corintho de hoje... e será sombra, o que hoje é luz; e será morte o que hoje é vida; e será miseria o que hoje é orgulho da raça que, em teu seio, orgulhosa, creaste.

### AS SACERDOTIZAS

*em côro:*

E a desgraça será inevitavel porque assim falou o oraculo.

### CLAUDIUS SALERENS,

*prophético:*

As calamidades se succederão umas ás outras. A terra gemerá com o peso das torturas,

que vão soffrer os symbolos impostos á sua admiração pela fascinação hellenica da Belleza... Os sarcophagos se abrirão, e as cinzas, que a tradição conserva, na tepidez das urnas, serão lançadas aos ventos... Em holocausto de barbaria, serão arrastados pelo sólo impuro das estradas, em sua divina belleza, os olympianos marmoreos, como vencidos inglorios de uma campanha iniqua.

A multidão acercou-se dos recém-chegados. A um canto da praça publica, os dois centuriões.

Primeiro Centurião:

E' o estrangeiro de Tarso...

Segundo Centurião:

E' o sacerdote de Jupiter... não lhe ouves as imprecações contra a destruição do Olympo?

CLAUDIUS SALERENS,  
prophético:

Nada será respeitado nessa hecatombe... E sobre todos esses seculos de Belleza se erguerá tetrica, como a propria imagem da Morte, uma era de renuncia aos prazeres da Vida, aos encantos da Terra, ás alegrias do Mundo. Uma vida de mentira em que, com o desprezo das cousas terrenas, se aspira a uma vida de eternidade no céu... Um Deus que é a contradicção da Vida; uma Vida que é a negação da Existencia... Não, homens de Corinto... Vós não ouvireis a palavra do seu apostolo...

AS SACERDOTIZAS,  
em côro:

Nós queremos deuses feitos de Elegancia, de Alegria, de Serenidade, de Força, filhos da Terra...

As Cortezãs de Corinto,  
em cõro, bailando:

Nós queremos a vida, a pompa e o encanto  
dyonisiaco da Vertigem..

Os homens de Corinto:

Nós queremos o Olympo a governar os  
nossos destinos.

CLAUDIUS SALERENS:

Mas a vossa aspiração é vã: eu ouvi o  
oraculo de Delphos e vos trago as palavras  
suas: o Olympo vae ser aniquilado. Eu tremo  
pronunciando essas palavras, e eu quizera que  
fossem uma blasphemia? Que será, amanhã, de  
vós?! Dos homens e dos deuses?!

Uma voz  
estentorica, do meio da multidão:

Os deuses ficarão, como Latona, transfor-  
mados em rochedos!

CLAUDIUS SALERENS:

Amaldiçoado sejas tú, filho espurio da  
Terra!

A mesma voz:

Que me importa a maldição dos deuses?!

A multidão:

Impio! Impio!

Outra voz:

E' o propheta de Tarso!

Os dois Centuriões:

E' o estrangeiro de Tarso, chegado á Gre-  
cia no navio de Polycrates.

CLAUDIUS SALERENS:

Estrangulae-o, estrangulae-o!

A multidão rue sobre elle.

O Estrangeiro,  
sereno, com gesto expressivo de commando:

Suspendei, entretanto, por momentos, a vossa execução: eu tenho a vos confiar uma mensagem...

A multidão:

**A mensagem! A mensagem!**

De todos os lados da praça publica acorrem homens e mulheres de diversas idades e condições sociaes.

Dos bosques as sacerdotizas de Aphrodite surgem, como por encanto, precedendo as theorias das virgens sagradas, que sacrificavam a Arthemisia e as cortezãs, que em bacchanal entoavam, dansando, canticos em homenagem á poetisa de Lesbos.

A praça, que se foi lentamente inundando de povo, está agora repleta.

O Estrangeiro,  
recuando, seguido sempre da multidão, até a estatua, e depois de haver subido o seu pedestal — com voz estentorica:

Eu sou Paulo de Tarso, discipulo de Christo da Galiléa, filho de Deus e filho de Maria... e a todos vós, eu annuncio: vossos deuses morreram! Abaixo o vosso Olympo!

A multidão  
fremindo:

Amaldiçoado sejas tú, estrangeiro.

CLAUDIUS SALERENS,  
em pé, no meio do povo, chorando, a  
physionomia desvairada... defronte da  
grande estatua de Apollo:

Tú, sereno Olympiano, soberbo, na mages-  
tade augusta de teu divino porte.. não mor-  
reste! (Um gesto)

Espera um instante.

Morreste? Não! Onde estão as tuas flé-  
chas de ouro e o teu carcaz sagrado? (Um  
gesto)

Silencio, muito breve.

Que tristeza te inspira essa serenidade pen-  
sativa, Apollo amigo da Héllada; que dôr te  
consome?!

Morto estás?!

E eu que te julgava eterno, irremediavel-  
mente sereno, irremediavelmente eterno!

Pausa. Muito alto, em delirio:

Morto estás! Morto! Mórto!

Rola na poeira.

Consternação geral. Espanto.

Paulo de Tarso,  
descendo lentamente do pedestal da es-  
tatua, sahe do meio da multidão:

Esse povo delira...

Ouve-se o soluço do mar, ao longe.

Dir-se-ia que elles amam tanto e tão sin-  
ceramente os seus deuses que os pranteiam?!

Sahe lentamente. Alto:

O reino da Terra está findo.. Vae começar  
o reino do Céu...

A voz da multidão:

Impio! Maldito! Scelerado! Bandido!

Perseguem-n'ô.

O soluço do mar entôa nas areias da  
praia uma elegia de saudades...

---

## HUMBERTO DE CAMPOS — “Poeira” 2.ª série

Humberto de Campos acaba de publicar o seu segundo livro de poesias. Deu-lhe, como já tinha dado ao primeiro, o nome de *Poeira*. E', assim, um proposito analogo ao de Luiz Murat, que desejou tambem fazer uma série de obras intituladas *Ondas*.

Poeticamente, comprehende-se bem a idéa dos autores, que adoptam esses titulos. Ondas succedem a ondas no oceano, nuvens de poeira levantam-se após nuvens de poeira. Mas praticamente, bibliographicamente, o systema é máu. Torna-se necessario, quando se quer pensar em qualquer poesia de um dos volumes, lembrar um numero e não um nome: saber si foi na primeira, na segunda ou em outra série. Ora, é de velha observação que para recordar numeros adoptam-se palavras ou phrases. O inverso é que nunca se faz.

E' interessante notar a seducção que a palavra «poeira»— tão desagradavel ás donas de casa — exerce sobre alguns poetas. Não faltam volumes de versos com esse titulo.

Barbey d'Aurevilly deixou um assim intitolado. Não ha, porém, nelle nenhuma justificação do nome adoptado.

A extranha, mas excellente poetisa, que foi Renée Vivien, publicou tambem, nas mesmas condições, um volume chamado *Cendres et poussières*.

Já, porém, um poeta portuguez, Carlos Frederico Parreira, que tambem por *Poeiras* baptisou o seu li-

vro, sentiu a necessidade de explicar porque adoptara esse nome:

O passeio da rua mal se via,  
Tanta poeira o tempo accumulou.  
Pois hontem deu-lhe o vento que fazia  
deu-lhe... e tudo varreu, tudo limpou.

Versos, que sois, por minha condição,  
poeiras dormindo nessa estrada larga  
que alguém chamou um dia — coração,  
— ide, voae tambem na sua ilharga!

E' de velha experiencia que os titulos de livros de versos e de musicas não precisam explicação. Tudo serve. Humbertô de Campos, na primeira série de suas poesias, deu, porém, uma razão mais bella para a adopção do nome que tomou. Fel-o em um soneto, que por si só já era a indicação do valor do poeta:

Poeira leve a vibrar as moleculas: poeira  
que um pobre sonhador, á luz da Arte, risonho,  
busca fazer faiscar: pó, que se ergue á carreira  
do Mazeppa do Amor pela steppa do Sonho.

Para ver-te subir, voar da crôsta rasteira  
da Terra, a trabalhar, todas as forças ponho:  
e a seguir teu destino, amando-te, a alma inteira  
o teu ciclo fará, seja suave ou tristonho.

Não ha de ir, com certeza, alto ou distante. O insano  
pó não és que a turvar o céu claro da Italia,  
leva o vento a bramir do deserto africano:

que és o humilimo pó de uma estrada sem povo,  
que, pizado uma vez, pelo ambiente se espalha,  
sente um raio de Sol, cahe na terra de novo...

Não é esse, de certo, o destino a que estão votados os versos de Humberto de Campos.

Em primeiro lugar, elles dão sempre a impressão da cultura do autor, cultura muito acima do que é,

em geral, a dos nossos poetas. Sente-se que elle tem uma bôa instrucção classica. Isso não está na escolha de termos gregos e latinos, tirados laboriosamente de dictionarios, por um processo ao alcance de toda a gente. Vê-se isso em mil pequenos indicios, que mostram como essa cultura está assimilada pelo poeta.

Elle tem, até certo ponto razão de dizer, lembrando a lendaria historia daquelles grãos de trigo, que, achados em um sarcophago milenar, foram plantados e produziram novos grãos:

A vida é, pois, como um trigal: semente  
ha muita vez, que se conserva e acalma,  
quando outras brotam sob o sol ardente.

Essa guarda, no entanto, o succo antigo...  
— Que eu bem percebo ao triturar minh'alma,  
que é de seára pagan que vem meu trigo...

Humberto de Campos pensou em fazer uma especie de *Lenda dos Seculos Brasileira*. E a empreza é digna de uma inspiração como a sua.

A *Lenda dos Seculos*, de Victor Hugo, como o *Es-poir du Monde*, de Baraucourt, e varias outras colleções de versos são series de quadros, de perfis, de evocações de varias épocas. Humberto de Campos fez isso, em grande parte do seu livro para a nossa historia. Nos sonetos, com que elle abre o volume vae evocando os descobridores do Brazil, os que primeiro povoaram algumas partes do seu territorio.

Algumas dessas figuras são traçadas com a nitidez de aguas-fortes. Lembrando o vulto do fundador de Belém do Pará, escrupuloso, devoto e temivel assassino, elle o evoca:

Rezas, peccando. Com pavor das gentes,  
si de contas na mão passas o dia,  
matas tupynambás quasi innocentes.

Para a conquista vinhas dar a imagem:  
vinhas clamar contra a selvageria  
quando tú, portuguez, eras selvagem!

Humberto de Campos compara Mauricio de Nassau a Luiz II, da Baviera. A comparação pôde servir para a rima, mas não parece muito exacta, porque, embora não se saiba muito do governador hollandez, o que se sabe, basta para pô-lo acima do principe louco que acabou suicidando-se ou... sendo «suicidado».

Falando do povoador do Piahy, Humberto de Campos o mostra como um dos poucos que não se deixaram empolgar pelo sonho das fabulosas riquezas das minas:

Não foi teu sonho de esmeralda e de ouro:  
tua ambição era a existencia ruda  
mungindo as vaccas e laçando o touro.

E é por isso que, ainda hoje, a terra, boa,  
no aboiar dos vaqueiros — te saúda,  
pelo berro do gado — te abençôa!

Theophilo Dias tinha pensado nos tempos futuros, em que afinal todos se convençam da inanidade das crenças religiosas e dirigia-se á cruz, dizendo-lhe:

O pensamento audaz, esquadrinhando os mundos,  
calcinou, sulco a sulco, os germens infecundos  
da divina semente esteril e vasia.

Pôdes deixar cahir, desanimada, os braços:  
Já não existe um deus que veja dos espaços  
teu gesto de terror, de supplica sombria!

Humberto de Campos prevê também esse futuro, em que a cruz seja um symbolo sem valor. Mas pensa com gratidão que, ao menos entre nós, ella foi uma precursora da civilisação:

Embora!... A Cruz, quando fechar os braços,  
ha de dizer a seculos melhores,  
que a Civilisação seguiu seus passos!...

Já hoje, porém, o seringueiro do Norte, em lucta com as tribus selvagens, não lhe faz prédicas: serve-se da sua carabina Winchester, sempre carregada de dezoito balas e...

Basta, para um sermão, que a flecha sifle...  
— Como são convincentes as verdades  
dos dezoito Evangelhos do teu rifle!...

Vendo como o autor de *Poeira* soubè, por assim dizer, distillar materia pòetica, de scenas e typos tão apagados da nossa historia, sente-se como seria uma bella empreza a de escrever uma especie de epopéa brasileira, com quadros, lendas e typos nacionaes.

As lendas seduzem, aliás, frequentemente, o autor de *Poeira*. Elle nos conta uma do Rio Grande do Sul, onde se refere que, si o mar brame nas praias, é porque a Terra lhe roubou suas filhas, as lagôas. E numa eterna angustia de mãe, ouve-se:

... a Agua Grande com o braço das espumas  
a chamar os pedaços de si mesma!

Outra lenda curiosa é a dos Aturés, uma tribu selvagem, que se extinguiu inteiramente em uma tremenda lucta. Quando os vencedores penetraram no territorio da tribu, só acharam um papagaio velho que falava a lingua dos Aturés. Falava; mas ninguem o entendia. E Humberto de Campos lembra que os poetas são como aquella ave velha, que usava a linguagem de um povo desaparecido. E' a um poeta que elle diz:

Tua tribu morreu! Quando as hordas bravias  
invadiram, rugindo, a patria onde vivias,  
mataram teus irmãos, povo do teu amor.  
Teu paiz de ouro e luz foi á força invadido...  
— Ficaste apenas tú, repetindo, vencido,  
a lingua maternal diante do vencedor!

Em uma de suas poesias, Humberto de Campos escreve:

Si Jesus, meu irmão, rôla placida e bôa,  
estrella sem igual na doçura do brilho,  
jâmais tentou procrear, por que é que amaldiçôa  
o ventre da mulher que nunca teve um filho?

E' um engano. Nunca o Christo amaldiçôou os infecundos. Até, pelo contrario, a julgar pelas sibilinas palavras que S. Matheus refere (XIX, 11, 12), elle preferia nitidamente os solteiros e dentre estes os que iam até fazer em si mesmos uma operação, que os condemnava á castidade absoluta...

Humberto de Campos não tem apenas poesias dos generos acima indicados. Não falta corda alguma á sua lyra. E, si, por exemplo, não fez por conta propria nenhuma satyra, traduziu o terrivel soneto de Rueda, em que este refere ter appellado para os christãos, os homens de honra, os philantropos, os moralistas, os philosophos, os doutores... Foram brados vãos: ninguem lhe respondeu:

Não se ouviu meu gemido supplicante...  
Gritei: «Canalhas!» e, no mesmo instante,  
todo o mundo me olhou, voltando o rosto!

A *Poeira* de Humberto de Campos é uma poeira de ouro

Victor Hugo, em uma audaciosa, embora descabida metáphora, chegou ao extremo de fazer dos passaros, poeira de almas:

Les oiseaux  
sont de la poussière d'âme

A metáphora teria mais cabimento diante do livro de Humberto de Campos, cujos excellentes versos são uma poeira deliciosa de idéas e de emoções...

# POEIRA

POR HUMBERTO DE CAMPOS

## **Monólogos de um Martyr**

Na ceia, até Judas esteve  
com Christo; no Horto, até  
Pedro dormiu e depois negou.

Padre Manuel Bernardes

*Nova Floresta*, vol. I—XXVI—  
p. 180.

«... E dizer que eu préguei o sermão da montanha!..,  
Quem diria, ao me ouvir sobre trigos em feixes,  
Que devia morrer numa fome tamanha  
Quem mil fomes matou com o milagre dos peixes!?...»

Mas, se o Mundo é tão máu, para que te não queixes,  
Homem, não faças bem ao cão que te acompanha:  
Se não queres a Cruz, libertos jámais deixes  
A serpe que ainda morde e o espinho que ainda arranha...

Se eu voltasse a remir novamente a Judéa,  
Não mais ensinaria a uma tribu tão brava  
Meu credo do perdão, minha candida idéa.

Os amigos que tens só dependem do dia:  
Na ceia, junto ao pão, até Judas estava,  
Na noite da prisão, até Pedro dormia!... »

---



# POEIRA

POR HUMBERTO DE CAMPOS

## **Retrospecto**

Vinte e seis annos, trinta amores: trinta  
Vezes a alma de sonhos fatigada,  
E, ao fim de tudo, como ao fim de cada  
Amor, a alma de Amor sempre faminta!

O' mocidade que me foges! brada  
Aos meus ouvidos teu futuro, e pinta  
Aos meus olhos mortaes com toda a tinta  
Os remorsos da vida dissipada!

Derramo os olhos por mim mesmo... E, nesta  
Muda consulta ao coração cançado,  
Que é que vejo? que sinto? que me resta?

Nada: ao fim do caminho percorrido,  
O odio de trinta vezes ter jurado  
E o horror de trinta vezes ter mentido!

---



## INDICE

Na porta da entrada	3
A critica litteraria	7
Luiz Murat — Poezias escolhidas	13
Luiz Murat — O chaletzinho	37
Luiz Murat — A filha de Cassiopéa	43
Affonso Arinos — Lendas e tradições do Brazil.	45
Affonso Arinos — Lendas e tradições do Brazil: A lenda das Amazonas	59
Affonso Arinos — A mãe do ouro	63
Gilka da Costa Machado — Estados de Alma	67
Gilka da Costa Machado — A' minha irmã Ma- gdalena	83
Gilka da Costa Machado — Impressões do luar	85
Tobias Monteiro — Funcionarios e doutores	87
Tobias Monteiro — Funcionarios e doutores (ex- cerpto)	91
Julia Lopes de Almeida — Era uma vez...	95
Julia Lopes de Almeida — Era uma vez... (ex- cerpto)	97
Da Costa e Silva — Zodiaco	99
Da Costa e Silva — A aranha	105
Da Costa e Silva — A ventania	107
Elpidio Pimentel — Um punhado de gallicismos. Pelo vernaculo	111
Elpidio Pimentel — Um punhado de gallicismos. Pelo vernaculo (excerptos)	117
Hermes Fontes — Miragem do deserto	119
Hermes Fontes — A vida é bella	129
Hermes Fontes — Canção de agua passada	131
João do Rio — Pall-Mall-Rio	133
João do Rio — O guardanapo do <i>garçon</i> carioca.	141

## II

Mario Brant—Viagem a Buenos-Aires	147
Mario Brant—Viagem a Buenos-Aires (excerptos)	153
Felix Pacheco—Martha	161
Felix Pacheco—Martha (excerpto)	167
Raul de Azevedo—Amores de gente nova	169
Raul de Azevedo—Amores de gente nova (excerpto)	175
Solidonio Leite—O Dr. Antonio de Souza Macedo e a Arte de Furtar	177
Solidonio Leite—O Dr. Antonio de Souza Macedo e a Arte de Furtar (excerptos)	179
Cassiano Ricardo—Evanjelho de Pan	183
Cassiano Ricardo—O Rio	191
Cassiano Ricardo—Arvore	193
R. Von Ihering—Atlas da Fauna do Brazil	195
R. Von Ihering—Excerpto	199
R. Von Ihering—Excerpto	203
Mario Sette—Ao clarão dos obuzes	207
Mario Sette—Ao clarão dos obuzes	209
Paulo Barreto—No tempo de Wencesláu	213
Paulo Barreto—A horrivel tragedia	227
A. Carneiro Leão—O Brazil e a Educação Popular	235
A. Carneiro Leão—Excerpto	237
Carvalho Ramos—Tropas e boiadas	245
Carvalho Ramos—Ninho de periquitos..	249
Argeu Guimarães—Epitome de dactiloscopia	253
Argeu Guimarães—Excerpto	257
Henrique Silva—A bandeira do Anhanguera a Goyaz em 1722	263
Henrique Silva—Excerptos	265
Dr. Americo Werneck—Marido e amante	271
Dr. Americo Werneck—Excerpto	277
Correia Junior—Rezas prohibidas	287
Correia Junior—Ancia	293

Correia Junior — Bocca	295
Souza Bandeira — Páginas litterarias	297
Souza Bandeira — Excerpto	301
Teixeira Leite Filho — Loulou Fantoche	307
Teixeira Leite Filho — Excerpto	309
João Luzo — As entrevistas de Expedito Faro	313
João Luzo — Excerpto	315
Basilio de Magalhães — A Renascença e a sua floração artistica	321
Basilio de Magalhães — Excerpto	325
Alfredo Pujol — Machado de Assis	331
Alfredo Pujol — Excerpto	349
Alfredo Pujol — Excerpto	353
Martins Fontes — Verão	355
Martins Fontes — Salomé	363
Martins Fontes — Hymno ao Amor	369
Alberto Rangel — D. Pedro e a Marquiza de Santos	373
Alberto Rangel — Excerpto	385
Felix Pacheco — Tu, só tu	393
Felix Pacheco — Excerpto	397
Felix Pacheco — Excerpto	399
Colatino Barroso — Da suggestão do Bello e do Divino na Natureza	401
Colatino Barroso — Excerpto	405
Colatino Barroso — Excerpto	407
Rubião Meira — Turbilhões	409
Rubião Meira — Excerpto	411
Amadeu Amaral — Espumas	421
Amadeu Amaral — A palmeira e o raio	431
Amadeu Amaral — Jardim fechado	435
Gonçalves Maia — Theoria e pratica das pro- cureções	437
João Luiz Alves — O Codigo Civil Brasileiro annotado	439

#### IV

João Luiz Alves — Excerpto	443
Vicente de Carvalho — Poemas e canções	449
Vicente de Carvalho — Soneto	463
Vicente de Carvalho — Pequenino morto	465
Affonso Costa — A marinha mercante	469
Affonso Costa — A navegação nos primeiros tempos	475
Alvaro A. da Silveira — Sciencia e superstição	481
Alvaro A. da Silveira — Excerpto	483
Lindolpho Xavier — Oasis	487
Lindolpho Xavier — Pelo sertão	489
Pereira de Carvalho — Os membros da Academia Brasileira em 1915	491
Pereira de Carvalho — Excerpto	493
Fernando de Magalhães — Discursos	497
Fernando de Magalhães — Excerpto	501
Guilherme de Almeida — Nós	505
Guilherme de Almeida — Soneto	509
Guilherme de Almeida — Soneto	511
Teixeira Leite Filho — Apollo	513
Teixeira Leite Filho — Excerpto	517
Humberto de Campos — Poeira	523
Humberto de Campos — Monologos de um martyr	529
Humberto de Campos — Retrospecto	531

---

# EDIÇÕES DA LIVRARIA

## Leite Ribeiro & Maurillo

---

### MEDICINA, DIREITO, PEDAGOGIA, ETC.

<b>História Geral (resumos)</b> pela professora <b>Maria dos Reis Campos</b> , cart. (2ª edição) — no prélo.	
<b>Consolidação das Leis Penaes</b> — do Dr. <b>Eugenie Ferreira da Cunha</b> , pre- fado do <b>Ministro do Supremo Tribunal Federal</b> , Dr. <b>Pedro Lessa</b> , br., 10\$; enc.....	13\$000
<b>Compendio de Philosophia escolar</b> — do professor Dr. <b>Etianns Brasil</b> , cart. ....	3\$500
<b>Lições de Geometria Pratica</b> — (Plana e no espago) do professor Dr. <b>Laudelino Freire</b> , cada volume, 3\$000; os dous.....	5\$000
<b>Morphologia geometrica</b> — do professor Dr. <b>Moreira Alves</b> , cart.	2\$000
<b>Praxe Civil e Commercial do Supremo Tribunal Federal de 1910 a 1919</b> — do Juiz Federal Dr. <b>Tavares Bastos</b> — no prélo.	
<b>Theoria e Pratica dos contractos por instrumento particular no Direito</b> <b>Brasileiro</b> (obra notavel) do Dr. <b>Affonso Dionysio Gama</b> , 2ª edição, nossa propriedade), br., 20\$; enc.....	23\$000
<b>Compendio de Cosmographia</b> — dos professores Drs. <b>Coelho Lisboa</b> e <b>Etienne Brasil</b> , graciosamente revisto pelo sabio tecnico Dr. <b>Hen-                  rique Morize</b> , cart. ....	2\$500
<b>Das Acções summarias e do Direito ao emprego</b> — do professor Dr. <b>Al-                  machio Diniz</b> — no prélo.	
<b>Carteira do Jurado</b> — do advogado criminal <b>Benjamin Magalhães</b> , br. ....	2\$000

Estabilidade de funcionarios publicos — do Dr. Araujo Castro, com pre- receres de muitas e notaveis autoridades juridicas (2ª edição), br. ....	3\$000
Elementos fundamentais de Psychiatria clinica e forense — do professor Dr. Teixeira Brandão, br., 8\$; enc.....	10\$000
Cardiologia clinica — do professor Dr. Oswaldo de Oliveira, prefacio do professor Dr. Miguel Couto, enc.....	12\$000
Estudos sobre arterio-sclerose — monographia muito documentada, do Dr. Olavo Rocha, br.....	4\$000
A Maternidade do Rio de Janeiro no VIII Congresso Medico Brasileiro — 40 monographias de especialistas, sobre Gynecologia e Obstetricia, organizadas sob a direcção do professor Dr. Fernando de Maga- lhães, br., 16\$; enc.....	20\$000
Psiconeuroses e sexualidade — A neurasthenia sexual e seu tratamento — pelo professor Dr. A. Austregalho — no prélo.	
Philosophia da arte — Synthese positiva e notas á margem — pelo Dr. Vicente Licinio Cardoso, br., 6\$000; enc.....	8\$000
O Jury e a sua evoluçào — do professor Dr. Pinto da Rocha, com um prefacio do professor Dr. Carvalho Mourão, br., 8\$; enc...	10\$000
Curso elementar da lingua ingleza — do professor Capitão A. Pereira Pinto (2ª edição), cart.....	5\$000
Accidentes de automoveis — Delictos profissionaes dos automobilistas — do Dr. Gregorio Garcia Seabra, prefacio do Dr. Evaristo de Moraes br., 10\$; enc.....	12\$000
Pontos de Geologia — do professor Dr. Etienne Brasil, cart.....	2\$000
Auto-osteoplastia — Contribuição ao estudo da vitalidade do enxerto — Monographia muito illustrada, do Dr. Jorge Gouvêa, br....	5\$000
Arthroplastia nas ankyloses do cotovello — Monographia, tambem muito illustrada, do mesmo autor, br.....	4\$000
ciencia penitenciaria positiva — do Dr. Americo de Araujo, prefacio do professor Dr. Esmeraldino Bandeira, br., 8\$; enc.....	10\$000
Compendio de Hygiene (completo) do professor, Dr. J. Fontenelle, com prefacio do professor Dr. Tamborim Guimarães (obra notavel) enc. ....	12\$000
O Exame de portuguez — do professor Julio Nogueira, prefacio do Dr. José Otlicica, enc. ....	6\$000
Tratado theorico e pratico de testamentos — do Dr. Affonso Dionysio Gama (nossa propriedade) — no prélo.	
Consultas praticas de Hygiene infantil — pelo notavel pediatra Dr. Fer- nandes Figueira, enc.....	6\$000

<b>Consolidação das Leis do processo criminal do Districto Federal — Anotada com os Avisos do Governo e a Jurisprudencia dos Tribunaes — pelo magistrado Dr. Edgard Costa, br., 10\$; enc.....</b>	<b>13\$000</b>
<b>Accidentes do trabalho — Commentario pratico da Lei e do Regulamento — pelo illustre jurista Dr. Araujo Castro (um dos autores do Regulamento) br. ....</b>	<b>5\$000</b>
<b>Os accidentes no trabalho e a sua reparação (com a Lei e o Regulamento em annexos) — pelo erudito criminalista e sociologo Dr. Evaristo de Moraes, br. ....</b>	<b>6\$000</b>
<b>Curso de Direito Internacional Privado — pelo Dr. Augusto O. Gomes de Castro (no prelo).</b>	
<b>Escola Pittoresca — Compendio de leitura escolar — do Dr. Carlos Dias Fernandes, com illustrações de J. Carlos, cart.....</b>	<b>3\$000</b>
<b>Das Custas Indiciarias — do Dr. Affonso Dionysio Gama — no prelo.</b>	
<b>Grammatica franceza — do professor Dr. Floriano de Brito — (obra notavel) enc. ....</b>	<b>12\$000</b>
<b>Ao longo da E. de F. Central do Brasil — Cidades e estações — Informaçãõ historica, geologica, chorographica e sociologica — do professor Ferreira da Rosa — no prelo.</b>	
<b>O Hypnotismo e suas applicações — por Medeiros e Albuquerque, prefacio do professor Dr. Miguel Couto, br. 3\$; enc. ....</b>	<b>4\$000</b>
<b>Problemas juridicos — do prof. Dr. Justiniano de Serpa — no prelo.</b>	
<b>Introdução á Clinica propedeutica — do eminente e inesquecivel mestre, Dr. Francisco de Castro, br. ....</b>	<b>3\$000</b>
<b>Premptuario synthetico militar — pelo Tenente Dermeval Peixoto — cart. ....</b>	<b>1\$500</b>
<b>Justiça de Paz — Do Dr. Affonso Dionysio Gama — no prelo.</b>	
<b>Manual da Constituição Brasileira — do Dr. Araujo Castro (obra eloquidissima pelas maiores autoridades na materia), br. 12\$; enc. ....</b>	<b>14\$000</b>
<b>Escriptos diversos — Leitura escolar — do professor Eugenio Bethencourt da Silva, cart.....</b>	<b>2\$500</b>
<b>Codigo Civil Brasileiro commentado — Obra moderna, de accõrdo com as alterações determinadas pelo Congresso Nacional, dividida em 8 volumes. O 1º volume, comprehendendo a Introduçãõ e a Parte Geral (arts. 1º a 179) — no prelo.</b>	
<b>Tratado clinico do Diagnostico Cirurgico, I volume (Parte geral e membros) trabalho importantissimo, dos Drs. Carlos Werneck e Raul Baptista — no prelo.</b>	
<b>Instrução Civica Brasileira — Leitura escolar — do Dr. Milton da Cruz, br. ....</b>	<b>4\$000</b>

- Propedeutica Juridica**, pelo professor Dr. Passos de Miranda — br. 3\$000  
**Problemas praticos de Physica elemental** (1º caderno de laboratorio) —  
 primeiro livro da Bibliotheca de Educaçao Geral e Technica, que a  
 nossa casa está formando com o auxilio de notaveis professores, sendo  
 este da lavra do professor Dr. Heitor Lyra da Silva, cart... 2\$500  
**Nos dominios da Odontologia** — do professor Dr. Frederico Eyer, bro-  
 chado 8\$000, enc..... 10\$000

## HISTORIA, LITERATURA, ETC.

- Miragem do Deserto** — Versos do Dr. Hermes Fontes, br., 3\$; enc. 4\$000  
**Os Caiçaras** — Prosa de João Phoca (Baptista Coelho) prefacio de D.  
 Julia Lopes de Almeida, br., 3\$; enc..... 4\$000  
**Ultimas Rimas** — Versos parnasianos de Emilio de Menezes (nossa  
 propriedade), br., 4\$; enc..... 5\$000  
**Bosque Sagrado** — Versos de Leal de Souza, br., 4\$; enc..... 5\$000  
**Prosas de Cassandra** — (Chronicas) — do Dr. Eduardo Ramos, prefacio  
 do Senador Dr. Ruy Barbosa, br., 4\$; enc..... 5\$000  
**O perigo Americano**, pelo Dr. Medeiros e Albuquerque (da Academia Bra-  
 sileira de Letras), br..... 1\$000  
**O Imperador visto de perto** — (Perfil de D. Pedro II) de Mucio Tex-  
 xeira, br., 5\$; enc..... 7\$000  
**Nhonhô Rezende** — Romance de Abel Juruá (pseudonymo de conhecida  
 escriptora) — br., 4\$; enc..... 5\$000  
**Livro do meu cantar** — Trovas do Dr. Heitor Beltrão, br..... 1\$500  
**Mortalhas** — Os deuses em ceroulas — Satyras de Emilio de Menezes  
 (nossa propriedade) — no prélo.  
**Idéas e Palavras** — de João do Norte (Dr. Gustavo Barroso), brochado,  
 3\$500; enc. .... 5\$000  
**Crítica de hontem** — de Nestor Victor, br. 4\$; enc..... 5\$000  
**Maria** — Poemeto de Fausto Teixeira (da Embaixada de Portugal),  
 br. .... 1\$000  
**A Correspondencia de uma estação de cura** — De João do Rio (Paulo  
 Barreto), br. .... 3\$000  
**Acendalias** — de Alberto de Faria (da Academia de Letras) — no prélo.  
**Elle!** (Perfil do Kaiser) — do Dr. Lopes Trovão, br..... 1\$000  
**A Abolição** — do professor Osorio Duque Estrada, prefacio do Senador  
 Ruy Barbosa, br., 4\$; enc..... 6\$000

Sciencia Parlamentar — De Hamilton — traducção de Otto Prazeres, br. ....	8\$000
Tumultos — de Prado Kelly — no prélo.	
Cousas Diplomaticas — do Dr. Helio Lobo, br., 5\$; enc....	7\$000
Alerta... Será ameaça vs? — Traducção de Nuestra Guerra, de Pedró de Cordoba, prefaciada pelos traductores (6ª edição) br....	3\$000
Nevroses — de Murillo Aranha — no prélo.	
Mau olhado — Sensacional romance — do deputado federal Dr. Veiga Miranda — br., 4\$; enc.....	5\$000
Contos e Chronicas — de Felício Terra (pseudonymo do Conselheiro Dr. Nuno de Andrade) — 2.ª edição da 1.ª série — br. 4\$; enc...	5\$000
Letras Floridas — do Dr. Amadeu Amaral — no prélo.	
Poemas e Sonetos — de Ronald de Carvalho (livro premiado no concurso realizado na Academia de Letras do Rio de Janeiro, em 1918) — br. 4\$; enc. ....	5\$000
Da Seara de Booz — de Humberto de Campos, br., 4\$; enc.....	5\$000
Problemas da Guerra e da Paz — do Dr. Nuno Pinheiro — no prélo.	
Bolhas de sabão — Humorismos, em verso, de Bastos Tigre — br. 4\$; enc. ....	5\$000
Fausto e Asvérus — Poema de Octavio Augusto — br., 3\$; enc....	4\$000
Microcosmo — Elogio das flores e dos insectos — de Hermes Fontes br. 3\$; enc. ....	4\$000
Moinhos de vento — (2ª edição) Humorismos, — de Bastos Tigre — no prélo.	
Cartas pastoraes — De S. Ex. Rvma. Dom Silverio Pimenta, Arcebispo de Marianna — no prélo.	
Jardim de Heloisa — Cortos modernos — de Castro Menezes — br. 4\$; enc. ....	5\$000
A Ronda dos Seculos — do Dr. Gustavo Barroso — no prélo.	
Terra convalescente — Poesias de Mansueto Bernardi (edição da nossa casa e da importantissima Livraria do Globo, dos Srs. Barcellos, Bertaso & C., de Porto Alegre), br.....	3\$000
Comedia Urbana (Dialogos humoristicos) de João Luso — no prélo.	
A mulher na poesia brasileira — de Leal de Souza, contendo: I — O ideal feminino dos poetas — estudo da evolução da nossa poesia; ideal feminino dos poetas — estudo da evolução da nossa poesia; II — Poetizas brasileiras — ensaio, talvez unico, sobre o assumpto; e III — Musa contemporanea — a mulher como o poeta a descreve e os outros a vêm — br., 3\$; enc.....	4\$000
Perfil gaúchos — do Dr. Mucio Teixeira — no prélo.	

<b>Falando...</b> — de Coelho Netto — br. 4\$; enc. ....	5\$000
<b>Musa cívica</b> — do Dr. Xavier Pinheiro — no prélo.	
<b>Idestitudes</b> — poesias de Pereira da Silva — br. 4\$; enc. ....	5\$000
<b>Imagens de critica...</b> — de Medeiros e Albuquerque — no prélo.	
<b>Silvestre Lagedo</b> — Vigoroso romance nacional, do Dr. Plínio Cavalcanti — no prélo.	

## THEATRO

<b>Os Alliados</b> — Comedia em 3 actos, de Gastão Tojeiro, br. ....	2\$000
<b>O elegante Doutorinho</b> — A proposito, em 1 acto, de Gastão Tojeiro, br. ....	1\$000

## Diversos

<b>Promptuario Militar</b> — Pelo Tenente do Exercito Dermeval Peixoto — carteira para bolso.....	1\$500
<b>Album dos Doutorandos de 1918</b> — pelo doutorando Antonio Xavier de Oliveira — magnifico vol. enc., com direito ao "cliché" do retrato do doutorando. ....	20\$000

## Obras de notavel valor cuja primeira edição adquirimos

<b>Poesia.</b> (2ª série) — Versos de Humberto de Campos, br., 4\$; enc.	5\$000
<b>Da tosse</b> — Monographia do especialista Dr. Olavo Rocha, br...	4\$000
<b>Nota promissoria</b> — Do Dr. Magarinos Torres — Obrá reputada classica pelas maiores autoridades na materia, br., 10\$; enc.....	13\$000
<b>Annaes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro</b> — 1º grande volume, contendo, além do supplemento, trabalhos de 22 eminentes professores nacionaes e estrangeiros, com grande copia de gravuras e trichromias, organizado sob a direcção do professor Dr. Aloysio de Castro. E', no genero, o trabalho mais importante dos tempos modernos, edição limitadissima. Volume luxuosamente encadernado, 24\$000; para o interior, 25\$000; para o exterior, 26\$000.	
2º volume, com monographias de 27 professores; 512 paginas, 210 gravuras, 30 trichromias, mappas, schemas, etc. — enc.....	30\$000
<b>O. dos dous volumes, em conjunto</b> .....	50\$000

















## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).